Obras de
EDGAR ALLAN
POE
Contos de imaginação e mistério
Trilogia Dupin
O coração delator e outros contos
PandorgA

Direção Editorial: Silvia Vasconcelos
Produção Editorial: Equipe Pandorga Editora
Produção Digital Box: Cristiane Saavedra [Saavedra Edições]
Capa: Lumiar Design

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.
Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

P743o

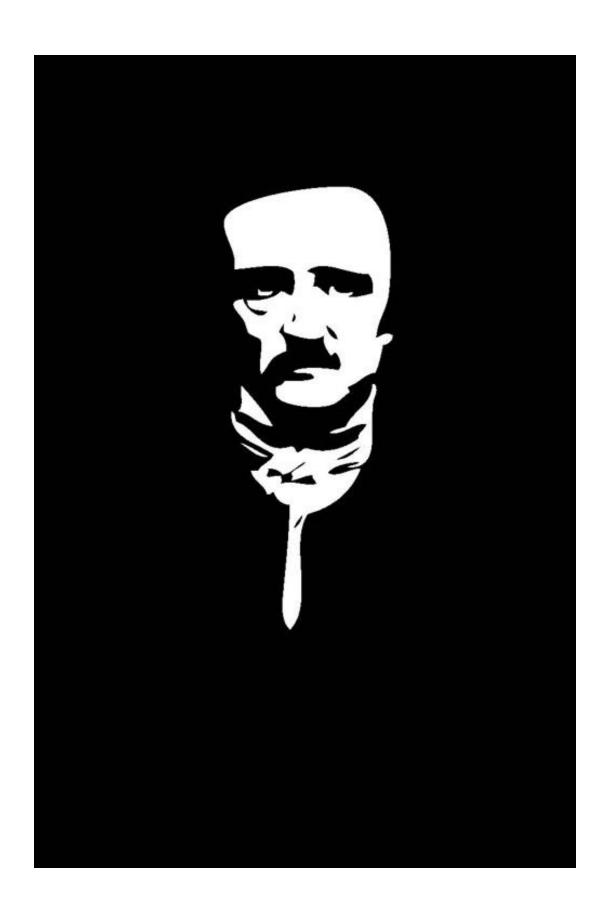
Poe, Edgar Allan

Obras de Edgar Allan Poe [recurso eletrônico] / Edgar Allan Poe ; traduzido por Fátima Pinho, Samuel Bueno. - Cotia, SP: Pandorga, 2021.

ISBN: 978-65-5579-128-0 (Ebook)

1. Literatura norte-americana. 2. Suspense. 3. Terror. I. Pinho, Fátima. II. Bueno, Samuel. III. Título.

CDD 813
CDD 821.111(73)-3

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura norte americana : Terror 813
2. Literatura norte americana : Terror 821.111(73)-3

O autor

Edgar Poe nasceu em 1809, em Boston, Massachusetts. Nasceu ali, como poderia ter nascido em qualquer outro lugar, à mercê do itinerário da companhia teatral onde atuavam os pais. Seu pai abandonou a família pouco tempo depois e a mãe morreu quando Poe tinha dois anos. Separado do irmão e da irmã, Poe foi acolhido por John Allan, um comerciante de tabaco da Virgínia que tinha também outras atividades, como a representação de revistas britânicas. Nos escritórios da *Ellis & Allan*, o menino Edgar se debruçou desde cedo sobre as revistas, nas quais conheceu um mundo erudito, "gótico", novelesco e crítico, onde o romantismo estava em plena eclosão e cujas presenças marcantes eram Byron, Wordsworth e as novelas e contos de terror. Muito da tão debatida cultura de Poe saiu dessas leituras.

Poe frequentou a Universidade da Virgínia, onde distinguiu-se como estudante. Mas ali também começou a beber, jogar e perder grandes somas de dinheiro. Depois de uma briga com o pai adotivo por causa das dívidas contraídas, saiu de casa e mudou-se para Boston para tentar a sorte, onde conheceu um jovem editor que lhe permitiu publicar seu primeiro volume de poesia, *Tamerlane e outros poemas* (1827). O livro não vendeu bem e Poe não teve outra opção a não ser alistar-se no exército, onde permaneceu por dois anos.

Em 1833, venceu um concurso de contos do *Baltimore Saturday Visiter* com o conto *Manuscrito Encontrado em uma garrafa* e ganhou seus primeiros cinquenta dólares como escritor. Dois anos depois, teve início sua

associação com o *The Southern Literary Messenger*, uma revista de Richmond, onde surgiu *Berenice*.

Em 1838 surgiria um dos contos preferidos de Poe, *Ligeia*. No ano seguinte, nasceria outro conto ainda mais extraordinário, *A queda da Casa de Usher*, onde os elementos autobiográficos são abundantes e facilmente discerníveis. E em dezembro de 1839 apareceria ainda outro volume, onde estavam reunidos os relatos publicados, na maioria, em revistas. O livro se intitulava *Histórias extraordinárias*. Esta foi uma época intensa e bem vivida, em que Edgar escreveu algumas de suas obras em prosa mais admiráveis.

Para minimizar as críticas dos que o acusavam de dedicar-se somente ao mórbido, Poe deu início à sua série de contos analíticos. Essa mudança de estilo mostra a amplitude de seu talento e a perfeita coerência intelectual que possuía. Esses contos ficaram conhecidos como *A trilogia Dupin*. A obra *Os crimes da Rue Morgue* coloca em cena o Chevalier C. Auguste Dupin, esse alter ego de Poe, expressão de sua sede de infalibilidade e superioridade. Depois viria *O mistério de Marie Roget*, uma análise sagaz de um assassinato, que encantou os amigos apaixonados por esse gênero. E, por fim, *A carta roubada*. Mas o lado macabro e mórbido corria ao lado das análises frias, e Poe não renunciou aos detalhes assustadores e ao clima congênito de seus primeiros contos.

Este período criador foi tragicamente interrompido pela revelação brutal da enfermidade de Virginia, a prima de 13 anos com quem Poe se casara em 1836 e sobre o que muito se tem escrito. Foi nessa época que o estribilho de *O corvo* começou a assediá-lo. Pouco a pouco, o poema nascia, larval e indeciso.

Em junho de 1842, Poe ganhou o prêmio do *Dollar Newspaper* de melhor prosa com *O escaravelho de ouro*, uma mistura feliz do lado analítico de Poe com a aventura e o mistério, que viria a ser seu conto mais famoso.

Em 1844, o casal Poe transfere-se para Nova York, e este período marca o ressurgimento do poeta em Edgar, a quem o tema de *O corvo* seguia sempre como uma obsessão. Surge *O enterro prematuro*, mescla de crônica e conto que prova a ambivalência invariável da mente de Poe. É um de seus relatos mais mórbidos e angustiantes, cheio de uma fascinação malsã pelos horrores da morte, que o pretexto do tema mal consegue disfarçar. E foi também neste verão que *O corvo* alcançou sua forma definitiva. A publicação de *O corvo* comoveu os círculos literários e todas as camadas sociais, e transformou o conto no símbolo do romantismo na América do Norte. Abriam-se as portas dos salões literários para Poe.

Na última década de sua vida, apesar da pobreza, da doença, e do declínio físico de Virgínia, Poe permaneceu febrilmente prolífico. Fez palestras sobre a literatura americana, inventou criptogramas, tentou lançar revistas, produziu críticas e fez experimentos com uma variedade de gêneros fictícios. Depois da morte de Virginia, em 1847, ele foi menos produtivo. Dedicou suas energias a *Eureka*, uma mistura idiossincrática de crítica, metafísica e especulação cosmológica.

Edgar Allan Poe morreu em 7 de outubro de 1849. Seus últimos dias permanecem um tanto misteriosos. Poe partiu de Richmond em 27 de setembro de 1849 e supostamente estava a caminho da Filadélfia. Em 3 de outubro, foi encontrado em uma taverna de Baltimore em grande aflição e semiconsciente. Poe foi levado para o Washington College Hospital, onde morreu quatro dias depois. A descrição que o médico faria depois mostra que Poe já estava distante deste mundo, definitivamente entregue às suas alucinações. Suas últimas palavras foram “Senhor, ajuda a minha pobre alma”.

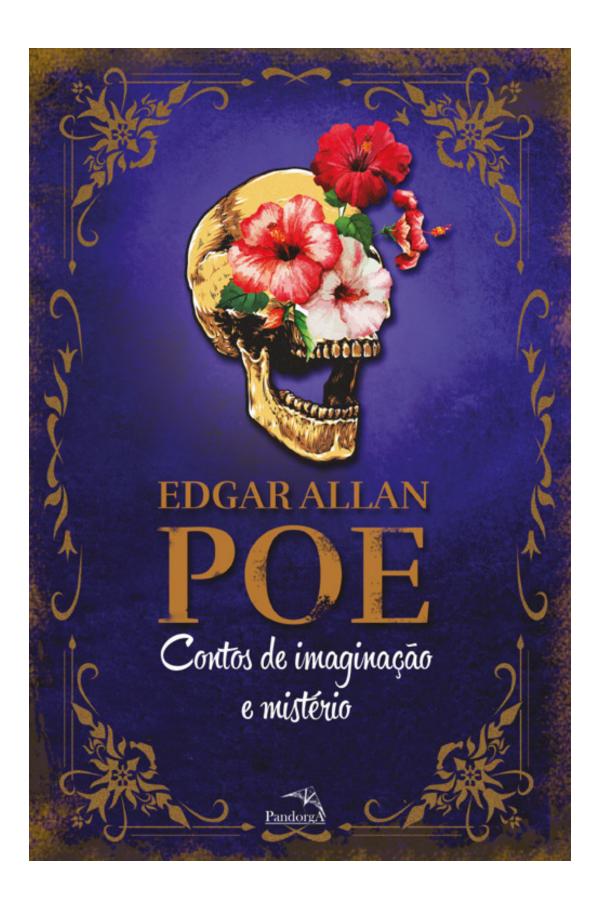
Embora nunca tenha obtido sucesso financeiro em sua vida, Poe se tornou um dos escritores mais duradouros da América. Suas obras são convincentes hoje, como eram há mais de um século. Um pensador inovador e imaginativo, criou histórias e poemas que ainda chocam, surpreendem e

mexem com os leitores modernos. Sua obra sombria influenciou escritores como Charles Baudelaire, Dostoyevsky e Stephane Mallarme.

SUMÁRIO

O poço e o pêndulo
A pequena conversa com a múmia

EDITORA PANDORGA

EDGAR ALLAN
POE
Contos de imaginação
e mistério
PandorgA

“Não fui o que os outros foram.
Não vi o que os outros viram.
Mas por isso, o que amei,
Amei sozinho.”

O colóquio de Monos e Una

Estas coisas estão no futuro.

Sófocles, *Antígona*

UNA — Renascido?

MONOS — Sim, minha belíssima e muito amada Una. “Renascido”. Essa era a palavra sobre cujo significado místico eu meditei tão longamente, rejeitando as explicações do clero, até que a própria Morte desvendou para mim o mistério.

UNA — A Morte!

MONOS — Quão estranhamente, doce Una, repetes minhas palavras! Observo, também, uma vacilação em teus passos, uma alegre inquietude em teus olhos. Estás confusa e oprimida pela majestosa novidade da Vida Eterna. Sim, foi da Morte que eu falei. E quão singularmente ressoa aqui essa palavra que antigamente tinha o hábito de levar o terror a todos os corações, cobrindo com uma sombra todos os prazeres!

UNA — Ah, a morte, o espectro que comparecia a todos os banquetes! Quantas vezes, Monos, nos perdemos em especulações sobre a sua natureza! Quão misteriosamente ela agia como um obstáculo à completa felicidade humana, dizendo-lhe: “Até aqui, e não mais além!” Esse amor intenso e mútuo, meu Monos, que ardia em nossos peitos, e que em vão nos gabamos dele, sentindo-nos felizes com seu primeiro aparecimento, achando que a nossa felicidade iria se fortalecer com o fortalecimento dele! Ai de mim! À medida em que ele crescia, também crescia em nossos corações o medo daquela hora fatal que se apressava em nos separar para sempre! E com o tempo, amar ficou doloroso. O ódio teria então sido uma bênção.

MONOS — Não fales agora desses pesares, querida Una, minha, minha agora e para sempre!

UNA — Mas não é a memória da tristeza passada a alegria do presente? Tenho muito a dizer ainda sobre as coisas que passaram. Acima de tudo, quero muito saber os incidentes de sua passagem pelo escuro Vale e pela Sombra.

MONOS — E quando foi que a radiante Una pediu alguma coisa em vão ao seu Monos? Vou relatar tudo em detalhes, mas em que ponto esta estranha narrativa deve começar?

UNA — Em que ponto?

MONOS — Tu mesma o disseste.

UNA — Eu te compreendo. A Morte ensinou a nós dois a propensão do homem de definir o indefinível. Não direi, então, que comeces com o momento da cessação da vida, mas começa com aquele triste, triste instante quando, tendo a febre te abandonado, tu mergulhaste num torpor, já sem respiração e inerte, e cerrei tuas pálidas pálpebras com os apaixonados dedos do amor.

MONOS — Antes uma palavra, minha Una, sobre a condição geral do homem naquela época. Tu te lembrarás de que um ou dois sábios dentre nossos antepassados, sábios de fato, embora não na estima do mundo, se aventuraram a duvidar da propriedade do termo "progresso" aplicado ao avanço de nossa civilização. Houve períodos em um dos cinco ou seis séculos imediatamente anteriores a nossa morte em que se ergueu alguma vigorosa inteligência, lutando corajosamente por estes princípios cuja verdade aparece agora, tão completamente óbvia, para a nossa razão livre de grilhões, princípios que deviam ter ensinado a nossa espécie a submeter-se ao governo das leis naturais, ao invés de tentar controlá-las. Em longos intervalos, surgiam algumas mentes superiores que consideravam cada avanço das ciências práticas um retrocesso em termos de utilidade. Às vezes a inteligência poética – inteligência que agora pensamos ter sido a mais sublime de todas, pois essas verdades eram da mais duradoura importância e só podiam nos ser reveladas por essa *analogia*, que fala em tons precisos apenas à imaginação, e à razão desamparada nada diz – às vezes, dizia eu, essa inteligência poética deu um passo à frente na evolução da vaga ideia da filosofia, e descobriu na mística parábola que fala da árvore do conhecimento, e do seu fruto proibido, causador da morte, um claro aviso de

que o saber não era adequado para o homem, na condição imatura da sua alma. E esses homens, os poetas, vivendo e morrendo em meio ao desdém dos "utilitaristas", os grosseiros pedantes que se arrogavam um título que só aos que eram objeto de seu desdém poderia ser aplicado com propriedade, esses homens, os poetas, meditaram saudosos, mas não insensatamente, sobre os dias de outrora, quando nossas necessidades eram tão mais simples quanto intensos nossos prazeres, dias em que a palavra júbilo era desconhecida, tão solene e profunda era a felicidade, dias sagrados, augustos, bem-aventurados, em que os rios azuis corriam sem barreiras entre colinas intocadas, rumo à solidão das florestas, distante, primitiva, aromática e inexplorada.

Contudo, estas nobres exceções ao desgoverno geral serviram apenas para fortalecê-lo, por meio da oposição. Pobres de nós, tínhamos caído no mais desafortunado de todos os nossos dias desafortunados. O "grande movimento", esse era o jargão daquilo, avançava, provocando uma comoção doentia, moral e física. As artes foram colocadas no lugar supremo, e uma vez entronizadas, lançaram grilhões sobre a inteligência que as elevara ao poder. O homem, que não podia deixar de reconhecer a majestade da Natureza, entregou-se a uma exaltação pueril do domínio adquirido e ainda crescente sobre os seus elementos. Mesmo quando se imaginava um Deus em sua fantasia, uma imbecilidade infantil desceu sobre ele. Como se pode supor pela origem do seu transtorno, ele ficou cada vez mais infectado pelos sistemas e pela abstração, e enredou-se em generalidades. Entre outras ideias excêntricas, a da igualdade universal ganhou terreno, e diante da analogia e de Deus (a despeito da vigorosa voz de alerta das leis da *gradação* tão visivelmente inerentes a todas as coisas na Terra e no Céu), foram feitas tentativas insensatas de estabelecer uma Democracia universal. Contudo, este mal decorreu necessariamente do mal primeiro, o Conhecimento. O homem não podia, ao mesmo tempo, saber e sucumbir. Nesse ínterim, surgiram enormes e inumeráveis cidades fumegantes. As

folhas verdes murcharam diante do hálito quente das fornalhas. A bela face da Natureza foi desfigurada como se atingida pela devastação de alguma repugnante enfermidade. E me parece, doce Una, que até mesmo nossa percepção adormecida do forçado e do inverossímil poderia nos ter feito parar por aí. Mas agora parece que forjamos nossa própria ruína ao perverter nosso *gosto*, ou melhor, pelo cego abandono de seu cultivo nas escolas. Pois, na verdade, era nessa crise que só o gosto – essa faculdade que, ocupando uma posição intermediária entre a inteligência pura e o sentido moral, não poderia nunca ter sido ignorada – era agora que só o gosto nos poderia gentilmente ter levado de volta em segurança à Beleza, à Natureza e à Vida. Ah, que pena para o puro espírito contemplativo e a majestosa intuição de Platão! Ah, que pena para a *mousiki*, que ele justamente considerava a educação plenamente suficiente para a alma! Ah, que pena para ele e para ela, já que ambos eram desesperadamente necessários, mas inteiramente esquecidos ou desprezados.

Pascal, um filósofo de quem nós dois gostamos, disse, e como foi verdadeiro, "que tout notre raisonnement se reduiit a ceder au sentiment", e não é impossível que o sentimento do natural, tivesse o tempo permitido, houvesse recuperado sua antiga ascendência sobre a dura razão matemática das escolas. Mas não foi o caso. Provocado prematuramente por excessos do conhecimento, a velhice do mundo ganhava terreno. Isto a massa da humanidade não percebeu, ou, vivendo vigorosamente, embora sem felicidade, fingiu não perceber. Mas, quanto a mim, os registros da Terra me ensinaram a ver na mais vasta ruína o preço da mais elevada civilização. Eu me saturei da presciência do nosso Destino a partir de comparações com a China, a simples e duradoura, com a Assíria, a arquiteta, com o Egito, o astrólogo, com a Núbia, mais astuta que qualquer deles, a turbulenta mãe de todas as Artes. Na história dessas regiões deparei com um raio do Futuro. As artificiais individualidades dos três últimos eram doenças locais da Terra, e suas ruínas individuais se deveu à aplicação de remédios locais.

Mas para o mundo contaminado em geral, eu não podia antecipar qualquer regeneração, a não ser na morte. Aquele homem, como raça, não deveria ser extinto, e vi que ele deveria "nascer de novo".

E era então, minha bela e bem-amada, que envolvíamos nossos espíritos, diariamente, em sonhos. Era então que, ao crepúsculo, falávamos dos dias por vir, quando a superfície da Terra, riscada pela Arte, tendo sofrido esta purificação que apenas ela poderia apagar suas obscenidades retangulares, de novo se revestiria do verdor, das encostas montanhosas e das sorridentes águas do Paraíso, e se tornaria por fim numa morada adequada para o homem, ao homem purgado pela morte, ao homem para cuja inteligência agora exaltada não deveria haver veneno no conhecimento, para o homem redimido, regenerado, bem-aventurado e agora imortal, mas ainda assim o homem *material*.

UNA — Lembro-me bem dessas conversas, querido Monos, mas a época da ígnea devastação não estava tão próxima quanto acreditávamos, e como a corrupção que indicaste nos permitia crer. Os homens viveram e morreram individualmente. Tu mesmo adoeceste e foste sepultado, e tua fiel Una rapidamente seguiu teus passos. E ainda que o século que transcorreu, e cujo fim de novo nos junta, torturasse nossas adormecidas percepções com a impaciência da sua duração, mesmo assim, meu Monos, foi um século a mais.

MONOS — Melhor, digamos, um ponto no vago infinito. Indiscutivelmente foi durante a decrepitude da Terra que morri. Com o coração exaurido pelas ansiedades que tinham sua origem na confusão e na decadência generalizada, sucumbi à cruel febre. Depois de poucos dias de dor, e de muitos delírios oníricos repletos de êxtase, cujas manifestações tu tomaste erradamente por dores, enquanto eu desejava, mas era impotente para te esclarecer o engano, depois de alguns dias apoderou-se de mim, como tu mesma disseste, um torpor que me fez ficar sem respiração e imóvel, e que foi chamado de *Morte* pelos que estavam ao meu redor.

As palavras são coisas vagas. Minha condição não me privou de sensações. Não me pareceu muito diferente da extrema quietude daquele que, tendo dormido longa e profundamente, ficado imóvel e completamente prostrado num meio dia de pleno verão, começa a retomar vagarosamente a consciência por apenas ter dormido o suficiente, e sem ter sido despertado por perturbações externas.

Eu não respirava mais. As pulsações tinham cessado. O coração tinha parado de bater. A vontade não me abandonara, mas não tinha força. Os sentidos estavam invulgarmente ativos, embora de maneira excêntrica, assumindo muitas vezes uns as funções de outros, a esmo. O paladar e o olfato ficaram confundidos de maneira inextricável, e se tornaram um só sentido, anormal e intenso. A água de rosas com que tua ternura tinhas umedecido meus lábios no último instante, produziu em mim doces imagens de flores, fantásticas flores, muito mais encantadoras do que qualquer outra da antiga Terra, mas cujos protótipos crescem aqui à nossa volta. As pálpebras, transparentes e exangues, não me impediam totalmente a visão. Como meu querer estava ausente, os globos oculares não podiam girar nas órbitas, mas todos os objetos dentro do raio do campo visual eram vistos com maior ou menor nitidez. Os raios que incidiam na parte externa da retina, ou no canto dos olhos, produziam um efeito mais vívido do que aqueles que atingiam a superfície frontal ou anterior. Contudo, no primeiro caso, este efeito era tão anômalo que eu o percebia somente como *som*, um som agradável ou dissonante conforme as coisas ao meu lado estavam iluminadas ou mergulhadas na sombra, ou eram curvas ou angulosas em seu contorno. A audição, ao mesmo tempo, embora aumentada em grau, não era irregular na ação, percebendo os sons reais com precisão extraordinária, tanto quanto de sensibilidade. O tato tinha sofrido uma modificação mais peculiar. Suas impressões eram recebidas tardiamente, mas retidas tenazmente, e resultavam sempre no mais intenso prazer físico. Assim, a pressão dos seus doces dedos nas minhas pálpebras, de início só

reconhecida pela visão, muito tempo depois de os retirar acabou por inundar meu ser de um incomensurável deleite sensual. Disse deleite sensual. *Todas* as minhas percepções eram puramente sensuais. Com a inteligência morta, às matérias comunicadas ao cérebro passivo pelos sentidos não era conferida, nem sequer em mínimo grau, qualquer forma. De dor, tinha muito pouca, de prazer, sentia muito, mas de dor ou prazer moral não sentia nada. Então seus violentos soluços flutuavam em meus ouvidos com todas as suas lamentosas cadências, e eram apreciados em todas as suas variações de tonalidades tristes. Mas eram suaves sons musicais, e mais nada, não transmitiam à razão extinta nenhuma noção de pesar que lhes dera origem, ao mesmo tempo que as abundantes e constantes lágrimas que me caíam no rosto, revelavam aos circunstantes um coração partido, e faziam vibrar todas as fibras do meu ser causando-me tão somente êxtase. E isso era, na verdade, a *Morte* de que os circunstantes falavam reverentemente em sussurros abafados, e tu, doce Una, convulsivamente em gritos lancinantes.

Vestiram-me para o caixão, três ou quatro figuras sombrias que se moviam atarefadas de um lado para outro. E quando cruzavam a linha direta da minha visão me pareciam *formas*, mas passando a meu lado suas imagens transmitiam-me a ideia de gritos, gemidos, e outras tristes expressões de terror, de horror, ou de pesar. E somente tu, vestida numa túnica branca, te movias musicalmente em todas as direções ao meu redor.

O dia terminava, e à medida que sua luz desaparecia, fui possuído de um vago desconforto, uma ansiedade – como sente quem dorme quando tristes sons reais penetram continuamente seus ouvidos –, débeis sons de tanger de sinos distantes, solenes e a intervalos longos, mas regulares, misturando-se a sonhos melancólicos. Chegou a noite, e com suas sombras um profundo desassossego que oprimia meus membros com a pressão de uma pesada carga, e que era palpável. Havia também um som queixoso, não muito diferente da distante rebentação das ondas, mas mais contínuo, e que, começando com o crepúsculo, tinha aumentado de intensidade com a

escuridão. De repente, luzes foram trazidas para o cômodo. e esse eco foi então interrompido por emissões frequentes do mesmo som, mas menos monótonas e menos nítidas. A pesada pressão foi em grande parte aliviada; e, saindo da chama de cada lâmpada (pois eram muitos), ininterruptamente fluiu para meus ouvidos uma melodiosa sucessão de sons monótonos. E depois, querida Una, aproximando-se do leito sobre o qual eu estava estendido, você se sentou graciosamente ao meu lado, exalando fragrância por teus doces lábios, e pressionando-os na minha fronte, brotou trêmula dentro do meu peito, e misturando-se com as sensações meramente físicas que as circunstâncias tinham aflorado, qualquer coisa análoga ao próprio sentimento... uma sensação que em parte apreciava e em parte correspondia ao teu sincero amor e desgosto. Mas este sentimento não lançou raízes no coração que deixara de bater, parecendo mais uma sombra do que uma realidade, e foi se extinguindo rapidamente, dando lugar primeiro a uma extrema quietude, e depois a um prazer puramente sensual, como antes.

E agora, da ruína e do caos dos sentidos habituais, pareceu ter nascido dentro de mim um sexto sentido, absolutamente perfeito. No seu exercício encontrei um arrebatado deleite, mas um deleite ainda físico, na medida em que a compreensão não participava dele. O movimento tinha cessado por completo no corpo animal. Nenhum músculo estremecia, nenhum nervo vibrava, nenhuma artéria pulsava. Mas parecia ter surgido no cérebro *algo* a respeito do qual nenhuma palavra seria capaz de transmitir à simples inteligência humana uma concepção, mesmo que indistinta. Permita que lhe chame de pulsação pendular mental. Era a materialização moral da ideia abstrata que o homem tem do *Tempo*. Pela igualização absoluta deste movimento, ou de um movimento semelhante a este, foram regulados os ciclos das órbitas dos corpos celestes no firmamento. Com a ajuda dele medi as irregularidades do relógio que está sobre a lareira, e dos relógios dos presentes. Seus tique-taques chegavam sonoros a meus ouvidos. O menor desvio da proporção exata, e estes desvios prevaleciam sobre tudo, afetava-

me da mesma forma que as violações da verdade abstrata costumam, na Terra, afetar o sentido moral. Embora não houvesse no cômodo dois relógios que marcassem os segundos de forma rigorosamente igual, eu não tinha dificuldade em guardar no espírito claramente os tons e os respectivos erros momentâneos de cada um. E este sentimento (sentimento agudo, perfeito e existente por si mesmo) de *duração*, que existia (até onde o homem pode conceber que existe) independentemente de qualquer sucessão de eventos, esta ideia, este sexto sentido, que surgia das cinzas dos restantes, era o primeiro passo óbvio e seguro da alma intemporal no limiar da Eternidade temporal.

Era meia noite, e tu ainda estavas sentada ao meu lado. Todos os outros tinham saído da câmara da Morte. Tinham me colocado no caixão. As lamparinas ardiam bruxuleantes e eu percebia isso pela vibração da melodia monótona. Mas de repente estas vibrações diminuíram de nitidez e de volume. Finalmente elas cessaram. O perfume em minhas narinas se dissipou. As formas não afetavam mais minha visão. A pressão das Trevas sumiu do meu peito. Um choque entorpecedor como o da eletricidade invadiu meu corpo, e foi seguido pela perda total da ideia de tato. Tudo o que o homem denomina como sentidos se fundiu na consciência única da entidade, e no sentimento único e perpétuo da duração. O corpo mortal tinha sido finalmente atingido pela mão mortal da *Decomposição*.

Contudo, não havia desaparecido toda a minha sensibilidade, pois a consciência e o sentimento remanescentes supriam algumas das suas funções por meio de uma letárgica intuição. Percebi a pavorosa mudança que se operava na carne, e como aquele que sonha tem consciência da presença física de alguém que sobre ele se debruça, assim, doce Una, eu ainda sentia meio entorpecido que ainda estavas sentada ao meu lado. Da mesma maneira, também, quando as doze horas do segundo dia chegaram, eu não estava inconsciente daqueles movimentos que te afastaram de mim, que me confinaram dentro do caixão, que me colocaram no coche funerário, que me

levaram à sepultura, que a ela me baixaram, que amontoaram pesadamente a terra sobre mim, e que assim me deixaram, nas trevas e na putrefação, entregue a meu triste e solene sonho com os vermes.

E ali, naquela prisão que tem poucos segredos a revelar, passaram-se dias e semanas e meses, e a alma observava detalhadamente cada segundo que passava, e, sem esforço, registrava o seu curso, sem esforço e sem objetivo.

Um ano se passou. A consciência de *ser* ficava a cada hora mais indistinta, e a da mera *localização* em grande medida tinha usurpado o seu lugar. A ideia de entidade ia se fundindo com a de *lugar*. O estreito espaço que cercava o que fora o corpo passara agora a ser o próprio corpo. Finalmente, como muitas vezes acontece com quem dorme (só no sono e no seu mundo a *Morte* pode ser imaginada), finalmente, como algumas vezes acontece na Terra a alguém profundamente adormecido, quando alguma luz fugaz a despertava de súbito, deixando-a meio acordada, meio enredada em sonhos, assim me pareceu, no estreito abraço da *Sombra*, surgir a única luz que teria o poder de despertar, a luz do *Amor* duradouro. Homens trabalharam intensamente no túmulo em que eu estava às escuras. Eles revolveram a terra úmida. Sobre meus ossos que em pó se desfaziam, baixaram o caixão de Una.

E logo tudo voltou a ser vazio. Aquela luz nebulosa tinha se extinguido. Aquela débil palpitação tinha vibrado até a imobilidade. Muitos *lustros* tinham se passado. O pó tinha retornado ao pó. Os vermes já não tinham mais alimento. Desaparecera por completo sentimento de existir, e reinavam apenas, em seu lugar, em lugar de todas as coisas, dominantes e perpétuos, esses dois autocratas, o *Lugar* e o *Tempo*. Para *aquilo* que *não existia*, para o que não tinha forma, para o que não tinha pensamento, para o que não tinha sensibilidade, para o que não tinha alma, e não tinha porção alguma de matéria, para todo esse nada, e para toda esta imortalidade, a sepultura era ainda um lar, e as horas corrosivas, companheiras.

Dormem os cumes das montanhas;

vales, desfiladeiros e cavernas estão em silêncio.

Alcman

— Escuta-me — disse o Demônio, ao mesmo tempo que colocava a mão em minha cabeça. — A região de que falo é uma região lúgubre da Líbia, perto das margens do Rio Zaire, e lá não existe nem quietude nem silêncio.

— As águas do rio têm uma doentia tonalidade de açafrão e não correm para o mar, mas pulsam por toda a eternidade sob o rubro olhar do sol, com uma movimentação tumultuosa e convulsiva. Ao longo de muitas milhas em ambos os lados do leito lodoso do rio estende-se um deserto pálido de nenúfares gigantescos. Eles suspiram uns para os outros naquela solidão, e estendem para o céu os longos e horripilantes pescoços, e acenam para lá e para cá com suas cabeças eternas. E há um murmúrio indistinto que brota de entre eles, como o fluxo de água subterrânea. E suspiram uns para os outros.

Mas há uma fronteira para o reino deles, a fronteira da floresta escura, horrível, e de altas árvores. Nela, como as ondas em torno das Hébridas, a vegetação rasteira se agita continuamente. Mas não há vento em todo o céu. E as altas árvores primitivas balançam eternamente para cá e para lá com o fragor de árvores se chocando. E de suas copas elevadas, uma a uma, caem gotas de orvalho intermináveis. E nas raízes, estranhas flores venenosas entrelaçam-se num sono perturbado. E por cima, com um ruído sussurrante e barulhento, as nuvens cinzentas correm eternamente para o oeste, até despencar, como uma catarata, sobre a muralha ardente do horizonte. Mas não há vento algum em todo o céu. E nas margens do Rio Zaire não há nem quietude nem silêncio.

— Era noite, e a chuva caía, e caindo era chuva, mas depois que caía, era sangue. E eu estava de pé no lamaçal entre os altos nenúfares, e a chuva caía em minha cabeça, e os nenúfares suspiravam uns para os outros na solenidade de sua desolação.

— E, subitamente, a lua surgiu por entre a névoa fantasmagórica, e tinha a cor escarlate. E meus olhos se fixaram num enorme rochedo cinzento

que havia junto à margem do rio, e que era iluminado pelo luar. E a rocha era cinzenta, e sinistra, e alta, e a rocha era cinzenta. Na sua face havia caracteres gravados na pedra, e eu caminhei pela terra encharcada entre os nenúfares, até que cheguei perto da margem, de modo a conseguir ler os caracteres gravados na pedra. Mas eu não conseguia decifrá-los. E estava voltando pelo lamaçal quando a lua brilhou com um vermelho mais vivo, e me virei e olhei novamente para a rocha, para os caracteres, e os caracteres diziam DESOLAÇÃO.

— Então olhei para cima, e lá havia um homem de pé no topo da rocha, e escondi-me entre os nenúfares de modo a poder observar as ações do homem. E o homem era alto e tinha um jeito majestoso, e estava envolto dos ombros aos pés numa toga da antiga Roma. E a silhueta de sua figura era indistinta, mas suas feições eram feições de uma divindade; pois o manto da noite, e da névoa, e da lua, e do orvalho haviam revelado as feições de seu rosto. E sua fronte era pensativa, e seus olhos, perturbadoramente preocupados. Nas poucas rugas de sua face li as fábulas da tristeza, e do cansaço, e desgosto com a humanidade, e um grande desejo de solidão.

— E o homem sentou-se na rocha, e apoiou a cabeça na mão, e lançou o olhar sobre a desolação. E baixou os olhos para a vegetação baixa e inquieta, e olhou para cima para as altas árvores primitivas, e mais acima ainda para o céu sussurrante, e para a lua escarlate. E eu continuei escondido entre os nenúfares, e observei as ações do homem. E o homem tremia na sua solidão, mas a noite ia sumindo e ele se sentou na rocha.

— E o homem desviou sua atenção do céu, e olhou para o lúgubre rio Zaire, e suas fantasmagóricas águas amarelas, e para as pálidas legiões de nenúfares. E o homem prestou atenção nos suspiros dos nenúfares, e no murmúrio que se erguia entre eles. E eu continuei no esconderijo entre os nenúfares e observei as ações do homem. E o homem tremia em sua solidão. Mas a noite ia sumindo e ele se sentou na rocha.

— Então me afundei nos alagadiços do lamaçal e caminhei longamente com dificuldade entre a vastidão de nenúfares, e chamei pelos hipopótamos que habitavam os brejos entre os recessos do lamaçal. E os hipopótamos ouviram meu chamado, e vieram, com o behemoth, até o pé da rocha, e rugiram ruidosa e horrivelmente sob a lua. E o homem tremia em sua solidão. Mas a noite ia diminuindo e ele se sentou na rocha.

— Então eu amaldiçoei os elementos com a maldição do tumulto, e uma violenta tempestade se formou no céu, onde antes não havia vento algum. E o céu ficou cor de chumbo com a violência da tempestade, e a chuva caiu sobre a cabeça do homem, e a enchente tomou conta do rio, e o rio virou um tormento de espuma, e os nenúfares gritaram em seus leitos, e a floresta foi derrubada pelo vento, e o trovão rugiu, e faiscaram relâmpagos, e a rocha estremeceu em suas fundações. E eu continuei no esconderijo de nenúfares e observei as ações do homem. E o homem tremia em sua solidão. Mas a noite ia sumindo e ele se sentou na rocha.

— Então fiquei com raiva e amaldiçoei com a maldição do silêncio, o rio e os lírios, e o vento, e a floresta, e o céu, e o trovão, e os suspiros dos nenúfares. E ficaram amaldiçoados e emudeceram. E a lua deixou de cambalear em sua trajetória no céu, o trovão emudeceu, e o relâmpago não faiscou, e as nuvens ficaram imóveis, e as águas retornaram ao seu nível e lá ficaram, e as árvores deixaram de balançar, e os nenúfares pararam de suspirar, e o murmúrio não era mais ouvido entre eles, nem qualquer sombra de som no vasto e ilimitado deserto. E eu olhei para os caracteres na rocha, e eles tinham mudado, e agora eles diziam SILÊNCIO.

— E meus olhos fitaram o semblante do homem, e o semblante estava lívido de terror. E apressadamente ergueu a cabeça da mão onde ela se apoiava, e se pôs de pé sobre o rochedo e escutou. Mas não havia voz nenhuma no vasto e ilimitado deserto, e os caracteres na rocha diziam silêncio. E o homem estremeceu e desviou o olhar, e fugiu para longe, correndo, de modo que não o vi mais.

* * * * * *

Ora, há belas narrativas nos livros dos Magos – nos livros encadernados em ferro, os melancólicos livros dos Magos. Neles, eu digo, há histórias gloriosas do Céu e da Terra, e do mar poderoso, e dos Gênios que dominaram o mar, e a terra, e o céu supremo. Havia também muita sabedoria nas palavras que eram ditos pelas Sibilas, e coisas sagradas, muito sagradas, foram ouvidas em tempos antigos pelas folhas sombrias que estremeciam no entorno de Dodona, mas tão certo como Alá vive, considero esta fábula que o demônio me contou, quando sentado ao meu lado na sombra da sepultura, a mais extraordinária de todas! E quando o Demônio pôs fim à história, e deixou-se cair na cova da sepultura, ele riu. E eu não pude rir como o Demônio, e ele me amaldiçoou por não ter conseguido rir. E o lince que habita eternamente a sepultura, emergiu dela, deitou-se aos pés do Demônio e o olhou fixamente no rosto.

Manuscrito encontrado numa garrafa

Qui n´a plus qu´un moment a vivre
N´a plus rien a dissimuler.
Quinault, Atys[7]

7. Quem só tem um momento para viver não tem nada a esconder. — Quinault — Atys (N. do E.) ↩

Maus hábitos e o passar de muitos anos me afastaram do primeiro, e me separaram da segunda. A riqueza herdada proporcionou-me uma educação acima da média, e minha maneira contemplativa de pensar me permitiu dar método aos conhecimentos que meus diligentes estudos desde cedo acumularam. Mas acima de tudo, o estudo dos filósofos moralistas alemães me deu grande satisfação, não em virtude de uma admiração precipitada de sua loucura eloquente, mas da facilidade com que meus hábitos de pensamento rigoroso me permitiram detectar suas falsidades.

Fui muitas vezes censurado pela aridez do meu intelecto; imputaram-me falta de imaginação como se isso fosse um crime; e o pirronismo de minhas opiniões sempre me deu notoriedade. De fato, temo que um forte entusiasmo pela filosofia física tenha me impregnado a mente com um erro muito comum nessa época: o hábito de relacionar acontecimentos, mesmo os menos suscetíveis dessa ligação, com os princípios daquela ciência. No geral, ninguém poderia ser menos propenso do que eu a ser levado a desviar-se dos estritos limites da verdade pelos *ignes fatui* da superstição.

Julguei conveniente expor todas essas premissas, para que o incrível relato que preciso fazer não seja considerado mais como o desvario de uma imaginação crua do que a experiência positiva de um espírito para o qual os devaneios da fantasia sempre foram letra morta e coisa sem valor.

Após muitos anos passados em viagens pelo exterior, zarpei no ano de 18-- do porto de Batávia, na rica e populosa ilha de Java, para uma viagem ao arquipélago das ilhas Sonda. Fui como passageiro, sem outro atrativo do que uma inquietude nervosa que me atormentava como uma obsessão.

Nossa embarcação era um belo navio de umas quatrocentas toneladas, firmemente sólido, e construído em Bombaim em teca de Malabar. Transportava uma carga de algodão em rama e azeite, provenientes das ilhas

Laquedivas. Transportava também fibra de coco, rapadura de açúcar de palmeira, manteiga indiana, cocos, e umas poucas caixas de ópio. A arrumação da carga tinha sido feita desajeitadamente, e como consequência o navio avançava quase adernando.

Zarpamos com um leve sopro de vento, e durante muitos dias nos mantivemos ao longo da costa leste de Java, sem outros incidentes que pudessem enganar a monotonia da nossa rota, a não ser o encontro ocasional de algumas pequenas embarcações do arquipélago ao qual nos destinávamos.

Uma noite, debruçado sobre o balaústre da popa, percebi uma nuvem, isolada e estranha, na direção noroeste. E chamou-me a atenção, tanto pela sua coloração quanto por ser a primeira que tínhamos avistado desde a partida de Batávia. Observei-a atentamente até o por do sol, quando ela se estendeu de repente para leste e oeste, envolvendo o horizonte com uma faixa estreita de vapor, e assumindo o aspecto de uma extensa linha costeira.

Minha atenção foi logo em seguida atraída pela aparência vermelho-escuro da lua, e pelo aspecto estranho do mar. Este estava sofrendo uma rápida mudança, e a água parecia mais transparente do que o habitual. Embora eu pudesse ver distintamente o fundo do mar, jogando a sonda verifiquei que a profundidade era de quinze braças. O ar então se tornou intoleravelmente quente, e estava carregado de exalações em espiral semelhantes às que o ferro quente produz. Ao cair da noite, todo sopro de vento desapareceu, e uma maior calmaria era impossível de conceber. A chama de uma vela ardia sobre a popa sem o menor movimento perceptível, e um fio de cabelo comprido, preso entre o indicador e o polegar, pendia sem poder detectar qualquer movimento. Contudo, como o capitão afirmasse que não via nenhuma indicação de perigo, e como estivéssemos navegando à deriva diretamente rumo à praia, ele ordenou enrolar as velas e lançar âncora. Não foram colocados vigias, e a tripulação, constituída principalmente de malaios, deliberadamente se deitou no convés. Desci a

meu alojamento, não sem um forte pressentimento de desgraça. De fato, todas as aparências me davam a certeza da aproximação de um simum.

Falei ao capitão de meus temores, mas ele não prestou atenção ao que eu disse, e se afastou sem ao menos dignar-se a me responder. Minha inquietação, contudo, não me deixou dormir, e por volta da meia noite subi ao convés. Quando coloquei o pé no último degrau da escada fui surpreendido por um barulho semelhante a um sussurro alto, como o produzido por uma rápida rotação da roda d´água de um moinho, e antes que pudesse compreender seu significado, percebi o barco estremecer na direção do seu centro. No instante seguinte um borbotão de espuma nos fez quase adernar, e, passando sobre nós, varreu todo o convés de popa a proa.

A extrema fúria do choque acabou sendo, em grande medida, a salvação do barco. Mesmo completamente inundado, a ponto de seus mastros terem sido arremessados por cima da amurada, o barco, depois de um minuto, se reergueu pesadamente do mar e, hesitando por instantes sob a imensa pressão da tempestade, finalmente se endireitou.

Qual milagre me fez escapar da destruição é impossível dizer. Uma vez refeito, mas aturdido pelo choque da água, vi-me espremido entre o cadaste da proa e o leme. Com grande dificuldade pus-me de pé, e olhando aturdidamente em torno, fui inicialmente assaltado pela ideia de que estávamos no meio da rebentação, tão terrível e acima de qualquer entendimento era o turbilhão de ondas espumantes em que estávamos engolfados.

Instantes depois ouvi a voz de um velho sueco que tinha embarcado conosco no momento em que zarpamos do porto. Gritei para ele com toda força, e rapidamente ele veio cambaleando até mim na popa. Logo descobrimos que éramos os únicos sobreviventes do acidente. Todos os que estavam no convés, com exceção de nós dois, tinham sido varridos por cima da amurada. O capitão e seus imediatos devem ter morrido enquanto dormiam, pois as cabines estavam inundadas pela água.

Sem ajuda, poderíamos fazer pouco pela segurança do barco, e nossos esforços foram inicialmente paralisados pela expectativa momentânea de irmos a pique. Nossa amarra naturalmente tinha se rompido como se fosse um barbante, ao primeiro sopro do furacão, senão teríamos sido instantaneamente submergidos. Singrávamos em velocidade aterrorizante pelo mar, com a água abrindo caminhos à nossa passagem. A armadura da popa estava quase toda rompida, e em quase todos os aspectos tínhamos sofrido consideráveis danos. Mas para nossa grande alegria verificamos que as bombas de água estavam desobstruídas, e que nosso lastro não tinha sofrido grande deslocamento.

A fúria da tempestade já tinha amainado, e achávamos que a violência do vento oferecia pouco perigo, mas víamos com desânimo nosso desejo de que ele cessasse. Acreditávamos mais que, diante de nossas avarias, inevitavelmente morreríamos nas enormes vagas que ocorreriam. Mas parecia que este genuíno temor possivelmente de forma alguma seria testado logo.

Por longos cinco dias e noites nossa única forma de subsistência era uma pequena quantidade de rapadura, procurada com grande dificuldade no castelo da proa.

A carcaça do navio singrava a uma velocidade que desafiava cálculos, empurrada pela ação de sucessivas rajadas de vento, as quais, sem atingir a violência do simum, ainda assim eram mais terríveis do que qualquer tempestade que já tinha enfrentado.

Nosso curso nos primeiros quatro dias foi, com mínimas alterações, o de sudeste, e deveríamos ter dado com a costa da Nova Holanda. No quinto dia o frio ficou quase insuportável, embora o vento passasse a soprar em direção mais para o norte. O sol surgiu com um brilho amarelo doentio, e elevou-se uns poucos graus acima do horizonte, sem projetar uma verdadeira luz. Não havia nuvens à vista, embora o vento aumentasse e soprasse com uma fúria esporádica e irregular.

Por volta do meio-dia, tanto quanto podíamos estimar, nossa atenção foi novamente despertada pela aparência do sol. Não emitia luz propriamente dita, mas um clarão sombrio e embaçado por nuvens negras, e sem luzir, como se todos os raios tivessem sido polarizados. Pouco antes de mergulhar no mar túrgido, seu clarão central de repente apagou-se, como se tivesse sido rapidamente extinto por um poder inexplicável. Virou apenas um arco quase indistinto com o contorno prateado quando mergulhou no oceano insondável.

Esperamos em vão pela chegada do sexto dia. Para mim este dia não chegou, e para o sueco, jamais chegou. Daí em diante fomos encobertos por uma escuridão dispersa, de modo que não podíamos ver um objeto a vinte passos do navio. A noite eterna continuou a nos envolver, não diminuída pelo brilho fosfórico do mar a que nos acostumáramos nos trópicos. Observamos também que, embora a tempestade continuasse a nos assolar com incessante violência, não percebíamos mais a habitual arrebentação, ou espuma, que até então nos acompanhara. Por toda parte havia horror, e escuridão pesada, e um negro e sufocante deserto da cor de ébano.

Um terror supersticioso começou a instalar-se progressivamente no espírito do velho sueco, enquanto minha própria alma era envolvida por um espanto silencioso. Deixamos de lado todos os cuidados com o barco, por serem mais do que inúteis, e amarrados, da melhor maneira que conseguimos, ao toco do mastro da mezena, observamos amargamente a imensidão do oceano.

Não tínhamos como calcular o tempo, e tampouco fazer ideia da nossa situação. Contudo, estávamos perfeitamente cientes de que tínhamos ido mais para o sul, mais do que quaisquer navegantes anteriores, e experimentamos grande espanto por não termos encontrado os habituais obstáculos de gelo.

Nesse meio tempo, cada momento ameaçava ser o nosso último, e cada vaga enorme se precipitava sobre nós para nos submergir. O corcovear

das ondas ultrapassava tudo o que eu imaginara possível, e o fato de não termos sido instantaneamente tragados pelos vagalhões é um milagre. Meu companheiro falou sobre o pouco peso da carga, e me relembrou as excelentes qualidades do navio, mas não pude evitar o completo desespero da própria esperança, e me preparei melancolicamente para a morte que, acreditava, nada poderia evitar por mais de uma hora, pois a cada milha que o navio avançava, a ondulação das assombrosas águas negras se tornava cada vez mais sombriamente aterradora. Às vezes aspirávamos ofegantes o ar quando uma onda nos elevava acima dos albatrozes. Às vezes ficávamos desnorteados com a velocidade de nossa descida a algum inferno aquático, onde o ar era estagnado, e nenhum som perturbava o sono dos monstros marinhos.

Estávamos no fundo de um desses abismos quando um grito de meu companheiro, revelando urgência, invadiu temeroso a noite. “Olhe!” “Olhe!”, gritou ele agudamente aos meus ouvidos. “Deus Todo Poderoso! Veja! veja!” O grito chamou minha atenção para o brilho opaco embaçado de uma luz vermelha que transbordava dos lados do vasto abismo em que estávamos mergulhados, e lançava um brilho intermitente sobre o nosso convés.

Ao erguer os olhos percebi um espetáculo que me fez gelar o sangue nas veias. A uma formidável altura, diretamente acima de nós, pairava um gigantesco navio de, talvez, quatro mil toneladas. Embora empoleirado na crista de uma onda de mais de cem vezes sua altura, a sua dimensão aparente excedia a de qualquer navio de cabotagem ou da Companhia das Índias Orientais. Seu casco enorme era de um negro escuro encardido, desprovido de quaisquer dos habituais ornamentos de um navio. Uma única fileira de canhões de bronze projetava-se das vigias abertas, e refletia em suas superfícies polidas as chamas de inúmeras lanternas de emergência, as quais balançavam para lá e para cá em seu cordame.

Mas o que nos provocou principalmente horror e espanto foi que o navio navegava a todo pano diretamente para aquele mar fantasmagórico, e aquele incontrolável furacão. Quando primeiro divisamos o navio, só era possível ver a proa, quando ele se ergueu vagarosamente do horrível e sombrio abismo que deixava para trás. Por um momento de intenso terror, o navio deteve-se sobre o topo vertiginoso, como se estivesse contemplando seu próprio esplendor, após o que estremeceu, vacilou e desabou.

Nesse instante, não sei qual repentino autocontrole se apossou do meu espírito. Cambaleando avancei para a popa o mais que pude, e esperei sem temor a ruína que iria se abater sobre nós. Nosso próprio navio estava finalmente começando a cessar sua batalha e afundava a proa no mar. O choque daquele volume que desabava o atingiu, consequentemente, na porção da sua estrutura que já estava debaixo d´água, e o inevitável resultado foi arremessar-me, com irresistível violência, contra o cordame do outro.

Quando caí, o navio elevou-se e desceu, e depois mudou de direção, e atribuo à confusão que se seguiu o fato de ter escapado à atenção da tripulação. Com alguma dificuldade abri caminho sem ser percebido até a escotilha principal, que estava parcialmente aberta, e logo surgiu a oportunidade de me esconder no porão. Por qual razão fiz isso não sei dizer. Uma sensação indefinida de medo, que se apoderou do meu espírito à primeira vista dos navegantes da embarcação, talvez fosse o motivo de minha busca pelo esconderijo. Não estava desejoso de confiar-me a uma gente que aparentava, pelo rápido olhar que lhes lancei, tantos sinais de vaga estranheza, dúvida e preocupação. Portanto, achei conveniente arranjar um lugar no porão onde me esconder. E isso fiz removendo uma pequena parte do assoalho, de maneira a criar um conveniente esconderijo entre o cavername do navio.

Mal tinha acabado meu trabalho quando o ruído de passos no porão me forçou a utilizá-lo. Um homem passou perto do meu esconderijo, com

passos vacilantes e incertos. Não pude ver seu rosto, mas tive a oportunidade de observar sua aparência geral. Havia nela evidência de idade avançada e enfermidades. Seus joelhos vacilavam sob a carga dos anos, e todo o corpo estremecia diante do peso. Ele murmurava consigo mesmo, em tom baixo e entrecortado, algumas palavras numa língua que não conseguia entender, e foi às apalpadelas até um canto onde havia uma pilha de instrumentos de aparência singular e cartas de navegação apodrecidas. Seus modos eram uma mistura da rabugice da segunda infância e da solene dignidade de um deus.

Ele finalmente voltou ao convés e não o vi mais. Um sentimento, para o qual não tenho nome, apossou-se de minha alma: uma sensação que não permitirá nenhuma análise, para a qual as lições de tempos passados são inadequadas, e para a qual temo que a posteridade não me oferecerá uma chave. Para um espírito constituído como o meu, esta última consideração é um infortúnio.

Não ficarei nunca – sei que não ficarei nunca – satisfeito no que diz respeito à natureza das minhas concepções. Contudo, não é de estranhar que essas concepções sejam indefinidas, já que têm sua origem em fontes tão claramente inéditas. Um novo sentido, uma nova entidade, foram acrescentados à minha alma.

Já faz muito que primeiro pisei no convés desse terrível navio, e os raios do meu destino, parece, estão convergindo para um foco. Homens incompreensíveis! Envolvidos em meditações de um tipo que não consigo decifrar, eles passam por mim despercebidos de minha presença. Esconder é pura loucura da minha parte, pois essa gente não vai me ver. Pois agora mesmo passei diretamente diante dos olhos do imediato. Não fazia muito tempo que me aventurara na cabine pessoal do capitão, e de lá retirei os materiais com os quais escrevo e tenho escrito. De tempos em tempos continuarei a fazer este diário. É verdade que talvez não terei a oportunidade

de transmiti-lo ao mundo, mas não deixarei de fazer a tentativa. No último momento enfiarei o manuscrito numa garrafa, e jogarei no mar.

Ocorreu um incidente que me deu novas razões para reflexão. E são essas coisas obra de um acaso desenfreado? Tinha me aventurado a subir ao convés e me estendido no chão, sem atrair nenhuma atenção, entre uma pilha de cabos de mastros e antigo velame no fundo do escaler. Enquanto refletia sobre a peculiaridade do meu destino, involuntariamente sujei com uma brocha de aplicar alcatrão as beiradas de uma vela auxiliar cuidadosamente dobrada e que estava perto de mim sobre uma barrica. A vela auxiliar agora está meio estendida sobre o navio, e as pinceladas involuntárias formam a palavra “descoberta”.

Eu tinha feito ultimamente várias descobertas sobre a estrutura do navio. Embora bem armado, penso que não é um navio de guerra. O cordame, a configuração, o equipamento em geral, tudo rejeita uma suposição nesse sentido. O que ele não é percebo com facilidade, o que ele é temo ser impossível dizer. Não sei como, mas examinando com cuidado seu modelo estranho e a forma singular dos mastros, seu volume enorme, o exagerado conjunto de velas, a proa estritamente simples, e a popa antiquada, ocasionalmente me vem à mente uma sensação de coisas familiares, sempre misturadas a sombras indistintas da memória, uma inexplicável recordação de velhas crônicas estrangeiras e tempos há muito passados.

Tenho estado a examinar o madeiramento do navio. Ele é construído com um material que desconheço. A madeira tem uma característica peculiar que me choca como inadequada para a finalidade com que foi usada. Quero dizer, sua extrema porosidade, considerada independentemente da ação dos vermes que é uma consequência da navegação nestes mares e à parte da podridão provocada pela idade. Talvez possa parecer observação um pouco exagerada, mas esta madeira tem todas as características do carvalho

espanhol, se o carvalho espanhol pudesse ser distendido por meios não naturais.

Ao reler a frase acima, uma curiosa máxima de um velho e curtido navegador holandês vem nitidamente à minha lembrança: “É tão verdade”, ele tinha o costume de dizer, quando surgia alguma dúvida sobre sua veracidade, “como é verdade que há um mar onde o navio cresce em tamanho, como o corpo vivo do marinheiro”.

Há cerca de uma hora atrevi-me a me intrometer num grupo de tripulantes. Não me deram nenhuma atenção, e embora eu estivesse bem no meio deles, pareceram inteiramente ignorantes da minha presença. Como aquele que tinha visto pela primeira vez no porão, todos mostravam marcas de uma velhice avançada. Seus joelhos tremiam de debilidade; os ombros eram encurvados por causa da velhice extrema; as peles enrugadas abanavam ao vento; as vozes eram baixas, trêmulas e entrecortadas; os olhos brilhavam com a remela dos anos; os cabelos grisalhos esparramam-se desgrenhados na tempestade. E á volta deles, por toda parte do convés, espalhavam-se instrumentos matemáticos da mais estanha e obsoleta construção.

Já falei há algum tempo do envergar de uma vela auxiliar. Desde então o navio, impelido pelo vento, continuou seu curso assustador em direção ao sul, com todas as velas enfunadas, desde o topo dos mastros até as retrancas das velas auxiliares mais baixas, e girando a todo instante as vergas das velas superiores no mais apavorante inferno de água que a mente do homem pode imaginar.

Eu tinha acabado de deixar o convés, onde achei impossível manter o equilíbrio, embora a tripulação não pareça demonstrar esse inconveniente. Parece-me ser o milagre dos milagres o fato de nosso imenso casco não ter sido tragado imediatamente e para sempre. Estamos com certeza condenados a pairar à beira da Eternidade sem jamais darmos o mergulho final no abismo. Dos vagalhões mil vezes mais portentosos do que quaisquer outros

que já tenha visto, deslizamos com a facilidade da gaivota em forma de seta; e as vagas colossais erguem suas cristas acima de nós como demônios das profundezas, mas como demônios circunscritos a simples ameaças e proibidos de destruir. Sou levado a atribuir essas frequentes escapadas à única causa natural que pode explicar tal efeito. Devo supor que o navio está sob a influência de alguma forte corrente, ou de um impetuoso arrastão subterrâneo.

Vi o capitão frente a frente, na sua cabine particular, mas como suspeitava, ele não me deu atenção. Embora em sua aparência não haja nada, para um observador fortuito, que possa indicá-lo como sendo superior ou inferior a um ser humano, um sentimento de irreprimível reverência e de espanto misturaram-se com a sensação de assombro com que o contemplei. Sua altura é quase igual à minha, isto é, pouco mais de 1,70 m. É de compleição rígida e compacta. Mas é a singularidade da expressão que domina seu rosto, é a intensa, a maravilhosa e excitante evidência de velhice, tão expressiva, tão extrema, que suscita no meu espírito uma sensação... um sentimento indescritível. Sua testa, embora um pouco enrugada, parece mostrar, gravado nela, o peso de uma miríade de anos. Seus cabelos grisalhos são registros do passado, e os olhos ainda mais cinzentos são pitonisas do futuro.

O chão da cabine estava atulhado de fólios com fechos de ferro, e mofados instrumentos científicos, e mapas obsoletos e há muito esquecidos. Sua cabeça estava abaixada e segurada pelas mãos, e ele olhava atentamente, com olhos inquietos e flamejantes, para uma folha de papel, que imaginei ser um comissionamento e que, de qualquer modo, trazia a assinatura de um monarca. Murmurava consigo mesmo, como fez o primeiro homem que vi no porão, algumas sílabas, de forma baixa e rabugenta, de uma língua estrangeira, e embora estivesse perto do meu cotovelo, sua voz parecia chegar a mim vinda da distância de uma milha.

O navio e tudo que há nele estão imbuídos do espírito do Passado. A tripulação desliza de um lado a outro como fantasmas de séculos sepultados. Seus olhos têm uma expressão impaciente e inquieta, e quando seus dedos, à minha passagem, caem no clarão cru das lanternas de emergência, sinto-me como nunca me senti na vida, embora tenha sido durante toda minha existência um negociante de antiguidades, e tenha absorvido as sombras das colunas caídas de Balbec, e Tadmor, e Persépolis, até minha própria alma se tornar uma ruína.

Quando olho em torno de mim me sinto envergonhado dos meus temores anteriores. Se tremi diante da tempestade que até agora nos acompanhou, não deveria eu ficar horrorizado diante do estado de guerra entre vento e oceano, para dar uma ideia da guerra, guerra diante da qual as palavras tornado e simum são banais e incapazes de descrever? Tudo, na vizinhança imediata do navio, é a escuridão da noite eterna, e um caos da água sem espuma. Mas a cerca de uma légua de nós, de cada lado, podem ser vistos, indistintamente e a intervalos, enormes muralhas de gelo, alçando-se para o céu desolado, e parecendo as do universo.

Como pensei, fica claro que o navio está numa corrente, se esse nome pode ser apropriadamente dado a uma maré que, uivando e gritando pela brancura do gelo, avança trovejando para o sul com uma velocidade como a precipitação de uma catarata.

Imaginar o horror de minhas sensações é, eu presumo, claramente impossível. Contudo, uma curiosidade de penetrar os mistérios dessas regiões medonhas predomina até sobre meu desespero, e vai me reconciliar com o aspecto mais hediondo da morte. É evidente que estamos correndo na direção de alguma revelação empolgante, um segredo que nunca será compartilhado, e cuja revelação significa destruição. Talvez essa corrente nos leve até o próprio Polo Sul. É preciso confessar que uma suposição aparentemente tão fantástica tem todas as probabilidades a seu favor.

A tripulação percorre o convés com passo inquieto e trêmulo, mas há no semblante de cada um uma expressão que exprime mais a avidez da esperança do que a apatia do desespero.

Nesse meio tempo o vento ainda sopra na nossa popa, e como temos numerosas velas, o navio às vezes é erguido pesadamente fora d'água. Oh, horror sobre horror! O mar abre-se de repente do lado direito, e do lado esquerdo, e estamos rodopiando vertiginosamente em imensos círculos concêntricos, em volta das margens de um gigantesco anfiteatro, de paredes cujo topo se perde na escuridão e na distância. Mas pouco tempo me restará para refletir sobre o meu destino – os círculos rapidamente se estreitam, e estamos mergulhando loucamente nas garras do turbilhão. E entre o rugir, o clamor e o trovejar do oceano e da tempestade, o navio está estremecendo, oh meu Deus! E afundando.

Nota do Autor— O "Manuscrito encontrado numa garrafa" foi originalmente publicado em 1831 (ou 1833), e foi só muito tempo depois que tomei conhecimento dos mapas de Mercator, nos quais o oceano é representado como a correr, por quatro bocas, para dentro do Abismo Polar (ao norte), de modo a ser engolido pelas entranhas da Terra; o próprio Polo é representado por uma rocha negra, que se eleva a uma prodigiosa altura.

Uma descida no Maelström

Os caminhos de Deus na Natureza, como na Providência, não são os nossos caminhos, nem são os modelos que nós concebemos de modo algum comparáveis à vastidão, à profundeza, e à impenetrabilidade de Suas obras, as quais contêm em si uma profundidade maior que o poço de Demócrito[15].

Joseph Glanvill

15. Referência à frase “A verdade jaz no fundo de um poço”, atribuída a Demócrito. (N. do T.) ↩

Agora tínhamos chegado ao cume do mais alto rochedo. Durante alguns minutos, o velho pareceu muito exausto para poder falar.

— Não faz muito tempo — ele falou finalmente —, e eu poderia tê-lo guiado por esta trilha tão bem quanto o mais novo dos meus filhos. Mas há cerca de três anos aconteceu-me um fato que nunca antes tinha acontecido a um mortal – ou pelo menos nenhum homem o sobreviveu para contar – e as seis horas de completo terror que experimentei destroçaram meu corpo e minha alma. O senhor julga-me um homem muito velho, mas não sou. Não levou mais de um dia para esses cabelos mudarem de um preto como ébano para branco, para enfraquecer meus membros, para debilitar meus nervos, de modo que tremo diante do menor esforço, e tenho medo de uma sombra. Sabe que mal consigo olhar por esta pequena falésia sem sentir vertigem?

A "pequena falésia" – sobre cuja borda ele se deixara cair tão displicentemente para descansar que a parte mais pesada de seu corpo ficou pendente, e onde a única coisa que o impedia de despencar era a estabilidade mantida pelo cotovelo apoiado sobre a beirada extrema e escorregadia –, essa "pequena falésia" erguia-se como um precipício de rocha negra luzidia e completamente liso, a cerca de mil e quinhentos ou mil e seiscentos pés acima da profusão de rochedos debaixo de nós. Nada seria capaz de me tentar ficar a meia dúzia de jardas da sua beirada. Na verdade, eu estava tão completamente perturbado diante da perigosa posição de meu companheiro, que me estiquei no chão, agarrei os arbustos à minha volta, e não ousei sequer erguer os olhos para o céu, enquanto lutava em vão para afastar a ideia de que as bases da montanha corriam perigo diante da fúria dos ventos. Demorou para que pudesse recuperar coragem suficiente para sentar-me e olhar ao longe.

— O senhor precisa vencer esses caprichos — falou o guia —, pois o trouxe aqui para que pudesse ter a mais completa vista possível do cenário em que ocorreu aquele evento que mencionei, e para lhe contar a história completa com o local justamente diante dos seus olhos.

— Estamos agora — ele continuou, daquele jeito minucioso que o caracterizava —, estamos agora bem perto da costa da Noruega, a sessenta e oito graus de latitude, na grande província de Nordland, e no melancólico distrito de Lofoden. A montanha em cujo topo estamos é a Helseggen, ou a Nublada. Agora erga-se mais um pouco, agarre-se ao capim se se sentir tonto, assim, e olhe além da faixa de vapor debaixo de nós, para o mar.

Olhei, sentindo vertigem, e contemplei uma vasta porção do oceano, cujas águas tinham uma coloração tão escura que imediatamente me veio à mente o relato do geógrafo núbio sobre o Mare Tenebrarum. Um panorama mais deploravelmente desolador nenhuma imaginação humana poderia conceber. À direita e à esquerda, tão longe quanto os olhos podiam alcançar, estendiam-se, como baluartes do mundo, fileiras de falésias horrivelmente negras e proeminentes, cuja natureza sombria era mais ainda realçada pela rebentação que esbatia contra eles sua crista de espuma branca horripilante, uivando e bramindo por toda a eternidade. Bem do outro lado do promontório em cujo cume estávamos, e a uma distância de oito e dez quilômetros mar a dentro, era visível uma pequena ilha de aparência desoladora, ou melhor dizendo, sua posição era discernível apenas através da profusão de ondas que a circundavam. A pouco mais de uns três quilômetros mais perto da terra, surgia outra de menor tamanho, horrivelmente pedregosa e árida, e circundada em vários intervalos por uma penca de rochas escuras.

A aparência do oceano, no espaço entre a ilha mais distante e a praia, tinha alguma coisa muito incomum. Embora, naquele momento, uma forte ventania marítima soprasse na direção da terra, a ponto de um brigue bem ao largo velejar com a proa virada contra o vento e fazendo constantemente o casco desaparecer de vista, não havia nada como um encrespar do mar, mas apenas um curto, rápido e nervoso marulhar jogando água para todas as direções, tanto contra como a favor do vento. Quanto à espuma, havia muito pouca, exceto na vizinhança imediata das rochas.

— A ilha mais distante — voltou a falar o velho — é chamada pelos noruegueses de Vurrgh. A que fica na metade da distância é Moskoe. Aquela uma milha ao norte é Ambaaren. Lá adiante estão Iflesen, Hoeyholm, Kieldholm, Suarven e Buckholm. Mais além, entre Moskoe e Vurrgh, estão Otterholm, Flimen, Sandflesen e Skarholm. Esses são os nomes verdadeiros dos lugares, mas por que foi considerado necessário dar nomes a todas as ilhas é coisa que nem o senhor nem eu conseguimos entender. Ouve alguma coisa? Vê alguma alteração na água?

Já estávamos agora a uns dez minutos no topo do Helseggen, para onde tínhamos subido através do interior de Lofoden, de modo que não tínhamos vislumbrado nada do mar até que ele surgiu de repente ali do cume. Enquanto o velho falava, percebi um som alto que aumentava gradualmente de intensidade, como o gemido de uma grande manada de búfalos numa pradaria americana. E nesse mesmo instante percebi que o que os marinheiros denominam como mar picado no oceano abaixo de nós, estava mudando rapidamente para uma corrente que ia na direção leste. E, enquanto eu a observava, a corrente atingiu uma velocidade absurda. E a cada momento a velocidade aumentava, e aumentava a impetuosidade vertiginosa. Em cinco minutos, o mar inteiro até Vurrgh passou a ser açoitado por uma fúria incontrolável, mas foi entre Moskoe e a costa que a turbulência se concentrou. Ali, a vastidão do leito das águas, picado e agitado por mil correntes conflitantes, irrompia de repente em convulsões frenéticas, subindo e descendo, borbulhando e assoviando, revolvendo-se em vórtices gigantescos e incontáveis, e tudo rodopiando e arremessando-se para o leste com uma rapidez que água nenhuma assume em nenhum lugar, a não ser quando se precipita em quedas vertiginosas.

Poucos minutos, depois aconteceu no cenário outra alteração radical. A superfície do mar, no todo, ficou um pouco mais lisa, e os turbilhões, um a um, desapareceram, enquanto enormes manchas de espuma como faixas surgiram onde antes não se vira nenhuma. Estas faixas, por fim, espalhando-

se por grande distância, e formando combinações, adquiriram o movimento giratório dos vórtices que tinham amainado, e pareceram formar o embrião de outro, mais vasto. Repentinamente, muito repentinamente, o embrião assumiu uma existência distinta e definida, num círculo de meia milha de diâmetro. A beirada do turbilhão era representada por um largo cinturão de espuma luminosa, mas nenhuma partícula do cinturão escorregava para a boca do terrível fosso, cujo interior, até onde a vista alcançava, era uma parede de água lisa, brilhante e completamente negra, inclinada para o horizonte num ângulo de cerca de quarenta e cinco graus, acelerando vertiginosamente, e girando e girando, num movimento vacilante e sufocante, e lançando aos ventos uma voz pavorosa, metade guincho e metade berro, como nem mesmo as poderosas cataratas do Niágara jamais elevaram ao céu em sua agonia.

A montanha tremia em sua base, e a rocha estremecia. Atirei-me de rosto no chão, e agarrei o capim ralo num excesso de agitação.

— Isto — eu falei finalmente para o velho —, isto só pode ser o grande turbilhão do Maelström.

— É como às vezes é chamado — ele falou. — Nós, noruegueses, o chamamos de Moskoeström, pela presença da ilha de Moskoe no meio.

Os costumeiros relatos sobre este vórtice de modo algum me tinham preparado para o que eu via. O de Jonas Ramus, que talvez seja o mais detalhado de todos, não consegue transmitir a mais vaga noção, quer da magnificência quer do horror da cena, ou da completa sensação desconcertante de novidade que confunde quem a contempla, Não tenho certeza de que ponto de vista o autor em questão a observou, nem a que horas, mas não deve ter sido do topo do Helseggen, nem durante uma tempestade. Há algumas passagens da descrição, contudo, que podem ser citadas por seus detalhes, embora seu efeito seja extremamente decepcionante na transmissão de uma impressão do espetáculo.

— Entre Lofoden e Moskoe — ele diz —, a profundidade da água fica entre trinta e seis e quarenta braças; mas do outro lado, na direção de Verr (Vurrgh), essa profundidade diminui de modo a não permitir a passagem tranquila de um barco, sem o risco de chocar-se contra as rochas, o que costuma ocorrer até no tempo mais calmo. Quando há maré cheia, o fluxo de água sobe de forma incontrolada pela terra entre Lofoden e Moskoe, mas o estrondo do impetuoso refluxo da água de volta ao mar raramente é igualado pelas mais ruidosas e pavorosas cataratas; o barulho é ouvido a várias léguas de distância, e os vórtices ou fossos são de tal extensão e profundidade que, se um navio se aproximar da sua força de atração, será inevitavelmente tragado e arrastado para o fundo, e lá feito em pedaços nos choques contra as rochas; e quando a água se acalmar os destroços serão expelidos à superfície. Mas esses intervalos de tranquilidade só ocorrem no momento em que a maré fica estacionária, e em tempo calmo, e não duram mais do que um quarto de hora, com a violência gradualmente diminuindo. Quando a corrente é mais turbulenta, e sua fúria é ampliada por uma tempestade, é perigoso aproximar-se a menos de uma milha norueguesa dela. Barcos, iates e navios já foram arrastados por não terem tomado cuidado antes de ficarem ao seu alcance. Da mesma forma acontece frequentemente de baleias se aproximarem muito da corrente, e serem tragadas por sua violência, e então é impossível descrever seus bufos e rugidos em seus infrutíferos esforços para se libertarem. Um urso, uma vez, tentando nadar de Lofoden para Moskoe, foi apanhado pela corrente e arrastado para o fundo, ao mesmo tempo em que urrava terrivelmente, a ponto de ser ouvido na praia. Grandes troncos de abetos e pinheiros, após terem sido tragados pela corrente, surgem de novo quebrados e rachados em tal proporção que é como se neles tivessem crescido cerdas. Isso mostra claramente que o fundo é formado por rochas pontiagudas, contra as quais eles são jogados continuamente. A corrente é regulada pelo fluxo e refluxo do mar, formando maré alta e baixa a cada seis horas. No ano de 1645, logo cedo no domingo

da Sexagésima, ela irrompeu com tanto barulho e impetuosidade que até as pedras das casas na costa rolaram para o chão.

— Quanto à profundidade da água, não entendi como ela pode ter sido estimada imediatamente após o turbilhão. As “quarenta braças” devem se referir apenas a partes do canal bem perto das praias ou de Moskoe ou de Lofoden. A profundidade no centro do Moskoe-ström deve ser incomensuravelmente maior, e não é necessária nenhuma comprovação melhor desse fato do que uma olhadela de soslaio no abismo do rodopio a partir do rochedo mais alto de Helseggen. Olhando do topo para o ululante Phlegethon lá em baixo, não pude deixar de sorrir diante da simplicidade com que o honesto Jonas Ramus relata, como fatos difíceis de acreditar, casos de baleias e ursos, pois a mim pareceu na realidade uma coisa evidente por si só que o maior dos navios de linha existente, ao chegar na área de influência daquela mortífera atração, poderia resistir-lhe tanto quanto uma pena resiste ao furacão, devendo desaparecer completamente e no mesmo instante.

As tentativas de explicar este fenômeno, algumas das quais, me lembro, pareceram-me suficientemente plausíveis quando as li com atenção, agora assumiam um aspecto insatisfatório muito diferente. A ideia geralmente difundida é que este, da mesma forma que os três turbilhões menores entre as Ilhas Feroe, “não tem outra causa do que o choque de ondas subindo e descendo, como fluxo e refluxo, contra uma crista de rochas e depressões, que confinam a água de modo a fazê-la precipitar-se como uma catarata. Assim, quanto mais a maré sobe, mais profunda deve ser a queda, e o resultado natural de tudo é um turbilhão ou vórtice, cuja portentosa sucção é suficientemente conhecida por meio de experiências menores”. Essas são as palavras da *Encyclopædia Britannica*. Kircher e outros imaginam que no centro do canal do Maelström existe um abismo atravessando o globo, saindo em alguma parte bastante remota, e numa ocasião o Golfo de Bótnia foi taxativamente indicado como o lugar. Tal opinião, que não tinha

fundamento, foi aquela com a qual, quando observei a cena, minha imaginação prontamente concordou, e ao mencioná-la para o guia, surpreendeu-me ouvi-lo dizer que, embora esse fosse o entendimento quase universalmente aceito pelos noruegueses sobre o assunto, não era o seu. Quanto à noção anterior, ele confessou sua incapacidade para compreendê-la, e nesse caso concordei com ele, pois embora convincente no papel, ela se tornava completamente ininteligível, e até absurda, no meio do retumbar do abismo.

— O senhor agora já teve uma boa visão do turbilhão — disse o velho —, e se puder rastejar em torno do rochedo, de modo a ficar protegido contra a vento e abafar o rugido do mar, vou contar-lhe uma história que o convencerá de que devo saber alguma coisa sobre o Moskoe-Ström.

Coloquei-me do modo indicado, e ele prosseguiu.

— Eu e meus dois irmãos uma vez tivemos uma embarcação armada como escuna de dois mastros, de umas setenta toneladas, com a qual costumávamos pescar entre as ilhas além de Moskoe, perto de Vurrgh. Em todos os violentos turbilhões do mar a pesca é boa, nas ocasiões certas, se se tem a coragem de tentar, mas entre todos os pescadores da costa de Lofoden, nós três éramos os únicos que tínhamos como negócio ir até as ilhas, estou lhe dizendo. As áreas de pesca habituais são muito mais profundas mais ao sul. Lá o peixe pode ser pescado a qualquer hora, sem muito risco, e por isso esses lugares são os preferidos. Mas os pesqueiros aqui entre as rochas, contudo, não apenas contêm as espécies mais valiosas e em maior abundância, de modo que geralmente nós conseguíamos pescar num dia o que outros pescadores mais medrosos não conseguiam reunir juntos numa semana. De fato, transformamos isso num negócio desenfreado, fazendo o risco de vida substituir o trabalho, e com a coragem respondendo pelo capital.

— Nós mantínhamos a embarcação numa enseada umas cinco milhas mais acima desta, e era nosso costume, com bom tempo, aproveitar os quinze

minutos entre as marés para atravessar o canal principal do Moskoe-Ström, bem além do abismo, e então lançar âncora em alguma parte perto de Otterholm, ou Sandflesen, onde os turbilhões não são tão violentos como em outras partes. Lá costumávamos ficar até quase a hora de as águas se acalmarem de novo, quando levantávamos âncora e voltávamos para casa. Nós nunca nos lançávamos nesta expedição sem um vento firme de través para ir e vir, vento que confiávamos que não nos faltaria antes do retorno, e raramente errávamos o cálculo. Duas vezes, durante seis anos, fomos forçados a permanecer toda a noite fundeados em virtude de calmaria, o que é coisa bem rara nessas partes. Uma vez tivemos que permanecer nos pesqueiros quase uma semana, mortos de fome, em virtude de um furacão que irrompeu pouco depois de nossa chegada, e fez o canal ficar turbulento demais para ser enfrentado. Nessa ocasião poderíamos ter sido arrastados para mar alto apesar de tudo (pois os turbilhões nos faziam rodopiar tão violentamente que, finalmente, enroscamos a âncora e começamos a desgarrar), não fosse termos sido jogados numa das inúmeras correntes cruzadas, que aparecem hoje e desaparecem amanhã, que nos levou para um abrigo do vento em Flimen, onde para nossa sorte conseguimos fundear.

— Eu não seria capaz de lhe contar a vigésima parte das dificuldades por que passamos “no pesqueiro”, que sempre é um mal lugar onde estar mesmo em tempo bom, mas sempre conseguimos dar um jeito de enfrentar o separação indevida sem acidentes, embora às vezes eu tenha ficado com o coração na boca quando acontecia de estarmos adiantados ou atrasados por volta de um minuto em relação ao intervalo entre as marés. O vento nem sempre era tão forte quanto acháramos no início, e então avançávamos muito menos do que queríamos, enquanto a corrente tornava a embarcação incontrolável. Meu irmão mais velho tinha um filho de dezoito anos, e eu mesmo tinha dois rapazes bem fortes. Eles teriam sido de grande ajuda naquelas horas, no uso dos remos, ou depois na pescaria, mas embora nós mesmos corrêssemos riscos, de alguma forma, não tínhamos coragem de

deixar os mais jovens enfrentar o perigo, pois, no final das contas, era um terrível perigo, e essa é a verdade.

— Agora faltam poucos dias para completar três anos que aconteceu o que estou contando. Foi no dia 10 de julho de 18--, um dia que os habitantes desta parte do mundo nunca vão esquecer, pois foi o dia em que soprou o mais terrível furacão que já irrompeu dos céus. E, no entanto, durante toda a manhã e até o final da tarde, soprou uma brisa suave e contínua, vinda de sudoeste, enquanto o sol brilhava resplandecente, de tal forma que o mais experiente marinheiro dentre nós não poderia antever o que estava por acontecer.

— Nós três, meus dois irmãos e eu, tínhamos feito a travessia até as ilhas por volta de 2 horas da tarde, e rapidamente enchêramos a embarcação com ótimo peixe, que naquele dia era mais abundante como jamais tínhamos visto. Eram exatamente sete horas, pelo meu relógio, quando levantamos âncora e partimos para casa, de modo a fazer a travessia da parte pior do Ström em águas calmas, que sabíamos ocorria às oito.

— Zarpamos com vento fresco pelo través de estibordo, e durante algum tempo velejamos a grande velocidade, sem pensar em perigo, pois na verdade não víamos nenhuma razão para ficarmos apreensivos. Mas de repente fomos surpreendidos por uma brisa vinda de Helseggen. Isso era muito incomum, algo que nunca nos tinha ocorrido antes, e comecei a me sentir um pouco preocupado, sem saber exatamente por quê. Colocamos a proa para o vento, mas não conseguíamos avançar por causa dos turbilhões, e eu estava a ponto de sugerir que voltássemos para o ancoradouro, quando, olhando para a popa, vimos todo o horizonte coberto por uma estranha nuvem cor de cobre, que subia com uma velocidade extraordinária.

— Nesse meio tempo a brisa que nos conduzia desapareceu, e ficamos numa calmaria absoluta, derivando em todas as direções. Esse estado de coisas, contudo, não demorou muito para nos dar tempo de pensar. Em menos de um minuto a tempestade caiu sobre nós, e em menos de dois o

céu ficou completamente coberto, e por isso ou pela espuma que se levantava, tudo de repente ficou tão escuro que não conseguíamos ver-nos na embarcação.

— Seria loucura tentar descrever o furacão que então se abateu sobre nós. O mais velho dos marinheiros da Noruega jamais tinha experimentado uma coisa como aquela. Tínhamos soltado todas as velas antes que o furacão caísse em cheio sobre nós. Mas ao primeiro sopro do vento, os dois mastros foram lançados pela amurada, com o principal levando consigo meu irmão mais novo, que tinha se amarrado a ele por segurança.

— Nossa embarcação parecia a mais leve pluma que alguma vez se assentara sobre as águas. Tinha um convés corrido, com uma única pequena escotilha junto à proa. Era nosso costume sempre mantê-la fechada quando nos preparávamos para cruzar o Ström, como precaução contra mares encapelados. Não fosse esta circunstância teríamos imediatamente afundado, pois ficamos completamente cobertos de água por alguns momentos. Como meu irmão mais velho escapou da morte não sei dizer, pois nunca tive a oportunidade de procurar saber. Da minha parte, tão logo soltei a vela do mastro da proa, estirei-me de bruços no convés, com os pés contra a estreito amurada e com minhas mãos agarrando o anel da âncora, junto ao pé do mastro da proa. Foi mero instinto o que me fez fazer isso, que sem dúvida foi a melhor coisa que eu poderia ter feito, pois estava completamente desorientado para pensar.

— Durante alguns momentos ficamos completamente submersos, como falei, e nesse tempo todo prendi minha respiração, e agarrei-me ao anel. Quando já não podia aguentar mais, fiquei de joelhos, ainda me agarrando com as mãos, e assim pude colocar a cabeça fora d´água. Nessa hora nossa pequena embarcação estremeceu, da mesma forma que os cachorros se sacodem quando saem da água, e conseguiu, até certo ponto, liberar-se e endireitar-se. Eu estava então tentando afastar o estupor que se apossara de mim, e recobrar os sentidos para avaliar o que poderia ser feito,

quando senti alguém agarrar meu braço. Era meu irmão mais velho, e meu coração deu um salto de alegria, pois tinha certeza de que ele tinha sido lançado fora do barco, mas no momento seguinte a alegria foi transformada em horror, pois ele colocou a boca junto ao meu ouvido e gritou a palavra "Moskoe-Ström!"

— Ninguém nunca saberá o que senti nesse momento. Tremi dos pés à cabeça, como se tivesse tido o mais violento ataque de maleita. Eu sabia muito bem o que ele queria dizer com aquela palavra, sabia o que ele queria que eu entendesse. Com o vento que agora nos lançava à frente estávamos indo diretamente para o turbilhão do Ström, e nada poderia nos salvar!

— O senhor percebe que para atravessar o canal do Ström sempre navegávamos por uma longa rota acima do turbilhão, mesmo no tempo mais calmo, e depois tínhamos de esperar e observar cuidadosamente o mar calmo entre as marés, mas naquela altura estávamos indo diretamente para o abismo, e debaixo de um furacão daqueles! "Com certeza", pensei, "deveremos chegar lá bem no momento de mar calmo, e ainda há uma esperança". Mas no momento seguinte me amaldiçoei por ser um tolo e sonhar com esperança. Eu sabia muito bem que estávamos condenados, mesmo que nossa embarcação fosse dez vezes maior do que uma de noventa peças de artilharia.

— Nessa altura a fúria inicial da tempestade tinha passado, ou talvez não a sentíssemos tanto, por navegarmos com ela pela popa, mas fosse como fosse, as águas, que a princípio tinham sido amainadas pelo vento, e estavam calmas e cobertas de espuma, então se levantaram em catadupas d´água. Uma alteração estranha também tinha acontecido no céu. Em todas as direções estava negro como breu, mas quase acima de nós surgiu de repente uma brecha de céu limpo, de um azul escuro brilhante, como jamais vi, e nela apareceu uma lua resplandecente, com um fulgor que nunca tinha observado. Ela iluminava tudo ao nosso redor com a maior nitidez, mas Ó Deus, que cena havia para ser iluminada!

— Fiz então uma ou duas tentativas de falar com meu irmão, mas por uma razão que não conseguia entender, o barulho aumentara tanto que não o fiz ouvir uma única palavra, embora eu gritasse o mais alto possível junto a seu ouvido. Imediatamente ele abanou a cabeça, parecendo pálido como a morte, e levantou um dedo como quem diz: “Ouça!”

— De início não consegui perceber o que ele queria dizer, mas logo um pensamento horrível assaltou minha mente. Puxei a corrente e olhei meu relógio. Estava parado. Olhei para o mostrador iluminado pelo luar, e então rompi em choro ao mesmo tempo que atirei o relógio no mar. Ele tinha parado às sete horas! Estávamos atrasados em relação ao mar calmo entre as marés e o turbilhão do Ström estava a plena fúria.

— Quando um barco é bem construído, tem velame e vergas apropriadamente dispostos e não porta carga excessiva, as ondas, em uma forte ventania, com a embarcação a todo pano, parecem sempre brotar de sob o casco – o que parece muito estranho para um homem de terra –, e a isso damos o nome de vogar, na linguagem dos marinheiros.

— Bem, até aquela hora tínhamos cavalgado as ondas muito destramente, mas logo aconteceu de uma onda gigantesca nos apanhar bem antes da concavidade da popa e erguer-nos, quando se elevou, cada vez mais para cima, como se rumasse para os céus. Eu não seria capaz de acreditar que uma onda pudesse se erguer tão alto. Depois caímos com uma guinada, um deslizamento, e um mergulho, que me fez ficar enjoado e tonto, como se estivesse caindo do topo de uma montanha alta num sonho. Mas enquanto estávamos erguidos lancei uma rápida olhadela em volta, e essa olhadela foi suficiente. Percebi então nossa exata posição num instante. O turbilhão do Moskoe-Ström estava exatamente a um quarto de milha à nossa frente, mas tão pouco parecido com o Moskoe-Ström de todos os dias quanto o turbilhão que o senhor agora vê se parece com a corrente que faz girar a roda de um moinho. Se eu não soubesse onde estávamos, e o que podíamos esperar, de

jeito nenhum teria reconhecido o lugar. Então, fechei involuntariamente os olhos, horrorizado. As pálpebras se apertaram, como num espasmo.

— Não podia ter demorado mais do que dois minutos quando as ondas se acalmaram, e ficamos envolvidos em espuma. A embarcação deu uma súbita meia volta para bombordo e disparou na nova direção como um relâmpago. No mesmo momento o rugido da água foi completamente abafado por uma espécie de guinchado agudo, – para ter uma ideia, imagine o som produzido pelas válvulas de muitos milhares de navios a vapor deixando sair a pressão todas ao mesmo tempo. Estávamos então no cinturão de rebentação que sempre contorna o turbilhão, e pensei, naturalmente, que mergulharíamos no abismo, cujo fundo só podíamos ver indistintamente em virtude da espantosa velocidade com que éramos impelidos. A embarcação não parecia de modo algum afundar, mas deslizava como uma bolha de ar na superfície da onda. O lado de estibordo estava junto ao turbilhão, e a bombordo erguia-se o oceano do qual saíramos. Ele parecia uma imensa parede contorcendo-se entre nós e o horizonte.

— Pode parecer estranho, mas nessa hora, quando ainda estávamos na boca do turbilhão, senti-me mais tranquilo do que quando apenas nos aproximávamos dele. Tendo decidido a não ter mais esperança, liberei-me bastante daquele terror que de início se abateu sobre mim. Suponho que foi o desespero que retesou meus nervos. Pode parecer que estou me gabando, mas o que conto é a verdade, e comecei a pensar em como seria magnífico morrer daquela maneira, e como era tolice pensar em considerações tão mesquinhas como a minha vida individual diante de tão maravilhosa demonstração do poder de Deus. Acredito até que tenha corado de vergonha quando esta ideia passou pela minha mente. Depois de um breve instante, fui possuído pela mais intensa curiosidade sobre o turbilhão. Senti um genuíno desejo de explorar suas profundezas, mesmo diante do sacrifício que iria fazer, e meu maior pesar é que nunca poderia contar a meus velhos companheiros de terra os mistérios que veria. Tudo isso sem dúvida eram

estranhos devaneios a ocupar a mente de um homem numa situação tão extrema. E pensei muitas vezes desde então que as várias voltas do barco em torno do turbilhão podem ter me deixado um pouco delirante.

— Havia outra circunstância que tendia a me devolver o auto controle, aqui me refiro à cessação do vento, incapaz de nos alcançar em nossa presente situação, pois, como o senhor próprio viu, o cinturão da rebentação está consideravelmente mais baixo do que o nível geral do oceano, que agora se erguia muito acima de nós, como uma alta e negra cadeia de montanhas. Se o senhor nunca esteve no mar durante uma intensa tempestade, o senhor não pode formar uma ideia da sensação de confusão que o vento e o borrifo das ondas juntos provocam. Eles cegam, ensurdecem e nos sufocam, e retiram todo nosso poder de ação e reflexão. Mas naquela hora estávamos, em grande medida, livres desses aborrecimentos, da mesma forma que aos condenados à morte numa prisão são permitidas pequenas satisfações, que lhes eram negadas enquanto sua sina ainda era incerta.

— Quantas vezes fizemos o circuito daquele cinturão é impossível dizer. Ficamos dando voltas e voltas por talvez uma hora, mais voando do que flutuando, aproximando-nos gradualmente do meio da rebentação, e depois cada vez mais perto de seu horrível interior. Nesse tempo todo continuei agarrado ao anel da âncora. Meu irmão estava na popa, segurando um barril de água grande e vazio que tinha sido firmemente amarrado à gaiola da abertura do cano do leme, e era a única coisa no convés que não tinha sido arremessada pela amurada quando a tempestade nos atingiu. À medida que nos aproximávamos da beirada do fosso ele largou do barril e procurou o anel, do qual, na agonia do terror, tentou retirar minhas mãos, pois o anel não era largo o suficiente para permitir que nós dois o agarrássemos com firmeza. Nunca senti tristeza mais profunda do que quando o vi tentar essa ação, embora soubesse que ele estava enlouquecido quando o fez: era um maníaco delirante possuído pelo pavor. Contudo, não me dei ao trabalho de resistir. Pensei que não faria diferença se qualquer um de nós

segurasse o anel, e então o deixei agarrar, e fui até a popa para junto da barrica. Isso não foi difícil de fazer, pois a embarcação velejava com suficiente estabilidade, mantendo a quilha nivelada, limitando-se a balançar popa e proa para a frente e para trás por causa dos imensos vagalhões e o borrifar do turbilhão. Mal eu tinha me segurado em minha nova posição quando demos uma violenta guinada para estibordo, e nos precipitamos de proa na direção do abismo. Murmurei uma rápida prece a Deus e pensei que era o fim.

— Ao sentir o nauseante rodopio da descida, instintivamente agarrei a barrica mais firmemente, e fechei os olhos. Durante alguns segundos não ousei abri-los, enquanto esperava o fim imediato, e me admirei de não estar ainda me debatendo contra as águas. Mas os instantes foram passando. Eu continuava vivo. A sensação de queda tinha cessado, e o movimento do barco parecia ser o mesmo de antes, enquanto estava no cinturão de espuma, com a diferença de que agora singrava mais adernado. Tomei coragem e olhei novamente para a cena.

— Nunca vou esquecer a sensação de medo, de horror e de assombro com que olhei fixamente em torno de mim. A embarcação parecia estar suspensa, por efeito de alguma mágica, a meio caminho do fundo, na parte interior de um funil de grande circunferência, de descomunal profundidade, cujos lados perfeitamente lisos poderiam ser tomados por ébano, não fosse a desnorteante rapidez com que giravam, e pela radiação brilhante e fantasmagórica que refletiam, quando os raios da lua cheia, através da abertura circular entre as nuvens, e que já descrevi, incidiam num fluxo dourado radiante sobre os lados negros, descendo nos mais profundos recessos do abismo.

— De início eu estava muito confuso para observar qualquer coisa com precisão. A explosão geral de terrífica magnificência foi tudo o que consegui observar. Quando me recompus um pouco, contudo, meu olhar foi instintivamente para o fundo. Nessa direção consegui ter uma vista

desobstruída, por causa da posição como a embarcação estava suspensa na superfície inclinada do fosso. Ela seguia perfeitamente reta, isto é, seu convés ia num plano perfeitamente paralelo ao da água, mas essa se inclinava a um ângulo de mais de quarenta e cinco graus, de modo que parecíamos seguir adernados. Não pude evitar de observar, contudo, que não tinha mais dificuldade em me manter agarrado e de pé nessa situação do que se estivéssemos numa posição horizontal, e isso, suponho, era devido à velocidade com que girávamos.

— Os raios da lua pareciam procurar o próprio fim do profundo abismo, mas mesmo assim eu não conseguia distinguir nada com nitidez, por causa de uma espessa névoa em que tudo ali estava envolvido, e sobre a qual pairava um esplendoroso arco-íris, como aquela ponte estreita e vacilante que os muçulmanos dizem ser a única passagem entre o Tempo e a Eternidade. Esta névoa, ou espuma provocada pela rebentação, sem dúvida era produzida pelo choque dos grandes lados do funil, quando todos se encontravam no fundo, mas o rugido que se erguia aos céus provenientes daquela névoa eu não me atrevo a descrever.

— Nosso primeiro deslizar para o abismo propriamente dito, a partir do cinturão de espuma, nos tinha levado até uma grande distância declive abaixo, mas nossa descida final não foi de forma alguma proporcional. Íamos dando voltas e voltas, não com um movimento uniforme, mas com guinadas e solavancos vertiginosos, que nos impulsionavam algumas vezes umas poucas centenas de pés, e outras vezes quase o circuito completo do turbilhão. Nosso progresso para baixo, a cada volta, era moroso, mas muito perceptível.

— Observando ao redor de mim a grande vastidão de ébano líquido na qual éramos transportados, percebi que nossa embarcação não era o único objeto nas garras do turbilhão. Tanto acima quanto abaixo de nós eram visíveis destroços de navios, grande quantidade de madeira para construção e troncos de árvores, e objetos menores, como peças de móveis domésticos,

caixas quebradas, barricas e tábuas encurvadas de barris. Já descrevi a anormal curiosidade que tomou o lugar de meus temores iniciais. E que parecia crescer à medida que me aproximava mais e mais do meu terrível destino. Comecei então a observar, com estranho interesse, os inúmeros objetos que flutuavam em nossa companhia. Eu devia estar delirando, pois até encontrei divertimento em especular sobre as velocidades relativas de suas descidas rumo a espuma abaixo.

— Num certo momento percebi-me falando “este abeto certamente será a próxima coisa que vai dar o horrível mergulho e desaparecer”. E depois fiquei desapontado ao ver que os destroços de um navio mercante holandês o precederam e chegaram primeiro ao fundo. Finalmente, depois de várias especulações desse teor, e de ter-me enganado em todas, este fato, o erro de cálculo, me lançou numa linha de raciocínio que fez minhas pernas tremerem e o coração bater aos solavancos novamente.

— Não era um novo terror que assim me assaltava, mas o raiar de uma esperança mais excitante. Esta esperança surgiu parcialmente da memória, e parcialmente da minha atual observação. Recordei a grande variedade de material flutuante espalhados pela costa de Lofoden, depois de terem sido sugados e expelidos pelo Moskoe-Ström. De longe a grande maioria dos objetos estava quebrada da forma mais extraordinária, tão arranhados e encrespados que pareciam ter sido crivados de lascas, mas então me lembrei distintamente que também havia alguns deles que não tinham sido nada desfigurados. Ora, eu não sabia explicar essa diferença, a não ser supondo que os fragmentos mais crivados de lascas eram os únicos que tinham sido completamente sugados, ao passo que os outros tinham penetrado no turbilhão num período posterior da maré, ou, por alguma razão, tinham descido tão lentamente após a entrada que não alcançaram o fundo antes da mudança do fluxo de água, da preamar para a vazante, conforme o caso. Considerei possível, numa ou noutra circunstância, que eles poderiam ter sido elevados novamente ao nível do oceano, sem se submeter ao destino

dos que tinham sido atraídos mais cedo ou sugados mais rapidamente. Fiz, também, três importantes observações. A primeira foi que, como regra geral, quanto maiores eram os objetos, mais rápida era a descida; a segunda, que entre duas massas de igual volume, uma de forma esférica e outra de qualquer outro formato, a maior velocidade de descida era da esférica; a terceira, que entre duas massas de igual tamanho, uma cilíndrica e outra de qualquer outro formato, a cilíndrica era sugada de maneira mais lenta. Desde meu salvamento tive várias conversas sobre este assunto com um velho professor do distrito, e foi com ele que aprendi o uso das palavras "cilindro" e "esfera". Ele me explicou, embora eu tenha esquecido a explicação que o que eu tinha observado era, de fato, a consequência natural do formato dos objetos que flutuavam, e mostrou-me que um cilindro flutuando num turbilhão oferecia maior resistência à sucção e era sugado com maior dificuldade do que um objeto de igual volume, de que formato fosse.

— Houve uma circunstância surpreendente que contribuiu bastante para reforçar essas observações, e me fez ficar ansioso de levá-las em conta, isto é, o fato de que em cada giro passávamos por alguma coisa como um barril, ou talvez a ponta partida da verga do mastro de um navio, enquanto muitos desses objetos, que estavam no nosso nível quando primeiro abri os olhos para as maravilhas de um turbilhão, estavam agora muito acima de nós, e pareciam ter se movido pouco da sua posição original.

— Não hesitei mais sobre o que fazer. Decidi amarrar-me firmemente à barrica de água à que me agarrara, liberá-la da concavidade do leme, e lançar-me com ela na água. Chamei a atenção do meu irmão através de gestos, apontando para os barris flutuantes que chegavam perto de nós, e fiz tudo o que estava ao meu alcance para que ele pudesse entender o que eu estava prestes a fazer. Quando pensei que ele tinha entendido meu propósito, fosse esse o caso ou não, ele balançou a cabeça com desespero e se recusou a deixar sua posição junto ao anel da âncora. Era impossível obrigá-lo, a

urgência não admitia nenhuma demora, e assim, com dolorosa relutância, abandonei-o a seu destino, amarrei-me à barrica por meio das cordas que a prendiam à concavidade, e precipitei-me com ela no mar, sem mais um momento de hesitação.

— O resultado foi exatamente o que esperava. Dado que sou eu quem lhe faz este relato, e como vê eu me salvei, e como o senhor já sabe o modo pelo qual meu salvamento foi possível, e portanto pode antecipar o que ainda tenho para contar, vou concluir rapidamente o relato. Pode ter passado uma hora, ou em torno disso, desde que abandonara a embarcação, e tendo descido muito abaixo de onde eu estava, ela deu três ou quatro bruscas voltas em rápida sucessão, e, levando meu querido irmão, mergulhou de proa, imediatamente e para sempre, no caos de espuma do fundo. A barrica a que me amarrara mergulhou pouco mais do que a metade da distância entre o fundo do abismo e o local onde eu saltara ao mar, antes que uma grande alteração ocorresse na natureza do turbilhão. O declive dos lados do imenso funil começou instantaneamente a ficar cada vez menos íngreme. Os giros do turbilhão foram se tornando a cada vez menos violentos. Aos poucos a espuma e o arco-íris desapareceram, e o fundo do abismo pareceu elevar-se vagarosamente. O céu estava limpo, os ventos tinham amainado, e a lua cheia se punha, radiante, a oeste, quando me vi na superfície do oceano, com completa visão para as praias de Lofoden e acima do local onde o fosso do Moskoe-Ström estivera. Era a hora entre as marés, mas o mar ainda se movia aos vagalhões pelos efeitos do furacão. Fui violentamente arrastado para o canal do Ström e em poucos minutos fui arremessado na costa, nos “pesqueiros” Um barco me recolheu, exausto de fadiga, e (agora que o perigo tinha sido afastado) incapaz de falar diante da lembrança dos horrores. Os que me puxaram para bordo eram meus velhos colegas e companheiros do dia a dia, mas não me reconheceram como não reconheceriam um viajante chegado da terra dos espíritos. Meu cabelo, que era negro como azeviche no dia anterior, estava tão branco como o senhor vê

agora. Eles também dizem que toda a expressão da minha fisionomia tinha se alterado. Contei-lhes minha história, eles não acreditaram. Conto-a agora ao senhor, e dificilmente posso esperar que lhe dê mais crédito do que os alegres pescadores de Lofoden.

Uma história que inclui uma alegoria

Os deuses toleram e permitem aos reis
As coisas que abominam nos círculos da ralé.

A tragédia de Ferrex e Porrex – Thomas Norton; Thomas Sackville

Por volta da meia noite de um dia do mês de outubro, e durante o corajoso reinado do terceiro Eduardo, dois marinheiros da tripulação da *Free and Easy*, uma escuna mercante que ligava Sluys e o Tâmisa, e então ancorada neste rio, estavam extremamente admirados de se verem sentados no salão de uma cervejaria da paróquia de Saint Andrews, em Londres, cervejaria que ostentava como placa o retrato de um "Alegre Marujo".

O ambiente, embora mal arrumado e mal distribuído, esfumaçado e de teto baixo, em todos os demais aspectos obedecia a natureza geral de tais lugares naquela época, mas, na opinião dos grotescos grupos espalhados aqui e ali no seu interior, suficientemente bem adaptado para o que pretendia.

Desses grupos, nossos dois marinheiros formavam, penso eu, o mais interessante, senão o que chamava mais a atenção.

O que parecia ser o mais velho, e a quem seu companheiro se dirigia pelo característico apelido de Legs, era de longe o mais alto dos dois. Deveria medir seis pé e meio, e uma habitual curvatura dos ombros parecia ser a necessária consequência de uma estatura tão grande. O que tinha de sobra na atura, contudo, era mais do que compensado por deficiências em outros aspectos. Era extremamente magro, e quando bêbado poderia, conforme seus companheiros tinham garantido, fazer as vezes de um estandarte no topo do mastro, ou, quando sóbrio, servir de mastro da bujarrona. Mas essas graças, e outras de natureza similar, evidentemente nunca tinham produzido, em momento algum, qualquer efeito sobre os músculos do marinheiro que produzem risadas. De malares salientes, um amplo nariz recurvado, queixo retraído, maxilar inferior caído, e enormes olhos brancos saltados, a expressão de seu semblante, embora imbuída de uma espécie de teimosa indiferença a assuntos e coisas em geral, não era de modo algum menos séria e solene, além de todas as tentativas de imitação ou descrição.

O marinheiro mais jovem era, em toda a sua aparência, o oposto de seu companheiro. Sua estatura certamente não ultrapassava quatro pés. Um par de pernas arqueadas, lembrando cepos, suportavam o corpo socado e pesado, ao mesmo tempo que os braços, invulgarmente curtos e grossos, com punhos nada comuns nas extremidades, pendiam e balançavam ao lado do corpo, como as barbatanas de uma tartaruga. Os olhos pequenos, sem nenhuma cor em particular, cintilavam bem encovados no rosto. Seu nariz ficava enterrado na massa de carne que envolvia o rosto redondo, cheio e arroxeado. Seu grosso lábio superior se assentava no inferior ainda mais grosso com um ar de complacente satisfação consigo mesmo, e eram muito aumentados pelo hábito de seu possuidor de lambê-los a intervalos. Evidentemente ele encarava seu companheiro mais alto com um sentimento metade espanto, metade zombaria, e ocasionalmente o fitava como o rubro sol-poente fita os penhascos de Ben Nevis.

Várias e acidentadas, contudo, tinham sido as peregrinações deste respeitável par pelas diferentes tabernas da vizinhança durante as horas anteriores da noite. Mesmo os orçamentos mais amplos nunca duram para sempre, e era com os bolsos vazios que nossos amigos se aventuraram a entrar na presente estalagem.

Neste preciso momento, então, em que esta história realmente começa, Legs e seu companheiro Hugh Tarpaulin estavam sentados, cada um com os dois cotovelos fincados na ampla mesa de carvalho no meio do salão, e com o rosto apoiado em uma das mãos. Os dois olhavam, por detrás de uma enorme jarra de cerveja forte por pagar, as agourentas palavras “Não vendemos fiado”, as quais, para sua indignação e perplexidade, estavam riscadas por cima da porta por meio daquele mesmo mineral cuja presença eles pareciam negar. Não que o dom de decifrar caracteres escritos – um dom considerado entre as gentes comuns da época pouco menos cabalístico do que a arte de rabiscar – pudesse, em estrita justiça, ser atribuído à responsabilidade de qualquer um dos discípulos do mar; mas havia, para

dizer a verdade, uma certa inclinação na formação das letras – uma indefinível guinada para sotavento de todo o conjunto – que prenunciava, na opinião dos dois marinheiros, um longo surto de mau tempo, e de imediato os impeliu, nas palavras alegóricas do próprio Legs, "bombear a latrina, carregar todo pano e zarpar de vento em popa."

Tendo naturalmente consumido o que ainda restava da cerveja, e apertando os laços de seus curtos gibões, eles finalmente dispararam para a rua. Embora Tarpaulin entrasse duas vezes lareira a dentro, pensando que era a porta, a escapada foi concluída com êxito, e à meia noite e meia nossos heróis estavam prontos para maldades, e correndo o mais que podiam por uma viela escura na direção de Saint Andrew´´s Stair, perseguidos furiosamente pela proprietária do "Alegre Marujo".

Na época desta acidentada história, e periodicamente, por muitos anos antes e depois, toda a Inglaterra, mas mais especialmente a metrópole, ecoava o pavoroso grito de "Peste". A cidade em grande parte estava desabitada, e naquelas horríveis regiões, nas proximidades do Tâmisa, onde, entre as escuras, estreitas e imundas travessas e vielas, em que se supunha ter nascido o Demônio da Doença, só se viam espreitando o Medo, o Pavor e a Superstição.

Por ordem do rei esses distritos tinham sido interditados, e todas as pessoas, sob pena de morte, foram proibidas de penetrar na sua lúgubre solidão. Contudo, nem a ordem do monarca, nem as enormes barreiras erguidas nas entradas das ruas, nem a perspectiva daquela morte repulsiva que, com quase absoluta certeza, se abateria sobre o miserável que nenhum perigo faria desistir da aventura, impedia que as casas sem mobília e desabitadas fossem despojadas, pela mão de aves de rapina noturnas, de todo artigo como ferro, latão ou chumbo, que pudesse de qualquer forma se transformar em lucro.

Acima de tudo, normalmente era descoberto, quando da abertura anual das barreiras no inverno, que fechaduras, trincos, e despensas secretas

não eram mais que proteção insatisfatória para as valiosas provisões de vinhos e outras bebidas que, em consideração ao risco e ao trabalho da remoção, muitos dos comerciantes que tinham lojas na vizinhança tinham consentido em confiar, durante o período de exílio, a segurança tão precária.

Mas havia muito poucos entre aquela gente aterrorizada que atribuía esses atos a mãos humanas. Espíritos da peste, duendes da praga, e demônios da febre eram os gênios malignos responsáveis, segundo a crença popular. A cada hora surgiam histórias de gelar o sangue, tantas que a totalidade dos edifícios interditados foi, finalmente, envolvida pelo terror como uma mortalha, e o próprio saqueador era muitas vezes afugentado diante dos horrores que a sua pilhagem tinha criado, entregando a ampla área do distrito proibido à tristeza, silêncio, pestilência e morte.

Foi por uma dessas barreiras de grandes proporções já mencionadas, e que indicava que a região além estava sujeita à interdição por causa da peste, que, correndo aos tropeções por uma viela abaixo, Legs e o respeitável Hugh Tarpaulin viram seu progresso ser de repente impedido. Voltar estava fora de questão, e não havia tempo a perder, e os perseguidores estavam em seus calcanhares. Como marinheiros tarimbados, escalar pranchões grosseiramente aparelhados era brincadeira, e enlouquecidos pela dupla excitação do exercício e da bebida, saltaram sem hesitação para dentro da área vedada, continuando com a corrida de bêbados aos gritos e berros, e logo ficaram perdidos nos seus recessos fétidos e intrincados.

Se não estivessem tão embriagados além da capacidade de discernimento, seus passos cambaleantes poderiam ter sido paralisados pelos horrores da situação. O ar estava frio e enevoado. As pedras que calçavam o chão estavam em completa desordem entre o mato alto e malcheiroso que se erguia em volta dos seus pés e calcanhares. Casas caídas obstruíam as ruas. Os cheiros mais fétidos e intoxicantes estavam por toda parte, e com a ajuda daquela luz sinistra que, mesmo à meia noite nunca deixa de emanar de uma atmosfera vaporosa e pestilenta, era possível ver,

estendidos nos desvios e nas vielas, ou apodrecendo nas habitações sem janelas, as carcaças de muitos saqueadores noturnos apanhados pelas mãos da peste na hora mesma do roubo.

Mas não estava no poder das imagens, ou das sensações, ou dos obstáculos como esses, impedir a corrida de homens que, naturalmente destemidos, e naquela hora específica, transbordando de coragem e de cerveja forte, teriam cambaleado o mais reto que sua condição lhes permitia, e destemidamente, para as mandíbulas da própria morte. E à frente, sempre, lá ia o raivoso Legs, fazendo a desolada solenidade do lugar ecoar e retumbar com gritos como os terríveis brados de guerra dos índios. E lá também ia o atarracado Tarpaulin, agarrado ao gibão do companheiro mais ativo, e ultrapassando de longe os mais tenazes esforços deste em termos de música vocal, com rugidos de touro *in basso* saídos das profundezas de seus retumbantes pulmões.

Tinham evidentemente atingido o bastião da peste. A cada passo ou cada salto o caminho ficava mais fétido e mais horrível, com as ruas se tornando mais estreitas e mais tortuosas. Pedras enormes e vigas caindo a cada instante de telhados semidestruídos acima deles, eram o testemunho, em virtude da queda demorada e pesada, da grande altura das casas vizinhas; e embora fossem necessários verdadeiros esforços para conseguirem passar por sucessivos montes de lixo, não era de modo algum raro que a mão tocasse um esqueleto, ou pousasse sobre um cadáver ainda não decomposto.

E de repente, quando os marinheiros tropeçaram na entrada de um edifício alto e de aspecto sinistro, um grito ainda mais estridente saiu da garganta de excitado Legs, e foi respondido do lado de dentro por uma rápida sucessão de berros selvagens, e demoníacos, lembrando gargalhadas. De forma alguma assombrado por sons que, dada sua natureza e àquela hora, teriam feito gelar o sangue de corações menos irrevogavelmente inflamados, os dois embriagados arremeteram diretamente contra a porta, arrombaram-

na, e se viram, cambaleando, em meio a objetos, com uma torrente de maldições.

O cômodo em que se encontraram revelou-se a loja de um agente funerário, mas um alçapão num canto do assoalho, perto da porta, dava para uma longa fileira de adegas, cujas profundezas o som ocasional de garrafas estourando assinalava que estavam bem abastecidas do seu devido conteúdo. No meio do cômodo havia uma mesa, em cujo centro se via um enorme balde com o que parecia ser ponche. Garrafas com vários tipos de vinho e bebidas revigorantes, juntas de canecos, jarras e garrafões de todo tamanho e características, estavam espalhados em quase toda a mesa. Em torno dela, em cavaletes para suporte dos caixões, estava sentado um grupo de seis pessoas. Vou me empenhar para descrever uma a uma.

De frente para a porta, e numa posição ligeiramente mais elevada que a de seus companheiros, estava um personagem que parecia ser o presidente da mesa. De estatura elevada e muito magro, Legs ficou confuso ao ver nele uma figura mais macilenta que a sua. Seu rosto era tão amarelo quanto açafrão, mas nenhum traço, com a exceção de um só, era suficientemente marcado para merecer uma descrição particular. Este traço consistia numa testa tão extraordinariamente e tão horrivelmente alta, que tinha a aparência de uma touca ou coroa de carne que se sobrepunha à cabeça normal. A boca era franzida e ondeada numa expressão de horripilante afabilidade, e seus olhos, como na verdade os olhos de todos à mesa, estavam vidrados pelos vapores da intoxicação. Este cavalheiro estava vestido da cabeça aos pés com um tecido próprio para mortalha, de veludo de seda preto ricamente bordado, que envolvia descuidadamente seu corpo à maneira de uma capa espanhola. Sua cabeça estava cheia de plumas funerárias negras, as quais ele movimentava para a frente e para trás, com um ar distinto e sábio. Na mão direita segurava um enorme fêmur humano, que parecia ter acabado de comprar de algum membro da companhia por uma ninharia.

Do lado oposto a ele, e de costas para a porta, estava uma senhora de aspecto não menos extraordinário. Embora tão alta quanto a pessoa que acabei de descrever, ela não tinha por que queixar-se da magreza não natural dele. Ela evidentemente estava no último estágio da hidropisia, e sua figura lembrava a do enorme barril de cerveja de outubro que estava, num canto da sala, com a tampa voltada para dentro, e perto dela. Seu rosto era extremamente redondo, vermelho e gordo, e tinha a mesma peculiaridade, ou melhor, falta de peculiaridade, impressa em seu semblante, a mesma a que me referi no caso do presidente, isto é, um único traço de seu rosto era suficiente para assinalar uma caracterização individualizada. Na verdade, o arguto Tarpaulin percebeu imediatamente que a mesma observação poderia se aplicar a cada pessoa do grupo: todas elas pareciam possuir o monopólio de alguma porção particular da fisionomia. No caso da senhora em questão, essa porção claramente era a boca. Começando na orelha direita, estendia-se como um rasgo medonho até a orelha esquerda, de tal forma que os curtos brincos que usava em cada orelha continuamente enfiavam-se pela abertura. Contudo, ela fazia todo o esforço possível para manter a boca fechada e aparentar dignidade, vestida num traje consistindo de uma mortalha recém engomada e passada, e que subia até debaixo do queixo, com um acabamento plissado de musselina de cambraia.

À sua direita sentava-se uma jovem senhora de estatura bem pequena, a quem ela aparentemente tratava com ar de superioridade. Essa pequenininha e delicada criatura, no modo como seus dedos gastos tremiam, na tonalidade lívida dos lábios, na leve mancha hética que tingia sua tez, que fora isso era cor de chumbo, dava indicações evidentes de estar acometida de uma tuberculose galopante. Um ar de extremo haut ton, contudo, impregnava toda a sua aparência; ela vestia, de uma maneira graciosa e dégagée, uma ampla e bonita mortalha do mais fino algodão indiano; o cabelo caía em cachos sobre o pescoço; um sorriso suave brincava em sua boca; mas seu nariz, extremamente comprido, fino e sinuosos, flexível e

cheio de espinhas, chegava até bem abaixo do lábio inferior, e a despeito da maneira delicada com que de vez em quando o movia para um lado ou outro com a língua, dava-lhe ao semblante uma expressão um tanto ou quanto ambígua.

Diante dela, e ao lado esquerdo da senhora inchada, sentava-se um velhinho gorducho, arquejante e gotoso, cujas bochechas repousavam sobre os ombros de seu possuidor como duas enormes bexigas cheias de vindo do Porto. Com os braços cruzados e com uma perna enfaixada sobre a mesa, parecia achar-se merecedor de alguma consideração. Evidentemente ele se orgulhava muito de toda a sua aparência pessoal, mas tinha prazer maior em chamar a atenção por seu sobretudo de cor berrante. Para dizer a verdade, o sobretudo não lhe devia ter custado pouco dinheiro, e tinha sido cortado para lhe assentar extremamente bem, e era feito com aqueles tecidos de seda curiosamente bordados com os quais os gloriosos brasões, na Inglaterra e em outras partes, costumam ser pendurados em lugares bem visíveis nas residências dos aristocratas já falecidos.

Ao ado dele, e à direita do presidente, estava um cavalheiro calçando meias brancas longas e ceroulas de algodão. Seu corpo estremecia, de maneira ridícula, com acessos daquilo que Tarpaulin chamava “tremeliques”. Os maxilares, recentemente barbeados, estavam bem apertados com uma atadura de musselina, e os braços, amarrados de maneira similar pelos pulsos, impediam que se servisse livremente das bebidas colocadas sobre a mesa, e precaução tornada desnecessária, na opinião de Legs, diante do aspecto embotado e de bêbado contumaz de seu rosto. Contudo, um par de orelhas enormes, que se tinham revelado impossíveis de confinar, erguiam-se na atmosfera do cômodo, e ocasionalmente eram levantadas por um espasmo, ao som de um espocar de rolha.

Defronte a ele, em sexto e último lugar, estava um personagem singularmente empertigado, que, afetado pela paralisia, e para falar seriamente, deveria se sentir muito pouco à vontade com sua incômoda

vestimenta. Estava vestido, de maneira única, por um novo e vistoso caixão de mogno. A tampa, ou parte superior, apertava o crâneo de quem o usava, e se prolongava como se fosse um capuz, dando a todo o rosto um ar de indescritível interesse, Aberturas para os braços tinham sido cortadas dos lados, mais por motivo de conveniência do que de elegância, mas a vestimenta, contudo, impedia seu proprietário de sentar-se tão ereto quanto seus companheiros. E ao se reclinar contra o cavalete, num ângulo de quarenta e cinco graus, rolava o branco de um par de olhos saltados na direção do teto, absolutamente maravilhados com a sua enormidade.

Diante de cada um do grupo estava uma parte de um crâneo, que era usado como taça. Sobre todos pendia um esqueleto humano, preso por meio de uma corda amarrada em volta de uma das pernas e presa a uma argola no teto. A outra perna, livre de prisão semelhante, projetava-se do corpo em ângulo reto, fazendo com que toda a carcaça solta e chacoalhante balançasse e girasse ao capricho de qualquer sopro de vento ocasional que conseguisse penetrar no cômodo. No crâneo dessa coisa horrível havia uma quantidade de carvão em brasa que lançava uma luz bruxuleante, mas vívida sobre toda a cena, enquanto caixões e outras mercadorias pertencentes à loja de um agente funerário estavam empilhadas até o alto em volta do cômodo, e contra as janelas, evitando que qualquer feixe de luz escapasse até a rua.

À vista de tão extraordinária assembleia, e ainda mais extraordinária parafernália, nossos dois marinheiros não se conduziram com o grau de decoro que deveria ser esperado. Legs, reclinando-se na parede junto da qual por acaso estava, deixou cair o queixo mais ainda do que o habitual, e abriu o mais que pode os olhos, enquanto Hugh Tarpaulin, abaixando-se para colocar o nariz ao nível da mesa, e colocando a palma da mão em cada joelho, irrompeu numa longa, alta e estrepitosa gargalhada, muito inoportuna e exagerada.

Contudo, sem se ofender diante de comportamento tão excessivamente rude, o presidente de grande estatura sorriu bondosamente

para os intrusos, acenou-lhes de maneira digna com a cabeça de plumas negras, e, colocando-se de pé, pegou cada um pelo braço e levou-os até um assento que outros membros do grupo tinham trazido nesse ínterim para eles se instalarem. Legs não opôs resistência a nada, e sentou-se conforme instruído; ao passo que o galante Hugh, movendo seu cavalete da posição perto da cabeceira da mesa para junto da pequena senhora tísica envolta na mortalha, caiu pesadamente e com grande alegria ao seu lado, e esvaziou uma caveira de vinho tinto de um gole, como a indicar um brinde ao melhor relacionamento com ela. Mas o empertigado cavalheiro no caixão pareceu extremamente incomodado com aquela presunção, e sérias consequências teriam surgido não tivesse o presidente, batendo na mesma com o fêmur, chamado a atenção de todos os presentes com as seguintes palavras:

— É nosso dever nesta feliz ocasião...

— Calma aí! — interrompeu Legs, com ar muito sério. — Calma aí um momento, digo eu, e nos dizei que diabo sois todos vós, e o que fazei aqui, enfeitados como os nojentos demônios, e entornando a maravilhosa bebida reservada para o inverno pelo meu decente companheiro de bordo, Will Wimble, o coveiro!

Diante dessa imperdoável demonstração de falta de educação, todo o grupo original se pôs de pé, e proferiu a mesma rápida sucessão de selvagens gritos demoníacos que antes já tinham atraído a atenção dos marinheiros. O presidente, contudo, foi o primeiro a recobrar a compostura, e finalmente virando-se para Legs com grande dignidade, recomeçou:

— De muito bom grado satisfaremos qualquer curiosidade razoável da parte de hóspedes tão ilustres, por mais que não tenham sido convidados. Saibam então que nestes domínios eu sou o monarca, e que aqui reino com poder absoluto sob o título de Rei Peste I.

Este cômodo, que sem dúvida e de modo profano julgais ser a loja de Will Wimble, o coveiro, homem que não conhecemos, e cujo nome plebeu

nunca antes dessa noite tinha chegado aos nossos reais ouvidos, este cômodo, digo novamente, é o Salão Nobre de nosso Palácio, reservado para os conselhos de nosso reino, e para outros sagrados e altos fins.

A nobre senhora diante de mim é a Rainha Peste, nossa Serena Consorte. As outras dignas personagens que vedes são toda a nossa família, e usam a insígnia do sangue real sob os respectivos títulos de Sua Graça o Arquiduque Pest-Ífero, o Duque Pest-Ilencial, Sua Graça o Duque Tem-Peste, e Sua Serena Alteza e Arquiduquesa Ana-Peste.

— No que diz respeito — ele continuou — a vossa pergunta sobre o que fazemos aqui reunidos em conselho, seremos certamente perdoados por responder que isso concerne, e concerne apenas, a nosso privado e real interesse, e de modo algum importante para ninguém mais além de nós. Mas em consideração aos direitos que como hóspedes e estranhos possais considerar-se merecedores, nós explicaremos que estamos aqui esta noite, preparados por ampla pesquisa e acurada investigação, para examinar, analisar e completamente determinar o indefinível espírito – a natureza e qualidades incompreensíveis – daqueles inestimáveis tesouros do palato, os vinhos, cervejas e licores desta magnífica metrópole, e o fazemos não tanto para alcançarmos nossos desígnios, mas para o verdadeiro bem-estar daquele soberano extraterreno cujo reino abrange a nos todos, cujos domínios são ilimitados, e cujo nome é Morte.

— Cujo nome é Davy Jones! — exclamou Tarpaulin, servindo a senhora que tinha a seu lado uma caveira com bebida, e enchendo outra para si mesmo.

— Profano canalha! — disse o presidente, voltando então sua atenção para o respeitável Hugh. — Profano e execrável infeliz! Dissemos que, em consideração aos direitos que, mesmo na vossa imunda pessoa, não nos achamos inclinados a violar, por bondade concordamos em responder a vossas rudes e inoportunas perguntas. Contudo, por vossa profana intrusão em nosso conselho, consideramos ser nosso dever multar a vós e vosso

companheiro em um galão de Black Strap cada um, e que beberão à prosperidade de nosso reino, e de um só gole, e ajoelhados, após o que sereis livres para seguir vosso caminho, ou permanecer e ser admitido nos privilégios de nossa mesa, de acordo com seus gostos pessoais.

— Seria o caso de absoluta impossibilidade — respondeu Legs, para quem as suposições e a dignidade do Rei Peste I tinha evidentemente inspirado alguns sentimentos de respeito, e que se colocou de pé e amparou-se na mesa quando falou — seria, com a graça de Vossa Majestade, caso de absoluta impossibilidade conseguir lugar em meu porão para sequer uma quarta parte da bebida que Vossa Majestade acaba de mencionar. E para não falar da mercadoria que embarquei de manhã a título de lastro, e ainda sem mencionar as várias cervejas e bebidas alcoólicas embarcadas esta noite em diferentes portos, tenho, neste momento, uma carga completa de cerveja forte bebida e devidamente paga onde há uma tabuleta dizendo "Alegre Marujo". Peço, pois, que Vossa Majestade tenha a bondade de dar-me crédito por minha boa intenção, pois de maneira alguma posso ou vou engolir outro gole, e muito menos ainda um gole dessa miserável água fétida que atende pelo nome de Black Strap.

— Alto lá — interrompeu Tarpaulin, admirado não mais com o tamanho do discurso do companheiro, mas com a natureza da sua recusa. — Alto lá, marinheiro de água doce! E digo, Legs, chega desse palavreado. Meu casco ainda está leve, embora confesse que o seu parece estar abarrotado, e quanto a seu quinhão da carga, ora, em vez de armar uma confusão eu arranjaria mais algum espaço para estocá-la eu mesmo, mas...

— Esse procedimento — interrompeu o presidente — de modo algum está de acordo com os termos da multa ou da sentença, que em sua natureza faz parte das sanções de caráter médio, e não podem ser alteradas nem anuladas. As condições que impusemos devem ser cumpridas como estipulado, e sem nenhum momento de hesitação, e no caso de descumprimento decretamos que os dois sejam atados pelo pescoço e pelos

pés, e devidamente afogados como rebeldes naquele tonel de cerveja de outubro!

— Bela sentença! Bela sentença! Uma sentença legítima e justa! Um decreto glorioso! Uma condenação digna e correta, e sagrada! — a família Peste gritou em coro. O rei franziu a testa em vários vincos, o velho gotoso soprou como um fole, a senhora da mortalha abanou o nariz para trás e para a frente, o homem de ceroulas aguçou as orelhas, a senhora da mortalha arfou como um peixe moribundo, e o do caixão continuou imóvel e girou os olhos.

— Uh! Uh! Uh! — Tarpaulin riu sem prestar atenção à excitação geral. — Uh! Uh! Uh! Uh! Uh! Uh! Uh! Uh! Uh! Dizia eu — ele falou — dizia eu, — ele falou — dizia eu, quando o senhor Rei Peste meteu seu agulhão de pegar marlim, que, no que diz respeito a mais ou menos dois ou três galões de Black Strap, isso é uma bagatela para um navio lotado como o meu, mas não sobrecarregado, mas quanto a beber à saúde do Diabo (que Deus me perdoe), e me arrastar diante dessa feia majestade ai, que eu sei, como sei que sou um pecador, que não é outra pessoa desse mundo todo senão Tim Hurlygurly, o ator, bem, isso já é outra história e ultrapassa minha compreensão.

Não foi permitido que ele terminasse seu discurso com tranquilidade. Ao ouvir o nome de Tim Hurlygurly toda a assembleia saltou dos cavaletes.

— Traição! — gritou o Rei Peste I.

— Traição! — disse o homenzinho da gota.

— Traição! — berrou a Arquiduquesa Ana-Peste.

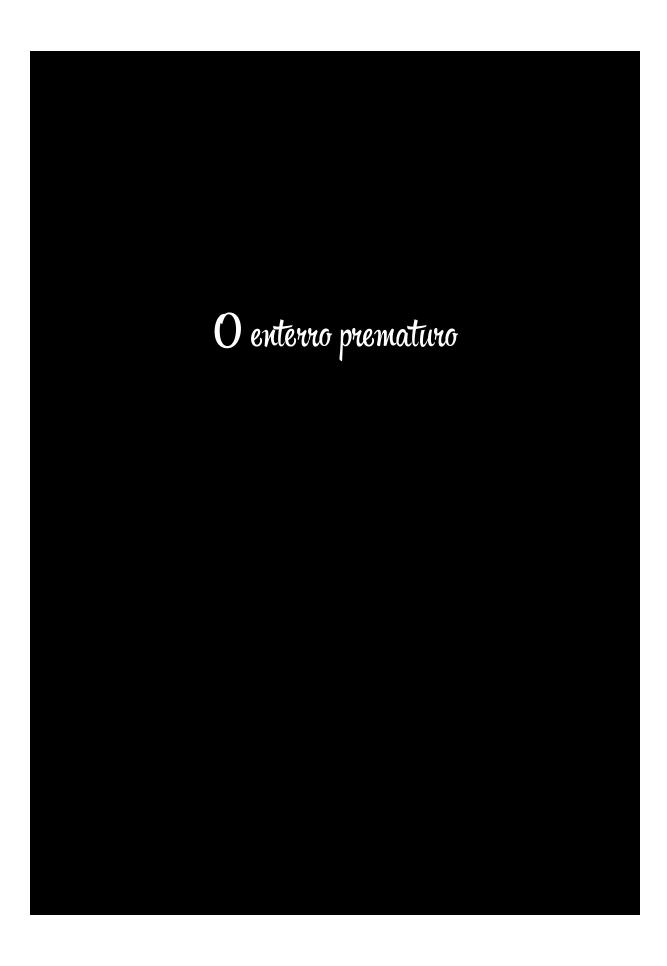
— Traição! — murmurou o cavalheiro com os maxilares amarrados.

— Traição! — grunhiu o do caixão.

— Traição! Traição! — bradou Sua Majestade de boca grande, e agarrando pelo cós dos calções o infeliz Tarpaulin, que tinha acabado de começar a servir-se de uma caveira de bebida, ela o ergueu bem alto no ar e

o eixou cair sem cerimônia no enorme tonel destampado de sua bem-amada cerveja. Subindo e descendo por alguns segundos, como uma maçã numa tigela de grogue, ele, finalmente, despareceu no meio do turbilhão de espuma que, na bebida já borbulhante, seus impulsos facilmente conseguiram criar.

Não foi submissamente que o marinheiro alto contemplou o embaraço do companheiro. Atirando o Rei Peste pelo alçapão aberto, o valente Legs fechou violentamente a porta sobre ele com uma maldição e caminhou até o meio do cômodo. E lá, arrancando o esqueleto que balançava sobre a mesa, girou-o à sua volta, com tanta energia e boa vontade que, à medida em que os últimos reflexos de luz se extinguiam no cômodo, conseguiu rebentar os miolos do homenzinho da gota. Atirando-se então com todas as forças contra o tonel cheio de cerveja de outubro e Hugh Tarpaulin, entornou-o no chão num segundo. Do tonel saiu um dilúvio de bebida tão violento, tão impetuoso, tão avassalador, que o cômodo ficou inundado de uma parede à outra, a mesa cheia virou, os cavaletes ficaram de pernas para o ar, o balde de ponche foi parar na lareira, e as senhoras ficaram histéricas. Pilhas de artigos fúnebres se entrechocavam por todo lado. Canecas, jarros e garrafões se misturavam promiscuamente na confusão, e jarras mais fracas se chocavam desesperadamente com garrafas revestidas de junco. O homem dos tremeliques afogou-se na hora, o pequeno cavalheiro imóvel flutuou para fora do caixão, e o vitorioso Legs, agarrando pela cintura a senhora gorda do sudário, correu com ela para a rua, e foi direto para o *Free and Easy*, seguido a todo pano pelo temível Hugh Tarpaulin, que, tendo espirrado três ou quatro vezes, ofegava e bufava atrás dele com a Arquiduquesa Ana-Peste.

O enterro prematuro

Há certos temas cujo interesse é absolutamente absorvente e, ao mesmo tempo, são horríveis demais para os propósitos da legítima ficção. Esses, o mero romancista deve evitar, se não quer ofender ou provocar aversão. Eles são tratados com decoro apenas quando a severidade e a imponência da Verdade os santificam e sustentam. Nós vibramos, por exemplo, com o mais intenso “agradável pesar” diante dos relatos da *Travessia do Berezina*, do *Terremoto de Lisboa*, da *Peste de Londres*, do *Massacre de São Bartolomeu* ou do sufocamento dos cento e vinte e três prisioneiros do *Buraco Negro de Calcutá*. Porém, nesses relatos, é o fato – é a realidade – é a história o que excita. Fossem invenções, nós os consideraríamos simplesmente repugnantes.

Mencionei apenas algumas das mais relevantes e notórias calamidades já registradas; mas, nelas, é a magnitude, não menos que o caráter da calamidade, que instiga nossa fantasia tão intensamente. Não preciso lembrar ao leitor que, do longo e estranho catálogo de misérias humanas, eu poderia ter selecionado muitos casos individuais mais repletos de sofrimento essencial do que tantos outros dessa vasta gama de desastres. A verdadeira desgraça – a derradeira desventura –, na verdade, é particular e não difusa. Que os horrores extremos da agonia sejam suportados pelo homem como unidade e nunca pelo homem como massa – devemos dar graças ao Deus misericordioso!

Ser enterrado ainda vivo, sem sombra de dúvida, é o mais terrível desses extremos que podem se abater sobre o destino de um simples mortal. Que isso tenha ocorrido com frequência, com muita frequência, dificilmente será negado por aqueles que pensam. Os limites que separam a vida da morte são, no mínimo, sombrios e vagos. Quem poderá afirmar onde termina uma e começa a outra? Sabemos que existem doenças nas quais ocorre a total cessação de todas as funções aparentes de vitalidade e, ainda, nas quais essas cessações são meramente suspensões, propriamente ditas. São apenas pausas temporárias em um mecanismo incompreensível. Um determinado

período de tempo transcorre e, por algum invisível princípio misterioso, as engrenagens mágicas e as rodas encantadas são novamente postas em movimento. O fio de prata não estava irremediavelmente solto e nem a taça de ouro irreparavelmente quebrada. Mas onde, nesse ínterim, se encontrava a alma?

À parte, entretanto, da inevitável conclusão, a priori, de que tais causas devem produzir tais efeitos – de que a bem conhecida ocorrência de tais casos de animação suspensa deve naturalmente ensejar, de vez em quando, sepultamentos prematuros – à parte desta consideração, temos o testemunho direto da experiência médica e da experiência comum para provar que um vasto número de tais enterros tem realmente sucedido. Eu poderia me referir prontamente, se necessário, a uma centena de exemplos bem autenticados. Um, de caráter notável, e cujas circunstâncias podem ainda estar frescas na memória de alguns leitores, ocorreu não muito tempo atrás, nos arredores da cidade de Baltimore, onde ocasionou uma dolorosa, intensa e generalizada comoção. A mulher de um dos mais respeitáveis cidadãos – um eminente advogado e membro do Congresso – foi acometida por uma súbita e inexplicável doença, que deixou completamente aturdidos os médicos em suas práticas. Após longo sofrimento, ela faleceu, ou supostamente faleceu. Ninguém suspeitava, na verdade, ou tinha razões para suspeitar, que ela não estivesse morta. Ela apresentava todas as manifestações comuns da morte. O rosto havia adquirido o usual contorno comprimido e encovado. Os lábios exibiam a usual palidez do mármore. Os olhos não tinham brilho. Não havia calor. A pulsação havia cessado. Por três dias o corpo foi mantido insepulto, período no qual adquiriu rigidez pétrea. O funeral, em suma, foi apressado por conta do rápido avanço do que se supunha ser a decomposição.

A senhora foi depositada na cripta de sua família, a qual, pelos três anos subsequentes, permaneceu imperturbada. Findo esse prazo, ela foi aberta para receber um ataúde; mas, ai! que pavoroso choque aguardava o

marido, que, pessoalmente, havia procedido à abertura da porta! À medida que os portais eram puxados para trás, algo recoberto com uma veste branca caiu ruidosamente entre seus braços. Era o esqueleto de sua mulher, com a mortalha ainda preservada.

Uma cuidadosa investigação tornou evidente que ela havia revivido dois dias após o sepultamento; que sua luta dentro do ataúde havia culminado com a queda deste de uma saliência, ou prateleira, ao chão, onde se rompeu, permitindo-lhe a fuga. Uma lamparina que havia sido acidentalmente deixada, cheia de óleo, dentro da tumba, foi encontrada zvaia; ela poderia ter se consumido, entretanto, por evaporação. No degrau mais alto da escada que levava ao interior da temível câmara, havia um grande fragmento do caixão, com o qual, aparentemente, ela havia tentado chamar a atenção batendo-o contra a porta de ferro. Enquanto ainda se esforçava, provavelmente desfaleceu, ou possivelmente morreu, de absoluto terror; e, ao cair, a mortalha enroscou em algum adorno de ferro que se projetava no interior. Assim ela permaneceu, assim ela se putrefez – ereta.

No ano de 1810, um caso de inumação em vida ocorreu na França, cercado de circunstâncias que mais do que comprovam a afirmação de que a realidade é, de fato, mais estranha do que a ficção. A heroína da história era uma certa Mademoiselle Victorine Lafourcade, uma moça de família ilustre, abastada, e de grande beleza pessoal. Entre seus numerosos pretendentes estava Julien Bossuet, um pobre literato ou jornalista de Paris. Seus talentos e usual amabilidade despertaram a atenção da herdeira, por quem ele parecia ter sido verdadeiramente amado; mas, o orgulho por ter nascido em bom berço, finalmente, levou-a a rejeitá-lo e a casar-se com um certo Monsieur Renelle, um banqueiro e diplomata de certa importância. Após o casamento, entretanto, esse cavalheiro a negligenciou e, por fim, até mesmo a maltratou. Tendo passado com ele alguns deploráveis anos, ela morreu – ao menos sua condição era tão assemelhada com a morte que enganava qualquer um que a visse. Ela foi sepultada – não em uma cripta, mas em um jazigo

comum, em sua aldeia natal. Cheio de desespero, e ainda inflamado pela memória de uma profunda afeição, o amante viajou da capital para a remota província na qual se encontrava a aldeia, com o romântico propósito de desenterrar o corpo, e apossar-se de suas exuberantes madeixas. Ele chegou ao túmulo. À meia-noite, desenterrou o caixão, abriu-o, e, no momento em que separava as mechas, foi detido pelo abrir dos olhos da amada. Na verdade, a mulher havia sido enterrada viva. A vitalidade não a havia deixado por completo, e ela foi despertada pelos afagos do amado da letargia que havia sido confundida com a morte. Ele a conduziu freneticamente a seus aposentos na aldeia. Empregou certos tônicos potentes sugeridos por seus não parcos conhecimentos médicos. Por fim, ela reviveu. Reconheceu seu salvador. Ela permaneceu com ele até que, passo a passo, recobrou a saúde original. Seu coração de mulher não era duro como um diamante, e essa última lição de amor foi suficiente para amolecê-lo. Ela o concedeu a Bossuet. Não mais retornou a seu marido, mas, ocultando dele a ressurreição, fugiu com o amante para a América. Passados vinte anos, ambos voltaram à França, convictos de que esse tempo modificara a aparência da mulher de tal modo que os amigos não seriam capazes de reconhecê-la. Estavam, entretanto, equivocados, visto que, logo no primeiro encontro, Monsieur Renelle de fato a reconheceu e reclamou a esposa. Ela se opôs a essa reclamação, e um tribunal de justiça a apoiou em sua oposição, decidindo que as peculiares circunstâncias e o prolongado lapso de anos, haviam extinguido, não apenas equitativa, como também legalmente, a autoridade do marido.

O “Jornal de Cirurgia” de Lipsia – um periódico de alta reputação e mérito, que algum livreiro americano faria bem em traduzir e republicar –, registra em um dos últimos números um caso muito aflitivo do gênero em questão.

Um oficial de artilharia, um homem de estatura gigantesca e robusta saúde, tendo sido derrubado de um cavalo descontrolado, sofreu uma

contusão extremamente severa na cabeça, a qual o deixou instantaneamente inconsciente; o crânio estava levemente fraturado, mas não se temia um risco imediato. Uma trepanação foi realizada com êxito. O sangue foi drenado, e vários outros dos métodos comuns para produzir alívio foram adotados. Gradualmente, porém, ele foi mergulhando num estado mais e mais desanimador de estupor, e, finalmente, pensou-se que ele havia morrido.

Era tempo de calor, e ele foi enterrado com uma pressa repreensível, em um dos cemitérios públicos. O funeral ocorreu numa quinta-feira. No domingo seguinte, como de costume, o cemitério estava tomado por visitantes, e, por volta do meio-dia, produziu-se uma intensa agitação com a declaração de um camponês de que, ao sentar-se sobre o túmulo do oficial, havia sentido uma comoção na terra, como se ocasionada por alguém que se debatia lá embaixo. Inicialmente, pouca atenção se deu à afirmação do homem; mas o evidente pavor e a obstinada teimosia com a qual ele insistia em sua história, tiveram finalmente seu efeito natural sobre a multidão. Apressadamente, pás foram obtidas, e a cova, que era vergonhosamente rasa, estava em poucos minutos suficientemente aberta para que a cabeça de seu ocupante se revelasse. Ele estava aparentemente morto; mas jazia sentado quase ereto dentro do caixão, cuja tampa, com um desesperado esforço, parcialmente erguera.

O homem foi transportado sem demora para o hospital mais próximo, e lá declararam que ele estava ainda vivo, apesar de asfixiado. Após algumas horas, reviveu, reconheceu pessoas familiares e, com frases entrecortadas, falou de suas agonias dentro da cova.

A partir de seu relato, ficou claro que ele deve ter permanecido consciente por mais de uma hora, enquanto enterrado, antes de sucumbir à insensibilidade. A cova havia sido descuidada e esparsamente preenchida por uma terra excessivamente porosa; e, desse modo, algum ar havia sido necessariamente admitido. Ele ouviu o tropel da multidão sobre sua cabeça, e empenhou-se, por sua vez, em fazer-se ouvir. Foi o tumulto no terreno do

cemitério, disse ele, que aparentemente o despertou de um sono profundo, mas não antes que ele se tornasse plenamente cônscio dos terríveis horrores de sua situação.

Esse paciente, registra-se, passava bem e parecia em franco caminho para a completa recuperação, mas caiu vítima de charlatães das experiências médicas. Aplicaram-lhe a bateria galvânica, e ele inesperadamente expirou em um daqueles paroxismos extáticos que, ocasionalmente, essa bateria acarreta.

A menção da bateria galvânica, aliás, traz de volta à minha memória um caso bem conhecido e muito extraordinário a esse respeito, quando sua ação se provou eficaz em reanimar um jovem advogado de Londres, que estivera enterrado por dois dias. Isso ocorreu em 1831, e causou, àquela época, uma profunda impressão em todos os lugares onde se tornou o assunto da conversa.

O paciente, Sr. Edward Stapleton, havia morrido, aparentemente, de febre tifoide, acompanhada de alguns sintomas anômalos, que aguçaram a curiosidade dos seus médicos assistentes. Diante da aparente morte, seus amigos foram solicitados a autorizar um exame *post-mortem*, mas eles se recusaram a permitir o exame. Como ocorre com alguma frequência quando tais recusas são feitas, os médicos resolveram exumar o corpo e dissecá-lo, sem pressa, por conta própria. Arranjos foram facilmente realizados com alguns dos inúmeros pelotões de ladrões de cadáveres que abundavam em Londres; e, na terceira noite após o funeral, o suposto defunto foi desenterrado de uma sepultura profunda de dois metros e meio e depositado na sala de operações de um dos hospitais particulares.

Uma incisão de certa extensão fora realmente feita no abdômen, quando o aspecto fresco e incorrupto do indivíduo sugeriu a aplicação da bateria. Um experimento sucedeu o outro, e os efeitos de costume sobrevieram, sem nada que os caracterizasse de alguma forma, a não ser em

uma ou outra ocasião, como algo além de um simples grau de vitalidade durante a ação convulsiva.

O tempo urgia. O dia estava prestes a raiar; pensou-se oportuno, enfim, proceder imediatamente à dissecação. Um estudante, entretanto, estava especialmente desejoso de testar uma teoria sua, e insistiu em aplicar a bateria em um dos músculos peitorais. Um tosco talho foi feito e um fio apressadamente posto em contato, quando o paciente, num movimento ágil e pouco convulsivo, ergueu-se da mesa, andou até o centro da sala, olhou pasmado ao seu redor por alguns segundos, e então – falou. O que ele disse era ininteligível, mas palavras foram proferidas; a silabação era distinta. Tendo falado, caiu pesadamente ao chão.

Por alguns instantes, todos ficaram paralisados de pavor, mas a urgência do caso logo lhes restituiu a presença de espírito. Constatou-se que o Sr. Stapleton estava vivo, embora desfalecido. Ao expô-lo ao éter, ele reviveu e rapidamente recobrou a saúde e o convívio de seus amigos – dos quais, porém, todo conhecimento de sua ressurreição foi ocultado, até que uma recaída não fosse mais temida. Seu espanto – seu arrebatador assombro – é fácil conceber.

A mais emocionante peculiaridade desse incidente, no entanto, consiste em algo que o próprio Sr. Stapleton afirma. Ele declara que em nenhum período esteve totalmente insensível – que, imprecisa e confusamente, ele estava ciente de tudo que lhe acontecia – desde o momento em que foi declarado morto pelos médicos, até aquele, no qual caiu desfalecido no chão do hospital. "Estou vivo" eram as incompreendidas palavras que, ao reconhecer que se tratava da sala de dissecação, ele tinha se esforçado, no ápice da agonia, em proferir.

Seria algo fácil multiplicar histórias como essa – mas abstenho-me – visto que, na verdade, não precisamos disso para comprovar o fato de que enterros prematuros ocorrem. Quando ponderamos quão raramente, dada a natureza do caso, temos a possibilidade de detectá-los, temos que admitir

que eles podem frequentemente ocorrer sem que nós tomemos conhecimento disso. É raro que, na verdade, num cemitério já invadido, com qualquer propósito e em qualquer proporção, não se encontrem esqueletos em posições que suscitam a mais pavorosa das suspeitas.

Pavorosa realmente é a suspeita, porém mais pavorosa é a sina! Pode-se afirmar, sem hesitação, que nenhum evento é tão terrivelmente talhado para inspirar a suprema agonia do corpo e da mente quanto o enterro antes da morte. A insuportável opressão dos pulmões, os vapores sufocantes da terra úmida, o incômodo das vestes fúnebres, o rígido abraço da apertada habitação, a treva da Noite absoluta, o silêncio como um oceano que oprime, a invisível, mas perceptível presença do Verme Vencedor – tudo isso, com os pensamentos no ar e na relva da superfície, com a lembrança dos amigos queridos que viriam voando nos salvar se soubessem da nossa sorte, e com a consciência de que eles nunca saberiam dessa triste sina, que nos resta a desesperança dos que estão realmente mortos, – essas considerações, eu digo, trazem ao coração, que ainda palpita, um tal grau de aterrorizante e intolerável pavor, que a mais atrevida imaginação repelirá. Não temos conhecimento de nada tão agoniante na face da Terra – não podemos imaginar nem a metade de algo tão horrendo nas profundezas mais remotas do reino do Inferno. E, assim, todas as narrativas sobre esse assunto causam profundo interesse; um interesse que, apesar de tudo, pelo medo sagrado do assunto em si, depende muito essencial e particularmente da convicção que temos da veracidade do caso narrado. O que tenho para contar agora é de meu próprio e real conhecimento – de minha concreta e pessoal experiência.

Durante vários anos estive sujeito a ataques de um singular distúrbio que os médicos concordaram em chamar de catalepsia, na falta de uma denominação mais definitiva. Embora tanto as causas imediatas e predisponentes quanto o verdadeiro diagnóstico dessa doença permaneçam um mistério, seu caráter aparente e óbvio é suficientemente bem compreendido. Suas variações parecem ser principalmente de grau. Às

vezes, o paciente jaz por apenas um dia ou por um período mais curto, numa espécie de exagerada letargia. Ele fica sem sentidos e sem movimentos aparentes; mas a pulsação do coração ainda se mantém ligeiramente perceptível; alguns vestígios de calor perduram; uma leve coloração resiste no meio das maçãs do rosto; e, ao apoiar-se um espelho sobre os lábios, é possível detectar uma preguiçosa, irregular e hesitante atividade dos pulmões. Outras vezes a duração do transe é de semanas ou até de meses e nem uma investigação apurada, nem os mais rigorosos exames médicos têm êxito em apontar alguma diferença importante entre o estado do sofredor e aquilo que concebemos como morte absoluta. Muito comumente ele é salvo do sepultamento prematuro apenas pelo testemunho dos amigos de que ele já esteve sujeito à catalepsia, pelas consequentes suspeitas despertadas, e, acima de tudo, pela ausência de deterioração visível. A evolução da enfermidade é, felizmente, gradual. As primeiras manifestações, ainda que marcadas, são inequívocas. Os ataques vão se tornando sucessivamente mais e mais evidentes e duram cada vez mais do que os precedentes. É aí que reside a principal garantia contra a inumação. O infeliz, cujo primeiro ataque suceda com severidade extrema, como não raro ocorre, quase que inevitavelmente será enviado com vida ao túmulo.

Meu próprio caso não diferia em nada importante desses mencionados em livros de medicina. Às vezes, sem causa aparente, eu mergulhava pouco a pouco em uma condição de semissíncope ou parcial desmaio; e, nesse estado, sem dor, sem a capacidade de mover-me, ou, estritamente falando, de pensar, mas com uma consciência vaga e letárgica da vida e da presença daqueles que circundavam minha cama, eu ficava até que a crise da doença me devolvesse, inesperadamente, à perfeita sensação. Em outras ocasiões, eu era rápida e impetuosamente acometido. Eu adoecia, ficava entorpecido, frio, atordoado, e caía prostrado instantaneamente. Então, por semanas, tudo era vazio, tenebroso, silencioso, e o Nada se transformava em universo. A total aniquilação não poderia superar isso.

Destes últimos ataques, eu acordava, entretanto, num ritmo mais lento em proporção à brusquidão do surto. Da mesma forma como o dia amanhece para os mendigos sem amigos e sem moradia, que vagam pelas ruas ao longo das intermináveis e desoladas noites de inverno, assim também tardiamente, cansada e reconfortada voltava a mim a luz da Alma.

À parte da minha tendência a entrar em transe, entretanto, minha saúde em geral parecia ser boa; nem mesmo concebia que ela fosse de alguma forma afetada pela existência da moléstia, a não ser, claro, que uma idiossincrasia em meu sono regular pudesse ser considerada decorrente dela. Ao acordar do repouso, eu nunca era capaz de, instantaneamente, recobrar o controle dos meus sentidos, e sempre permanecia, por muitos minutos, em grande espanto e perplexidade; e as faculdades mentais, em geral, mas a memória em especial, estavam em estado de completa suspensão.

Em nenhum dos meus acessos houve sofrimento físico, mas sim uma infindável angústia moral. Minha imaginação se tornou macabra, eu falava “de vermes, de túmulos e de epitáfios.” Perdia-me em devaneios sobre a morte, e a ideia de um enterro prematuro continuamente tomava conta do meu cérebro. O apavorante Perigo ao qual eu estava sujeito assombrava-me dia e noite. No primeiro, a tortura da meditação era excessiva, no segundo, suprema. Quando a austera Escuridão se espalhava pela Terra, então, a cada horrível pensamento, eu tremia – tremia como tremem as plumas nos carros funerários. Quando a Natureza não podia mais suportar a vigília, eu me deixava adormecer com relutância – pois estremecia ao pensar que, ao acordar, poderia encontrar-me inquilino de um túmulo. E quando, finalmente, eu caía no sono, era apenas para precipitar-me diretamente num mundo fantasmagórico, sobre o qual, como amplas, negras e sobrepujantes asas, pairava, predominante, a Ideia sepulcral.

Das inúmeras imagens de melancolia que me oprimiam durante os sonhos, escolho reproduzir apenas uma visão solitária. Penso que estava imerso em um transe cataléptico mais longo e profundo do que o usual.

Repentinamente, uma mão gelada tocou minha fronte, e uma impaciente e balbuciante voz sussurrou em meu ouvido “Levanta-te”.

Sentei-me ereto. A escuridão era total. Não distinguia a figura da pessoa que me acordara. Eu não me recordava do momento em que havia entrado em transe nem do local onde estava deitado. Enquanto ainda permanecia sem movimentos e empenhado em ordenar meu pensamento, a fria mão agarrou firmemente meu pulso, chacoalhando-o petulantemente, enquanto a balbuciante voz disse novamente:

— Levanta-te! Já não ordenei que te levantasses?

— E tu — exigi — quem és?

— Não tenho nome nas regiões que habito — replicou a voz, pesarosamente. — Eu era mortal, mas sou demônio, eu era impiedoso, mas sou compassivo. Sentes como tremo. Meus dentes batem enquanto falo, porém, não é da frieza da noite, da noite sem fim. Mas esse horror é insuportável. Como podes tu dormir tranquilamente? Não posso repousar devido aos gritos dessas grandes agonias. Essas visões são mais do que posso suportar. Põe-te de pé! Acompanha-me até a Noite exterior e deixa-me revelar-te as tumbas. Não é esse um espetáculo de tormento? Contempla!

Eu olhei, e a figura invisível, que ainda me segurava pelo pulso, provocou a abertura de todos os túmulos da humanidade, e de cada um deles emanava a tênue radiação fosfórica da decomposição, de modo que eu pude enxergar os mais recônditos recessos, e também ver corpos envoltos em mortalhas em seu triste e solene descanso com o verme. Porém, ah! os que verdadeiramente dormiam eram menos, muitos milhões a menos, do que aqueles que não estavam mesmo adormecidos; e houve uma fraca luta; e houve uma inquietação generalizada; e das profundezas das incontáveis covas emergiam estalidos melancólicos das vestes dos enterrados. E entre aqueles que pareciam repousar placidamente, notei que um vasto número havia mudado, em maior ou menor grau, a rígida e incômoda posição na qual

haviam sido originalmente enterrados. E a voz voltou a falar enquanto eu observava:

— Não é mesmo, oh! não é uma deplorável visão? — Mas, antes que eu pudesse encontrar as palavras para responder, a figura deixara de segurar meu pulso, as luzes fosfóricas se extinguiram, e as tumbas se fecharam com súbita violência, enquanto delas surgia um tumulto de gritos desesperados que diziam novamente: — Não é, oh Deus? Não é uma visão muito deplorável?

Fantasias como essas, que se apresentavam à noite, prolongavam sua terrível influência durante minhas horas de vigília. Meus nervos ficaram totalmente extenuados, e eu me entreguei a um terror perpétuo. Eu receava cavalgar, ou caminhar, ou envolver-me em qualquer prática que me fizesse afastar de casa. De fato, eu não mais me atrevia a deixar a presença imediata daqueles que conheciam minha predisposição à catalepsia temendo que, ao sofrer um de meus habituais ataques, fosse enterrado antes que minha real condição pudesse ser averiguada. Eu duvidava da atenção e da fidelidade dos meus mais queridos amigos. Tinha o pavor de que, em algum transe mais prolongado do que de costume, eles pudessem se convencer que eu não me recuperaria. Cheguei ao extremo de recear que, por ter causado tantos transtornos, eles poderiam ficar felizes em considerar qualquer ataque mais prolongado uma desculpa para finalmente se verem livres de mim. Em vão, eles tentavam me tranquilizar com as mais solenes promessas. Eu exigia os juramentos mais sagrados de que eles, sob nenhuma circunstância, deixariam que eu fosse enterrado antes que a decomposição estivesse tão adiantada que impossibilitasse qualquer tentativa ulterior de preservação. E, mesmo assim, meus terrores da morte não ouviam a razão – não aceitavam consolação. Dediquei-me a uma série precauções elaboradas. Entre outras coisas, a cripta da família foi remodelada de modo a permitir sua breve abertura pelo lado interno. Uma leve pressão numa longa alavanca que se estendia no interior da tumba provocaria a abertura dos portões de ferro. Também foram

feitas modificações para liberar a passagem de ar e luz, e providenciados convenientes recipientes para água e comida que ficariam ao alcance do caixão reservado para mim. A urna era acolchoada para que fosse macia e quente, e era dotada de uma tampa, que utilizava o mesmo princípio adotado nos portões da cripta, com molas tão engenhosas que o mais sutil movimento do corpo seria suficiente para abri-la. Não fosse tudo isso suficiente, pendia do teto da cripta um grande sino, cuja corda, como projetado, se estenderia através de um buraco no caixão e seria atada às mãos do defunto. Mas, ai de mim, de que vale a vigilância contra o Destino de um homem? Nem mesmo essas elaboradas proteções foram suficientes para salvar das piores agonias da inumação em vida um homem ao qual essas agonias estavam predestinadas!

Chegou uma ocasião – como acontecera várias vezes em ocasiões anteriores – na qual eu me encontrava emergindo da total inconsciência para um tênue e indefinido senso de existência. Lentamente – a passos de tartaruga – aproximava-se o amanhecer cinzento e desbotado do dia psicológico. Uma inquietação entorpecida. Uma resistência apática a um pesado sofrimento. Nenhuma ansiedade, nenhuma esperança, nenhum esforço. Então, após um longo intervalo, um zunido em meus ouvidos; em seguida, depois de um lapso de tempo ainda maior, uma sensação de dormência ou formigamento nas extremidades; então, um período aparentemente interminável de agradável tranquilidade enquanto os sentidos que despertavam se acomodavam no pensamento; depois, um breve retorno à não existência; então, uma repentina recuperação. Finalmente, a tremida de uma pálpebra, e um subsequente choque elétrico de terror, mortal e indefinido, que envia o sangue em torrentes das têmporas ao coração. E agora, o primeiro esforço evidente de pensamento. Agora, o primeiro esforço para lembrar. E agora, um sucesso parcial e evanescente. E agora a memória tanto recobrou seu controle, que, de certa forma, reconheço meu estado. Sinto que não estou despertando de um sono comum. Recordo que fui acometido de um surto

cataléptico. E agora, finalmente, como que numa investida do oceano, meu espírito estremecido é oprimido por aquele macabro Perigo – por aquela ideia espectral e recorrente.

Após alguns minutos possuído por essa fantasia, eu permanecia imóvel. Por quê? Não podia encontrar coragem para mover-me. Não ousava fazer esforços para confirmar a minha sina – e ainda havia algo em meu coração que cochichava que era verdade. Desespero – como nenhum outro tipo de desgraça poderia provocar – o próprio desespero me impeliu, após longa indecisão, a abrir minhas pesadas pálpebras. Abri-as. Estava escuro, totalmente escuro. Sabia que o surto tinha terminado. Sabia que a crise do meu transtorno passara havia tempo. Sabia que tinha recobrado totalmente o uso das minhas faculdades visuais – e ainda assim estava escuro – tudo escuro, a intensa e absoluta ausência de luz da Noite que dura para sempre.

Tentei gritar, e meus lábios e minha língua ressecada moveram-se convulsivamente nesse intento, mas nenhuma voz saía dos cavernosos pulmões que, como se fossem comprimidos pelo peso de uma montanha, arfavam e palpitavam com o coração a cada trabalhosa e sofrida respiração.

O movimento das mandíbulas, na tentativa de gritar alto, mostrava-me que elas estavam atadas, como é usual com os mortos. Senti, também, que jazia sobre um material duro e que algo similar me comprimia nas laterais. Até então eu não tinha tentado mover nenhum dos meus membros, mas agora eu levantava violentamente os braços, que haviam permanecido em repouso com os punhos cruzados. Eles bateram em algo de madeira que se elevava a não mais do que seis polegadas do meu rosto. Não podia mais duvidar que repousava, enfim, dentro de um caixão.

E nesse momento, do meio de minhas infinitas misérias, surgiu docemente o anjo da Esperança, pois pensei nas precauções que tinha tomado. Contorci-me, e envidei esforços espasmódicos para forçar a abertura da tampa: não se movia. Apalpei os pulsos em busca da corda do sino: não encontrei. O Confortador me abandonava para sempre e um ainda

austero Desespero reinava triunfante, pois não pude deixar de notar a ausência do estofamento que havia tão cuidadosamente preparado – e além de tudo, chegava às minhas narinas o peculiar e forte odor de terra úmida. A conclusão era inevitável. Eu não estava na cripta. Eu havia caído em transe quando distante de casa, entre estranhos. Não podia recordar quando ou como, e fora enterrado por eles como um cão, fechado com pregos em um caixão comum, e lançado bem fundo, muito fundo, e para sempre, em alguma cova ordinária em sem nome.

Quando essa pavorosa convicção se instalou à força no recôndito de minha alma, tentei novamente emitir um grito. E nesse segundo esforço, obtive sucesso. Um longo, e frenético urro, ou grito de agonia, ressoou pelos domínios da Noite subterrânea.

— Oi! Oi! — respondeu uma voz áspera.

— Que diabos está acontecendo agora? — disse uma segunda voz.

— Saia daí! — disse um terceiro.

— O que você pretende berrando desse jeito, como um gato selvagem? — falou uma quarta pessoa.

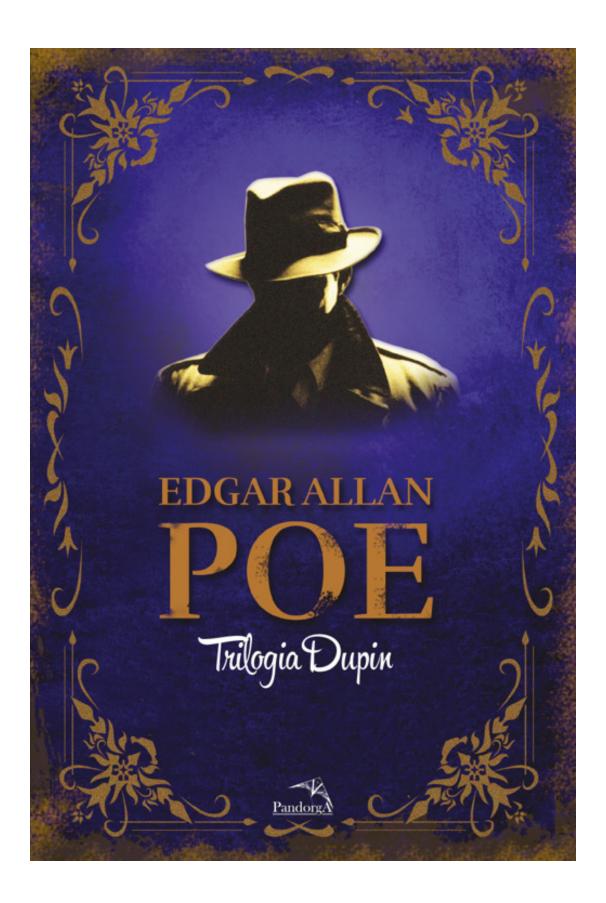
E, depois disso, fui agarrado e sacudido sem cerimônia, durante vários minutos, por um grupo de homens de aparência tosca. Eles não me despertaram de meu sono – pois eu já estava acordado quando gritei, mas eles me fizeram recobrar o completo controle de minha memória.

Essa aventura ocorreu perto de Richmond, na Virgínia. Acompanhado por um amigo, eu havia trilhado por algumas milhas, durante uma caçada, às margens do rio James. A noite se aproximava e fomos surpreendidos por uma tempestade. A cabine de uma pequena chalupa ancorada no rio e carregada de terra de jardim mostrou-se o único abrigo disponível. Acomodados da melhor forma que era possível, passamos a noite a bordo. Dormi em um dos dois únicos beliches disponíveis na embarcação – e os leitos de uma embarcação de sessenta ou setenta toneladas não precisam de

maiores descrições. Aquele que ocupei não tinha nenhum tipo de acolchoamento. Sua largura não ultrapassava os cinquenta centímetros. A distância entre o estrado e o convés acima era exatamente a mesma. Foi com extrema dificuldade que me espremi lá dentro. Apesar disso, dormi profundamente, e minha visão completa – pois, não era nem sonho nem pesadelo – surgiu naturalmente das circunstâncias de minha posição e de minha habitual tendência de pensamentos, e devido às dificuldades que mencionei de recuperar os sentidos, em especial a memória, por um longo tempo após despertar. Os homens que me sacudiram pertenciam à tripulação da embarcação e alguns deles haviam começado a descarregá-la. Da própria carga veio o odor da terra úmida. A bandagem em torno das mandíbulas era de um lenço de seda que havia enrolado na cabeça na falta de minha costumeira touca de dormir.

As torturas suportadas, entretanto, naquele momento, pareciam indubitavelmente semelhantes àquelas de um sepultamento real. Elas eram medonhas e inconcebivelmente horrendas. Mas do Mal procede o Bem, pois seus próprios excessos forjaram em meu espirito uma revolução inevitável. Minha alma adquiriu vigor, equilíbrio. Viajei para o exterior. Fiz vigorosos exercícios. Respirei o ar do Paraíso. Passei a pensar em outros assuntos que não a Morte. Descartei meus livros de medicina. Queimei Buchan. Não li mais *Pensamentos Noturnos*, nem narrativas de cemitérios, nem contos assustadores como este. Em suma, tornei-me um novo homem e vivi a vida de um homem. Desde aquela memorável noite, dispensei para sempre minhas apreensões sepulcrais, e com elas sumiu meu transtorno cataléptico, do qual, talvez, fossem menos a consequência do que a causa.

Há momentos em que, mesmo para o mais sensato olho da Razão, o mundo de nossa triste Humanidade pode assumir a aparência de um Inferno, mas a imaginação do homem não é Carathis para explorar impunemente suas cavernas. Oh! A horrível legião de terrores sepulcrais não pode ser considerada como totalmente fantasiosa, mas, tal como os Demônios, em

cuja companhia Afrasiab fez sua viagem até Oxus, eles precisam dormir ou vão nos devorar, devem mergulhar no sono ou nós pereceremos.

EDGAR ALLAN
POE
Trilogia Dupin
PandorgA

Apresentação

Edgar Allan Poe é um dos escritores mais importantes da literatura dos Estados Unidos. Ele nasceu em janeiro de 1809 em Boston, Massachusetts, e era filho de atores de teatro itinerantes. Ao longo de sua vida morou em muitas cidades, incluindo alguns dos principais centros comerciais do país, como Nova York, Boston, Richmond, Baltimore, Charleston e Filadélfia. Serviu o exército em West Point, iniciou, mas não terminou um curso superior na Universidade da Virgínia e trabalhou como escritor e editor de revistas literárias desde o fim da década de 1820 até sua morte. Morreu em outubro de 1849 em Baltimore, de causas desconhecidas.

Poe é um escritor muito popular. Tem atraído leitores de diversas faixas etárias, interesses e áreas. Suas obras são estudadas em todo o mundo e escritores das mais diversas nacionalidades foram ou são influenciados por elas. O que será que há na obra de Edgar Allan Poe que tem despertado e ainda desperta tanto interesse?

Poderíamos pensar longamente sobre essa questão, e talvez nos lembrarmos de seus contos góticos, fantásticos, de terror, que mexem com sentimentos tão íntimos e antigos do ser humano, tais como o medo. Ou de seus contos humorísticos, altamente irônicos e críticos, nos quais ele nos faz rir sarcasticamente do mundo, da sociedade, das classes dominantes, de nós. Ou ainda de seus poemas, ricos em lirismo, beleza, e frequentemente também em tristeza e até mesmo de horror. Mas há ainda uma parte de sua obra que

certamente tem muito a ver com o porquê do duradouro interesse em sua literatura: os contos de detetive.

Poe escreveu três contos do gênero, cujos títulos são: “Os Assassinatos na Rua Morgue”, “O Mistério de Marie Rogêt” e “A Carta Roubada”. Eles foram publicados entre 1841 e 1844. Nem todos sabem disso, mas esses foram os primeiros contos de detetive jamais escritos. E apresentam também o primeiro detetive literário com características que reconhecemos até hoje: o Monsieur C. Auguste Dupin. O cenário das histórias é a cidade de Paris. Seu narrador é um amigo de Dupin, que não é nomeado, e que observa a atuação do detetive e muitas vezes se surpreende com os resultados que ele alcança.

Dupin é um detetive astuto, com capacidade intelectual surpreendente, capaz de enxergar a solução de mistérios aparentemente insolúveis apenas observando detalhes de superfície, que passam despercebidos para a maior parte das pessoas. Em “A Carta Roubada”, o detetive comenta que “a verdade não está sempre dentro de um poço”, o que parece definir bem a sua postura diante da realidade de difícil compreensão: a solução pode ser mais óbvia do que parece.

Em “Os Assassinatos da Rua Morgue”, Dupin investiga a morte de uma mãe e uma filha, cuja vida era bastante reclusa e que tiveram sua casa brutalmente invadida e seus cadáveres desfigurados por um criminoso de força e crueldade sobre-humanas. Quem poderia ser tal assassino, capaz de tamanha atrocidade? Essa é a pergunta que assombra e paralisa a equipe de policiais que investigam o caso, bem como as testemunhas, os colunistas de jornais, e até o amigo de Dupin que narra a história.

Em “O Mistério de Marie Rogêt”, o detetive debruça-se sobre o assassinato de uma jovem vendedora, que desaparece subitamente e é encontrada morta nas margens de um rio. O que se destaca no conto são os relatos jornalísticos sobre o caso: Dupin lê os jornais e deles extrai as informações que o permitem levantar suas hipóteses sobre a identidade do

assassino. O conto inspira-se em uma história real, a do assassinato da nova-iorquina Mary Rogers, que foi largamente coberto pela imprensa da época e que jamais foi solucionado.

Já em “A Carta Roubada”, o mistério não é a identidade do criminoso. Desde o começo sabemos quem roubou a carta: foi o Ministro D-, “que ousa todas as coisas”, como diz o chefe de polícia. A grande pergunta, a princípio, é: onde está a carta? A partir de um certo ponto da narrativa, a pergunta muda: como Dupin descobriu isso? O conto tem uma forma surpreendente de excitar a curiosidade do leitor acerca da investigação, mais do que pela solução do mistério em si. Por isso, pode ser considerado o mais ambicioso dos três contos da trilogia de Dupin.

Os contos de detetive de Poe inspiraram inúmeros escritores a criarem outros detetives literários, sendo talvez o mais famoso o Sherlock Holmes de Arthur Conan Doyle. Certamente, a incrível máquina de gerar curiosidade e interesse, essa nova forma narrativa que ele desenvolveu, é um dos grandes motivos pelos quais até hoje estamos aqui, curiosos e interessados em adentrar o instigante mundo da literatura de Edgar Allan Poe.

FABIANA DE LACERDA VILAÇO

Professora de Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Os Assassinatos da Rua Morgue - 1841

Quais as canções que cantavam as Sereias,

ou que nome Aquiles adotou quando se escondeu entre as mulheres:

embora enigmáticas, tais questões não estão acima de toda a conjectura.

SIR THOMAS BROWNE

As características das inteligências consideradas analíticas são, em si mesmas, pouco suscetíveis a análises. Só as apreciamos através de seus efeitos. Sabemos, entre outras coisas, que para aqueles que as possuem em alto grau, são sempre a fonte do mais vivo prazer. Assim como o homem forte vibra com sua habilidade física, e se deleita com aqueles exercícios que chamam seus músculos para a ação, assim o analista encontra satisfação na atividade moral que desembaraça as coisas. Ele encontra prazer até mesmo nas ocupações mais triviais que coloquem em ação seus talentos. Adora os enigmas, as charadas e os hieróglifos; exibe, na solução de cada um deles, um grau de perspicácia que parece sobrenatural às pessoas comuns. Seus resultados, obtidos através do método, em toda a sua alma e essência, apresentam, na verdade, toda a aparência da intuição.

A faculdade da resolução é possivelmente bastante fortalecida pelo estudo das matemáticas, especialmente por seu ramo mais alto, que, injustamente, e apenas em função de suas operações retrógradas, vem sendo chamado de análise, *par excellence*. Todavia, calcular não é o mesmo que analisar. Um enxadrista, por exemplo, faz a primeira sem se esforçar pela segunda. Segue-se que o jogo de xadrez, em seus efeitos sobre a natureza da inteligência, é muito mal compreendido. Não estou agora escrevendo um tratado, mas simplesmente prefaciando uma narrativa um tanto peculiar através de observações bastante aleatórias. Dessa forma, aproveitarei a oportunidade para afirmar que os poderes mais altos da inteligência reflexiva são utilizados de forma mais decidida e mais útil em um humilde jogo de damas do que na frivolidade complicada do xadrez. Neste último, onde as peças têm movimentos diferentes e bizarros, com valores diversos e variados, aquilo que é apenas complexo é confundido (um erro bastante comum) com o que é profundo. Aqui, o jogo clama por atenção. Se esta falhar por um instante, o jogador comete um descuido que terá como resultado uma perda ou a derrota. Uma vez que os movimentos possíveis não

são apenas variados, mas também intrincados, as possibilidades de descuido são multiplicadas; e em nove entre dez casos, é o jogador mais concentrado, e não o mais inteligente, quem vence. No jogo de damas, ao contrário, em que os movimentos são únicos e com pouca variação, as probabilidades de descuido são menores e a atenção fica relativamente ociosa, as vantagens obtidas por qualquer das partes são obtidas através de uma perspicácia maior. Para sermos menos abstratos, suponhamos um jogo de damas em que as peças estão reduzidas a quatro damas e no qual, é claro, não se espere qualquer distração. É óbvio que aqui a vitória pode ser decidida (se os adversários estão em igualdade de condições) somente através de algum movimento *recherché*, resultado de um grande esforço do intelecto. Desprovido de recursos ordinários, o analista penetra no espírito do oponente, identifica-se com ele e, com frequência, vê, num relance, o único método (às vezes absurdamente simples) pelo qual pode induzi-lo a um erro ou encorajá-lo a um cálculo errado.

O *whist* vem sendo notado há tempos por sua influência sobre o que é denominado poder de cálculo; e homens dotados de grande intelecto têm experimentado um prazer aparentemente inexplicável nesse jogo, ao mesmo tempo em que deixam de lado o xadrez, por considerá-lo uma frivolidade. Sem dúvida, não há nada de natureza semelhante que exija tanto da faculdade analítica. O melhor enxadrista do mundo cristão pode não ser nada além de o melhor enxadrista; mas a proficiência no *whist* implica uma capacidade para o sucesso em todos os empreendimentos importantes onde duas mentes se enfrentam. Quando falo em “proficiência”, refiro-me àquela perfeição no jogo que inclui uma compreensão de todas as possibilidades das quais uma vantagem legítima pode ser obtida. Estas últimas são não apenas múltiplas como multiformes, e frequentemente se encontram em recessos da mente totalmente inacessíveis à compreensão das pessoas comuns. Observar com atenção significa lembrar com clareza; e, nesse sentido, o enxadrista concentrado vai se sair muito bem no *whist*; pois as regras de Hoyle (que se

baseiam no próprio mecanismo do jogo) são compreensíveis, de maneira geral e satisfatória. Portanto, possuir uma memória retentiva e jogar de acordo com as regras são pontos normalmente considerados como sendo a síntese de um bom jogador. Mas é nas questões que estão além dos limites das regras que a habilidade do analista se evidencia. Em silêncio, ele faz uma miríade de observações e inferências. Talvez assim também façam seus companheiros; e a diferença na quantidade de informações obtidas não está na validade da inferência, mas na qualidade da observação. O conhecimento necessário é o *do que* observar. Nosso jogador não se restringe a si mesmo; e, mesmo sendo o jogo o objeto, ele não rejeita deduções de elementos externos a ele. Ele examina a fisionomia do parceiro e a compara cuidadosamente com as fisionomias de cada um de seus oponentes. Ele estuda o modo de ordenar as cartas em cada mão; muitas vezes conta trunfo por trunfo e manilha por manilha, pela forma como quem as segura olha para elas. Ele nota cada variação de expressão à medida que o jogo avança, reunindo um banco de pensamentos a partir das diferenças de expressão de segurança, de surpresa, de triunfo ou de contrariedade. Pela maneira como recolhe uma vaza, ele julga se a pessoa que a recolheu pode pegar outra do naipe. Ele reconhece o blefe pelo jeito como a carta é jogada sobre a mesa. Uma palavra casual ou inadvertida; a queda acidental ou a virada de uma carta, com a ansiedade ou a negligência com que procura ocultá-la; a contagem das vazas, com a ordem de sua disposição; o embaraço, a hesitação, a afobação ou o receio – tudo permite à sua percepção aparentemente intuitiva indicações sobre a realidade das coisas. Depois de jogadas duas ou três mãos, conhece as cartas de cada jogador e, a partir daí, descarta as suas com uma precisão de propósito tão absoluta como se o resto dos participantes estivesse jogando com as cartas abertas.

O poder analítico não deve ser confundido com a engenhosidade em sentido amplo; pois, enquanto o analista é necessariamente esperto, o homem esperto muitas vezes é claramente incapaz de análise. A faculdade

construtiva ou combinatória, através da qual a engenhosidade normalmente se manifesta, e a qual os frenologistas (de maneira equivocada, a meu ver) atribuíram um órgão à parte, supondo-a uma faculdade primitiva, tem sido observada com muita frequência naqueles cuja inteligência beira, ao contrário, à idiotice, de modo a ter atraído a observação geral daqueles que escrevem sobre temas morais. Entre a engenhosidade e a faculdade analítica existe uma diferença bem maior, de fato, do que aquela entre a fantasia e a imaginação, mas de natureza estritamente análoga. Veremos que, de fato, os engenhosos são sempre fantasiosos, enquanto que os verdadeiramente imaginativos são sempre analíticos.

A narrativa que se segue parecerá ao leitor, de certa forma, uma ilustração das proposições que acabo de apresentar.

Quando residi em Paris, durante a primavera e parte do verão de 18, conheci um senhor chamado C. Auguste Dupin. O jovem cavalheiro era de uma excelente – de fato, ilustre – família, porém, por uma série de eventos desfavoráveis, tinha sido reduzido a uma pobreza tal que a energia de seu caráter sucumbiu à desgraça, e ele desistiu de erguer-se outra vez no mundo ou de preocupar-se em recuperar sua fortuna. Por cortesia dos credores, ainda permanecia em sua posse uma pequena parte de seu patrimônio; e, com a renda que daí obtinha, conseguia, através de uma rigorosa economia, satisfazer as necessidades básicas da vida, sem se preocupar com futilidades. Os livros, na verdade, eram seu único luxo, e em Paris é muito fácil consegui-los.

Nosso primeiro encontro foi em uma biblioteca pouco conhecida na rua Montmartre, onde a casualidade de que ambos estávamos à procura do mesmo volume – um livro muito raro e extraordinário – fez com que nos aproximássemos. Voltamos a nos encontrar por várias vezes. Eu estava profundamente interessado na pequena história de família que ele relatava com detalhes e com toda aquela candura que um francês se permite quando o assunto é ele mesmo. Fiquei impressionado, também, com a extensão de suas

leituras; e, acima de tudo, senti minha alma ser inspirada pelo fervor desenfreado e pelo vívido frescor de sua imaginação. Por procurar em Paris os objetivos que então buscava, senti que a companhia de um homem como esse seria um tesouro inestimável; e confiei a ele esta impressão com toda a franqueza. Afinal, ficou decidido que iríamos morar na mesma casa durante minha permanência na cidade; e como minha situação financeira era um pouco menos complicada que a dele, ficou a meu cargo alugar e mobiliar – em um estilo que se harmonizasse com a melancolia meio fantástica de nossos temperamentos –, uma mansão destruída pelo tempo e grotesca, há muito não habitada devido a superstições sobre as quais não perguntamos, e a ponto de desabar, localizada em uma parte remota e um tanto desolada do Faubourg St. Germain.

Se a rotina de nossa vida neste lugar chegasse ao conhecimento do mundo, teríamos sido considerados loucos – embora, talvez, dois loucos inofensivos. Nosso isolamento era perfeito. Não recebíamos nenhum visitante. Na verdade, a localização de nosso retiro tinha sido mantida em segredo para meus antigos amigos; e Dupin, já há muitos anos, tinha deixado de conhecer e de ser conhecido em Paris. Vivíamos para nós mesmos.

Uma das excentricidades de meu amigo (de que mais posso chamá-la?), era gostar da noite, apenas por gostar; e a essa *bizarrerie*, como a todas as outras, eu também me rendi; entreguei-me aos caprichos estranhos de meu amigo com um perfeito abandono. A divindade negra não podia estar conosco todo o tempo, mas podíamos fingir sua presença. Assim que o dia rompia, fechávamos todas as persianas imundas de nossa casa velha e acendíamos algumas velas que, com um perfume forte, projetavam apenas os raios de luz mais pálidos e débeis. Com a ajuda desses raios, ocupávamos nossas almas em sonhos – lendo, escrevendo ou conversando –, até que o relógio nos avisava da chegada da verdadeira escuridão. Então saíamos às ruas, de braços dados, e continuávamos a discutir os tópicos do dia ou simplesmente vagávamos sem destino até tarde, procurando, entre as luzes e

sombras estranhas da cidade populosa, aquela infinidade de estimulação da mente que a observação em silêncio pode conceder.

Nessas ocasiões, eu não podia deixar de notar e admirar em Dupin (embora, por sua percepção profunda, já estivesse preparado para esperar por ela) uma habilidade analítica peculiar. Ele parecia, também, sentir um enorme entusiasmo em exercitá-la – ou, talvez, mais exatamente, em exibi-la – e não hesitava em confessar o prazer que isso lhe dava. Ele se gabava, com uma risadinha discreta, de que a maioria dos homens, do ponto de vista dele, tinha janelas no peito; e tinha o costume de acompanhar tais afirmações com provas diretas e bastante surpreendentes de seu conhecimento íntimo de meus sentimentos. Nestes momentos, sua atitude era fria e abstraída; os olhos mostravam uma expressão vazia; e a voz, em geral de um tenor sonoro, subia para um falsete que pareceria petulante não fosse pela intencionalidade e pela completa clareza com que era articulada. Ao observá-lo nesta disposição, muitas vezes me ocorria pensar na antiga filosofia da *alma bipartida* e me divertia com a ideia da existência de um duplo Dupin – o criativo e o analista.

Mas não se suponha, do que acabei de dizer, que estou detalhando algum mistério ou descrevendo um romance. O que descrevi de meu amigo francês foi apenas a conclusão de uma mente fascinada ou, talvez, doentia. Mas um exemplo demonstrará melhor o caráter de suas observações nos períodos em questão.

Certa noite, estávamos passeando por uma rua longa e suja, nas proximidades do *Palais Royal*. Estando ambos, aparentemente, imersos em pensamentos, nenhum de nós tinha proferido uma única sílaba nos últimos quinze minutos. De repente, Dupin quebrou o silêncio com estas palavras:

— Ele é um sujeito muito baixinho, é verdade, e estaria melhor no *Théâtre des Variétés*.

— Não resta dúvida — respondi distraidamente, sem observar, a princípio (por estar absorto em reflexões) a maneira extraordinária com que ele havia penetrado em minha meditação. No instante seguinte, dei conta do acontecido e meu espanto foi profundo.

— Dupin — disse eu, com a voz rouca —, isto está além de minha compreensão. Não hesito em dizer que estou admirado, e dificilmente posso acreditar em meus sentidos. Como é possível que você soubesse que eu estava pensando em...? — fiz uma pausa neste ponto, como que para me certificar – para que não restasse dúvida – de que ele realmente sabia em quem eu estava pensando.

— Em Chantilly — disse ele. — Por que fez uma pausa? Você estava dizendo a si mesmo que a estatura diminuta dele não era adequada a papéis trágicos.

Este era, precisamente, o assunto de minhas reflexões. Chantilly tinha sido um antigo sapateiro da Rua St. Denis que, tendo adquirido a febre do palco, tentou o papel de Xerxes, na tragédia de mesmo nome de Crébillon, e foi publicamente satirizado por seus esforços.

— Explique-me, pelo amor de Deus — exclamei —, o método, se é que há algum, pelo qual você foi capaz de penetrar em minha alma dessa forma. — Na verdade, eu estava muito mais impressionado do que gostaria de admitir.

— Foi o vendedor de frutas — replicou meu amigo — que o levou à conclusão de que o sapateiro não tinha altura suficiente para o papel de Xerxes *et id genus omne*.

— O vendedor de frutas! Você me surpreende! Não conheço nenhum vendedor de frutas!

— O homem que esbarrou em você quando entramos na rua. Deve ter sido há uns quinze minutos.

Lembrei-me então que, de fato, um vendedor de frutas, que carregava na cabeça um grande cesto cheio de maçãs, quase tinha me derrubado por acidente, quando dobramos a esquina da rua C -- com a avenida em que agora estávamos, mas o que isso poderia ter a ver com Chantilly eu não conseguia entender.

Mas não havia uma partícula sequer de *charlâtanerie* em Dupin.

— Vou explicar — disse ele. — E para que você possa compreender tudo com clareza, vamos primeiro retraçar o curso de suas meditações, do momento em que falei com você até o momento do choque com o vendedor de frutas. Os elos maiores da cadeia são os seguintes: Chantilly, Orion, Dr. Nichol, Epicuro, estereotomia, as pedras da rua e o vendedor de frutas.

Há poucas pessoas que não tenham, em algum momento de suas vidas, se divertido em tentar reconstruir os passos que os levaram a determinadas conclusões. A atividade é, muitas vezes, cheia de interesse, e aquele que tenta realizá-la pela primeira vez pode ficar espantado com a distância aparentemente ilimitada e com a incoerência entre o ponto de partida e o de chegada. Imagine então minha surpresa ao ouvir o francês dizer o que disse, e quando não pude deixar de reconhecer que havia dito a verdade. Ele continuou:

— Estávamos falando sobre cavalos, se me lembro bem, pouco antes de sairmos da rua C --. Este foi o último assunto que discutimos. Quando entramos nesta rua, um vendedor de frutas, com um grande cesto na cabeça, ao passar rapidamente por nós, empurrou-o sobre uma pilha de paralelepípedos amontoada em um ponto em que o calçamento está sendo consertado. Você pisou em uma das pedras soltas, escorregou, estirou levemente o tornozelo, pareceu irritado ou de mau humor, resmungou umas poucas palavras, voltou-se para olhar para o monte de pedras e então prosseguiu em silêncio. Eu não estava particularmente prestando atenção ao que você fazia, mas a observação vem se tornando para mim, ultimamente, uma espécie de necessidade. Você conservou os olhos no chão, olhando, com

uma expressão carrancuda, para os buracos e sulcos do pavimento (foi então que percebi que você ainda estava pensando nas pedras), até que chegamos àquele beco chamado Lamartine, que foi pavimentado, à guisa de experiência, com aqueles blocos que se encaixam e se fixam uns aos outros. Ali o seu rosto se iluminou; e percebendo o movimento de seus lábios, não pude duvidar de que tenha murmurado a palavra “estereotomia”, um termo afetado aplicado a essa espécie de pavimento. Eu sabia que você não poderia dizer a si mesmo “estereotomia”, sem ser levado a pensar nas atomias, e, assim, nas teorias de Epicuro; e uma vez que, quando discutimos este assunto há pouco tempo, mencionei a forma singular, embora com pouca atenção, com que as adivinhações vagas daquele nobre grego estavam sendo agora confirmadas pela recente cosmogonia nebular, proposta pelo Dr. Nichol, senti que você não poderia deixar de erguer os olhos para a grande nebulosa de Órion, e estava seguro de que o faria. E você olhou para o céu; e agora eu tinha plena certeza de que tinha seguido corretamente seus passos. Mas naquela amarga crítica a Chantilly, que apareceu no Musée de ontem, o satirista fez algumas alusões maldosas à mudança de nome do sapateiro ao calçar os coturnos, e citou um verso em latim sobre o qual conversamos com frequência. Refiro-me à linha: *Perdidit antiquum litera prima sonum*. Eu havia dito que esta citação referia-se a Órion, que antes se escrevia Úrion; e, devido a certas pungências ligadas a essa explicação, eu estava ciente de que você não iria esquecê-la. Estava claro, portanto, que você não iria deixar de relacionar as duas ideias – de Órion e de Chantilly. Que você realmente as combinou, percebi pela expressão do sorriso que passou por seus lábios. Você pensou na imolação do pobre sapateiro. Até então, você caminhava meio encurvado; mas, nesse momento, endireitou-se de modo a mostrar sua plena estatura. Foi então que tive a certeza de que você estava refletindo sobre a figura diminuta de Chantilly. Nesse ponto interrompi suas meditações para comentar que, de fato, ele era um sujeito muito pequeno – o Chantilly – e que ele se sairia melhor no *Théâtre des Variétés*.

Pouco tempo depois disso, estávamos olhando uma edição vespertina da *Gazette des Tribunaux*, quando o seguinte parágrafo atraiu nossa atenção:

"ASSASSINATOS EXTRAORDINÁRIOS – Nesta madrugada, por volta das três horas da manhã, os habitantes do Quartier St. Roch foram acordados por uma série de gritos terríveis que partiam, ao que parece, do quarto andar de uma casa na Rua Morgue, cujas únicas moradoras eram uma tal Madame L'Espanaye e sua filha, Mademoiselle Camille L'Espanaye. Depois de alguma demora, ocasionada pela tentativa infrutífera de conseguir entrar na casa pela maneira convencional, a porta de entrada foi arrombada com um pé-de-cabra e oito ou dez dos vizinhos entraram, acompanhados por dois gendarmes.

A essa altura, os gritos já haviam cessado, mas, enquanto o grupo subia às pressas o primeiro lance de escadas, foram ouvidas duas ou mais vozes ásperas em violenta discussão e que pareciam vir da parte superior da casa. Quando o grupo chegou ao segundo andar, também estes sons haviam cessado e tudo permanecia no mais perfeito silêncio. O grupo se espalhou e se apressou em examinar quarto por quarto. Ao chegarem a uma grande câmara na parte dos fundos do quarto andar (cuja porta, trancada a chave pelo lado de dentro, precisou ser arrombada), depararam-se com um espetáculo que encheu a todos os presentes não só de horror como de estupefação.

O apartamento estava na mais completa desordem – a mobília estava aos pedaços e tinha sido atirada em todas as direções. Havia apenas uma cama, mas o colchão tinha sido retirado dela e jogado no meio do aposento. Sobre uma cadeira, havia uma navalha manchada de sangue. Na lareira havia duas ou três mechas longas e espessas de cabelo humano grisalho, também cobertas de sangue, que pareciam ter sido arrancadas pela raiz. Espalhados pelo assoalho foram encontrados quatro napoleões, um brinco de topázio, três colheres grandes de prata, três colheres menores de *métal d'Alger* e duas bolsas, contendo quase quatro mil francos em ouro. As gavetas de uma escrivaninha, que ficava em um dos cantos da sala, estavam abertas e tinham sido aparentemente reviradas, embora muitos objetos ainda permanecessem dentro delas. Um pequeno cofre de ferro foi descoberto no chão, embaixo do colchão (não embaixo da cama). Estava aberto, com a chave ainda na porta. Continha apenas algumas cartas velhas e outros papéis de pouca importância.

Nenhum sinal de Madame L'Espanaye foi encontrado ali, mas, ao notar uma quantidade incomum de fuligem na lareira, a chaminé foi examinada e (coisa horrível de se relatar!) de lá retiraram o cadáver da filha, dependurado de cabeça para baixo; tinha sido empurrado para cima, através da abertura estreita da chaminé, por uma distância considerável. O corpo ainda estava quente. Ao examiná-lo, foram encontradas muitas escoriações, sem dúvida, ocasionadas pela violência com que foi empurrado chaminé acima, e depois pelo esforço necessário para retirá-lo. No rosto, havia muitos

arranhões profundos, e, no pescoço, hematomas escuros e marcas fundas de unhas, como se a falecida tivesse sido estrangulada.

Após uma meticulosa investigação de cada parte da casa, sem novas descobertas, o grupo dirigiu-se a um pequeno pátio pavimentado nos fundos do edifício, onde jazia o corpo da velha senhora, com a garganta cortada a tal ponto que, ao tentarem erguer o corpo, a cabeça caiu no chão. O corpo – e também a cabeça – estavam terrivelmente mutilados; o primeiro, ao ponto de mal conservar qualquer semelhança com um corpo humano.

Até agora, segundo acreditamos, não existe ainda a menor pista que permita solucionar esse horrível mistério.

O jornal do dia seguinte trazia os seguintes detalhes adicionais:

A tragédia da Rua Morgue – Muitos indivíduos foram interrogados com relação a este caso tão extraordinário e assustador, mas ainda nada transpirou que pudesse lançar alguma luz sobre ele. Transcrevemos abaixo todas as declarações importantes obtidas.

Pauline Dubourg, lavadeira, depôs que conhecia as falecidas há três anos, tendo lavado para elas durante todo esse período. A velha senhora e a filha pareciam manter boas relações e serem muito carinhosas uma com a outra. Pagavam muito bem. Nada sabia sobre seus meios de subsistência. Achava que Madame L'Espanaye ganhava a vida como cartomante. Segundo diziam, tinha dinheiro guardado. Jamais encontrou outras pessoas na casa quando ia buscar as roupas para lavar ou vinha devolvê-las. Tinha certeza de que não tinham empregados. Parecia não haver mobília em parte alguma da casa, exceto no quarto andar.

Pierre Moreau, vendedor de tabaco, declarou que costumava vender pequenas quantidades de tabaco e de rapé à Madame L'Espanaye já há uns quatro anos. Tinha nascido no bairro e sempre residira por lá. A falecida e a filha moravam há mais de seis anos na casa em que os cadáveres tinham sido encontrados. A casa antes era ocupada por um joalheiro, que sublocava os andares superiores para várias pessoas. A casa era de propriedade de Madame L'Espanaye. Ela ficou descontente com os abusos do inquilino e mudou-se para lá, recusando-se a alugar qualquer parte do prédio. A velha senhora era meio infantil. A testemunha tinha visto a filha cinco ou seis vezes durante aqueles seis anos. As duas viviam uma vida muito retirada – e dizia-se que tinham dinheiro. Ouviu dos vizinhos que Madame L'Espanaye lia o futuro – mas não acreditava nisso. Nunca tinha visto ninguém entrar na casa, exceto a velha senhora e a filha, um carregador, vez ou outra, e um médico, umas oito ou dez vezes.

Muitas outras pessoas, que moravam na vizinhança, depuseram no mesmo sentido. Não se falou de ninguém que frequentasse a casa. Não se sabia se Madame L'Espanaye e a

filha tinham parentes vivos. As persianas das janelas da frente raramente eram abertas. As persianas dos fundos estavam sempre fechadas, com a exceção daqueles do grande quarto dos fundos do quarto andar. A casa era boa – não era muito antiga.

Isidore Musèt, gendarme, testemunhou que foi chamado à casa por volta das três horas da manhã e encontrou umas vinte ou trinta pessoas diante do portão, que se esforçavam para entrar. Pouco depois, abriu o portão à força com uma baioneta – não foi com um pé-de-cabra. Teve pouca dificuldade para abri-lo, porque era um portão de duas folhas e não estava trancado nem em cima nem embaixo. Os gritos continuaram enquanto o portão estava sendo arrombado, e então cessaram de súbito. Pareciam gritos de uma pessoa (ou pessoas) em grande agonia – eram altos e prolongados, e não curtos e rápidos. A testemunha subiu as escadas à frente de todos. Ao chegar ao primeiro andar, ouviu duas vozes que travavam uma violenta discussão – uma das vozes era rouca e zangada, a outra muito mais aguda – uma voz muito estranha. Conseguiu distinguir algumas das palavras ditas pela primeira voz, que era de um francês. Tinha certeza de que não era uma voz de mulher. Conseguiu distinguir as palavras *sacré* e *diable*. A voz mais aguda era de um estrangeiro. Não tinha certeza se era uma voz de homem ou de mulher. Não conseguiu entender nada do que foi dito, mas acreditava que falava em espanhol. A situação do quarto e dos corpos foi descrita pela testemunha conforme relatamos ontem.

Henri Duval, um vizinho, prateiro, testemunhou que fazia parte do grupo que entrou primeiro na casa. Em geral, corrobora o testemunho de Musèt. Tão logo forçaram a porta, tornaram a fechá-la para manter afastada a multidão que, apesar do adiantado da hora, se reunia rapidamente. A voz aguda, pensa a testemunha, era de um italiano. Tem certeza de que não era francês. Não tinha certeza se era voz de homem. Poderia ser de mulher. Não sabia falar italiano. Não conseguiu distinguir as palavras, mas estava convencido, pela entonação, de que a pessoa era italiana. Conhecera Madame L'Espanaye e sua filha. Conversava com as duas frequentemente. Tinha certeza de que a voz aguda não pertencia a nenhuma das falecidas.

Odenheimer, restaurador. A testemunha apresentou-se voluntariamente para testemunhar. Como não falava francês, o depoimento foi colhido com a ajuda de um intérprete. É natural de Amsterdã. Passava em frente à casa no momento dos gritos. Duraram por vários minutos – talvez uns dez. Eram longos e altos, muito terríveis e angustiantes. Foi uma das pessoas que entraram na casa. Confirmou as declarações anteriores em todos os aspectos, exceto um: tinha certeza de que a voz mais aguda era de um homem – de um homem francês. Não conseguiu entender as palavras ditas. Eram altas e rápidas – desiguais –, ditas aparentemente tanto com medo quanto com raiva. A voz era áspera, muito mais áspera do que estridente. Não poderia classificá-la como estridente. A voz mais rouca repetiu várias vezes as palavras *sacré* e *diable,* e uma única vez, a palavra *mon Dieu*.

Jules Mignaud, banqueiro, da firma *Mignaud et Fils*, da Rua Deloraine. É o mais velho dos Mignaud. Madame L'Espanaye tinha algumas propriedades. Tinha aberto uma conta em sua casa bancária na primavera do ano de... (oito anos antes). Depositava pequenas quantias com frequência. Nunca sacou nada até três dias antes de sua morte, quando retirou pessoalmente a quantia de quatro mil francos. Esta soma foi paga em ouro e um funcionário ficou encarregado de levá-lo à casa da depositante.

Adolphe Le Bon, funcionário da *Mignaud et Fils*, testemunhou que, no dia em questão, por volta do meio-dia, acompanhou Madame L'Espanaye até sua residência com os quatro mil francos guardados em duas bolsas. Assim que a porta foi aberta, Mademoiselle L'Espanaye apareceu e pegou de suas mãos uma das bolsas, enquanto a velha senhora fez o mesmo com a outra. Ele então as cumprimentou e foi embora. Não viu ninguém na rua naquele momento. É uma rua afastada, bastante solitária.

William Bird, alfaiate, testemunhou que foi uma das pessoas que entraram na casa. É de nacionalidade inglesa. Mora em Paris há dois anos. Foi um dos primeiros a subir as escadas. Escutou as vozes discutirem. A voz rouca era de um francês. Conseguiu entender várias palavras, mas não lembra mais de todas. Ouviu claramente *sacré* e *mon Dieu*. Naquele momento, havia um barulho que parecia o de várias pessoas brigando – barulho de pessoas lutando e de coisas sendo arrastadas. A voz estridente era muito alta – bem mais alta do que a voz rouca. Tem certeza de que não era a voz de um inglês. Parecia ser a voz de um alemão. Poderia ser uma voz de mulher. A testemunha não entende alemão.

Quatro das testemunhas acima, tendo sido reconvocadas, testemunharam que a porta do quarto em que foi encontrado o corpo de Mademoiselle L'Espanaye estava trancada por dentro quando o grupo chegou lá. Tudo estava em perfeito silêncio – não havia gemidos nem ruídos de qualquer tipo. Ao arrombarem a porta, não viram ninguém. As janelas, tanto do quarto da frente como o dos fundos, estavam com as persianas fechadas e trancadas por dentro. A porta que havia entre os dois cômodos estava fechada, mas não estava trancada. A porta do quarto da frente, que dava para o corredor, também estava trancada, com a chave do lado de dentro. Um pequeno quarto na parte da frente da casa, no quarto andar, no final do corredor, estava aberto, com a porta escancarada. Esse quarto estava entulhado de camas velhas, caixas e outras coisas. Todos os objetos foram cuidadosamente removidos e examinados. Não houve uma polegada em qualquer parte da casa que não tenha sido cuidadosamente vasculhada. As chaminés foram investigadas de cabo a rabo. A casa tinha quatro andares, com sótãos (mansardes). Um alçapão no forro tinha sido pregado com muita firmeza e não dava a impressão de ter sido aberto por anos. As testemunhas não estão de acordo quanto ao tempo decorrido entre o som das vozes discutindo e o arrombamento da porta do quarto. Alguns falaram em três minutos, outros em cinco. A porta foi aberta com muita dificuldade.

Alfonzo Garcio, agente funerário, testemunhou que reside na Rua Morgue. É natural da Espanha. Fazia parte do grupo que entrou na casa. Não subiu as escadas. É um homem nervoso e ficou com receio das consequências da agitação. Escutou as vozes discutindo. A voz mais rouca falava em francês. Não pôde compreender o que estava sendo dito. A voz estridente pertencia a alguém que falava em inglês – está certo disso. Não entende a língua inglesa, mas baseou-se na entonação.

Alberto Montani, confeiteiro, testemunhou que estava entre os primeiros que subiram as escadas. Escutou as vozes em discussão. A voz rouca falava em francês. Conseguiu perceber várias palavras. A pessoa parecia estar fazendo uma repreensão. Não conseguiu entender as palavras ditas pela voz estridente. Ela falava rápido e de forma intermitente. Mas acha que as palavras eram em russo. Confirma o testemunho geral. É italiano. Nunca conversou com um nativo da Rússia.

Várias testemunhas, ao serem novamente convocadas, testemunharam que as chaminés de todos os aposentos do quarto andar eram demasiado estreitas para permitir a passagem de um ser humano. Por "limpa-chaminés" queriam dizer escovas de limpeza cilíndricas, como aquelas que são utilizadas por aqueles que limpam chaminés. Estas escovas foram passadas para cima e para baixo no interior de toda a tubulação de chaminés da casa. Não existe porta dos fundos pela qual alguém pudesse ter descido enquanto o grupo subia as escadas. O corpo de Mademoiselle L'Espanaye estava tão entalado na chaminé que só pôde ser retirado com a ajuda de cinco ou seis pessoas.

Paul Dumas, médico, conta que foi chamado para examinar os corpos perto do amanhecer. Os corpos tinham sido colocados sobre o colchão, no quarto em que Mademoiselle L'Espanaye fora encontrada. O cadáver da jovem senhora apresentava muitos hematomas e escoriações. O fato de ter sido empurrado chaminé acima seria causa suficiente dessa aparência. A garganta estava bastante esfolada. Havia vários arranhões profundos logo abaixo do queixo, assim como uma série de manchas arroxeadas que, evidentemente, foram causadas pela pressão dos dedos. O rosto estava pavorosamente pálido, e os olhos saltavam das órbitas. A língua tinha sido parcialmente mordida. Notou-se um grande hematoma sobre o estômago, produzido, ao que tudo indicava, pela pressão de um joelho. Na opinião do senhor Dumas, Mademoiselle L'Espanaye tinha sido estrangulada até a morte por uma pessoa ou por pessoas desconhecidas. O cadáver da mãe estava horrivelmente mutilado. Todos os ossos da perna e do braço direitos apresentavam fraturas maiores ou menores. A tíbia esquerda, bem como todas as costelas do lado esquerdo, tinham se quebrado em mais de um lugar. O corpo inteiro estava assustadoramente machucado e pálido. Não era possível dizer como os ferimentos tinham sido infligidos. Um bastão pesado de madeira ou uma barra de ferro – uma cadeira, talvez –, qualquer arma grande, pesada e contundente poderia ter produzido aqueles resultados, se empunhada por um homem de grande força física. Mulher nenhuma poderia ter desferido aqueles golpes com

qualquer arma. A cabeça da falecida, quando esta foi examinada pela testemunha, estava inteiramente separada do corpo e também bastante despedaçada. A garganta fora evidentemente cortada com algum instrumento muito afiado – provavelmente uma navalha.

Alexandre Etienne, cirurgião, foi chamado, juntamente com o doutor Dumas para examinar os corpos. Confirmou o testemunho e as opiniões do senhor Dumas.

Nada mais de importância foi descoberto, embora várias outras pessoas tenham sido interrogadas. Um assassinato tão misterioso, e tão enigmático em todos os seus detalhes, nunca antes foi cometido em Paris – se é que realmente houve um assassinato. A polícia está perplexa, coisa pouco comum em casos desta natureza. Não existe, de qualquer forma, a menor sombra de uma pista.

A edição vespertina do jornal declarava que um grande tumulto ainda reinava no Quartier St. Roch, que os aposentos da casa tinham sido examinados mais uma vez, e que as testemunhas deram novos testemunhos, tudo sem o menor resultado. Um pós-escrito, entretanto, noticiava que Adolphe Le Bon tinha sido preso e encarcerado – embora nada parecesse incriminá-lo, além dos fatos que já foram detalhados.

Dupin pareceu-me singularmente interessado no progresso do caso – pelo menos assim me pareceu, a julgar por sua atitude, porque ele não fez um único comentário. Somente depois que a prisão de Le Bon foi anunciada ele pediu minha opinião sobre os assassinatos.

Pude tão somente concordar com todos os moradores de Paris ao considerá-los um mistério insolúvel. Não via meios que pudessem levar à identificação do assassino.

— Não podemos chegar a uma conclusão — disse Dupin — a partir de uma investigação tão superficial. A polícia parisiense, que é tão elogiada por sua perspicácia, é esperta, mas nada mais. Não existe método em seus procedimentos, além do método que é sugerido pelo momento. Apresentam uma série de medidas, mas não é raro que sejam tão mal adaptadas ao objetivo proposto, que nos trazem à mente Monsieur Jourdain, que pedia seu *robe-de-chambre: pour mieux entendre la musique*. Os resultados obtidos

por eles são quase sempre surpreendentes, mas, na maior parte, são obtidos por simples diligência e atividade. Quando estas qualidades faltam, seus esquemas falham. Vidocq, por exemplo, era um bom adivinhador e um homem perseverante. Porém, como seu pensamento carecia de educação, ele pecava continuamente pela própria intensidade de suas investigações. Prejudicava sua visão por segurar os objetos perto demais. É possível que visse um ou dois pontos com clareza extraordinária, mas, ao fazê-lo, ele, necessariamente, perdia a visão do conjunto. Assim, existe o problema do excesso de profundidade. A verdade nem sempre está no fundo de um poço. Na verdade, no que diz respeito aos conhecimentos mais importantes, creio que esteja sempre na superfície. A profundidade está nos vales em que a buscamos, e não no topo das montanhas onde é encontrada. Os modos e as fontes deste tipo de erro são bem exemplificados pela contemplação dos corpos celestiais. Olhar para uma estrela de relance – observá-la pelo canto dos olhos, voltando para ela a parte lateral da retina (mais suscetível às fracas impressões da luz que a parte interior) significa contemplá-la com clareza. É obter a melhor apreciação de seu brilho – um brilho que vai se enfraquecendo na proporção em que voltamos a visão diretamente para ela. Neste último caso, um número maior de raios incide no olho, porém, no primeiro, existe uma capacidade de percepção mais apurada. Com o excesso de profundidade, enfraquecemos o pensamento e o deixamos perturbado; e é possível até mesmo fazer com que a própria Vênus desapareça do firmamento se a observarmos de uma forma muito demorada, muito concentrada ou muito direta.

— Quanto a estes assassinatos, vamos nós mesmos fazer algumas verificações, antes de formarmos nossa opinião a respeito deles. Um inquérito nos trará algum divertimento – (achei esquisito o uso do termo, da maneira como foi utilizado, mas não disse nada) – e, além do mais, Le Bon uma vez me fez um favor, pelo qual sou grato. Vamos visitar os aposentos e

vê-los com nossos próprios olhos. Conheço G --, o chefe de polícia, e não terei dificuldade em obter a permissão necessária.

A permissão foi obtida, e fomos imediatamente para a Rua Morgue. Era uma dessas vielas miseráveis que ficam entre a Rua Richelieu e a Rua St. Roch. Já era fim de tarde quando chegamos lá, uma vez que esse quarteirão fica a uma boa distância daquele onde residíamos. Logo encontramos a casa, pois ainda havia muitas pessoas do outro lado da calçada, olhando para as janelas fechadas com uma curiosidade sem objetivo. Era uma casa parisiense comum, com uma entrada principal. Em um dos lados, havia uma guarita envidraçada com uma janela corrediça, que parecia ser um *loge de concierge.* Antes de entrarmos na casa, andamos pela rua, dobramos a esquina em um beco e, então, dobrando outra esquina, chegamos à parte de trás da casa. Enquanto isso, Dupin examinava toda a vizinhança, e também a casa, com uma atenção minuciosa que me parecia despropositada.

Refizemos nossos passos e chegamos de novo à frente da residência. Tocamos a campainha e, depois de apresentar nossas credenciais, fomos admitidos pelos agentes que estavam de serviço. Subimos as escadas – até o aposento onde o corpo de Mademoiselle L'Espanaye tinha sido encontrado, e onde os corpos das duas falecidas ainda estavam. Como era de se esperar, o quarto continuava revirado. Não pude ver nada além do que já havia sido relatado na *Gazette des Tribunaux*. Dupin examinava tudo – inclusive o corpo das vítimas. Passamos então aos outros quartos, e depois fomos até o pátio; um gendarme nos acompanhava por toda parte. O exame nos ocupou até a noite, quando decidimos partir. A caminho de casa, meu companheiro entrou por um momento no escritório de um dos jornais diários.

Já comentei que as extravagâncias de meu amigo são muitas, e que *je les ménagais*; – para essa frase, não há equivalente em inglês. Por uma dessas excentricidades, recusou-se a fazer qualquer comentário sobre o assunto do assassinato até quase meio-dia do dia seguinte. Então ele me

perguntou, de súbito, se eu havia observado qualquer coisa peculiar no local da atrocidade.

Havia alguma coisa no modo como enfatizou a palavra "peculiar" que me fez estremecer, sem que eu soubesse o motivo.

— Não, nada peculiar — eu disse, pelo menos, nada além do que já tínhamos lido nos jornais.

— Temo que a *Gazette* — respondeu — não tenha penetrado no horror incomum da coisa. Mas descarte as opiniões inúteis desse jornal. Parece-me que esse mistério é considerado insolúvel, pela mesma razão que deveria fazer com que fosse de fácil solução – quero dizer, pelo excesso, pelo *outré* de características. A polícia está confusa pela aparente ausência de motivos – não para o assassinato em si – mas para as atrocidades cometidas. Estão confusos, também, pela aparente impossibilidade de relacionar as vozes ouvidas na discussão com o fato de que ninguém foi encontrado no andar de cima, a não ser Mademoiselle L'Espanaye, morta, e de que não havia nenhuma maneira de escapar dali sem ser notado pelo grupo que subia as escadas. A desordem bárbara do quarto; o cadáver enfiado, de cabeça para baixo, na chaminé; a mutilação assustadora da velha senhora; essas considerações, mais aquelas que acabei de mencionar, e outras que não preciso comentar, foram suficientes para paralisar o poder de raciocínio dos policiais e confundir por completo a perspicácia de que tanto se vangloriam. Caíram no erro grosseiro, mas comum, de confundir o insólito com o obscuro. Mas é por esses desvios do plano do comum que a razão encontra seu caminho, caso seja possível, para a busca da verdade. Em investigações como essa, que agora estamos fazendo, não deveríamos perguntar "o que aconteceu", mas "o que aconteceu agora que nunca tenha acontecido antes". Na verdade, a facilidade com que chegarei, ou já cheguei, à solução desse mistério está em proporção direta com sua aparente insolubilidade aos olhos da polícia.

Olhei para meu interlocutor com um estarrecimento mudo.

— Estou agora esperando — ele continuou, olhando em direção à porta de nossa casa — estou agora esperando uma pessoa que, embora talvez não tenha sido o autor dessa carnificina, deve estar envolvido, de alguma forma, em sua execução. É provável que seja inocente no que diz respeito à pior parte dos crimes cometidos. Espero estar certo nessa suposição, porque sobre ela construí minha expectativa de solucionar todo o quebra-cabeça. Espero a chegada desse homem aqui – nesta sala – a qualquer momento. É verdade, ele pode não vir, mas é provável que venha. Se ele vier, será necessário detê-lo. Aqui estão as pistolas; e nós dois sabemos como usá-las quando a ocasião exige que as usemos.

Peguei as pistolas, sem saber ao certo o que fazia, e sem acreditar no que acabara de ouvir, enquanto Dupin continuava a falar, como se estivesse falando sozinho. Já comentei sobre como ele adotava um ar distante nesses momentos. O discurso dele era dirigido a mim, mas a voz, embora não fosse alta, tinha aquela entonação que normalmente se emprega quando se fala com alguém que está a uma grande distância. Os olhos, sem nenhuma expressão, estavam fixos na parede.

— Que as vozes ouvidas na discussão — ele disse — pelo grupo que subia as escadas, não eram as vozes das mulheres, ficou completamente provado pelas evidências. Isso nos livra de toda dúvida sobre a possibilidade de que a velha tenha primeiro assassinado a filha e depois cometido suicídio. Falo sobre isso apenas por uma questão de método, porque a força de Madame L'Espanaye não teria sido suficiente para a tarefa de enfiar o cadáver da filha chaminé acima, da forma como foi encontrado; e a natureza das feridas em seu próprio corpo excluem inteiramente a ideia de suicídio. O assassinato, então, foi cometido por terceiros; e as vozes dessas pessoas foram aquelas ouvidas na discussão. Permita-me agora trazer sua atenção – não sobre as declarações a respeito das vozes – mas em relação ao que existe de peculiar nesses testemunhos. Você observou alguma coisa peculiar nessas declarações?

— Notei que, embora todas as testemunhas tenham concordado na suposição de que a voz rouca era de um francês, houve muitas divergências com relação à voz estridente, ou, como uma das testemunhas a descreveu, à voz áspera.

— Essa é a evidência propriamente dita — disse Dupin —, mas não a peculiaridade da evidência. Você não observou nada diferente. Ainda assim, havia algo a ser observado. As testemunhas, como você pôde notar, concordam sobre a voz rouca; elas foram unânimes nesse ponto. Mas em relação à voz estridente, a peculiaridade não está no fato de que as testemunhas discordaram, mas de que um italiano, um inglês, um espanhol, um holandês e um francês tentaram descrevê-la, e cada um dizendo ser a voz de um estrangeiro. Cada um deles tem certeza de que não era a voz de um compatriota. Cada um deles a compara, não à voz de um indivíduo de uma nação cujo idioma lhes seja familiar, mas o contrário. O francês supõe que a voz seja de um espanhol, e poderia ter distinguido algumas palavras *se fosse familiarizado com a língua espanhola*. O holandês sustenta que a voz era de um francês, mas vimos que, *por não entender francês, essa testemunha foi ouvida com a ajuda de um intérprete*. O inglês pensa que a voz era de um alemão, mas *não compreende alemão*. O espanhol "está certo" de que a voz era de um inglês, mas "julga pela entonação", *já que não tem conhecimento algum sobre a língua inglesa*. O italiano acredita que a voz era de um russo, mas *nunca conversou com um russo*. Além disso, um segundo francês diverge do primeiro, e é taxativo ao dizer que a voz era de um italiano, mas, *não conhecendo essa língua*, assim como o espanhol, *convenceu-se pela entonação*. Então, veja que estranha e incomum deve ter sido, na verdade, aquela voz, para dar ensejo a testemunhos como esses! Em cujos tons nem mesmo cidadãos das cinco grandes divisões da Europa conseguiram reconhecer nada de familiar! Você dirá que pode ter sido a voz de um asiático – ou de um africano. Nem asiáticos, nem africanos abundam em Paris, mas, sem desconsiderar a inferência, apenas chamarei sua atenção,

agora, para três pontos. A voz é descrita por uma das testemunhas como “mais repulsiva que estridente”. É caracterizada por duas outras como tendo sido “rápida e entrecortada”. Palavra alguma – ou som algum assemelhado à palavra – foram mencionados por qualquer testemunha como distinguíveis.

— Não sei — prosseguiu Dupin — qual impressão posso ter causado, até agora, ao seu entendimento, mas não hesito em dizer que deduções legítimas, mesmo advindas dessa parte dos testemunhos – da parte que diz respeito às vozes rouca e estridente – são por si só suficientes para levantar uma suspeita que deve nortear todo o progresso da investigação do mistério. Eu disse “deduções legítimas”, mas o sentido que quis dar a essas palavras não está totalmente expresso. Minha intenção era insinuar que tais deduções são as únicas adequadas, e que minha suspeita surge inevitavelmente a partir delas, como única conclusão. Todavia, não revelarei que suspeita é essa por enquanto. Desejo apenas que você tenha em mente o fato de que, para mim, foi imperativa o suficiente para dar uma forma definida – uma certa tendência – às minhas investigações no quarto. Transportemo-nos agora, em pensamento, para esse quarto. O que devemos procurar em primeiro lugar? Os meios que os assassinos utilizaram para escapar. Não é exagero dizer que nenhum de nós acredita em eventos sobrenaturais. Madame e Mademoiselle L’Espanaye não foram assassinadas por espíritos. Os autores do feito são entes materiais, e escaparam por vias materiais. Como fizeram então? Felizmente, há apenas uma maneira de se racionar sobre esse ponto, e essa maneira precisa nos conduzir a uma decisão definida. Vamos examinar, um a um, os possíveis meios de fuga. Está claro que os assassinos estavam no quarto onde Mademoiselle L’Espanaye foi encontrada, ou pelo menos no quarto adjacente, quando o grupo subiu as escadas. Portanto, é apenas nesses dois apartamentos que precisamos procurar indícios. A polícia analisou o chão, o teto e a alvenaria das paredes em todas as direções. Nenhum detalhe oculto poderia ter escapado à sua vigilância. Mas, não confiando nos olhos deles, examinei com os meus. Não

havia, de fato, nenhum detalhe oculto. As duas portas dos quartos que dão acesso ao corredor estavam firmemente trancadas, com as chaves na fechadura. Vejamos agora as chaminés. Embora de largura normal até uns três ou quatro metros acima da lareira, o duto, por toda a sua extensão, não admite sequer o corpo de um gato grande. Sendo absoluta a impossibilidade de fuga por elas pelo que já foi relatado, restam-nos então as janelas. Por aquelas do quarto da frente ninguém poderia ter escapado sem ser notado pela multidão que estava na rua. Os assassinos devem ter passado, portanto, pelas janelas do quarto dos fundos. Assim, trazidos a esta conclusão da forma tão inequívoca como fomos, não é nosso papel, como pensadores, rejeitá-la por conta de aparentes impossibilidades. Só nos resta provar que essas aparentes "impossibilidades" não são, na realidade, tão impossíveis assim. Há duas janelas no quarto. Uma delas está desobstruída pelos móveis, e é totalmente visível. A parte de baixo da outra fica escondida pela cabeceira da cama pesada, que está colocada bem próxima à essa janela. A primeira foi encontrada firmemente travada por dentro. Ela resistiu à força extrema empregada por aqueles que tentaram levantá-la. Havia um grande furo no batente feito com uma verruma, do lado esquerdo, e um prego bem avantajado foi encontrado encravado ali, quase até a altura da cabeça. Ao examinar a outra janela, constatou-se a existência de um prego similar, encravado da mesma forma; e uma vigorosa tentativa de levantar essa folha também falhou. Naquele momento, a polícia ficou inteiramente convencida de que a fuga não tinha se dado por essas vias. E, portanto, pensou-se ser desnecessário retirar os pregos e abrir as janelas. Minha investigação particular foi, de certa forma, mais específica, e assim foi pelo motivo que acabei de dizer: porque era ali – eu sabia – onde era preciso provar que o que aparentava ser uma impossibilidade não era, na realidade. Prossegui pensando desta forma... *a posteriori*. Os assassinos escaparam, sim, por uma dessas janelas. Assim sendo, eles não poderiam ter travado novamente as janelas por dentro, como foram encontradas – consideração que, por óbvia

que era, pôs fim à investigação da polícia nesse aposento. No entanto, as janelas foram travadas. Elas devem, portanto, ter a capacidade de se travarem sozinhas. Não havia como fugir dessa conclusão. Andei até o batente desobstruído, retirei o prego com alguma dificuldade e tentei levantar a folha. Ela resistiu a todos os meus esforços, como eu já havia previsto. Devia haver – eu agora sabia – uma mola oculta; e a confirmação dessa ideia convenceu-me de que, ao menos, minhas premissas estavam corretas, por mais misteriosas que ainda parecessem as circunstâncias que envolviam os pregos. Uma procura cuidadosa logo trouxe à luz a mola escondida. Pressionei-a e, satisfeito com a descoberta, abstive-me de abrir a janela. Recoloquei o prego e o observei com atenção. Um indivíduo, ao passar por esta janela, poderia tê-la fechado novamente, e a mola a teria travado – contudo, o prego não poderia ter sido recolocado. A conclusão era simples, e novamente reduziu o campo das minhas investigações. Os assassinos devem ter escapado pela outra janela. Supondo, então, que as molas das duas janelas fossem iguais, como era provável, devia haver alguma diferença entre os pregos ou, pelo menos, entre as formas como foram fixados. Colocando-me sobre o estrado da cama, examinei minuciosamente o segundo batente, que ficava atrás da cabeceira. Ao deslizar a mão por trás da estrutura, descobri e pressionei a mola, que era, como já suspeitava, idêntica à sua vizinha. E então observei o prego. Era tão forte quanto o outro e, aparentemente, estava fixado da mesma forma – cravado até quase à altura da cabeça. Você dirá que fiquei confuso, mas, se pensa assim, não compreendeu bem a natureza das induções. Para usar uma frase esportiva, até ali eu não havia "cometido falta". O faro não havia sido perdido nem mesmo por um instante. Não havia defeito em nenhum elo da corrente. Eu havia rastreado o segredo até seu resultado final – e esse resultado era o prego. Ele tinha, eu diria, em todos os aspectos, a mesma aparência de seu companheiro da outra janela; mas esse fato era uma absoluta nulidade (por mais conclusivo que parecesse ser) quando

comparado à consideração de que ali, naquele ponto, terminava a pista. “Deve haver algo de errado com o prego”, pensei com meus botões. Toquei-o, e a cabeça, com cerca de um quarto de polegada do corpo, soltou-se em meus dedos. O restante do corpo ficou no furo de verruma, onde fora partido. A fratura era antiga (as bordas estavam incrustadas com ferrugem), e, aparentemente, tinha sido provocada por uma martelada, que afundou, uma parte da cabeça do prego na madeira da janela. Recoloquei com cuidado essa parte da cabeça no lugar de onde a havia retirado, e a semelhança com um prego perfeito era completa – a fissura ficou invisível. Pressionei a mola, e delicadamente levantei a folha por alguns centímetros; a cabeça veio junto com ela, permanecendo firme em seu apoio. Fechei a janela e o prego deu, mais uma vez, a impressão de estar perfeito. Até aí o enigma estava decifrado. O assassino tinha escapado pela janela que ficava atrás da cabeceira da cama. Caindo por si só após a fuga (ou talvez fechada propositalmente), a janela foi travada pela mola; e foi justamente a resistência oferecida pela mola que confundiu a polícia, levando-a a atribuir a resistência ao prego – e assim, investigações adicionais foram consideradas desnecessárias.

— A questão seguinte — continuou Dupin — consistia em saber de que modo o assassino conseguira descer. Sobre esse ponto, dei-me por satisfeito com nossa caminhada ao redor da residência. A pouco mais de um metro e meio do batente em questão, ergue-se um para-raios. De sua haste teria sido impossível alguém alcançar a janela, quanto mais conseguir entrar por ela. Observei, entretanto, que as folhas das janelas do quarto andar são de um tipo peculiar, que os carpinteiros parisienses chamam de *ferrades* – um tipo raramente utilizado hoje em dia, mas visto frequentemente em antigas mansões de Lyons e Bourdeaux. Elas têm o formato de uma porta comum (uma porta simples, não de duas bandeiras), exceto que a metade inferior é entalhada ou trabalhada com treliças vazadas – proporcionando, assim, um excelente apoio para as mãos. No caso em questão, tais folhas têm quase um

metro de largura. Quando as vimos da parte de trás da casa, ambas estavam abertas até quase pela metade – quer dizer, elas formavam ângulos retos com a parede. É provável que os policiais, assim como eu, tenham examinado a parte de trás da habitação, mas, se o fizeram, quando olharam as *ferrades* na linha de sua largura (algo que devem ter feito), não notaram a grande extensão dessa largura, ou então, no conjunto de todos os eventos, não levaram tal extensão em consideração. Na verdade, uma vez satisfeitos com a constatação de que fuga alguma poderia ter ocorrido por aquele aposento, entregaram-se ali a um exame bastante superficial. Contudo, ficou claro para mim que a folha da janela que ficava na cabeceira da cama, se aberta completamente, rente à parede, ficaria a uma distância de não mais do que sessenta centímetros do para-raios. Também ficou evidente que, empregado um nível incomum de presteza e coragem, uma invasão por essa janela, a partir do para-raios, pode ter sido levada a efeito – esticando-se a uma distância de sessenta centímetros (supomos agora a folha completamente aberta), um assaltante pode ter se agarrado com firmeza à parte com treliças. E depois, soltando-se do para-raios, apoiando com firmeza os pés contra a parede, e dando um salto audacioso sobre ela em seguida, ele pode ter balançado com a folha de modo a fechá-la, e, se imaginarmos que a janela estava aberta nesse momento, pode até mesmo ter balançado o corpo para dentro do quarto. Quero que você tenha particularmente em mente que falei de um nível bastante incomum de esforço como requisito para o sucesso nesse feito tão arriscado e difícil. Minha intenção é mostrar a você, primeiramente, que essa ação poderia ter sido, de fato, realizada, mas, em segundo lugar e principalmente, desejo chamar a atenção de seu entendimento para o caráter bastante extraordinário – quase sobrenatural – dessa agilidade que pode ter conseguido realizar tal proeza. Sem dúvida, você dirá, utilizando o linguajar da lei, que a fim de “elucidar o meu caso”, eu deveria dar menos valor a tal questão, em vez de insistir numa completa apreciação de todo o esforço requerido nessa situação. Pode ser que essa

seja a prática legal, mas não é desse modo que procede a razão. Meu objetivo último é apenas a verdade. Meu propósito imediato é levá-lo a justapor o esforço bastante incomum, do qual acabei de lhe falar, com aquela voz estridente (ou repulsiva), muito peculiar e irregular, acerca da qual não se conseguiu ao menos duas pessoas que concordassem sobre a nacionalidade e em cuja entonação não se detectou nenhuma silabação.

Ao ouvir essas palavras, uma ideia vaga e inacabada do que Dupin queria dizer acorreu-me à mente. Eu parecia estar à beira da compreensão, sem forças para alcançá-la – do mesmo modo que, vez por outra, nos encontramos na iminência da lembrança, sem conseguirmos, no entanto, trazer o dado à lembrança. Meu amigo prosseguiu com seu discurso.

— Você verá — disse ele — que desloquei a pergunta sobre o meio de fuga para o de acesso. Foi meu intento sugerir a ideia de que ambos se deram da mesma maneira, pelo mesmo lugar. Voltemos agora para o interior do quarto. Inspecionemos o que se apresenta ali. Foi dito que as gavetas da escrivaninha haviam sido saqueadas, embora ainda restassem diversos itens de vestuário dentro delas. A conclusão aqui é absurda. Trata-se de uma mera conjectura – bastante ingênua – e nada mais. Como podemos saber se os itens encontrados nas gavetas não eram tudo o que as gavetas originalmente já guardavam? Madame L'Espanaye e a filha levavam uma vida extremamente reservada: não recebiam visitas, raramente saíam, necessitavam muito pouco de um grande número de vestimentas. As roupas encontradas eram, no mínimo, de qualidade tão boa quanto quaisquer outras que essas mulheres pudessem ter. Se um ladrão tivesse levado alguma, por que não levaria as melhores? Por que não levou todas? Em uma palavra, por que abandonou quatro mil francos em ouro para levar uma trouxa de roupas? O ouro foi abandonado. Quase toda a soma mencionada por Monsieur Mignaud, o banqueiro, foi encontrada no chão, em sacolas. Assim, quero que você descarte de seus pensamentos a ideia precipitada dos policiais para a motivação dos assassinatos, engendrada em suas mentes por aquela parte dos

depoimentos que se refere ao “dinheiro entregue na porta da casa”. Coincidências dez vezes mais incríveis do que essa (a entrega de dinheiro e o assassinato cometido três dias após a vítima tê-lo recebido) acontecem com todos nós, a cada hora de nossas vidas, sem que atraiam atenção sequer momentânea. Coincidências são, em geral, o grande obstáculo no caminho deste grupo de pensadores que foram educados no mais completo desconhecimento da teoria das probabilidades – teoria à qual os mais gloriosos objetos da pesquisa humana devem os mais gloriosos esclarecimentos. No caso em questão, tivesse o ouro desaparecido, o fato de ter sido entregue três dias antes teria constituído algo mais do que uma simples coincidência. Seria fato corroborante da ideia da motivação. Mas, sob as reais circunstâncias do caso, se formos supor que o ouro seja a motivação de toda essa barbárie, devemos considerar também que o autor é um idiota tão vacilante que foi capaz de abandonar juntos o ouro e a motivação. Conservando agora em mente os pontos para os quais chamei sua atenção – a voz peculiar, a agilidade incomum e a surpreendente ausência de motivação num assassinato tão atroz como esse – atentemos à carnificina propriamente dita. Temos uma mulher estrangulada até a morte com as mãos, empurrada chaminé acima, de cabeça para baixo. Assassinos comuns jamais empregam métodos como esse. Muito menos fazem tal coisa com o corpo da vítima. Pela forma como o cadáver foi empurrado chaminé acima, você tem que admitir que há algo de excessivamente *outré* – algo totalmente incompatível com nossas noções comuns de conduta humana, mesmo supondo que seus autores sejam os mais degenerados dos seres humanos. Pense, também, em como deve ter sido enorme a força que conseguiu empurrar o corpo para cima numa abertura tão estreita, de um modo tão poderoso que o esforço conjunto de diversas pessoas, como se viu, quase não bastou para tirá-lo dali! Atente, agora, para outros indícios de emprego de um esforço ainda admirável. Defronte à lareira, havia mechas grossas – muito grossas – de cabelos grisalhos. Elas tinham sido arrancadas pela raiz.

Você deve fazer ideia da enorme força necessária para se arrancar da cabeça vinte ou trinta fios de cabelo, que seja. Assim como eu, você viu os cachos de cabelo em questão. As raízes (que visão hedionda!) exibiam fragmentos da carne do couro cabeludo com sangue coagulado – sinal incontestável da força prodigiosa empreendida para desenraizar talvez meio milhão de fios de cabelo de uma só vez. O pescoço da anciã não estava apenas cortado, mas a cabeça encontrava-se completamente separada do corpo: o instrumento utilizado foi uma simples navalha. Quero que você observe também a ferocidade brutal desses atos. Sobre as contusões no corpo de Madame L'Espanaye, não me manifesto. Monsieur Dumas e seu valoroso assistente, Monsieur Etienne, declararam que tais contusões foram infligidas por algum instrumento rombudo; e até aí esses senhores estão certos. Está claro que esse instrumento obtuso foi o piso de pedra do jardim, sobre o qual a vítima caiu daquela janela que fica acima da cama. Tal ideia, por mais simples que possa parecer agora, escapou à polícia pela mesma razão que também escapou a ela a extensa largura das folhas da janela – porque, pela disposição dos pregos, suas percepções ficaram hermeticamente fechadas à qualquer possibilidade de que as janelas tivessem sido abertas. Se agora, além de todas essas coisas, você refletir adequadamente sobre a estranha desordem do quarto, já teremos ido longe o suficiente para conseguir combinar as ideias da espantosa agilidade, da força sobre-humana, da ferocidade brutal, da carnificina sem motivo, uma *grotesquerie* cujo horror é absolutamente alheio ao humano, e da voz que tinha sotaque estrangeiro aos ouvidos de homens de várias nacionalidades, desprovida de qualquer silabação distinta ou inteligível. O que sucedeu afinal? Que impressão causei em sua imaginação?

No momento em que Dupin me fez a pergunta, senti um formigamento no corpo.

— Um louco — disse eu — cometeu esse ato, algum louco desvairado, fugitivo de uma Maison de Santé dos arredores.

— Em alguns aspectos — respondeu —, sua ideia não é irrelevante. Mas as vozes dos loucos, mesmo no paroxismo mais descontrolado, jamais se comparam a essa voz peculiar que foi ouvida das escadas. Loucos têm alguma nacionalidade, e sua língua, por mais incoerentes que sejam suas palavras, sempre guarda a coerência da silabação. Além do mais, os cabelos de um louco não se parecem em nada com isso que tenho em minha mão. Soltei esse pequeno tufo dos dedos rigidamente fechados de Madame L'Espanaye. Diga-me o que acha disto.

— Dupin! — disse eu, muito agitado — Este cabelo é a coisa mais incomum. Isto não é cabelo humano.

— Não afirmei que fosse — disse ele. — Mas, antes de decidirmos esse ponto, quero que dê uma olhada no pequeno esboço que rabisquei sobre este papel. É uma reprodução do que foi descrito em uma parte dos depoimentos como "negros hematomas e marcas profundas de unhas" na garganta de Mademoiselle L'Espanaye e, em outra (pelos messieurs Dumas e Étienne), como "uma série de manchas arroxeadas, evidentemente marcas de dedos". Você perceberá — prosseguiu meu amigo, abrindo o papel sobre a mesa diante de nós — que o desenho dá uma ideia de apreensão firme e fixa. Não há sinal aparente de dedos escorregando. Cada dedo se manteve – possivelmente até a morte da vítima – terrivelmente agarrado ao ponto original. Experimente agora colocar todos os seus dedos, ao mesmo tempo, nas respectivas marcas, tal como vê.

Fiz a tentativa, em vão.

— Possivelmente, não estamos dando a essa questão um julgamento justo — disse. — O papel está aberto sobre uma superfície plana, mas a garganta humana é cilíndrica. Eis aqui uma tora de lenha, cuja circunferência é aproximadamente a de uma garganta. Enrole o desenho em torno dela e tente a experiência mais uma vez.

Fiz como fui instruído, mas a dificuldade ficou ainda mais óbvia do que antes.

— Isso — disse eu — não é marca de nenhuma mão humana.

— Leia agora — replicou Dupin — esta passagem de Cuvier.

Era um relato com minúcias anatômicas e descrições gerais a respeito do grande orangotango marrom-avermelhado das ilhas indonésias. A estatura gigantesca, a força e agilidade prodigiosas, a ferocidade selvagem e as propensões imitativas desses mamíferos são suficientemente bem conhecidas de todos. Compreendi plenamente e na mesma hora os horrores dos assassinatos.

— A descrição dos dedos — disse eu, ao terminar de ler — está exatamente de acordo com o desenho. Percebo que nenhum outro animal além de um orangotango da espécie aqui mencionada poderia ter deixado marcas como as que você rabiscou. Este tufo de pelo marrom-avermelhado, também, é idêntico em caráter ao da fera de Cuvier. Mas não consigo conceber de modo algum os detalhes desse pavoroso mistério. Além do mais, foram duas as vozes ouvidas em altercação, e uma delas era inquestionavelmente a de um francês.

— É verdade; e você há de lembrar-se de uma expressão atribuída quase que de forma unânime, pelos depoimentos, a essa voz – a expressão *mon Dieu!*. Isso, sob as circunstâncias, foi legitimamente caracterizado por uma das testemunhas (Montani, o confeiteiro) como uma exclamação de reprovação ou protesto. Sobre essas duas palavras, portanto, ergui minhas principais esperanças de solucionar plenamente o enigma. Um francês tinha conhecimento do crime. É possível – na verdade, mais do que provável – que seja inocente de qualquer participação nos sangrentos acontecimentos que ali tiveram lugar. O orangotango talvez tenha lhe escapado. Pode ter acontecido de tê-lo seguido até o aposento; porém, sob as perturbadoras circunstâncias que se sucederam, talvez nunca o tenha recapturado. O animal

continua à solta. Não vou prosseguir nessas conjecturas – pois não é correto considerá-las como mais do que isto –, uma vez que os contornos da análise sobre os quais estão fundamentadas não exibem profundidade suficiente para serem apreciadas por meu próprio intelecto, e também porque eu não conseguiria torná-las inteligíveis à compreensão dos outros. Vamos chamá-las, portanto, de conjecturas, e nos referiremos a elas como tal. Se o francês em questão é, de fato, como suponho, inocente dessas atrocidades, este anúncio, que deixei ontem à noite, quando voltávamos para casa, na redação do *Le Monde* (um jornal voltado a assuntos mercantis e muito procurado pelos marinheiros), o trará até nossa residência.

Estendeu-me um papel, onde li o seguinte:

> CAPTURADO – No Bois de Boulogne, no início da madrugada do dia – do corrente mês (a madrugada dos assassinatos), um enorme orangotango marrom-avermelhado da espécie de orangotango-de-Bornéu. O dono (que constatou-se ser um marinheiro pertencente a uma embarcação maltesa) poderá reaver o animal identificando-se de forma satisfatória e pagando algumas despesas devidas a sua captura e guarda. Comparecer ao número ..., Rue ..., Faubourg St. Germain – *au troisième*.

— Como foi possível — perguntei — saber que o homem é um marinheiro e que pertence a uma embarcação maltesa?

— Na verdade, eu não sei — disse Dupin. — Não tenho certeza disso. Aqui está, porém, um pequeno pedaço de fita que, pela forma e pelo aspecto encardido, foi evidentemente utilizada para amarrar o cabelo numa daquelas longas tranças que os marinheiros tanto gostam. Além do mais, esse nó é um daqueles que poucos, além dos marinheiros, conseguem dar, e é peculiar aos malteses. Encontrei a fita ao pé da haste do para-raios. Não poderia ter pertencido a nenhuma das vítimas. Bem, e se, ao final, minha dedução, a partir dessa fita, de que o francês era um marinheiro pertencente a uma embarcação maltesa estiver errada, ainda assim nenhum mal causei dizendo o que disse no anúncio. Se eu estiver errado, o sujeito irá meramente

supor que me deixei iludir por alguma circunstância sobre a qual não se dará o trabalho de indagar. Mas, se estiver correto, um grande objetivo terá sido conquistado. Presente, ainda que inocente, no assassinato, o francês naturalmente hesitará em responder ao anúncio – em reclamar o orangotango. Ele então vai raciocinar: "Sou inocente; sou pobre; meu orangotango vale muito – para alguém em minhas condições, vale uma verdadeira fortuna. Por que deveria perdê-lo por conta de inúteis receios de perigo? Ei-lo aqui, ao meu alcance. Foi encontrado no Bois de Boulogne – a uma enorme distância da cena da carnificina. Como poderão suspeitar que uma fera bruta possa ter cometido aqueles atos? A polícia está às escuras – fracassaram em encontrar a mais ínfima das pistas. Mas, mesmo que conseguissem seguir o rastro do animal, seria impossível provar que presenciei o crime ou imputar a mim a culpa por conta desse presença. E, além do mais, já se sabe de minha pessoa. O anunciante se refere a mim como dono da criatura. Não tenho certeza sobre até onde vão suas informações. Se eu não reclamar uma propriedade de tão grande valor, da qual já se sabe que sou o dono, corro o risco de levantar suspeitas, ao menos sobre o animal. Não é prudente de minha parte atrair atenção para mim ou para a fera. Vou atender ao anúncio, recuperar o orangotango e mantê-lo preso até o assunto ter esfriado".

Nesse momento, ouvimos passos nas escadas.

— Fique preparado — disse Dupin — com suas pistolas, mas não as utilize e nem as mostre até que eu dê um sinal.

A porta de entrada da casa tinha sido deixada aberta e o visitante tinha entrado, sem tocar a campainha, e já avançava pelos degraus da escada. Em dado momento, porém, pareceu hesitar. Pouco depois, nós o ouvimos descer. Dupin já se dirigia rapidamente à porta quando, novamente, o ouvimos subir. Ele não deu meia-volta uma segunda vez, mas avançou com determinação e bateu na porta de nosso gabinete.

— Entre — disse Dupin, com um tom alegre e cordial.

Um homem entrou. Era um marinheiro, evidentemente – um sujeito alto, corpulento e musculoso, com certa expressão de valentia no semblante, não de todo desinteressante. Tinha o rosto bastante queimado de sol, com mais da metade escondido por suíças e um volumoso bigode. Tinha com ele um enorme bastão de carvalho, mas parecia, de resto, desarmado. Fez uma reverência desajeitada e nos disse “boa tarde” com um sotaque francês que, embora lembrasse um pouco o sotaque de Neuchâtel**,** ainda assim era suficiente para indicar a origem parisiense.

— Sente-se, meu amigo — disse Dupin. — Presumo que esteja aqui por causa do orangotango. Devo confessar que quase o invejo por ser o dono dele; um animal incrivelmente belo e, sem dúvida, muito valioso. Que idade presume que tenha?

O marinheiro deu um longo suspiro, com ar de quem estava aliviado de algum fardo intolerável, e então respondeu, em tom confiante:

— Não tenho como dizer, mas não deve ter mais de quatro ou cinco anos de idade. Estão com ele aqui?

— Ah, não. Não dispomos de espaço adequado para mantê-lo aqui. Ele está em um estábulo de aluguel na Rue Dubourg, aqui perto. Você pode buscá-lo pela manhã. É claro que está preparado para identificar sua propriedade?

— Certamente que estou, senhor.

— Lamentarei entregá-lo — disse Dupin.

— Não é minha intenção que tenha tido todo esse trabalho por nada, senhor — disse o homem. — Não poderia esperar tal coisa. Estou inteiramente disposto a pagar uma recompensa por ter encontrado o animal, quero dizer, qualquer coisa dentro do razoável.

— Bem — respondeu meu amigo —, isso tudo é muito justo, com certeza. Deixe-me pensar! O que devo pedir? Ah! Já lhe digo. Minha

recompensa será a seguinte: quero que me forneça todas as informações em seu poder a respeito dos assassinatos na Rua Morgue.

Dupin disse essas últimas palavras em um tom muito baixo, e com muita tranquilidade. Com a mesma tranquilidade com que, também, andou em direção à porta, trancou-a e enfiou a chave no bolso. Depois, puxou a pistola do peitilho e a pousou, sem a mínima agitação, sobre a mesa.

O rosto do marinheiro ficou vermelho como se lutasse para não sufocar. Levantou-se de repente e agarrou seu bastão, mas, no momento seguinte, desabou de volta em sua cadeira, tremendo violentamente, e com o semblante da própria morte. Não disse uma palavra. Compadeci-me dele, do fundo do meu coração.

— Meu amigo — disse Dupin em um tom bondoso — você está se alarmando desnecessariamente, de fato está. Não pretendemos lhe causar mal algum. Dou minha palavra de cavalheiro, e de francês, de que não temos a menor intenção de prejudicá-lo. Sei perfeitamente bem que é inocente das atrocidades na Rua Morgue. Entretanto, de nada adianta negar que está, em certa medida, envolvido nos assassinatos. Pelo que já afirmei, você já deve ter notado que dispus de meios para me informar sobre esse caso – meios que você jamais poderia ter imaginado. Nesse contexto, a situação que se apresenta é a seguinte: o senhor não fez nada que pudesse ter sido evitado – nada, decerto, que o torne culpável. Não é sequer culpado de roubo, quando poderia ter roubado impunemente. Você não tem nada a esconder. Não tem motivo para isso. Por outro lado, está obrigado, segundo todos os princípios da honra, a confessar tudo que sabe. Um homem inocente acha-se preso neste momento, acusado de um crime cujo autor você pode apontar.

O marinheiro ia recobrando a presença de espírito, em grande medida, conforme Dupin pronunciava essas palavras, mas sua audácia original tinha desaparecido.

— Que Deus me ajude — disse ele, após uma breve pausa —, vou mesmo lhes contar tudo que sei acerca desse caso, mas não espero que acreditem na metade do que direi – eu seria um tolo de fato se o esperasse. Mesmo assim, sou inocente, e partirei com a alma limpa se morrer por causa disso.

O que ele afirmou foi, substancialmente, o seguinte. Ele havia feito uma viagem recente ao Arquipélago Indiano. Um grupo, do qual fazia parte, desembarcou em Bornéu, avançando pelo interior da ilha, numa excursão de lazer. Ele e um companheiro haviam capturado um orangotango. Com a morte desse companheiro, ficou com a posse exclusiva do animal. Após enormes dificuldades, ocasionadas pela ferocidade intratável do cativo durante a viagem de volta para casa, ele conseguiu, após um longo tempo, alojá-lo em local seguro, em sua própria residência em Paris, onde, a fim de não atrair para si a desagradável curiosidade dos vizinhos, manteve-o cuidadosamente recluso, até que o animal se recuperasse de um ferimento no pé, causado por uma lasca de madeira do navio. Sua intenção final era vendê-lo.

Certa noite, ou, melhor dizendo, na madrugada dos assassinatos, ao voltar para casa após uma farra de marinheiros, deu com a criatura ocupando seu próprio quarto, que invadira por um closet contíguo, onde estava – assim ele pensava – confinado e em segurança. Com uma navalha na mão e devidamente ensaboado, o animal estava sentado diante do espelho, ensaiando a operação de se barbear; coisa que, sem dúvida, vira o dono realizar pelo buraco da fechadura do closet. Aterrorizado com a visão de arma tão perigosa na posse de um animal tão feroz e tão bem capacitado a usá-la, o homem, por alguns momentos, ficou perdido quanto ao que fazer. Havia se acostumado, entretanto, a acalmar a criatura, mesmo nos momentos em que se mostrava mais furiosa, com o uso de um chicote, ao qual, naquele momento, ele recorreu. Ao ver o instrumento, o orangotango disparou imediatamente pela porta do quarto, desceu as escadas e dali, por uma janela, desgraçadamente aberta, ganhou a rua.

O francês o seguiu em desespero; o macaco, com a navalha ainda na mão, parava de quando em quando, olhava para trás e gesticulava para o seu perseguidor, até este quase alcançá-lo. Depois disparava outra vez. A perseguição prosseguiu dessa forma por um bom tempo. As ruas estavam absolutamente tranquilas, pois já eram cerca de três horas da manhã. Ao passar por uma viela atrás da Rua Morgue, a atenção do fugitivo foi atraída por uma luz brilhando na janela aberta do aposento de Madame L'Espanaye, no quarto andar da casa. O orangotango correu na direção do prédio, percebeu o para-raios, trepou na haste com incrível agilidade, agarrou-se à folha da janela, que estava aberta ao máximo, rente à parede, e, por seu intermédio, balançou-se diretamente sobre a cabeceira da cama. A proeza toda não demorou um minuto. Com o chute do orangotango ao entrar no quarto, a folha da janela voltou a se abrir.

Enquanto isso, o marinheiro estava ao mesmo tempo satisfeito e perplexo. Naquele momento, ele foi tomado por uma grande esperança de recapturar a criatura, já que dificilmente escaparia da armadilha em que se metera a não ser pelo para-raios, onde, ainda assim, poderia ser interceptado ao descer. Por outro lado, causava-lhe grande inquietação pensar no que o animal poderia fazer dentro da casa. Este último pensamento fez com que o homem retomasse o empenho na perseguição do fugitivo. Uma haste de para-raios podia ser escalada sem dificuldade, especialmente por um marinheiro, mas, quando ele chegou na altura da janela, que ficava muito longe a sua esquerda, seu avanço foi interrompido; o máximo que conseguiu foi se esticar de modo a obter alguma visão do interior do aposento. E a cena que presenciou quase o fez perder o apoio e cair, tamanho foi seu horror. Foi nesse instante que se elevaram na noite os gritos pavorosos que tiraram do sono os moradores da Rua Morgue. Madame L'Espanaye e a filha, em roupas de dormir, aparentemente estavam ocupadas na organização de alguns papéis no cofre de ferro já mencionado, que haviam puxado para o meio do quarto. O cofre estava aberto e seu conteúdo colocado ao lado, sobre o chão. As

vítimas deviam estar de costas para a janela; e, pelo tempo transcorrido entre a invasão do animal e os gritos, parece provável que sua presença não tenha sido notada de imediato. A batida da janela teria naturalmente sido atribuída ao vento.

Quando o marinheiro olhou para dentro do quarto, o gigantesco animal já havia agarrado Madame L'Espanaye pelos cabelos (que estavam solto, porque ela os tinha penteado) e brandia a navalha diante do rosto da anciã, imitando os movimentos de um barbeiro. A filha jazia prostrada e imóvel; tinha desmaiado. Os gritos e a luta da velha senhora (durante os quais os cabelos lhe foram arrancados da cabeça) tiveram por efeito mudar os propósitos provavelmente pacíficos do orangotango num ataque de fúria. Com um golpe preciso do braço musculoso, quase separou a cabeça do corpo da vítima. A visão do sangue inflamou sua ira ao ponto do frenesi. Rangendo os dentes e com os olhos flamejando, ele pulou sobre o corpo da garota e cravou as temíveis garras em sua garganta, mantendo-o apertado até sua morte. Com o olhar vago e enlouquecido, dirigiu-se nesse momento à cabeceira da cama, acima da qual conseguiu ver o rosto de seu dono, petrificado de horror. A fúria do animal, que sem dúvida trazia ainda na lembrança o temido chicote, converteu-se instantaneamente em medo. Consciente de que merecia punição, pareceu-lhe conveniente ocultar seus feitos sanguinários, então saiu pulando pelo quarto numa agonia de agitação nervosa, derrubando e quebrando a mobília conforme se movimentava, e arrastando o colchão para fora da cama. Por fim, agarrou primeiro o cadáver da filha, e enfiou-o na chaminé, tal como foi encontrado; em seguida, pegou o da velha senhora, que atirou na mesma hora pela janela, de cabeça.

Quando o macaco se aproximou da janela com o fardo mutilado, o marinheiro encolheu-se horrorizado no para-raios e, deslizando por ele, disparou imediatamente para casa – temeroso das consequências daquela carnificina; e também abandonando, de bom grado, por conta de seu terror, qualquer consideração a respeito do destino do orangotango. As palavras

ouvidas pelo grupo que subia as escadas eram as exclamações de horror e medo do francês, mescladas com os grunhidos demoníacos do animal.

Tenho agora muito pouco a acrescentar. O orangotango deve ter escapado do aposento pelo para-raios pouco antes do arrombamento da porta. Deve ter fechado a janela ao passar por ela. Em um momento posterior, foi capturado pelo próprio dono, que obteve pelo animal uma grande quantia no *Jardin des Plantes*. Le Bon foi solto imediatamente, assim que relatamos as circunstâncias (com algumas observações de Dupin) ao bureau do chefe de polícia. Esse funcionário, por mais que mostrasse boa disposição em relação ao meu amigo, foi incapaz de esconder por completo sua contrariedade com o rumo que o caso tomou, e não pôde resistir ao gracejo de um ou dois comentários sarcásticos, no sentido de como seria melhor se cada um cuidasse da própria vida.

— Deixemos que fale — disse Dupin, que não julgou necessário responder. — Deixemos que discurse; isso aliviará sua consciência. Fico satisfeito por tê-lo derrotado em seus próprios domínios. Contudo, o fato de ter fracassado na solução desse mistério, não é, de modo algum, algo tão surpreendente quanto ele considera; pois, na verdade, nosso amigo chefe de polícia é, de certa forma, astuto demais para ser profundo. Em sua argúcia não há qualquer *stamen*. Ele é todo cabeça e nenhum corpo, como as imagens da deusa Laverna, ou, na melhor das hipóteses, todo cabeça e ombros, como um bacalhau. Mas, apesar de tudo, trata-se de um bom sujeito. Gosto dele, sobretudo, por seu golpe de mestre em dizer platitudes, mediante as quais conquistou sua reputação de engenhosidade. Refiro-me ao modo que tem de *nier ce qui est, et d’expliquer ce qui n’est pas*.

“Negar o que é e explicar o que não é.” Rousseau, Nouvelle Héloïse. (N. do A.)

O Mistério de Marie Rogêt

Quando da primeira publicação de “Marie Rogêt”, as notas de rodapé que foram agora acrescentadas foram consideradas desnecessárias. Mas os vários anos decorridos desde que ocorreu a tragédia na qual o relato se baseia tornam conveniente inseri-las, bem como algumas palavras de explicação sobre seu propósito. Uma jovem, *Mary Cecilia Rogers*, foi assassinada nos arredores de Nova York, e embora sua morte tenha ocasionado um interesse vivo e duradouro, o mistério que a cercou permaneceu sem solução na época em que o presente relato foi escrito e publicado (novembro de 1842). Naquele relato, sob o pretexto de contar a história de uma grisette parisiense, o autor seguiu, minuciosamente, os fatos essenciais do verdadeiro assassinato de Mary Rogers, apenas acrescentando semelhanças com os fatos não essenciais. Desse modo, todos os argumentos baseados na ficção são aplicáveis à verdade, e o objetivo era a busca da verdade.

“O mistério de Marie Rogêt” foi escrito a grande distância do local do crime, e sem nenhum outro meio de investigação além das fornecidas pelas notícias dos jornais. Assim, ao autor escapou muita coisa que poderia ter utilizado se tivesse visitado os locais. E não é impróprio registrar, contudo, que as confissões de *duas* pessoas (uma delas a Madame Deluc da narrativa), feitas em diferentes ocasiões, muito tempo depois da publicação, confirmaram plenamente, não apenas a conclusão geral, mas de maneira absoluta *todos* os principais detalhes hipotéticos que possibilitaram alcançar aquela conclusão.

Es giebt eine Reihe idealischer Begebenheiten, die der Wirklichkeit parallel lauft. Selten fallen sie zusammen. Menschen und zufalle modifieiren gewohulich die idealische Begebenheit, so dass sie unvollkommen erscheint, und ihre Folgen gleichfalls unvollkommen sind.

So bei der Reformation; statt des Protestantismus kam das Lutherthum hervor.

Existem sucessões ideais de eventos que caminham ao lado dos eventos reais. Eles raramente coincidem. Em geral, os homens e as circunstâncias modificam a cadeia ideal dos eventos, de forma que ela parece imperfeita, e suas consequências são, da mesma forma, imperfeitas. Assim foi com a Reforma. No lugar do Protestantismo, veio o Luteranismo.

Novalis. Morale Ansichten.

Poucas pessoas existem, mesmo entre os pensadores mais ponderados, que não tenham sido ocasionalmente surpreendidas por uma quase crença no sobrenatural, indistinta, porém eletrizante, em virtude de coincidências de um caráter aparentemente tão incrível que a inteligência foi incapaz de aceitá-las como sendo apenas coincidências. Tais sentimentos, pois que as quase crenças às quais me refiro nunca têm a força plena do pensamento, dificilmente podem ser reprimidos por completo, a não ser por referência à doutrina do acaso, ou, segundo a denominação técnica, ao Cálculo das Probabilidades. Esse Cálculo é, em essência, puramente matemático, e assim temos a anomalia do que é mais imutavelmente exato na ciência aplicado à sombra e à espiritualidade do mais intangível na especulação.

Os detalhes extraordinários que hoje sou levado a tornar públicos, constituirão, segundo a sequência cronológica, e como se verá, o primeiro ramo de uma série de coincidências bem pouco compreensíveis, cuja parte secundária ou conclusiva será reconhecida por todos os leitores no recente assassinato de Mary Cecilia Rogers, em Nova York.

Quando, em um relato intitulado “Os assassinatos da Rua Morgue”, há cerca de um ano, empenhei-me em descrever alguns dos traços mais notáveis dos atributos mentais de meu amigo, o Chevalier C. Auguste Dupin,

não me ocorreu que fosse algum dia retomar o assunto. Esta descrição de alguns traços do seu caráter constituía meu objetivo, e esse objetivo foi inteiramente satisfeito na sucessão de circunstâncias apresentadas para exemplificar os traços peculiares de Dupin. Eu poderia ter aduzido outros exemplos, mas nada mais conseguiria provar. Contudo, os eventos recentes, com seus estranhos desdobramentos, surpreenderam-me com novos detalhes, que carregarão consigo a aparência de confissão forçada. Depois de ter ouvido o que recentemente ouvi, seria de fato estranho que me mantivesse em silêncio com relação tanto ao que ouvi quanto ao que vi há muito tempo.

Com o desfecho da tragédia que envolveu as mortes de madame L ´Espanaye e de sua filha, o Chevalier afastou de imediato o assunto de sua atenção, e recaiu em seus velhos hábitos de devaneios instáveis e mal-humorados. Sempre propenso à abstração, não tardei a entregar-me também a seu estado de espírito, e continuando a ocupar nossos aposentos no Faubourg Saint Germain, entregamos o Futuro ao deus-dará e adormecíamos tranquilamente no Presente, tecendo em sonhos o mundo enfadonho em nosso redor.

Mas estes sonhos não demoraram a ser interrompidos. Pode-se logo entender que o papel desempenhado por meu amigo no drama da rua Morgue não deixou de causar impressão na imaginação da polícia parisiense. Entre seus agentes, o nome de Dupin era agora familiar. A natureza simples do processo de dedução pelo qual ele desvendara o mistério nunca fora explicada nem mesmo ao comissário de polícia, nem a qualquer outro indivíduo a não ser eu mesmo. E, é claro, não surpreende que o caso tenha sido considerado quase que miraculoso, ou que as habilidades analíticas do Chevalier tenham sido tomadas por intuição. Sua franqueza o teria levado a demover de tal ideia pré-concebida quem quer que se mostrasse curioso, mas seu temperamento indolente impedia qualquer discussão adicional sobre um tópico cujo interesse para ele mesmo há muito havia desaparecido. E foi assim que ele se tornou o centro das atenções dos olhos da polícia, e não

foram poucos os casos em que a Chefatura de Polícia tentou contar com seus serviços. Um dos exemplos mais memoráveis foi o do assassinato de uma jovem chamada Marie Rogêt.

Esse evento ocorreu cerca de dois anos depois da atrocidade na Rua Morgue. Marie, cujo nome de batismo e de família irão de pronto atrair a atenção por sua semelhança ao da desafortunada "garota dos charutos", era a única filha da viúva Estelle Rogêt. O pai morrera durante a infância da menina, e, da época de sua morte até dezoito meses antes do assassinato que é objeto de nossa narrativa, mãe e filha moraram juntas na Rua Pavée Saint Andrée. Madame Rogêt mantinha ali uma *pension* com a ajuda de Marie. E assim permaneceram as coisas até Marie completar vinte e dois anos, quando sua grande beleza atraiu a atenção de um perfumista, que ocupava uma das lojas do subsolo da galeria do Palais Royal, e cuja clientela era composta principalmente por aventureiros prontos para tudo e que infestavam aquelas redondezas. Monsieur Le Blanc não ignorava as vantagens que a presença da encantadora Marie em sua perfumaria poderia lhe proporcionar, e suas propostas generosas foram aceitas com entusiasmo pela garota, embora com alguma hesitação por parte de Madame Rogêt.

As expectativas do lojista concretizaram-se, e sua loja logo se tornou famosa graças aos encantos da alegre *grisette*. Ela já estava aos serviços dele há mais ou menos um ano quando os admiradores foram surpreendidos por seu súbito desaparecimento da loja. Monsieur Le Blanc não foi capaz de explicar a ausência da moça, e Madame Rogêt foi tomada pela ansiedade e pelo terror. Os jornais prontamente abordaram o assunto, e a polícia estava a ponto de dar início a sérias investigações quando, em uma bela manhã, uma semana depois, Marie, gozando de boa saúde, mas com um ar um tanto entristecido, fez sua reaparição em seu balcão usual na perfumaria. Todas as investigações, exceto aquelas de natureza privada, foram obviamente suspensas. Monsieur Le Blanc declarou total ignorância, como antes. Marie, assim como Madame Rogêt, respondiam a todas as perguntas dizendo que a

semana anterior tinha sido passada em casa de um parente no interior. Assim o assunto morreu, e foi completamente esquecido, e a moça, claramente para livrar-se da impertinência da curiosidade, logo deu um adeus definitivo ao perfumista e procurou abrigo na residência da mãe na Rua Pavée Saint Andrée.

Cerca de cinco meses depois dessa volta para casa, os amigos da moça ficaram alarmados por seu súbito desaparecimento pela segunda vez. Três dias se passaram sem que nada se soubesse sobre ela. No quarto dia, seu corpo foi encontrado boiando no Sena, perto da margem que fica em frente ao Quartier da Rua Saint Andrée, e em um ponto não muito distante da isolada região do Barrière du Roule.

A atrocidade desse assassinato (porque logo ficou evidente que um assassinato havia sido cometido), a juventude e a beleza da vítima, e, acima de tudo, sua prévia notoriedade, conspiraram para produzir uma intensa comoção no sensível espírito dos parisienses. Não consigo trazer à mente nenhuma ocorrência similar que tenha produzido efeito tão geral e tão intenso. Por várias semanas, a discussão desse tema tão absorvente ofuscou mesmo os importantes temas políticos do dia. O comissário de polícia fez esforços fora do comum, e a força de toda a polícia parisiense foi, é claro, mobilizada em caráter máximo.

No momento em que o corpo foi encontrado não se supunha que o assassino conseguiria escapar por muito tempo das investigações, as quais foram imediatamente instauradas. Foi só no final de uma semana que se julgou necessária a oferta de uma recompensa, e mesmo assim, essa recompensa foi limitada a mil francos. Nesse meio tempo, a investigação continuava com todo vigor, embora nem sempre com bom-senso, e inúmeros indivíduos foram interrogados em vão. Enquanto isso, devido à continuada ausência de pistas que levassem à solução do mistério, o alvoroço popular aumentava consideravelmente. Ao final do décimo dia, considerou-se aconselhável dobrar a quantia oferecida de início, e por fim, tendo a segunda

semana transcorrido sem qualquer nova descoberta, e tendo a hostilidade que sempre existe em Paris contra a polícia se manifestado em vários graves émeutes, o comissário de polícia decidiu por sua conta oferecer a quantia de vinte mil francos "pela denúncia do assassino", ou, se ficasse provado que mais de um criminoso estava envolvido, "pela denúncia de qualquer um dos assassinos". Na proclamação que tornava pública a recompensa, prometia-se perdão total a qualquer cúmplice que testemunhasse contra o comparsa. E a tudo isso vinha afixado, onde quer que a proclamação aparecesse, um anúncio feito por um comitê de cidadãos, em que se oferecia mais dez mil francos, em acréscimo à quantia proposta pelo comissário de polícia. O total da recompensa, portanto, era de nada menos que trinta mil francos, o que seria considerado uma soma extraordinária se levarmos em conta a humilde condição da moça, e a grande frequência, nas grandes cidades, de atrocidades semelhantes à que aqui foi descrita.

Ninguém duvidava de que agora o mistério desse assassinato seria imediatamente solucionado. Contudo, embora tenham ocorrido detenções em uma ou duas ocasiões, e que prometiam levar a esclarecimentos, nada foi descoberto que pudesse implicar as partes suspeitas, e os detidos foram dispensados a seguir. Por estranho que possa parecer, a terceira semana desde a descoberta do corpo se passou, e passou sem que qualquer luz tenha sido lançada sobre o assunto, ou antes mesmo que os rumores sobre os eventos que tanto tinham agitado a opinião pública chegassem aos ouvidos de Dupin ou aos meus. Mergulhados em pesquisas que absorviam toda nossa atenção, já fazia quase um mês que não saíamos às ruas ou recebíamos visitantes, ou que fizéssemos mais do que passar os olhos pelos principais artigos políticos em um dos jornais. As primeiras informações sobre o assassinato nos foram trazidas por G--, pessoalmente. Ele nos procurou no início da tarde do dia 13 de julho de 18--, e permaneceu em nossa companhia até tarde da noite. Estava irritado com o fracasso de todos os seus esforços para encontrar o assassino. Sua reputação – assim disse com

um ar parisiense peculiar – estava em jogo. Até mesmo sua honra estava ameaçada. Os olhos da opinião pública estavam voltados para ele, e não havia nenhum sacrifício que não estivesse disposto a fazer para esclarecer o mistério. Ele concluiu aquele discurso um tanto quanto divertido com um elogio ao que tinha a satisfação de chamar de *o tato* de Dupin, e fez a ele uma proposta direta e certamente generosa, cuja natureza não sinto liberdade para revelar, mas que não tem relevância alguma para o objeto, propriamente dito, de minha narrativa.

O elogio meu amigo refutou da melhor forma que pode, mas a proposta ele aceitou prontamente, embora suas vantagens fossem completamente condicionais. Depois de fechado o acordo, o comissário de polícia passou sem demora às explicações de seus próprios pontos de vista, intercalando-os com longos comentários sobre os depoimentos, dos quais ainda não tínhamos conhecimento. Ele falou bastante, e, sem dúvida, com conhecimento de causa, enquanto eu arriscava sugestões ocasionais à medida que a noite se arrastava vagarosamente. Dupin, imóvel em sua poltrona habitual, era a personificação da atenção respeitosa. Ele usou óculos durante toda a conversa, e uma ocasional olhadela através das suas lentes verdes foi suficiente para me convencer que ele dormira profundamente, embora em silêncio, ao longo das sete ou oito horas, tão pesadas, que antecederam a saída do comissário.

De manhã, obtive na chefatura de polícia um relatório completo de todos os testemunhos prestados, e, nas redações dos diversos jornais, um exemplar de cada jornal em que, desde o início até aquele momento, fora publicada qualquer informação conclusiva sobre o triste episódio. Expurgada de tudo o que tinha sido completamente desmentido, a massa de informação era a seguinte:

Marie Rogêt deixou a residência da mãe, na Rua Pavée Saint Andrée por volta das 9 horas da manhã de domingo dia 22 de junho de 18--. Ao sair, informou a Monsieur Jacques Saint Eustache, e somente a ele, sua intenção

de passar o dia com uma tia que morava na Rua des Drômes. A Rua des Drômes é uma via curta e estreita, mas populosa, não distante das margens do rio, mas a cerca de três quilômetros, pelo caminho mais curto, da *pension* de Madame Rogêt. Saint Eustache era o pretendente de Marie, e estava alojado na *pension*, onde também fazia as refeições. Ficara de ir buscar a noiva ao anoitecer e levá-la até a casa. De tarde, contudo, começou a chover copiosamente, e supondo que ela ficaria a noite toda na casa da tia (como já tinha feito em circunstâncias semelhantes anteriormente), ele achou que não era necessário manter a promessa. Mas com o avançar da noite, Madame Rogêt, (que era uma velha senhora doente, de setenta anos), expressou seu temor de que "nunca mais voltarei a ver Marie". Mas esta observação não atraiu muita atenção naquele momento.

Na segunda-feira ficou-se sabendo que Marie não tinha estado na Rua des Drômes, e como o dia passou sem notícias dela, uma busca tardia foi feita em diversos pontos da cidade e nos seus arredores. Mas foi só no quarto dia subsequente ao seu desaparecimento que se chegou a alguma coisa satisfatória a seu respeito. Nesse dia (quarta-feira, 25 de junho), um certo Monsieur Beauvais, que juntamente com um amigo vinha fazendo perguntas sobre Marie perto da Barrière du Roule, na margem do Sena do outro lado da Rua Pavée Saint Andrée, foi informado de que um corpo tinha acabado de ser rebocado para terra por alguns pescadores que o tinham encontrado flutuando no rio. Beauvais, depois de ver o cadáver e alguma hesitação, o identificou como a moça da perfumaria. Seu amigo a reconheceu mais rapidamente.

O rosto estava recoberto de sangue escuro, e parte dele tinha brotado da boca. Não se via espuma, como ocorre no caso de pessoas que morrem por simples afogamento. Não havia descoloração no tecido celular. Na região da garganta viam-se hematomas e marcas de dedos. Os braços estavam dobrados sobre o peito e estavam rígidos. A mão direita estava com os dedos fechados e apertados, e a esquerda, parcialmente aberta. No pulso

esquerdo havia duas escoriações circulares, aparentemente provocadas por cordas, ou de uma corda em mais de uma volta. Uma parte do pulso direito também estava muito esfolada, da mesma forma que as costas, em toda sua extensão, mas principalmente junto às omoplatas. Ao rebocar o corpo para a praia, os pescadores tinham amarrado a ele uma corda, mas nenhuma das escoriações tinha sido provocada por ela. A carne do pescoço estava muito inchada. Não havia cortes visíveis, nem equimoses que parecessem ser o resultado de agressões. Um pedaço de renda foi encontrado tão apertado em volta do pescoço que quase não se via, pois estava completamente enterrado na carne, e amarrado com um nó que ficava sob a orelha esquerda. Só isso bastaria para provocar a morte. O laudo médico confirmou categoricamente a virtude da morta. Ela tinha sido objeto, dizia, de uma violência brutal. O corpo, ao ser encontrado, estava em condições tais que não houve nenhuma dificuldade para seu reconhecimento por parte de amigos.

As vestes estavam muito rasgadas e em completa desordem. Uma faixa, de cerca de trinta centímetros de largura, tinha sido rasgada do vestido da barra até a cintura, mas não arrancada. Estava enrolada com três voltas ao redor da cintura, e amarrada nas costas por uma espécie de nó. A anágua sob o vestido era de uma musselina delicada, e dela tinha sido retirada completamente uma faixa de quarenta e cinco centímetros de largura, rasgada de forma regular e com muito cuidado. Ela foi encontrada à volta do pescoço, folgada e amarrada com um nó apertado. Por cima da faixa de musselina e da tira de renda estavam amarradas as fitas de um chapéu, ainda pendurado. O nó com que as fitas do chapéu estavam amarradas não eram de uma senhora, mas um nó de marinheiro.

Depois do reconhecimento do corpo, ele não foi, como de costume, levado para o necrotério (essa formalidade foi considerada supérflua), mas enterrado rapidamente não distante do lugar em que foi colocado quando resgatado do mar. Graças aos esforços de Beauvais o assunto foi cuidadosamente abafado, tanto quanto possível. E passaram-se vários dias

até que fosse produzida uma comoção pública. Um semanário finalmente se ocupou do assunto, o corpo foi exumado, e feita uma nova investigação. Mas nada foi averiguado além do que já tinha sido revelado. As roupas, contudo, foram então mostradas à mãe e amigos da falecida, e formalmente identificadas como as que eram usadas pela moça quando ela saiu de casa.

Nesse ínterim, o alvoroço aumentava a cada hora. Vários indivíduos foram presos e liberados. As suspeitas recaíram principalmente sobre Saint Eustache, e ele não conseguiu fazer um relato coerente de seu paradeiro no domingo em que Marie saiu de casa. Subsequentemente, contudo, ele apresentou a Monsieur G-- depoimentos juramentados de testemunhas com relatos sobre todas as suas horas do dia em questão. Com o passar do tempo, e sem qualquer descoberta, rumores contraditórios começaram a circular, enquanto os jornalistas se esmeravam em sugestões. Entre estas, a que atraiu mais atenção foi a ideia de que Marie Rogêt ainda vivia, e que o corpo encontrado no Sena era de alguma outra infeliz. Considero apropriado submeter ao leitor algumas passagens que dão ideia da referida sugestão. Essas passagens são transcrições literais de *L´Etoile*, um jornal geralmente dirigido com muita habilidade.

“*Mademoiselle* Rogêt deixou a casa da mãe na manhã do domingo, dia 22 de junho de 18--, com a declarada intenção de ir visitar a tia, ou algum outro parente, na Rua des Drômes. A partir desse instante não há provas de que alguém a tenha visto. Não há absolutamente qualquer vestígio ou notícia dela... Ninguém, até agora, se apresentou para dizer que a viu naquele dia, depois que saiu pela porta da casa da mãe... Ora, embora não tenhamos prova de que Marie Rogêt ainda vivia depois das 9 horas do domingo, dia 22 de junho, temos provas de que até aquela hora, ela estava viva. Ao meio dia da quarta-feira, um corpo de mulher foi descoberto flutuando nas margens da Barrière du Roule. A descoberta aconteceu, se presumirmos que Marie Rogêt foi lançada no rio três horas depois que deixou a casa da mãe, apenas três dias a partir da hora em que ela deixou a

casa, mais hora menos hora. Mas é tolice supor que o assassinato, se é que o que ocorreu com ela foi assassinato, possa ter sido cometido com tal rapidez que possibilitasse aos assassinos lançar seu corpo no rio antes da meia noite. Os que são culpados de crimes tão horríveis preferem a escuridão à claridade... Desse modo, conclui-se que se o corpo encontrado na água era de fato o de Marie Rogêt, ele só poderia ter estado na água dois dias e meio, ou três no máximo. Toda experiência mostra que corpos afogados, ou corpos lançados na água imediatamente após a morte advinda de violência, precisam de seis a dez dias de decomposição para que sejam devolvidos à superfície. Mesmo quando um tiro de canhão é disparado contra o corpo, e ele flutua antes de pelo menos cinco ou seis dias, o corpo afundará novamente, se deixado à deriva. Ora, perguntamos nós, o que aconteceu neste caso para provocar um desvio no curso normal da natureza? Se o corpo tivesse sido mantido na margem em seu estado mutilado até a terça feira à noite, algum vestígio dos assassinos deveria ter sido encontrado. Também é um ponto duvidoso que o corpo pudesse ter vindo tão cedo à tona, mesmo que tivesse sido lançado à água dois dias depois de morto. Além disso, é extremamente improvável que qualquer dos assassinos que cometeram tal crime como aqui se supõe, tivesse lançado o corpo na água sem um peso para fazê-lo afundar, já que essa precaução poderia ter sido facilmente tomada.”

O editor do jornal passa então a argumentar que o corpo deveria ter estado na água “não apenas três dias, mas, pelo menos, cinco vezes três dias”, pois estava em tal estado de decomposição que Beauvais teve grande dificuldade em reconhecê-lo. Este último ponto, contudo, foi completamente contestado. Continuo a transcrição.

“Quais então são os fatos em que M. Beauvais se baseia para afirmar que não tem dúvida de que o corpo é de Marie Rogêt? Ele rasgou a manga do vestido e diz que encontrou marcas que o convenceram da identificação. O público de forma geral supôs que essas marcas eram uma descrição de

cicatrizes. Mas ele esfregou a mão no braço e verificou que nele havia pelo, mas isso é tão impreciso, pensamos nós, e tão inconclusivo quanto encontrar um braço dentro de uma manga. M. Beauvais não regressou naquela noite, mas mandou um bilhete a Madame Rogêt, às 7 horas da noite da quarta-feira, informando que uma investigação ainda estava sendo feita a respeito da filha. Se admitirmos que Madame Rogêt, em virtude de sua idade e sofrimento, não podia ir ao local (o que é admitir muito), deve ter havido alguém que pensou valer a pena deslocar-se e acompanhar a investigação, caso entendesse que o corpo era o de Marie. Mas ninguém compareceu. Nada foi ouvido ou dito sobre o assunto na Rua Pavée Saint Andrée que chegasse ao conhecimento dos outros moradores do prédio. Monsieur Saint Eustache, o pretendente e futuro marido de Marie, que estava morando na casa da mãe, declarou que só teve conhecimento da descoberta do corpo da noiva no dia seguinte de manhã, quando M. Beauvais foi ao seu quarto e contou. Considerando-se o teor da notícia, estranhamos a frieza com que foi recebida".

Desta forma o jornal tentava criar a impressão de uma apatia por parte dos familiares de Marie, inconsistente com a suposição de que esses familiares acreditavam que o corpo era dela. As insinuações do jornal levam a isto: que Marie, com a conivência dos seus amigos, tinha se ausentado da cidade por razões envolvendo rumores sobre a sua castidade. E que estes amigos, em seguida à descoberta de um corpo no Sena, com alguma semelhança ao da moça, aproveitaram a oportunidade para convencer o público de sua morte. Mas *L´Etoile* foi novamente precipitado. Foi claramente provado que não havia a suposta apatia, e que a velha senhora estava tão extremamente fraca, e tão transtornada, que não tinha condição de tratar de qualquer coisa, e que Saint Eustache, longe de ter recebido a notícia com frieza, foi tomado pela dor e ficou tão agitado que M. Beauvais convenceu um parente e amigo a tomar conta dele, e a evitar que comparecesse à autópsia depois da exumação. Além disso, embora tenha

sido afirmado por *L´Etoile* que o corpo tinha sido novamente enterrado a expensas do Estado, que uma vantajosa oferta de uma sepultura privada tinha sido imediatamente recusada pela família, e que nenhum membro compareceu ao sepultamento, embora, dizia eu, tudo isso fosse afirmado por *L´Etoile* para reforçar a impressão que desejava transmitir, tudo isso foi devidamente desmentido. Numa edição subsequente do jornal, foi feita uma tentativa de lançar suspeitas sobre o próprio Beauvais. Diz o editor:

"Agora surge uma novidade sobre o assunto. Fomos informados que, numa ocasião, quando uma tal de Madame B-- estava na casa de Madame Rogêt, M. Beauvais, que estava de saída, disse a ela que um *gendarme* estava para chegar, e que ela, Madame B., não deveria dizer nada ao *gendarme* até o seu retorno, deixando que o assunto fosse tratado por ele. **** No atual estado das coisas, M. Beauvais parece ter guardado todo o caso na cabeça. Nenhum passo pode ser dado sem M. Beauvais, pois para onde quer que se vá topamos com ele. **** Por alguma razão, e de forma muito estranha, ele determinou que ninguém poderia ter envolvimento nos procedimentos a não ser ele, e com isso afastou do caminho os parentes do sexo masculino, como testemunharam. Ele pareceu ter feito tudo para que aos parentes não fosse permitido ver o corpo".

O fato subsequente trouxe alguma força à suspeita lançada contra Beauvais. Um visitante que foi ao seu escritório, alguns dias antes do desaparecimento da moça, e durante a ausência do seu ocupante, tinha observado uma rosa no buraco da fechadura e o nome "Marie" inscrito numa lousa pendurada próxima.

A impressão geral, tanto quanto podíamos deduzir a partir dos jornais, parecia ser de que Marie tinha sido vítima de uma quadrilha de malfeitores, e que por eles fora levada até o rio, agredida e assassinada. *Le Commerciel,* contudo, jornal de grande influência, combateu vivamente essa crença popular. Cito uma passagem ou duas de suas colunas:

“Estamos convencidos de que as investigações até agora seguiram uma falsa pista, por estarem concentradas na Barrière du Roule. É impossível que alguém tão conhecido de milhares de pessoas como esta moça, tenha percorrido três quarteirões sem ser vista por ninguém. Quem quer que a tenha visto se lembraria, pois ela chamava a atenção de quantos a conheciam. Foi no momento em que as ruas ficavam cheias de gente que ela saiu. **** É impossível que ela tivesse ido para a Barriére du Roule, ou para a Rua des Drômes, sem ser reconhecida por pelo menos uma dúzia de pessoas. Contudo, ninguém se apresentou para dizer que a viu do lado de fora da porta da casa da mãe, e não há prova de que realmente saiu, exceto o testemunho referente às suas expressas intenções. Seu vestido estava rasgado, enrolado em sua volta e amarrado, e foi por isso que o corpo foi arrastado como uma trouxa. Se o assassinato tivesse sido cometido na Barrière du Roule não teria havido necessidade alguma desses expedientes. O fato de que o corpo foi encontrado flutuando perto da Barrière não é prova de que foi lançado dali na água. **** Um pedaço da anágua da infeliz moça, com setenta centímetros de comprimento e trinta e cinco centímetros de largura, fora rasgado e passado por baixo do queixo e amarrado na nuca, provavelmente para evitar que ela gritasse. Isso foi feito por indivíduos que não tinham lenço de bolso”.

Um dia ou dois antes de o Comissário nos visitar, contudo, uma importante informação chegou à polícia, e que pareceu refutar pelo menos a maior parte do argumento do *Le Commerciel*. Dois meninos, filhos de uma tal Madame Deluc, enquanto caminhavam pelo bosque perto da Barrière du Roule, acabaram penetrando numa parte mais cerrada, dentro da qual havia três ou quatro pedras grandes formando uma espécie de assento com encosto e um apoio para os pés. Sobre a pedra de cima havia uma anágua branca, e na outra, uma echarpe de seda. Uma sombrinha, luvas, e um lenço de bolso também foram encontrados ali. O lenço tinha o nome “Marie Rogêt”. Fragmentos de um vestido foram encontrados nas amoreiras em redor. A

terra estava socada de pegadas, os arbustos estavam quebrados, e o chão mostrava vestígios de luta. Entre o matagal mais cerrado e o rio foram encontradas cercas arriadas, enquanto o chão tinha claras marcas de um peso considerável sendo arrastado.

Um semanário, *Le Soleil*, trazia os seguintes comentários sobre a descoberta, comentários que simplesmente ecoavam o sentimento de toda a imprensa de Paris:

"Tudo tinha ficado lá por pelo menos três ou quatro semanas. Tudo estava completamente mofado pela ação da chuva, e grudado em virtude do mofo, A grama tinha crescido à volta e por cima dos objetos. A seda da sombrinha era forte, mas os filamentos tinham grudado na parte de dentro. A parte superior, onde tinha sido fechada e enrolada, estava toda mofada e apodrecida, e rasgou quando foi aberta. **** Os pedaços do vestido arrancados pelos galhos tinham cerca de dez centímetros de largura por vinte centímetros de comprimento. Um pedaço era a barra da combinação e tinha sido remendada, e a outra parte era da saia, não da barra. Pareciam faixas que tinham sido arrancadas, e estavam presas nos galhos uns trinta centímetros acima do chão **** Não há nenhuma dúvida, portanto, de que o local desse crime estarrecedor foi descoberto".

Na sequência dessa descoberta, novos indícios apareceram. Madame Deluc declarou ser dona de uma estalagem não distante da margem do rio, do outro lado de Barrière du Roule. A vizinhança é particularmente isolada. É a área de encontro dos malfeitores da cidade, que cruzam o rio em barcos. Por volta das 3 horas da tarde do domingo em questão, uma moça chegou à estalagem, acompanhada de um jovem de tez escura. Os dois permaneceram lá por algum tempo. Ao saírem, pegaram a estrada na direção de um matagal fechado na vizinhança. O vestido usado pela moça chamou a atenção de Madame Deluc, por sua semelhança com outro usado por uma parente já falecida. Uma echarpe chamou particularmente sua atenção. Logo depois da partida do casal, um bando de malfeitores apareceu, fizeram grande

algazarra, comeram e beberam e não pagaram, saíram e seguiram o caminho do jovem e da moça, e retornaram à estalagem ao escurecer, e cruzaram novamente o rio com grande pressa.

Logo depois de escurecer, nessa mesma noite, Madame Deluc, e seu filho mais velho, ouviram gritos de uma mulher na vizinhança da estalagem. Os gritos foram violentos, mas breves. Madame D. reconheceu não apenas a echarpe que foi localizada no matagal, mas também o vestido que foi encontrado no corpo. Um motorista de ônibus, Valence, também testemunhou que viu Marie Rogêt atravessar o Sena numa balsa no domingo em questão, na companhia de um homem jovem de tez escura. Ele, Valence, conhecia Marie, e não havia possibilidade de ter se enganado na sua identificação. Os objetos encontrados no matagal foram categoricamente reconhecidos pelos parentes de Marie.

Os elementos de prova, e as informações assim coletadas por mim nos jornais, por sugestão de Dupin, abrangiam apenas mais um aspecto, mas um aspecto de aparentemente enorme consequência. Parece que, imediatamente após a descoberta das roupas como descritas acima, o corpo sem vida ou quase sem vida de Saint Eustache, o pretendente de Marie, foi encontrado nas proximidades do local que agora todos supunham ter sido o cenário da atrocidade. Um frasco com a etiqueta dizendo “láudano”, e vazio, foi encontrado perto dele. Seu hálito acusava a presença do veneno. Ele morreu seu falar. Sobre seu corpo foi encontrada uma carta, reiterando brevemente seu amor por Marie, e a intenção de suicídio.

“Não preciso dizer-lhe”, falou Dupin ao terminar de examinar minhas anotações, “que este é um caso muito mais complexo do que o da Rua Morgue, do qual difere num aspecto importante. Este é um tipo vulgar de crime, embora atroz. Não tem nada de particularmente *outré*. Você vai reparar que, por essa razão, o mistério foi considerado de fácil solução, quando, por essa mesma razão, deveria ser considerado de difícil solução. Assim, à primeira vista, entendeu-se que era desnecessário oferecer uma

recompensa. Os assistentes de G-- imediatamente foram capazes de compreender como e por que essa atrocidade teria sido cometida. Foram capazes de perceber, na imaginação, um modo – muitos modos –, e um motivo – muitos motivos –, e como não era impossível que qualquer um desses numerosos modos e motivos pudesse ter sido o real, assumiram que um deles forçosamente seria. Mas a facilidade com que essas várias possibilidades eram consideradas, e pela plausibilidade que cada uma assumia, deveria ter sido entendida mais como um indicativo das dificuldades do que das facilidades para a solução do caso. Já observei anteriormente que é pelo que sobressai do plano vulgar que a razão encontra o caminho, se é que encontra, na sua busca pela verdade, e que a pergunta correta em casos como esse, não é tanto 'o que aconteceu?', mas 'o que aconteceu que nunca aconteceu antes?'. Nas investigações na casa de Madame L´Espanaye, os assistentes de G-- ficaram desencorajados e confundidos pelo aspecto absolutamente invulgar, o que para uma inteligência devidamente sensata, teria sido o presságio mais seguro de sucesso. Por outro lado, essa mesma inteligência poderia ter mergulhado no desespero diante do caráter vulgar de tudo o que está à vista no caso da moça da perfumaria, e que, aos funcionários da Chefatura de Polícia parecia um fácil triunfo”.

“No caso de Madame L´Espanaye e sua filha não havia, mesmo no início de nossa investigação, nenhuma dúvida de que um crime tinha sido cometido. A ideia de suicídio foi excluída de imediato. Aqui, também, podemos afastar de início uma suposição de suicídio. O corpo encontrado na Barrière du Roule foi encontrado em circunstâncias que não deixam margem para qualquer dúvida quanto a este ponto importante. Mas foi sugerido que o corpo descoberto não é o de Marie Rogêt, e é para a identificação do assassino ou assassinos dela que foi oferecida uma recompensa, e só quanto a este aspecto é que foi firmado nosso acordo com o Comissário de Polícia. Nós dois conhecemos bem este cavalheiro. É melhor não confiar demasiado

nele. Caso comecemos nossa investigação a partir do corpo encontrado, e depois chegarmos a um assassino, e descobrirmos que o corpo é de uma outra pessoa e não Marie, caso comecemos com a suposição de que Marie está viva, e a encontrarmos e verificarmos que não foi assassinada, nos dois casos perdemos nosso trabalho, pois é com Monsieur G-- que temos de lidar. No nosso próprio interesse, portanto, se não pelo interesse da justiça, é indispensável que nosso primeiro passo seja determinar a identidade do corpo como sendo da desaparecida Marie Rogêt".

"No público os argumentos de *L´Etoile* tinham tido repercussão, e o fato de que ele está convencido da sua importância fica evidente pela maneira como começa um dos artigos sobre o assunto. 'Vários dos jornais matutinos', afirma, 'falam do conclusivo artigo de *L´Etoile* de segunda-feira'. Para mim, o artigo parece conclusivo de pouca coisa além do interesse do seu autor. Devemos ter em mente que, de modo geral, o objetivo de nossos jornais é mais criar celeuma – criar um fato – do que buscar a verdade. O segundo objetivo somente é seguido se parece coincidir com o primeiro. O jornal que simplesmente adere à opinião pública geral (por mais bem fundamentada que essa opinião possa ser), não recebe crédito com a multidão. O povo em geral considera profunda apenas a opinião de quem sugere contradições agudas à ideia geral. No raciocínio, como na literatura, o epigrama é o gênero mais imediatamente e universalmente apreciado. E num caso e no outro, tratando-se de mérito, ele está numa categoria inferior".

"O que quero dizer é que foi uma mistura de epigrama e melodrama a respeito da suposição de que Marie Rogêt ainda vive, e não qualquer plausibilidade, o que sugeriu a ideia para *L´Etoile*, e garantiu uma recepção favorável com o público. Examinemos o essencial da argumentação do jornal, e procuremos evitar a incoerência com que originalmente começou".

"O primeiro objetivo do articulista é mostrar, pela brevidade do intervalo entre o desaparecimento de Marie e a descoberta do corpo flutuando, que este corpo não pode ser o de Marie. A redução deste intervalo

à menor dimensão possível torna-se assim, de imediato, um objetivo para o articulista. Na ânsia precipitada de alcançar o objetivo, ele parte de suposições. 'É tolice supor', ele diz, 'que o assassinato, se assassinato foi cometido, possa ter sido consumado rápido o suficiente para permitir a seus assassinos lançar o corpo no rio antes da meia noite'. Então ocorre-nos perguntar, e muito naturalmente, por quê? Por que é tolice supor que o assassinato foi cometido cinco minutos depois que a moça saiu da casa da mãe? Por que é tolice supor que o assassinato foi cometido em determinada hora do dia? Tem havido assassinatos em todas as horas do dia. Mas, tivesse o assassinato ocorrido a qualquer momento entre as 9 horas da manhã do domingo e 15 minutos antes da meia noite, ainda teria havido tempo suficiente para que o corpo 'fosse lançado no rio antes da meia noite'. Essa suposição, então, leva precisamente a isto: que o assassinato não foi absolutamente cometido no domingo. E se admitirmos que *L´Etoile* supõe isso, podemos permitir-lhe toda sorte de liberdades. O parágrafo começando 'é tolice supor que o assassinato, etc', embora apareça impresso no L´Etoile, pode ser imaginado como tendo existido na verdade na cabeça do articulista da seguinte forma: 'É tolice supor que o assassinato, se é que houve realmente um assassinato, possa ter sido cometido com antecedência suficiente que permitisse aos assassinos lançar o corpo no rio antes da meia noite'. É ridículo, dizemos, supor tudo isso, e supor ao mesmo tempo (pois estamos dispostos a supor), que o corpo não foi lançado a não ser depois da meia-noite, frase suficientemente inconsequente, mas não tão absurda como a que aparece impressa”.

“Se fosse meu propósito”, continuou Dupin, “simplesmente refutar essa passagem do argumento de *L´Etoile*, eu teria deixado o assunto como está. Não é, contudo, com *L´Etoile* que temos de nos haver, mas com a verdade. A frase em questão só pode ter um sentido da forma como está escrita. E esse significado já deixei claro, mas é imprescindível que olhemos por trás das meras palavras, buscando uma ideia do que procuravam

obviamente transmitir, e que não conseguiram. O objetivo do articulista era afirmar que, independente da hora do dia ou da noite do domingo em que o assassinato tenha sido cometido, era improvável que os assassinos tentassem levar o corpo para o rio antes da meia noite. E é aqui que, realmente, está a suposição que eu critico. É admitido que o assassinato foi cometido num lugar tal, e em tais circunstâncias, e que o transporte para o rio foi necessário. Ora, o crime pode ter acontecido na margem do rio, ou no próprio rio, e assim o lançamento do corpo na água pode ter ocorrido em qualquer hora do dia ou da noite, como o meio mais óbvio e imediato de se livrar do corpo. Você vai entender que não sugiro nada aqui como provável, ou coincidente com minha própria opinião. Meu objetivo, até agora, não tem relação com os fatos relacionados ao caso. Desejo, simplesmente, alertá-lo contra o tom geral da sugestão de *L´Etoile*, chamando sua atenção para o caráter parcial revelado desde o início".

"Tendo dessa forma estabelecido um limite que se encaixasse nas suas ideais preconcebidas, e tendo suposto que se o corpo fosse de Marie, ele só teria permanecido na água um breve período de tempo, o jornal continua: "Toda experiência mostra que corpos afogados, ou corpos lançados na água imediatamente após a morte advinda de violência, precisam de seis a dez dias de decomposição para que sejam devolvidos à superfície. Mesmo quando um canhão é disparado contra o corpo, e ele flutua antes de pelo menos cinco ou seis dias, o corpo afundará novamente se deixado à deriva'."

"Essas afirmações foram tacitamente admitidas por todos os jornais de Paris, com exceção de *Le Moniteur*. Esse último jornal procura contradizer somente a porção do parágrafo que faz referência a 'corpos afogados', citando cinco ou seis casos em que corpos de pessoas que se sabia terem se afogado foram encontrados flutuando dentro de um lapso de tempo menor do que o afirmado por *L´Etoile*. Mas existe alguma coisa claramente pouco lógica na tentativa, por parte de *Le Moniteur* de refutar a

explicação geral de *L´Etoile*, citando alguns casos particulares que vão contra aquela afirmativa. Ainda que tivesse sido possível relatar cinquenta casos, em vez de cinco, de corpos encontrados flutuando depois de dois ou três dias, esses cinquenta exemplos ainda continuariam sendo vistos apenas como exceções à regra de *L´Etoile*, até que a regra em si fosse refutada. Admitindo a regra (e isso *Le Moniteur* não nega, insistindo apenas nas exceções), o argumento de *L´Etoile* mantém sua força, pois o argumento não pretende implicar mais do que uma questão da probabilidade de um corpo retornar à superfície em menos de três dias, e essa probabilidade será favorável à posição de *L´Etoile* até que os casos aventados tão puerilmente alcancem um número suficiente para estabelecer uma regra contrária".

"Você perceberá imediatamente que toda argumentação contrária se dirige contra a própria regra, e com este objetivo temos que examinar a fundamentação da regra. Ora, o corpo humano, em geral, não é nem muito mais leve nem muito mais pesado do que a água do Sena. Isto quer dizer que o peso específico do corpo humano em condições naturais, é mais ou menos igual ao volume de água doce que ele desloca. Os corpos de pessoas gordas e carnudas, com ossos pequenos e geralmente de mulheres, são menos pesados do que os das magras e ossos longos, e dos homens. E o peso específico da água de um rio é influenciado de alguma forma pelo fluxo das marés. Mas, deixando a questão das marés de lado, pode-se afirmar que muito poucos corpos humanos se afundarão, na água doce, por si mesmos. Quase todos, caindo em um rio, serão capazes de flutuar, desde que se estabeleça o equilíbrio necessário entre o peso específico da água e o seu. Isto é, desde que os corpos se mantenham completamente submersos, com as mínimas exceções possíveis. A posição mais adequada para quem não sabe nadar é a postura ereta de quem caminha em terra firme, com a cabeça completamente para trás e submergida, deixando apenas a boca e as narinas acima da superfície. Nestas condições percebemos que todos podemos flutuar sem dificuldade e sem esforço. É evidente, contudo, que os pesos do

corpo e do volume de água deslocado estejam rigorosamente equilibrados, e que a menor coisa bastará para que um ou outro prepondere. Um braço, por exemplo, erguido fora da água, e assim privado de seu apoio, é um peso adicional suficiente para submergir a cabeça inteira, ao passo que a ajuda de um pequeno pedaço de madeira vai nos permitir elevar a cabeça para olhar em volta. Ora, nos esforços de quem não sabe nadar, os braços são invariavelmente elevados acima da água, ao mesmo tempo que se procura manter a cabeça na posição perpendicular normal. O resultado é a submersão da cabeça e das narinas, e em consequência os esforços para respirar debaixo da água provocam a aspiração de água para os pulmões. Muita água vai também para o estômago, e o corpo se torna mais pesado por causa da diferença de densidade que existe entre o peso do ar que dilatava aquelas cavidades e o líquido que agora as preenche. Essa diferença é suficiente para fazer o corpo submergir, como regra geral. Mas é insuficiente no caso de pessoas de ossos pequenos e uma quantidade anormal de matéria flácida ou gorda. Essas pessoas flutuam mesmo depois de afogadas".

"O corpo que supomos estar no fundo do rio vai permanecer ali até que, por alguma razão, seu peso específico se torne menor do que o volume da água deslocado. Este efeito é resultado da decomposição ou de outras causas. O resultado da decomposição é a geração de gás, que distende o tecido celular e todas as cavidades, e gera aquela aparência inchada e que causa impressão tão horrível. Quando essa distensão atinge um ponto tal que o volume do corpo tenha aumentado muito, sem o aumento correspondente da massa ou peso, seu peso específico fica menor do que o da água deslocada, e o corpo vem à tona. Mas a decomposição é modificada por inúmeras circunstâncias, e pode ser acelerada ou retardada por vários agentes, como, por exemplo, pelo calor ou frio da estação, pela saturação de minerais ou pureza da água, por sua maior ou menor profundidade, por sua correnteza ou falta de correnteza, pela natureza e estado original do corpo, ou se estava afetado ou livre de doenças antes da morte. Então fica evidente que não

podemos determinar qualquer prazo, com exatidão, para a subida do corpo à tona provocada pela decomposição. Sob certas condições este resultado pode produzir-se em uma hora, e em outras, pode sequer resultar. Há infusões químicas com as quais todo sistema animal pode ser preservado indefinidamente da decomposição. O bi-cloreto de mercúrio é uma delas. Mas, além da decomposição, pode ocorrer, e geralmente ocorre, a produção de gás dentro do estômago, pela fermentação acética de matéria vegetal (ou dento de outras cavidades, e por outras razões), suficiente para induzir uma distensão que leve o corpo à superfície. O efeito produzido pelo disparo de um canhão é o de simples vibração. Ela pode liberar o corpo da lama ou do lodo em que esteja preso, e permitindo que ele suba à superfície quando outros agentes já o tenham preparado para isso, ou pode vencer a resistência de algumas porções do tecido celular já em putrefação, o que permite às cavidades distenderem-se sob a influência do gás".

"Tendo assim diante de nós todo o embasamento conceitual sobre este assunto, nos é possível pôr à prova facilmente todas as afirmações de *L ́Etoile*. 'Toda experiência mostra', diz o jornal, 'que corpos afogados, ou corpos lançados na água imediatamente após a morte advinda de violência, precisam de seis a dez dias de decomposição para que sejam devolvidos à superfície Mesmo quando um canhão é disparado contra o corpo, e ele flutua antes de pelo menos cinco ou seis dias, o corpo afundará novamente se deixado à deriva'."

"O parágrafo inteiro agora nos parece claramente uma série de inconsequências e incoerências. A experiência não demonstra que 'corpos afogados' precisam de seis a dez dias para que o grau de decomposição ocorra para os trazer novamente à superfície. Tanto a ciência quanto a experiência mostram que o período de tempo para o corpo emergir é, e necessariamente deve ser, indeterminado. Se, além disso, um corpo veio à superfície em virtude de um tiro de canhão, ele 'não afundará novamente se deixado à deriva', até que a decomposição atinja um determinado grau que

permita a saída do gás produzido. Mas quero chamar sua atenção para a distinção que é feita entre ‘corpos afogados’ e ‘corpos lançados na água imediatamente após a morte advinda de violência’. Embora o articulista admita a distinção, ele inclui os dois casos numa mesma categoria. Já demonstrei como o corpo de um homem afogado atinge um peso específico maior que o do volume de água que desloca, e que o corpo absolutamente não submergiria, exceto pelos esforços para elevar os braços acima da superfície, e pelas arfadas para respirar enquanto debaixo da água, arfadas que vão preencher o lugar original do ar nos pulmões. Mas estes esforços e estas arfadas não vão ocorrer nos ‘corpos lançados na água imediatamente a morte advinda violência’. Assim, na última situação, *o corpo, em regra geral, não afundaria*, fato que *L´Etoile* evidentemente desconhece. Quando a decomposição tiver atingido um grau muito avançado – quando a carne se desprendeu em grande quantidade dos ossos –, então vai acontecer, e nunca antes, de o corpo desaparecer debaixo da água”.

“E agora o que devemos pensar do argumento de que o corpo encontrado não pode ser o de Marie Rogêt porque, tendo transcorrido apenas três dias, o corpo foi encontrado flutuando? Se tivesse afogado, e sendo mulher, nunca deveria ter submergido, ou, se submergido, deveria voltar à superfície em 24 horas ou menos. Mas ninguém pensa que ela tenha se afogado, e se morreu antes de ser lançada na água, poderia ser encontrada a flutuar em qualquer época posterior”.

‘Mas, afirma o *L´Etoile*, ‘se o corpo tivesse sido mantido na margem em seu estado mutilado até a terça feira à noite, algum vestígio dos assassinos deveria ter sido encontrado’. Nesse ponto é inicialmente difícil perceber a intenção do articulista. Ele procura antecipar o que imagina ser uma possível objeção a sua teoria, a saber: que o corpo permaneceu na margem dois dias e sofreu rápida decomposição, mais rápida do que submerso na água. Supõe que, tivesse sido este o caso, o corpo deveria ter reaparecido na superfície na quarta-feira, e acha que somente nestas

circunstâncias ele deveria ter reaparecido. Ele claramente tem pressa em mostrar que o corpo não foi mantido na margem, pois, se foi assim, ‘algum vestígio dos assassinos deveria ter sido encontrado’. Presumo que você sorri diante dessa conclusão, pois não consegue perceber como a mera permanência do corpo na margem teria contribuído para multiplicar vestígios dos assassinos. Eu também não”.

“Além disso, é extremamente improvável’, continua nosso jornal, ‘que qualquer dos assassinos que cometeram tal crime como aqui se supõe, tivesse lançado o corpo na água sem um peso para fazê-lo afundar, já que essa precaução poderia ter sido facilmente tomada’. Observe bem a risível confusão de pensamento! Ninguém, nem mesmo *L´Etoile*, contesta a violência cometida contra o corpo encontrado. As marcas da violência são absolutamente óbvias. O objetivo de nosso articulista é simplesmente provar que este corpo não é o de Marie. Ele quer provar que Marie não foi assassinada, e não que o corpo não seja o de uma mulher assassinada. Contudo, seu argumento prova apenas o último fato. Temos um corpo sem pesos amarrados. Portanto, não foi lançado na água pelos assassinos. Isso é tudo quanto prova, se é que prova alguma coisa. A questão da identidade nem sequer é tratada, e *L´Etoile* fica em grandes apuros simplesmente para contradizer o que tinha admitido um momento antes. ‘Estamos perfeitamente convencidos’, o jornal afirma, ‘de que o corpo encontrado era o de uma mulher assassinada”.

“E este não é o único caso, mesmo nessa parte do seu tema, em que nosso articulista inadvertidamente argumenta contra si mesmo. Seu objetivo evidente, como já disse, é reduzir tanto quanto possível o intervalo entre o desaparecimento de Marie e a localização de seu corpo. Contudo, insiste no pormenor de que ninguém viu a moça a partir do momento em que saiu de casa. ‘Não temos prova’, ele afirma, ‘que Marie estivesse no mundo dos vivos depois das 9 horas do domingo, 22 de junho’. Como sua argumentação é obviamente parcial, ele deveria, pelo menos, deixar este assunto à parte,

pois se tivesse conhecimento de alguém ter visto Marie, digamos na segunda-feira, ou na terça-feira, o intervalo em questão teria sido muito reduzido, e por seu próprio raciocínio, muito diminuída a possibilidade de o corpo ser da *grisette*. Contudo, é divertido observar que *L´Etoile* insiste neste ponto, acreditando claramente que ele vai robustecer sua argumentação geral".

"Reexaminemos agora a parte do argumento que tem ligação com a identificação do corpo feita por Beauvais. No que se refere ao pelo no braço, *L´Etoile* teve óbvia má-fé. Como M. Beauvais não é um idiota, nunca poderia ter feito a identificação do corpo simplesmente pela existência de pelo. Não existe braço sem pelo. A generalidade da expressão do *L´Etoile* é uma mera deturpação da fraseologia da testemunha. Ele ter deve falado de alguma peculiaridade do pelo, da sua peculiaridade de cor, de quantidade, de comprimento, ou localização".

"Seu pé', diz o jornal, 'era pequeno' Ora, milhares de pés são pequenos. A liga não constitui prova alguma, nem o sapato, pois sapatos e ligas são vendidos às dúzias. O mesmo pode ser dito das flores em seu chapéu. Uma coisa sobre a qual M. Beauvais insiste fortemente é que fecho da liga encontrada tinha sido mudada de posição para facilitar aperto. Isso não quer dizer nada, pois a maior parte das mulheres prefere levar o par da liga para casa e ajustá-la ao tamanho das pernas, em vez e testá-las na loja em que compram'. Nesse ponto é difícil levar o articulista a sério. Se M. Beauvais, na sua busca pelo corpo de Marie, descobriu um corpo que correspondia em suas medidas e aspecto ao da moça desaparecida, ele merece crédito (sem referência à questão do vestuário) por ter acreditado que sua busca teve sucesso. Se, além dos detalhes da proporção e do contorno, ele tivesse observado no pelo do braço algum aspecto singular que já tivesse observado em Marie, sua opinião poderia ter sido justamente reforçada, e o aumento dessa convicção seria proporcional à peculiaridade, ou singularidade, dessa característica. Se os pés de Marie eram pequenos, e

os do corpo também pequenos, a possibilidade de que o corpo fosse de Marie não teria aumentado numa proporção meramente aritmética, mas sim altamente geométrica, ou acumulativa. Acrescente-se a isso os sapatos iguais aos que se sabia que ela usava no dia do seu desaparecimento, e embora esses sapatos possam ser 'vendidos às dúzias', você verá que a probabilidade aumenta até quase chegar à certeza. O que, por si só, não constituiria elemento de identificação, agora passa a ser, por sua posição corroborativa, a prova mais segura. Por último, concedamos que as flores do chapéu correspondem às flores usadas pela moça desaparecida, e não precisamos buscar mais nada. Mesmo que fosse apenas uma flor, não buscaríamos mais nada. O que dizer então de duas ou três, ou mais? Cada prova sucessiva é um testemunho múltiplo, não prova acrescida à anterior, mas multiplicada por cem ou por mil. Descobrimos agora na morta umas ligas semelhantes às que Marie usava, e é quase tolice prosseguir. Mas essas ligas foram encontradas apertadas, pelo deslocamento do fecho, da mesma maneira que as de Marie tinham sido apertadas por ela pouco antes de deixar a casa. Agora, seria loucura ou hipocrisia duvidar. O que *L´Etoile* afirma a respeito desse aperto das ligas como sendo uma ocorrência invulgar, não prova nada além da sua obstinação pelo erro. A natureza elástica da liga é a própria demonstração da excepcionalidade do aperto. O que é feito para ajustar-se naturalmente só raramente requer ajuste. Deve ter sido por acidente, no sentido mais estrito, que estas ligas de Marie precisaram do citado ajuste. Somente elas teriam bastado para estabelecer a sua identidade. Mas a questão não é o fato de o corpo ter sido encontrado com as ligas da moça desaparecida, ou com seus sapatos, ou seu chapéu, ou as flores do seu chapéu, ou seus pés, ou uma marca peculiar no braço, ou seu tamanho e aparência. A questão é que o corpo tinha todas e cada uma dessas coisas coletivamente. Admitindo-se que o editor do *L´Etoile* tivesse realmente uma dúvida, tendo em vista as circunstâncias, não haveria necessidade, nesse caso, de uma investigação de lunático inquirendo. Ele entendeu que era

inteligente reproduzir a conversa fiada dos advogados, os quais, na maior parte, se contentam em copiar os preceitos rígidos das cortes. Neste ponto eu observaria que muito do que é rejeitado como prova pelos tribunais é a melhor prova para a inteligência. Para os tribunais, guiar-se pelos princípios gerais da prova – os princípios reconhecidos e que se acham nos códigos – é avesso a desviar-se deles em casos particulares. E esta obstinada aderência aos princípios, com rigoroso menosprezo da exceção conflitante, é um método seguro de obter o máximo da verdade atingível em qualquer longo período de tempo. A prática, em seu todo, é lógica, mas não é menos certo que ela produz muitos erros individuais".

"Com respeito às insinuações lançadas contra Beauvais, você poderá afastá-las com um sopro. Você já terá avaliado o verdadeiro caráter desse bom homem. Ele é um intrometido, com muito de romance e pouco de argúcia. Qualquer um com essas características tende, numa ocasião de grande excitação, a se tornar alvo de suspeita por parte dos mais perspicazes e dos mal-intencionados. M. Beauvais, como sugerem suas anotações, teve algumas conversas com o editor do *L´Etoile*, e o ofendeu ao aventurar-se a dar sua opinião de que o corpo, não obstante a teoria do editor, era, claramente, o de Marie. 'Ele persiste', diz o jornal, 'em afirmar que o corpo é o de Marie, mas não acrescenta uma circunstância nova às que temos ventilado para fazer os outros acreditarem'. Ora, sem reiterar o fato de que provas mais robustas para fazer os outros acreditarem nunca poderiam ter sido acrescentadas, deve-se observar que um homem pode muito bem ser levado a acreditar num caso deste tipo sem apresentar uma única razão para a crença de uma segunda pessoa. Nada é mais vago do que impressões sobre uma identidade pessoal. Cada homem reconhece o seu vizinho, contudo, há poucas situações nas quais qualquer um está preparado para dar uma razão para o reconhecimento. O editor de *L´Etoile* não tinha o direito de se ofender com a crença carente de lógica de M. Beauvais".

“As circunstâncias suspeitas que o envolvem se encaixam muito melhor com a minha hipótese de intrometimento romântico, do que com a sugestão de culpa defendida pelo articulista. Uma vez admitida a interpretação mais benevolente, não encontraremos dificuldade em compreender a rosa no buraco da fechadura, o nome ‘Marie’ inscrito na lousa, o ‘afastamento dos parentes do sexo masculino”, a ‘relutância a deixar que os parentes vissem o corpo’, a advertência dada a Madame B-- de que não deveria dizer nada ao *gendarme* até a sua volta, e finalmente sua aparente determinação de que ‘ninguém poderia ter envolvimento nos procedimentos a não ser ele’. Parece ser inquestionável que Beauvais cortejava Marie, que ela flertava com ele, e que ele tinha ambições de passar a ideia de que gozava da sua mais completa intimidade e confiança. Não falarei mais nada sobre este ponto, pois as provas desmentem completamente a afirmação de *L´Etoile* quanto à questão da apatia da parte da mãe e outros parentes, uma apatia inconsistente com a suposição de que acreditavam que o corpo era da moça da perfumaria, prossigamos agora como se a questão da identidade tenha sido resolvida de forma completamente satisfatória”.

“E o que você acha”, eu perguntei nessa altura, “das opiniões do *Le Commerciel*?”

“Que, na essência, merecem muito mais atenção do que todas as outras formuladas sobre o assunto. As deduções das premissas são lógicas e muito consistentes, mas as premissas, em duas situações pelo menos, são fundamentadas em observações imperfeitas. *Le Commerciel* quer dar a entender que Marie foi sequestrada por alguma quadrilha de malfeitores não distante da porta da casa da mãe. ‘É impossível,’ argumenta, “que alguém tão conhecido de milhares de pessoas como esta moça, tenha percorrido três quarteirões sem ser vista por ninguém.” Essa é a ideia de um homem há muito tempo residente em Paris, um homem com atividade pública, cujas idas e vindas pela cidade foram, em maioria, pela vizinhança das repartições

públicas. Ele sabe muito bem que raramente se afasta doze quarteirões da sua repartição sem ser reconhecido e abordado. E, sabendo a extensão do seu conhecimento dos outros, e dos outros em relação a ele, compara sua notoriedade com a da moça da perfumaria, e não encontra grandes diferenças entre elas, e chega imediatamente à conclusão de que ela, em seus passeios, seria tão passível de ser reconhecida como ele nos seus. Só poderia ser este o caso se os passeios de Marie tivessem o mesmo caráter invariável e metódico, e dentro do âmbito de uma determinada região, como os dele. Ele vai de um lado a outro, em intervalos regulares, dentro de uma periferia limitada, cheia de indivíduos que tendem a observar a sua pessoa, motivados pelo interesse que desperta a semelhança entre a natureza da sua ocupação e a deles. Mas os passeios de Marie podem, em geral, ser considerados imprevistos. Neste caso particular, pode-se considerar ser muito provável que ela tenha seguido por um caminho diferente dos seus caminhos habituais. A semelhança, que imaginamos ter existido na mente do *Le Commerciel*, somente poderia ter sustentação na circunstância de dois indivíduos que atravessassem toda a cidade. Neste caso, admitindo-se que seus conhecimentos pessoais fossem os mesmos, as probabilidades seriam também iguais para aqueles que encontrassem um igual número de conhecidos. Da minha parte, considero não apenas possível, mas muito mais que provável, que Marie tivesse seguido, numa determinada hora, um dos muitos caminhos entre a sua residência e a da tia, sem passar por um único indivíduo que ela conhecia, ou de quem fosse conhecida. Para analisarmos bem esta questão em toda sua complexidade e clareza, devemos ter sempre presente a grande desproporção entre os conhecimentos pessoais, mesmo da pessoa mais conhecida de Paris e toda a população da cidade".

"Mas seja qual for a força que possa existir na sugestão de *Le Commerciel*, ela diminuirá muito quando levada em consideração a hora em que a moça saiu de casa. 'Foi quando as ruas estavam apinhadas de pessoas' afirma *Le Commerciel*, 'que ela saiu de casa'. Mas não exatamente. Eram 9

horas da manhã. Ora, às 9 horas da manhã, em toda semana, com exceção do domingo, as ruas da cidade, é verdade, estão abarrotadas de gente. Às 9 horas de um domingo a população está na grande maioria dentro de casa, preparando-se para ir à igreja. Nenhum bom observador teria deixado de notar o aspecto particularmente deserto da cidade entre as 8 e as 10 horas de toda manhã de domingo. Entre as 10 e as 11 horas as ruas estão cheias de gente, mas não numa hora tão cedo como a referida".

"Há outro aspecto no qual parece haver uma deficiência de observação da parte de *Le Commerciel*. 'Um pedaço', o jornal afirma, 'de uma das anáguas da infeliz moça, com setenta centímetros de comprimento por trinta e cinco centímetros de largura, fora rasgado e passado por baixo do queixo e amarrado na nuca, provavelmente para evitar que ela gritasse. Isso foi feito por pessoas que não tinham lenços de bolso'. Se essa ideia é, ou não, bem fundamentada, vamos ver isso mais tarde. Mas ao falar de 'pessoas que não tinha lenços de bolso', o editor está se referindo às categorias mais baixa de malfeitores. Ora, essa é a descrição da categoria de pessoas que sempre levam consigo um lenço, mesmo quando estão sem camisa. Você já deve ter tido a ocasião de observar quão absolutamente indispensável o lenço de bolso se tornou, nos últimos anos, para o patife mais minucioso".

"E o que devemos pensar", eu perguntei, "do artigo do *Le Soleil*?"

"Que é uma pena que seu articulista não tenho nascido papagaio, e nesse caso ele teria se transformado no mais ilustre papagaio da sua raça. Ele meramente tem repetido aspectos distintos de cada opinião já publicada, selecionando-os com louvável trabalho, neste ou naquele jornal. 'Essas coisas evidentemente já estavam lá', ele afirma, 'pelo menos há três ou quatro semanas, e não pode haver nenhuma dúvida de que o local desse estarrecedor crime foi descoberto'. Os fatos aqui repetidos por *Le Soleil* estão na verdade muito longe de remover minhas dúvidas sobre este caso, e

vamos examiná-los mais detidamente em seguida, quando tratarmos de outro capítulo sobre este assunto”.

“No momento devemos nos ocupar de outras investigações. Você não deve ter deixado de notar a extrema negligência com que o corpo foi examinado. É certo que a questão da identidade foi prontamente determinada, ou deveria ter sido, mas há outros pontos a serem aclarados. Foi o corpo, de alguma maneira, saqueado? A moça morta usava algumas joias ao deixar a casa? Se foi o caso, ela tinha as joias quando foi encontrada? Essas são questões que foram claramente ignoradas na investigação. E há outras de igual relevância que não foram objeto de nenhuma atenção. Temos que tentar eliminar nossas dúvidas fazendo a nossa investigação. O caso de M. Eustache deve ser reexaminado. Não tenho suspeitas com relação a essa pessoa, mas prossigamos de forma metódica. Vamos verificar, para não ficar nenhuma dúvida, a veracidade dos testemunhos dados por escrito sobre o seu paradeiro no domingo. Testemunhos, nestes casos, são prontamente transformados em matéria de falsidade. Mas se não houver com eles nada de errado eliminaremos M. Eustache de nossas investigações. Seu suicídio, contudo, pode corroborar as suspeitas no caso de se encontrar alguma falsidade nos testemunhos. Mas passa a ser uma circunstância justificável se não se encontrar falsidade, o que não dará causa para nos desviarmos da nossa linha normal de análise”.

“No que agora proponho, deixemos de lado os pontos obscuros da tragédia, e concentremos nossa atenção no que a rodeia. Em investigações como esta, comete-se o erro muito comum de limitar-se a investigação ao imediato, com total desprezo dos eventos colaterais ou circunstanciais. É má prática dos tribunais confinar as provas e as discussões aos limites de sua aparente relevância. Contudo, a experiência demonstrou, e o provará sempre o verdadeiro raciocínio, que uma vasta, e talvez a maior parte da verdade, surge daquilo que aparentemente é irrelevante. É através do espírito deste princípio, senão necessariamente da sua letra, que a ciência moderna decidiu

ter em conta o imprevisto. Mas talvez você não me entenda. A história do conhecimento humano tem demonstrado ininterruptamente que aos eventos colaterais, fortuitos ou acidentais, devem-se as mais numerosas e mais valiosas descobertas. Daí, acabou ficando necessário, em qualquer perspectiva de progresso, conceder não apenas amplas, mas as maiores dotações, para invenções que acontecerão por acaso, e muito fora da expectativa comum. Não é mais inteligente basear sobre o que tem sido a visão do que deverá ser. Acidente é admitido como uma parte da subestrutura. Do acaso fazemos matéria de cálculo absoluto. Aplicamos ao inesperado e ao inimaginável as fórmulas matemáticas das escolas".

"Repito que não é mais do que fato que a maior parte de toda verdade tem surgido do que colateral, e é somente em obediência ao princípio implícito neste fato que vou desviar a investigação, no presente caso, do terreno já trilhado e até agora infrutífero, para as circunstâncias atuais que o cercam. Enquanto verifica a veracidade dos testemunhos, eu vou examinar os jornais de uma maneira mais geral do que a que você já fez. Até agora, limitamo-nos a fazer o reconhecimento do campo das investigações, mas seria certamente estranho que um exame mais completo dos jornais, como eu proponho, não nos fornecesse alguns pormenores que estabelecessem um rumo para a investigação".

De acordo com a ideia de Dupin, fiz um exame escrupuloso da questão dos testemunhos escritos. O resultado foi uma firme convicção da sua veracidade, e da consequente inocência de Saint Eustache. No meio tempo, meu amigo ocupou-se, com o que me pareceu tão minucioso quanto inútil, do exame dos arquivos dos vários jornais. Ao fim de uma semana colocou diante de mim os seguintes trechos recolhidos:

"Há cerca de três anos e meio, um alvoroço semelhante ao atual foi provocado pelo desaparecimento dessa mesma Marie Rogêt da perfumaria de Monsieur LeBlanc, no Palais Royal. Ao final de uma semana, contudo, ela reapareceu no seu *comptoir* de costume, agindo como sempre, com a

exceção de uma leve palidez que não era habitual. Foi declarado por M. LeBlanc e pela mãe que ela tinha ido simplesmente visitar uma amiga no interior, e o caso foi rapidamente abafado. Presumimos que a atual ausência é um capricho da mesma natureza, e que, ao final de uma semana, ou talvez de um mês, ela estará novamente entre nós". *Jornal vespertino*, segunda-feira, 23 de junho.

"Um vespertino de ontem se refere a um misterioso desaparecimento anterior de Mademoiselle Rogêt. Sabe-se que durante a semana de sua ausência da perfumaria de M. LeBlanc, ela esteve na companhia de um jovem oficial da Marinha, muito conhecido por sua vida libertina. Uma discussão, ao que se supõe, providencialmente fez com que ela voltasse a sua casa. Sabemos o nome do sedutor em questão, que está no momento aquartelado em Paris, mas por razões óbvias abstemo-nos de revelar seu nome". *Le Mercure*, manhã de terça-feira, 24 de junho.

"Um crime dos mais atrozes ocorreu anteontem perto desta cidade. Um cavalheiro, acompanhado da mulher e da filha, contratou, ao cair da noite, os serviços de seis jovens que estavam indo e vindo de barco junto das margens do Sena, para levá-los ao outro lado do rio. Ao chegarem na margem oposta, os três passageiros desembarcaram e já haviam se distanciado a ponto de perder o bote de vista quando a filha percebeu que havia esquecido a sombrinha. Ao voltar para recuperá-la, foi sequestrada pela quadrilha, carregada para o meio do rio, amordaçada, brutalmente espancada, e finalmente levada para a margem num ponto não muito distante daquele em que tinha originalmente entrado no barco com os pais. Os malfeitores encontram-se fugidos até o momento, mas a polícia já está no seu encalço, e logo alguns serão capturados". *Jornal matutino*, 25 de junho.

"Recebemos uma ou duas mensagens, com o objetivo de imputar a Mennais o odioso e recente crime. Mas como este cavalheiro foi completamente inocentado no inquérito policial, e como os argumentos de nossos diversos missivistas parecem ser mais apaixonados do que

abalizados, não consideramos aconselhável torná-los públicos”. *Jornal matutino*, 28 de junho.

“Recebemos várias mensagens escritas com veemência, e aparentemente de fontes diversas, que chegam ao ponto de afirmar com certeza que a infeliz Marie Rogêt se tornou vítima de uma das numerosas quadrilhas de malfeitores que aos domingos infestam a vizinhança da cidade. Nossa opinião pessoal é decididamente a favor dessa suposição. Brevemente procuraremos abrir nossas colunas a alguns desses argumentos”. *Jornal vespertino*, terça-feira, 30 de junho.

“Na segunda-feira, um dos barqueiros a serviço do fisco, viu um barco vazio flutuando à deriva no Sena. As velas estavam no fundo do barco. O barqueiro o rebocou até o ancoradouro do escritório. Na manhã seguinte ele foi retirado sem o conhecimento de nenhum dos funcionários. O leme encontra-se no ancoradouro”. *Le Diligence*, quinta-feira, 26 de junho.

Depois de ler vários desses trechos, eles não só me pareceram irrelevantes como também não consegui perceber de que modo qualquer um deles poderia se relacionar com o assunto em questão. Então esperei que Dupin me desse alguma explicação.

“Não é minha intenção agora”, ele disse, “insistir no primeiro e segundo desses trechos. Eu os copiei principalmente para mostrar-lhe a extrema negligência da polícia que, tanto quanto posso compreender do que o Comissário de Polícia diz, não se deu ao trabalho de sequer ouvir o referido oficial da marinha. No entanto, seria pura tolice afirmar que, entre o primeiro e o segundo desaparecimento de Marie, não haja nenhuma ligação presumível. Admitamos que o primeiro fato, secreto, tenha produzido uma discussão entre os apaixonados, e a volta para casa da parte que se sentiu atraiçoada. Estamos agora preparados para examinar uma segunda fuga, (se é que sabemos se houve uma segunda fuga), como indicativa de que ocorreram novas tentativas do traidor, e não como resultado de novas tentativas por parte de um segundo indivíduo. Somos induzidos a considerá-la como uma

reconciliação com o antigo amor, e não como o início de outro. As probabilidades são de dez para um que aquele que fugiu com Marie proponha novamente uma fuga, do que quem recebeu propostas de fuga secreta por parte de um indivíduo as receba depois por parte de outro. E permita-me agora chamar sua atenção para o fato de que o tempo decorrido entre o primeiro desaparecimento real e o segundo suposto desaparecimento é alguns meses maior do que o dos cruzeiros normais de nossos navios de guerra. Será que o amante não teve a necessidade de interromper sua primeira patifaria pela necessidade de fazer-se ao mar, e tenha aguardado o primeiro momento do seu retorno para renovar seus baixos instintos ainda não totalmente realizados, ou, pelo menos, não realizados completamente por ele? Sobre tudo isso não sabemos nada".

"Você dirá, contudo, que no segundo caso não houve a fuga como imaginada. Certamente que não. Mas estamos preparados para dizer que não houve uma tentativa frustrada? Além de Saint Eustache, e talvez de Beauvais, não encontramos nenhum pretendente decente de Marie. Nada mais se disse sobre qualquer outro. Quem é, então, o amante secreto, de quem os parentes (ou pelo menos a maioria deles) não sabem nada, mas com quem Marie se encontra na manhã de domingo, em quem ela tem absoluta confiança, a ponto de não hesitar ficar com ele até a noite cair, no meio dos solitários bosques do Barrièrre du Roule? Quem é este amante secreto, pergunto, sobre quem a maioria dos parentes não sabe nada? E o que significa a singular profecia de M. Rogêt na manhã da partida de Marie: 'Temo que nunca mais voltarei a ver Marie?"

"Mas se não podemos imaginar que Madame Rogêt tivesse conhecimento do plano de fuga, não podemos pelo menos supor que a moça planejou esse desejo? Depois de sair de casa ela deu a entender que iria visitar a tia na Rua des Dromes, incumbindo Saint Eustache de ir buscá-la ao anoitecer. Ora, à primeira vista, este fato parece contradizer claramente minha sugestão, mas reflitamos. Que ela se encontrou com alguém, e com ele

atravessou o rio, chegando à Barrière du Roule apenas às 3 horas da tarde, é sabido. Mas ao consentir acompanhar este indivíduo (qualquer que fosse o motivo, fosse ele conhecido ou não da mãe), ela deve ter pensado no que disse ao sair de casa, e na surpresa e suspeita que despertaria no peito de seu pretendente oficial, Saint Eustache, quando ele fosse apanhá-la, na hora combinada, na Rua des Dromes e descobrisse que não estivera lá, e quando, além disso, ao retornar à *pension* com a notícia de que não a encontrara na casa da tia, percebesse que ela ainda estava fora de casa. Deve ter pensado em tudo isso, repito. Ela deve ter imaginado a tristeza de Saint Eustache, a suspeita de todos. Não pode ter pensado em retornar e enfrentar essas suspeitas. Mas a suspeita se torna um ponto de pequena importância para ela, se supusermos que não tinha intenção de voltar".

"Podemos imaginá-la pensando assim: 'Vou encontrar-me com uma certa pessoa com a intenção de fugir com ela, ou para outros fins que só eu conheço. É necessário que não haja possibilidade de eu ser interrompida. É preciso haver tempo suficiente para escaparmos de qualquer busca. Farei com que seja entendido que visitarei e passarei o dia com minha tia na Rua des Dromes. Direi a Saint Eustache que só vá me buscar ao anoitecer. Dessa maneira, minha ausência de casa pelo maior tempo possível, sem causar suspeita ou ansiedade, será justificada, e ganharei mais tempo do que de qualquer outra maneira. Se peço a Saint Eustache que vá me buscar ao anoitecer, certamente ele não irá antes. Mas se eu deixar de pedir para ir me buscar, meu tempo para fugir terá diminuído, pois será esperado que retorne mais cedo, e minha ausência logo vai gerar ansiedade. Ora, se meu propósito fosse regressar mesmo, se pretendesse apenas dar uma volta com o indivíduo em questão, não seria oportuno pedir a Saint Eustache que fosse me buscar, pois indo ele descobriria com certeza que eu o enganara, fato que ele poderia continuar ignorando se eu saísse de casa sem o alertar de minha intenção, retornando antes do anoitecer, e então dizendo que tinha ido visitar minha tia na Rua des Dromes. Mas com é minha intenção nunca voltar, ou

não voltar durante algumas semanas, ou não antes que ocultar determinadas coisas, ganhar tempo deve ser minha única preocupação”.

“Você observou em suas anotações que a opinião geral com relação a este infeliz caso é, e foi desde o princípio, a de que a moça foi vítima de uma quadrilha de malfeitores. Ora, em certas ocasiões, a opinião geral não deve ser descartada. Quando surge por si só, quando se manifesta de maneira estritamente espontânea, devemos considera-la análoga à intuição, que é particularidade predominante dos homens mais inteligentes e talentosos. Em noventa e nove de cada cem casos concordarei com sua decisão. Mas é importante que não encontremos sinais palpáveis de sugestão. A opinião deve ser, rigorosamente, do próprio público, e a distinção é muitas vezes extremamente difícil de perceber e manter. No presente caso, parece-me que essa ‘opinião pública’, com respeito a uma quadrilha de malfeitores, foi muito induzida pelo acontecimento à parte, como é descrito no terceiro dos trechos que selecionei. Paris inteira está emocionada pela descoberta do corpo de Marie, jovem, bonita e conhecida. O corpo é encontrado apresentando sinais de violência, e flutuando no rio. Mas agora se afirma que, na mesma época, ou por volta da mesma época, em que supõe que a moça foi assassinada, uma violência semelhante à sofrida pela morta, embora menos perversa, foi cometida por uma quadrilha de malfeitores contra uma segunda jovem. É de estranhar que a primeira atrocidade conhecida tenha influenciado o julgamento popular relativamente à outra, cujos pormenores são desconhecidos? Este julgamento aguardava uma linha de investigação, e a violência conhecida parecia fornecê-la de maneira oportuna! Marie, também, foi encontrada no rio, e neste mesmo rio foi cometido o outro crime. A conexão entre os dois eventos tinha em si tanto de palpável que o estranho seria o fato de as pessoas deixarem de percebê-lo e entendê-lo. Mas, na verdade, aquela atrocidade, conhecida tal como foi praticada, é, quando muito, prova de que a outra, cometida quase na mesma ocasião, não foi cometida da mesma maneira. Teria sido realmente um

milagre que enquanto uma quadrilha de malfeitores estava cometendo, num determinado local, um crime tão extraordinário, teria havido outra quadrilha, no mesmo local, na mesma cidade, nas mesmas circunstâncias, com os mesmos meios e objetos, implicada num crime precisamente do mesmo tipo, precisamente na mesma ocasião! Contudo, em que outra coisa a opinião pública, sugestionada acidentalmente, nos levaria a acreditar, não fosse essa maravilhosa série de coincidências?”

“Antes de prosseguir, consideremos a suposta cena do assassinato, no matagal da Barrière du Roule. Este matagal, embora denso, ficava bem nas proximidades de uma estrada pública. Dentro dele havia três ou quatro grandes pedras, formando uma espécie de assento, com encosto e apoio para os pés. Na pedra de cima foi encontrada uma anágua branca, e na segunda, uma echarpe de seda. Foram encontrados, ainda, uma sombrinha, luvas, e um lenço de bolso. O lenço de bolso trazia o nome ‘Marie Rogêt’. Pedaços do vestido foram vistos nos arbustos em torno. A terra estava pisada, os galhos estavam quebrados, e havia evidência de uma luta violenta”.

“Apesar de todo o entusiasmo com que a descoberta deste matagal foi recebida pela imprensa, e a unanimidade com que se supôs que indicava o preciso local do crime, devemos admitir que há boa razão para duvidarmos disso. Se esse foi o local do crime, eu posso acreditar ou não, mas há excelente motivo para duvidar. Se o verdadeiro local se situasse, como *Le Commerciel* sugere, nas proximidades da Rua Paveé Saint Andrée, os autores do crime, supondo que ainda residiam em Paris, teriam naturalmente receado que a atenção da opinião pública se dirigisse diretamente para a verdadeira pista. Em certos tipos de mente teria surgido imediatamente a necessidade de algum esforço para desviar a atenção. E assim, como o matagal da Barrière du Roule já tinha levantado suspeitas, a ideia de colocar os objetos no local onde foram encontrados, pode muito bem ter sido cogitada. Não há nenhuma prova, embora *Le Soleil* ache que sim, de que os objetos descobertos tivessem permanecido no matagal por

mais do que alguns dias, ao passo que há muitas provas circunstanciais de que não poderiam permanecer lá sem atrair atenção durante os vinte dias transcorridos entre o fatídico domingo e a tarde em que foram encontrados pelos meninos. 'Estavam todos embolorados', afirma *Le Soleil*, adotando a opinião de todos os predecessores, ‘pela ação da chuva e colados uns nos outros pela ação do mofo. O capim tinha crescido em volta e sobre alguns deles. A seda da sombrinha era forte, mas os filamentos da seda estavam agarrados uns aos outros. A parte superior, onde tinha sido fechada e enrolada, estava completamente embolorada e apodrecida, e rasgou quando ela foi aberta’. Com respeito ao fato de o capim ter ‘crescido em volta e sobre alguns deles’, é óbvio que o fato só poderia ter sido verificado através das declarações, e das lembranças dos dois meninos, porque eles recolheram os objetos e os levaram para casa antes que pudessem ter sido vistos por terceiros. Mas o capim cresce, especialmente em dias quentes e úmidos (como era o caso na época do assassinato), de três a cinco centímetros por dia. Uma sombrinha caída num terreno recentemente gramado, poderia, uma semana depois, estar perfeitamente oculta pelo capim. E falando daquele mofo, sobre o qual o editor do *Le Soleil* insiste tanto, já que usa a palavras três vezes no breve parágrafo citado, será que ele realmente ignora a natureza desse mofo? Será preciso dizer a ele que se trata de uma das muitas espécies de fungos, cuja característica mais comum é a de crescer e desaparecer em vinte e quatro horas?”

“Vemos assim, num relance, que o que foi acrescentado triunfalmente em apoio à ideia de que os objetos estavam há ‘pelo menos três ou quatro semanas’ no matagal, é completamente nulo como elemento de prova. Por outro lado, é extremamente difícil acreditar que os objetos tivessem permanecido no citado bosque por um período de tempo maior do que uma semana, ou por um período maior que vai de um domingo ao outro. Os que sabem alguma coisa sobre os arredores de Paris, sabem da grande dificuldade de encontrar um lugar isolado, a menos que distante dos seus

subúrbios. Algum lugar como esse, inexplorado ou pouco frequentado, entre as matas e bosques, nem por um momento pode ser imaginado. Qualquer um, que seja verdadeiro amante da natureza, mas preso por seus deveres à poeira e ao calor de uma grande metrópole, e que procure saciar sua sede de solidão, mesmo durante os dias da semana, entre as belezas naturais que nos cercam, a cada dois passos encontrará o encanto quebrado pelo vozerio ou intrusão de algum malandro ou bando de malfeitores em algazarra. Tentará ficar a sós entre a densa folhagem, mas em vão. Aí ficam precisamente os cantos onde os bandos de maltrapilhos mais se concentram; aí ficam os templos mais profanados. Com o coração cheio de desencanto o vagabundo voltará de novo à poluída Paris, a um poço de poluição menos odioso porque menos incongruente. Se os arredores de Paris se acham tão infestados nos dias de semana, que dirá dos domingos! É então que, livre das exigências do trabalho, das oportunidades habituais para o crime, o malandro da cidade busca os seus arredores, não por causa de seu amor ao campestre, que no fundo do coração ele despreza, mas como uma maneira de escapar das repressões e convencionalidades da sociedade. Procura menos o ar puro e o verde das árvores do que a liberdade completa do campo. Então, na estalagem da beira da estrada, ou debaixo da folhagem das matas, entrega-se, sem que outros olhos o vejam, a não ser os dos companheiros, a todos os loucos excessos de uma falsa algazarra, filha da liberdade e do conhaque. Não digo nada que não seja evidente para o observador imparcial quando repito que a circunstância de os objetos em questão terem permanecido escondidos, por um intervalo de tempo maior do que vai de um domingo a outro, em qualquer matagal dos arredores de Paris, deve ser considerada como um verdadeiro milagre”.

“Mas não nos faltam outras razões para suspeitar que os objetos foram colocados no matagal com o intuito de desviar a atenção do verdadeiro local do crime. Antes de mais nada, permita-me chamar sua atenção para a data do descobrimento dos objetos. Relacione isso com o

quinto trecho que extraí dos jornais. Verá que a descoberta se seguiu, quase imediatamente, aos urgentes comunicados enviados ao jornal vespertino. Esses comunicados, embora diversos, e aparentemente de várias fontes, tendiam todos ao mesmo objetivo, isto é, desviar a atenção para uma quadrilha de malfeitores como sendo os autores do crime, e para a Barrière du Roule como sendo o seu local. Ora, naturalmente não é o caso aqui de suspeitar que foi em consequência desses comunicados, ou da atenção pública suscitada, que os objetos foram encontrados pelos meninos. Mas pode-se muito bem supor que os artigos não foram encontrados pelos meninos porque não estavam no bosque, mas foram colocados lá pouco antes da data dos comunicados pelos próprios culpados e autores dos comunicados".

"Este matagal é estranho, bastante estranho. Era anormalmente denso. Dentro de seus limites naturais havia três pedras extraordinárias, formando um assento com encosto e apoio para os pés. E esse bosque, tão artístico, ficava muito próximo, na verdade a poucos metros de distância, da casa de Madame Deluc, cujos filhos tinham o costume de examinar cuidadosamente os arbustos em busca de cascas de sassafrás. Seria acaso uma aposta temerária, de mil contra um, considerar que não se passava um dia sem que um dos meninos não se escondesse naquele recanto sombreado e se sentasse, como um rei, nesse trono natural? Aqueles que hesitarem em fazer a aposta ou nunca foram crianças, ou se esqueceram da natureza dos meninos. Repito, é sumamente difícil compreender como os objetos puderam permanecer neste bosque sem serem encontrados, por um período maior que um ou dois dias. Portanto, há bons motivos para suspeitar, apesar da ignorância dogmática de *Le Soleil*, que eles foram, numa data relativamente posterior, depositados onde foram encontrados".

"Mas há ainda outras razões, e mais fortes do que as que já expus, para acreditar que eles foram lá depositados. Permita-me agora chamar sua atenção para o arranjo extremamente artificial dos objetos. Na pedra de cima

estava uma anágua branca, na segunda, uma echarpe de seda, e espalhados em torno estavam a sombrinha, as luvas e o lenço de bolso com o nome Marie Rogêt. Este é o tipo de arranjo que seria naturalmente feito por uma pessoa não exatamente perspicaz, que desejasse passar a ideia de que estavam dispostos de forma natural. Mas certamente não é um arranjo realmente natural. Eu esperaria mais olhar e ver os objetos todos espalhados pelo chão e pisados. Nos estreitos limites daquele caramanchão, teria sido praticamente impossível que a anágua e a echarpe tivessem se mantido sobre as pedras, sendo submetidas a toda a movimentação de muitas pessoas em luta. 'Havia vestígios de luta', afirma-se, 'e a terra estava pisada e os galhos quebrados', mas a anágua e a echarpe estavam sobre as pedras, como se colocadas sobre prateleiras. 'As partes do vestido arrancadas pelos galhos tinham cerca de dez centímetros de largura por quinze centímetros de comprimento. Uma parte era a barra do vestido, e tinha sido remendada. Pareciam faixas arrancadas'. Aqui, inadvertidamente, *Le Soleil* usou uma frase muito suspeita. As peças, como descritas, certamente parecem 'faixas que foram arrancadas', mas propositalmente e à mão. É acidente raríssimo que um pedaço seja arrancado, de qualquer vestuário como este em questão, por um espinho. Pela natureza mesma destes tecidos, um espinho ou prego que se prenda a eles, rasga-os de forma retangular, isto é, divide-os em dois rasgões longitudinais, formando ângulos retos um com o outro, e que se encontram num vértice onde o espinho penetrou, mas é quase impossível admitir que um pedaço de tecido possa ser arrancado. Nunca vi isso, nem você. Para arrancar um pedaço de um tecido desses, duas forças distintas, agindo em direções diferentes, serão necessárias em quase todos os casos. Supondo que o tecido apresenta duas ourelas, como por exemplo um lenço de bolso, e se quer rasgar uma faixa, nesse caso e somente nesse caso, bastará uma força. Mas no presente caso o tecido é de um vestido, que só tem uma barra. Rasgar uma parte do interior, onde não há barra, só poderia ser conseguido por milagre e por vários espinhos, mas impossível por um

único espinho. Mas quando o tecido tem uma ourela, dois espinhos serão necessários, e com um operando em duas direções distintas, e o outro, apenas numa. E isso supondo-se que o tecido não tenha barra. Se houver, o assunto fica fora de questão. Assim, numerosos e grandes obstáculos impedem que pedaços sejam rasgados pela ação de "espinhos". No entanto, pretende-se que acreditemos que não apenas aquele pedaço, mas vários pedaços, foram arrancados dessa forma. 'E uma parte', também, '*era a barra do vestido!*' Outro pedaço era '*parte da saia, mas não a barra*', quer dizer, foi completamente arrancado, pela ação dos espinhos, do interior do vestido onde não há barra! Digo que nestas coisas não se pode plausivelmente acreditar. Contudo, consideradas em conjunto, talvez constituam motivo menos justificável de suspeita do que a surpreendente circunstância de os objetos terem sido deixados no matagal pelos criminosos, que tiveram cautela suficiente para remover o corpo. Você possivelmente não terá me compreendido corretamente, contudo, se supõe que é meu objetivo negar que este foi o local do crime. Tanto pode ter ocorrido ali alguma coisa de grave, como um acidente na casa de Madame Deluc. Mas, de fato, este é um ponto de menor importância. Não estamos empenhados em descobrir a cena do crime, mas em identificar os autores. O que expus, apesar da forma minuciosa como expus, foi feito com o objetivo, primeiro, de mostrar a tolice das categóricas e precipitadas afirmações de *Le Soleil*. Mas em segundo lugar, e principalmente, levá-lo, pelo caminho mais lógico, a mais reflexão sobre o fato de o assassinato ter sido, ou não, obra de uma quadrilha de malfeitores".

"Continuemos a examinar o caso partindo da mera alusão aos revoltantes detalhes do depoimento do médico legista durante o inquérito. É suficiente que se diga que suas conclusões com respeito ao número de malfeitores foram devidamente ridicularizadas por sua falsidade e falta de fundamento por todos os reputados anatomistas de Paris. Não que o caso não pudesse ter acontecido como afirmado pelo legista, mas porque não havia

fundamentos para a afirmação. Mas haveria outros motivos para justificar outras conclusões?"

"Reflitamos agora sobre os vestígios de luta, e deixe-me perguntar o que se supõe que estes vestígios demonstram. A existência de uma quadrilha. Mas será que não demonstram, ao contrário, a ausência de uma quadrilha? Que luta pode ter ocorrido, uma luta tão violenta e tão prolongada para deixar vestígios em todas as direções, e entre uma moça fraca e indefesa e a suposta quadrilha de malfeitores? Bastaria uma silenciosa chave de braço de um braço forte e tudo estaria terminado. A vítima ficaria inteiramente passiva e à mercê de seus atacantes. Você certamente compreenderá que os argumentos lançados contra este matagal como a cena do crime são aplicáveis, na maior parte, apenas para excluí-lo da cena de um crime cometido por mais de um único indivíduo. Se imaginarmos que não houve mais de *um*, podemos conceber, e somente assim, que tenha ocorrido uma luta violenta e obstinada a ponto de deixar vestígios".

"Uma outra coisa, ainda. Já mencionei a suspeita como sendo decorrente do simples fato de os objetos em questão terem permanecido no bosque onde foram encontrados. Parece quase impossível que essas provas tenham sido acidentalmente deixadas onde foram encontradas. Houve suficiente presença de espírito (é o que se supõe) para remover o corpo. Contudo, uma prova ainda mais evidente que o corpo (cujas feições poderiam ter sido rapidamente apagadas pela decomposição), foi deixado visível no local do crime. Refiro-me ao lenço com o nome da vítima. Se foi um acidente, não foi provocado por uma quadrilha. Só podemos imaginar o fato como acidente se envolveu apenas um indivíduo. Vejamos. Um indivíduo cometeu o crime. Está a sós com o fantasma da morta. Está aterrorizado pelo corpo à sua frente. A fúria da paixão já passou, e há suficiente espaço em seu coração para o horror natural do ato praticado. Não tem nada daquela confiança que a presença de mais gente inevitavelmente inspira. Está sozinho com a morta. Treme e está desorientado. Contudo,

ainda há a necessidade de desfazer-se do corpo. Carrega-o até o rio, mas deixa atrás de si as outras provas do crime, pois é difícil, senão impossível, carregar tudo de uma vez, e será fácil voltar para pegar o que foi deixado para trás. Mas em sua penosa caminhada até a água seus temores redobram. Ruídos de vida envolvem seu caminho. Uma dúzia de vezes ele ouve, ou imagina ouvir, os passos de alguém que o observa. Até as luzes da cidade o desorientam. Contudo, depois de longas e frequentes pausas de profunda agonia, consegue alcançar a margem do rio, e livra-se do horrível fardo, talvez com a ajuda de um barco. Mas agora, qual tesouro existente no mundo (qual ameaça de vingança que ainda pudesse sentir) teria o poder de fazer aquele assassino solitário voltar, pelo mesmo penoso e arriscado caminho, até o matagal cujas lembranças fazem seu sangue gelar nas veias? Ele não volta, independente das consequências que possam advir. Seu único pensamento é a fuga imediata. Vira as costas para sempre àqueles arbustos pavorosos, e foge como se estivesse fugindo da vingança divina que está por vir".

"Mas, e se se tratasse de uma quadrilha? A presença de muitos teria lhes dado mais confiança, se é que alguma vez a confiança faltou aos malfeitores consumados. E sabe-se que as supostas quadrilhas de malfeitores são formadas por malfeitores consumados. Seu número, insisto, teria evitado o terror irracional que imaginei paralisar um único homem. Admitindo-se um descuido por parte de um, de dois, ou de três, o descuido seria corrigido por um quarto. Não teriam deixado nada para trás, pois seu número lhes teria possibilitado levar tudo de uma vez. Não seria necessário retornar".

"Considere agora as circunstâncias de no vestido do corpo que foi encontrado, 'uma faixa de cerca de trinta centímetros de largura havia sido rasgada, da barra até a cintura, enrolada em três voltas na cintura e amarrada nas costas por uma espécie de nó'. Isso foi feito com o óbvio propósito de criar uma alça para carregar o corpo. Mas passaria pela cabeça de vários homens lançar mão deste expediente? Para três ou quatro os braços e as

pernas do corpo já seriam suficientes, e muito cômodos. O nó foi obra de um único indivíduo, e isso nos leva ao fato de que, 'entre o matagal e o rio, os anteparos das cercas foram encontrados derrubados, e o chão mostrava sinais evidentes de um corpo sendo arrastado'. Mas vários homens teriam se dado o trabalho de derrubar uma cerca com o propósito de arrastar através dela um corpo que teriam podido erguer e passar num instante sobre a cerca? Um grupo de criminosos teria arrastado um corpo e deixado sinais evidentes no chão?"

"E aqui temos de nos referir a uma observação de *Le Commerciel*, uma observação sobre a qual, de certo modo, já fiz comentários. 'Um pedaço', diz o jornal, 'de uma das anáguas da infeliz moça fora rasgado e amarrado sob seu queixo, provavelmente para evitar gritos. Isso foi feito por indivíduos que não tinham lenços de bolso".

"Como sugeri antes, um verdadeiro malfeitor nunca anda sem lenço de bolso. Mas não é para este fato que agora quero chamar sua atenção. Que não foi pela falta de um lenço para o propósito imaginado por *Le Commerciel*, que aquela mordaça foi rasgada, e isso fica evidente com lenço encontrado no bosque. E que o propósito não era para 'evitar gritos' fica também evidente, pelo fato de que como mordaça foi empregada uma faixa, ao invés de um lenço, que se prestaria melhor ao fim pretendido. Mas os depoimentos sugerem que a faixa em questão 'foi encontrada em volta do pescoço, folgada e amarrada com um nó apertado'. Estas palavras são vagas, mas diferem materialmente das usadas por *Le Commerciel*. A faixa tinha quarenta e cinco centímetros de largura, e mesmo sendo de musselina, formaria uma forte faixa se dobrada em enrolada na sua extensão. E estava enrolada quando foi encontrada. E minha dedução é a seguinte: o assassino solitário, tendo carregado o corpo até uma certa distância (a partir do bosque ou de outro local), usando a faixa amarrada em torno da cintura, verificou que desta maneira o peso era demasiado para suas forças. Resolveu então arrastar o corpo, e os vestígios indicam que ele foi

arrastado. Definido isso, era necessário amarrar qualquer coisa como uma corda em uma das extremidades. Seria mais indicado amarrar em volta do pescoço, onde a cabeça evitaria que o corpo se desprendesse. E então o assassino pensou, evidentemente, na faixa na cintura da vítima. Teria usado a faixa, não fosse ela estar enrolada em volta do corpo, e presa por um nó apertado, e de não ter sido 'rasgada completamente' do vestido. Era mais fácil rasgar uma nova faixa da anágua. Ele rasgou, amarrou em volta do pescoço, e assim arrastou o corpo até a margem do rio. O fato de que essa 'faixa', só obtida com esforço e demora e que só imperfeitamente atendia o seu propósito, ter sido empregada, demonstra que essa necessidade foi provocada por circunstâncias surgidas numa hora em que o lenço já não estava disponível, isto é, surgiu, como já imaginamos, depois de ele haver deixado o bosque (se é que o bosque foi o local do crime), e já no caminho entre o bosque e o rio".

"Mas, dirá você, e as declarações de Madame Deluc (!), que se referem especialmente à presença de uma quadrilha nas proximidades do matagal, na ocasião do crime, ou mais ou menos na ocasião. Com isso concordo. Duvido que não houvesse uma dúzia de quadrilhas, como as descritas por Madame Deluc, na Barrière du Roule ou nas suas proximidades, na ocasião ou mais ou menos na ocasião dessa tragédia. Mas a quadrilha que atraiu a citada censura de Madame Deluc, embora numa declaração tardia e suspeita, é a única a que essa velha e honesta senhora se referiu como tendo comido seus bolos e engolido seu conhaque, sem ter se dado ao trabalho de pagar-lhe. *Et hinc illæ iræ*?".

"Mas qual é a precisa declaração de Madame Deluc? 'Um bando de malfeitores apareceu, fizeram grande algazarra, comeram e beberam e não pagaram, saíram e seguiram o caminho do jovem e da moça, e retornaram à estalagem ao escurecer, e cruzaram novamente o rio com grande pressa".

"Ora, essa 'grande pressa' muito possivelmente pareceu *maior* aos olhos de Madame Deluc, visto que ficara remoendo, lamentosamente, o

prejuízo que teve com seus bolos e a bebida, pois ainda poderia ter uma vaga esperança de pagamento. Ora, de outro modo, uma vez que era o entardecer, por que frisar a questão da pressa? Não é de espantar que mesmo uma quadrilha de malfeitores tivesse pressa de voltar para casa, quando teria de atravessar um largo rio em pequenos barcos, na iminência de uma tempestade, e quando a noite se aproxima".

"Digo se aproxima, porque a noite ainda não tinha chegado. Estava apenas anoitecendo quando a chocante pressa desses "malfeitores" ofendeu os recatados olhos de Madame Deluc. Mas sabemos que foi nesta mesma noite que Madame Deluc, e seu filho mais velho, ouviram "gritos de uma mulher na vizinhança da estalagem". E com quais palavras Madame Deluc designa o período da noite em que esses gritos foram ouvidos? "Foi logo depois do escurecer, ela afirma. Mas '*logo depois de escurecer*' é, pelo menos, escuro, e '*ao anoitecer*' é certamente ainda dia. Então, é positivamente claro que a quadrilha deixou a Barrière du Roule antes dos gritos(?) ouvidos por Madame Deluc. Embora, em todos os muitos informes do processo, essas expressões em questão estejam distinta e invariavelmente empregadas exatamente como as empreguei na nossa conversa, nenhuma notícia sobre a grosseira discrepância ainda foi percebida pelos jornais ou pelos assistentes da polícia".

"Acrescentarei apenas um argumento contra a existência de uma quadrilha, mas este tem, pelo menos no meu entender, um peso totalmente irresistível. Diante das circunstâncias de uma vultosa recompensa oferecida, e do indulto total prometido a quem delatar seus cúmplices, não se deve imaginar que algum membro de uma quadrilha, ou de um conjunto de homens, já não tivesse há muito tempo traído seus cúmplices. Cada um dos membros de uma quadrilha, diante dessa situação, não tem tanta ânsia pela recompensa, ou por escapar, mas receia ser traído. Ele trai, avidamente e logo, com medo de ser ele o traído. O fato de o segredo não ter sido divulgado é a melhor prova de que é, de verdade, um segredo. Os horrores

desse caso tenebroso são conhecidos apenas de um, ou dois, seres humanos, e de Deus”.

“Resumamos agora os fatos, pobres é verdade, mas positivos, de nossa longa análise. Chegamos à suposição de que, ou ocorreu um acidente fatal sob o teto de Madame Deluc, ou houve um assassinato no matagal da Barrière du Roule, cometido por um amante ou por um amigo íntimo e secreto da morta. Este amigo é de tez morena, e o nó apertado na faixa e o nó de marinheiro, com o qual as tiras do chapéu foram amarradas, apontam para um marinheiro. Sua amizade com a moça, que era divertida, mas não devassa, indica que pertenceria a uma categoria superior à de um marinheiro comum. Aqui, as comunicações urgentes e bem escritas enviadas aos jornais podem corroborar isso. A circunstância de uma primeira fuga, como foi mencionado por Le Mercure, vai na direção de associar este marinheiro com o oficial da marinha, o primeiro que se saiba a induzir a infeliz moça a cometer um deslize”.

“E aqui, muito a propósito, cabe levar em consideração a prolongada ausência do homem de tez morena. Permita-me uma pausa para observar que a tez do homem é morena e escura, e não é um tom de pele comum, o que constituiria o único aspecto a ser lembrado tanto por Valence quanto por Madame Deluc. E por que este homem está ausente? Foi morto pela quadrilha? E se foi, por que só existem vestígios da morte da moça? Supõe-se naturalmente que nos dois casos a cena do crime seria a mesma. E onde está o corpo? Os assassinos teriam se livrado dos corpos da mesma maneira. Mas pode-se dizer que este homem vive, e não se dá a conhecer por medo de ser acusado do crime. Pode-se também imaginar que este pensamento só lhe ocorreu recentemente, passado tanto tempo, pois houve testemunho de que foi visto com Marie, mas não lhe teria ocorrido na ocasião do crime. O primeiro impulso de um homem inocente teria sido anunciar o crime e ajudar na identificação dos assassinos. Isto é o que a prudência teria aconselhado. Tinha sido visto com a moça. Tinha cruzado o rio numa balsa aberta. A

denúncia dos assassinos teria parecido, mesmo a um idiota, a única maneira de isentá-lo de suspeitas. Não podemos supor que ele, na noite do fatídico domingo, era ao mesmo tempo inocente e ignorante de um crime cometido. Contudo, somente nestas circunstâncias é possível imaginar que ele, se estivesse vivo, deixaria de denunciar os assassinos".

"E de que meios dispomos para chegar à verdade? Deveremos encontrar meios multiplicando-os e esclarecendo à medida que prosseguirmos. Comecemos por analisar minuciosamente o caso da primeira fuga. Investiguemos toda a história do oficial, analisando sua situação atual e seu paradeiro na época do crime. Comparemos cuidadosamente entre si os vários comunicados enviados aos jornais vespertinos, e cujo objetivo era inculpar uma quadrilha. Isso feito, comparemos esses comunicados, tanto no que diz respeito ao estilo e à caligrafia, com os que foram enviados aos jornais matutinos, em ocasião anterior, insistindo tão veementemente na culpa de Mennais. E feito tudo isso, comparemos novamente todos os comunicados com escritos conhecidos do oficial. Tentemos averiguar com exatidão, mediante repetidos interrogatórios tanto de Madame Deluc e seus filhos, quanto de Valence, o motorista de ônibus, alguma coisa a mais sobre a aparência e porte do homem de tez morena. Perguntas habilmente formuladas não deixarão de revelar, da parte de algum deles, informações a respeito deste ponto em particular, ou de outros, que essas próprias pessoas podem desconhecer que possuam. E procuremos localizar o barco recolhido pelo barqueiro na manhã de segunda-feira, 23 de junho, e que foi retirado do ancoradouro sem o conhecimento do oficial de serviço, e sem o leme, em algum período anterior ao descobrimento do corpo. Com cautela e perseverança infalivelmente vamos localizar este barco, pois não só ele poderá ser identificado pelo barqueiro que o recolheu como pelo fato de ter o leme em seu poder. O leme de um barco a vela não teria sido abandonado, sem ser procurado, por quem tivesse a consciência tranquila. Aqui permita uma pausa para insinuar uma questão. Não houve nenhuma divulgação do

fato de o barco ter sido recolhido. Ele foi silenciosamente levado para o ancoradouro, e silenciosamente removido. Mas como poderia seu proprietário ou utilizador, tão cedo na terça-feira, ter sido informado, sem ter havido nenhuma notícia nesse sentido, da localização do barco recolhido na segunda-feira, a menos que imaginemos alguma ligação com a marinha, alguma ligação pessoal permanente que possibilite conhecer as menores coisas, ou os acontecimentos locais menos importantes?”

“Ao me referir ao fato de o assassino solitário ter arrastado o corpo para a margem do rio, já sugeri a probabilidade de ter se valido de um barco. Então somos levados a admitir que Marie Rogêt foi atirada ao rio do barco. Foi isso o que aconteceu, naturalmente. O corpo não podia ser atirado nas águas pouco profundas da margem. As marcas peculiares nas costas e ombros da vítima nos remetem às travessas de madeira do fundo do barco. O fato de o corpo ter sido encontrado sem pesos também corrobora essa ideia. Se tivesse sido lançado da margem, um peso teria sido preso ao corpo. Só podemos explicar sua falta supondo que o assassino não tomou a precaução de munir-se de um peso antes de deixar a margem. No ato de lançar o corpo na água, ele sem dúvida perceberia o esquecimento, mas então já seria tarde. Qualquer risco seria preferível a um retorno àquela amaldiçoada margem. Uma vez tendo se livrado da sinistra carga, o assassino deve ter voltado apressadamente para a cidade. E lá, num obscuro ancoradouro, teria baixado a terra. Mas e o barco? Teria amarrado o barco? Ele deveria estar muito apressado para pensar em coisas como amarrar um barco. Além disso, se o amarrasse ao ancoradouro, poderia pensar que estaria deixando prova contra si. Seu pensamento natural teria sido o de afastar, tanto quanto possível, tudo o que tivesse ligação como crime. Ele não apenas teria fugido do ancoradouro, mas evitado que o barco continuasse lá. Com toda a certeza deixou o barco à deriva. Prossigamos em nossas suposições. De manhã, o infeliz é tomado de indescritível terror ao descobrir que o barco tinha sido recolhido e levado para uma localidade que ele tem o hábito de frequentar

diariamente, uma localidade que talvez seus deveres o obriguem a frequentar. Na noite seguinte, sem se atrever a perguntar pelo leme, ele remove o barco. E onde está, agora, esse barco sem leme? Façamos da sua descoberta um dos nossos primeiros objetivos. Com o primeiro vislumbre que obtenhamos começará o início de nosso sucesso. Este barco nos guiará, com uma rapidez que vai surpreender a nós mesmos, a quem o usou na noite do sábado. Confirmações surgirão de outras confirmações, e o criminoso será descoberto".

(Por razões que não especificaremos, mas que para muitos leitores parecerão óbvias, tomamos a liberdade de omitir, dos manuscritos que nos chegaram às mãos, a parte que detalhava o acompanhamento da pista aparentemente sem importância obtida por Dupin. Consideramos aconselhável apenas declarar, resumidamente, que o resultado desejado foi atingido, e que o Comissário de Polícia cumpriu, rigorosamente, mas com relutância, os termos do seu acordo com o *Chevalier*. O artigo do sr. Poe encerra-se com as palavras que seguem.)

Deve-se entender que falo de coincidências, e de mais nada. O que disse acima sobre este assunto deve ser suficiente. Não há no meu coração nenhuma crença no sobrenatural. Nenhum homem capaz de pensar negará que a Natureza e Deus formam um todo. Que Este, tendo criado aquela, pode, à Sua vontade, controlá-la ou modificá-la. Digo "à Sua vontade" porque a questão é de vontade, e não de poder, como a insanidade da lógica tem suposto. Não que a divindade não possa modificar suas leis, mas a insultamos imaginando uma possível necessidade de modificação. Na sua origem essas leis foram concebidas para abarcarem todas as contingências que o Futuro pudesse conter. Para Deus, tudo é Presente.

Repito, então, que falo dessas coisas apenas como coincidências. E mais: no que relato, ver-se-á que entre o destino da infeliz Mary Cecilia Rodgers, na medida em que este destino é conhecido, e o destino de Marie Rogêt até determinada época da sua história, existiu um paralelismo de tal

exatidão que confunde a razão. Digo que tudo isso ficará evidente. Mas não se suponha nem por um momento que, ao continuar a narrativa da triste história de Marie, da época em questão, e seguindo até o *dénouement* do mistério que a cercou, seja meu intuito secreto sugerir uma extensão desse paralelismo, ou de insinuar que as medidas adotadas em Paris para a identificação do assassino de uma *grisette*, ou medidas baseadas em qualquer raciocínio semelhante, conduzissem a algum resultado similar.

Na verdade, no que diz respeito à parte final da suposição, temos de considerar que a mais insignificante variação dos fatos nos dois casos poderia dar lugar a graves erros de cálculo, desviando completamente o curso dos dois acontecimentos. Do mesmo modo que na aritmética um erro que isoladamente pode ser considerado insignificante acaba produzindo ao final, pela sua multiplicação em todos os passos do processo, um resultado que se afasta enormemente do correto. E no que se refere à primeira parte, não devemos perder de vista que o próprio Cálculo das Probabilidades, a que já me referi, veda qualquer ideia de extensão do paralelismo, e veda-o de maneira categórica e cabal, tanto mais que esse paralelo já foi estendido e é exato. Esta é uma daquelas proposições que, parecendo sedutoras ao pensamento alheio ao pensamento matemático, só pelos matemáticos pode ser compreendida. Nada, por exemplo, é mais difícil do que convencer o leitor comum que o fato de um jogador de dados ter tirado seis por duas vezes seguida é motivo suficiente para apostar muito dinheiro que não sairá nenhum seis numa terceira tentativa. De modo geral, uma opinião como essa será rejeitada pela inteligência. Não parece evidente que os dois lançamentos feitos, e que agora são coisas completamente do Passado, possam ter influência num lançamento que existe unicamente no Futuro. A probabilidade de sair um seis parece exatamente a mesma que existia em qualquer momento, isto é, está sujeita apenas à influência dos outros lançamentos que possam ser feitos com os dados. E esta é uma reflexão que parece tão óbvia que tentativas de a contradizerem são recebidas mais

frequentemente com um sorriso de mofa do que alguma coisa que se pareça com atenção respeitosa. O erro em questão, um erro crasso, não pretendo expor dentro dos limites de que disponho no momento, e aos filósofos não é necessário que me alongue. Será suficiente dizer que faz parte de uma infinita série de erros com que a Razão tropeça em seu caminho em virtude de sua propensão para procurar a verdade nos *detalhes*.

A carta roubada

Nil sapientiæ odiosius acumine nimio.

Sêneca

Em Paris, logo depois do escurecer de uma tempestuosa noite do outono de 18--, gozava eu do duplo luxo da meditação e de um cachimbo feito de espuma do mar, na companhia de meu amigo C. Auguste Dupin, em sua pequena biblioteca, ou gabinete de leitura, *au troisième*, no número 33 da Rua Dunôt, do Faubourg Saint Germain. Durante uma hora, pelo menos, ficáramos em profundo silêncio, mas a um observador casual cada um de nós pareceria atento e exclusivamente interessado nos anéis enrodilhados da fumaça que tornava densa a atmosfera do aposento. Da minha parte, contudo, estava mentalmente discutindo certos tópicos que tinham sido assunto de nossa conversa no início da noite. Refiro-me ao caso da Rua Morgue e ao mistério relacionado ao assassinato de Marie Rogêt. Via neles um tipo de coincidência, quando a porta de nosso apartamento se abriu e por ela entrou nosso velho conhecido, Monsieur G--, o Comissário de Polícia de Paris.

Demos-lhe uma cordial recepção, pois havia nele tanto um lado de divertido quanto de desprezível, e não o víamos havia muitos anos. Estávamos sentados imersos na escuridão, Dupin então se levantou para acender uma luz, mas sentou-se de novo, sem acender, quando G-- disse que viera nos consultar, ou melhor, pedir a opinião de meu amigo sobre um assunto oficial que lhe tinha causado grandes transtornos.

— Se se trata de um caso que requer reflexão — observou Dupin, desistindo de acender o pavio —, nós o examinaremos com melhor proveito na escuridão.

— Esta é outra das suas estranhas ideias — falou o Comissário, que tinha o hábito de chamar tudo que estava acima da sua compreensão de “estranho”, e então vivia numa absoluta legião de “estranhezas”.

— Exatamente — concordou Dupin, enquanto oferecia um cachimbo a seu visitante, e empurrava para perto dele uma confortável poltrona.

— E qual é a dificuldade agora? — eu perguntei. — Nada que se refira a assassinato, espero.

— Oh, não, nada disso. O fato é que o assunto é realmente muito simples, e não tenho dúvida de que podemos resolver tudo perfeitamente sozinhos. Mas depois pensei que Dupin gostaria de saber os detalhes, porque o caso é excessivamente estranho.

— Simples e estranho — disse Dupin.

— Ora, sim, mas não exatamente uma coisa ou outra. O fato é que ficamos bem intrigados pelo caso ser bastante simples, e ao mesmo tempo escapar da nossa compreensão.

— Talvez seja precisamente a simplicidade o que os desorienta — disse meu amigo.

— Que disparate você está dizendo! — respondeu o Comissário de Polícia, rindo calorosamente.

— Talvez o mistério seja um pouco simples demais — disse Dupin.

— Oh, Deus do céu! Quem já ouviu semelhante ideia?

— Um pouco evidente demais.

— Há! ha! ha! Oh! oh! oh! — gargalhou nosso visitante, profundamente divertido. — Oh, Dupin, você ainda vai me matar de rir.

— Mas qual, afinal de contas, é o caso em questão? — eu perguntei.

— Bem, vou contar — respondeu o Comissário de Polícia, ao mesmo tempo que dava uma longa e pensativa baforada, e se ajeitava na poltrona. — Vou contar em poucas palavras, mas antes de começar, deixe-me alertá-los que este é um caso que exige o maior segredo, e que eu provavelmente perderia meu cargo se ficar sabido que o contei a alguém.

— Prossiga, então — eu disse.

— Ou não — falou Dupin.

— Pois bem. Recebi informações pessoais de uma fonte de alto escalão, que um determinado documento da maior importância foi roubado dos aposentos reais. Sabe-se quem foi o indivíduo que o roubou, e sobre isso não há nenhuma dúvida. Ele foi visto pegando o documento, que continua em sua posse.

— E como se sabe isso? — perguntou Dupin.

— Percebe-se claramente — respondeu o Comissário — a partir da natureza do documento, e do fato de não terem surgido certos resultados que teriam ocorrido imediatamente se o documento deixasse de estar em poder do ladrão, isto é, se já tivesse sido utilizado com o objetivo que ele se propõe.

— Seja um pouco mais específico — eu pedi.

— Bem, posso aventurar-me a afirmar que este documento dá a seu possuidor um determinado poder em determinadas esferas onde este poder é imensamente valioso. — O Comissário era adepta da linguagem diplomática.

— Continuo sem entender nada — Dupin falou.

— Não? Bem, a exibição deste documento a uma terceira pessoa, cujo nome não revelarei, seria uma ameaça à honra de uma personalidade do mais alto escalão, e este fato confere ao possuidor do documento uma ascendência sobre esta ilustre personagem, cuja honra e tranquilidade estão sob ameaça.

— Mas essa ascendência — interrompi — dependeria de o ladrão saber que a pessoa roubada conhece sua identidade. Quem se atreveria...

— O ladrão — disse o Comissário — é o Ministro D--, que é capaz de tudo, tanto do que é digno quanto do que é indigno de um homem. O método do roubo é tão engenhoso quanto audacioso. O documento em questão – uma carta, para ser franco – tinha sido recebido pela personagem

roubada quando estava sozinha em seus aposentos reais. Quando a lia, foi subitamente interrompida pela entrada da outra personagem de alto escalão, de quem a primeira personagem desejava ocultar a carta. Depois de precipitados e vãos esforços de enfiar a carta numa gaveta, a personagem foi forçada a colocá-la, aberta como estava, sobre uma mesa. O endereçamento, contudo, ficou virado para cima, e o conteúdo não foi exposto e a carta passou despercebida. Nesse momento entra o ministro D--. Seu olho de lince imediatamente percebe a carta, reconhece a caligrafia e o endereço, observa a confusão da personagem a quem era dirigida, e deduz seu segredo. Depois de tratar de alguns assuntos oficiais, na sua maneira apressada habitual, ele tira do bolso uma carta de alguma forma similar à carta em questão, abre-a, finge ler, e depois a coloca próximo à outra. E volta novamente a conversar por uns quinze minutos sobre assuntos públicos. Finalmente, despede-se e pega na mesa a carta a que não tinha nenhum direito. O legítimo destinatário viu, mas não ousou chamar a atenção para o fato na presença da terceira personagem que estava bem ao seu lado. O ministro safou-se rapidamente, deixando a sua carta – que não tinha nenhuma importância – sobre a mesa.

— Aí então — Dupin falou dirigindo-se a mim —, você tem precisamente o que seria necessário para tornar a ascendência completa, ou seja, o fato de o ladrão saber que a pessoa roubada sabe que ele foi o ladrão.

— Isso — retrucou o Comissário — e o poder dessa forma alcançado há alguns meses tem sido empregado para fins políticos, e já chegou a um ponto muito perigoso. A personagem roubada está a cada dia mais convencida da necessidade de recuperar a carta. Mas isso, naturalmente, não pode ser feito abertamente. Por fim, tomada pelo desespero, ela confiou o assunto a mim.

— Era-lhe impossível — disse Dupin em meio a uma perfeita espiral de fumaça — escolher, ou sequer imaginar, um agente mais sagaz.

— Você me lisonjeia — retrucou o Comissário —, mas é possível que ela tenha levado em conta essa opinião.

— Está claro — eu disse — que a carta ainda está em poder do ministro, pois é a sua posse, e não a utilização da carta, que lhe confere poder. Com a utilização o poder desaparece.

— É verdade — disse o comissário— e foi com essa convicção que agi. Meu primeiro cuidado foi fazer uma minuciosa busca no palacete do ministro. E aí reside minha primeira dificuldade, ou seja, fazer a busca necessária sem que ele saiba. E para complicar mais ainda, fui alertado sobre o perigo que resultaria se lhe desse razões para suspeitar de nossos propósitos.

— Mas você — disse eu — está completamente *au fait* dessas investigações. A polícia parisiense já fez isso anteriormente.

— Ah, sim, e foi por essa razão que não me desesperei. Além disso, os hábitos do ministro me conferiram uma grande vantagem. Ele frequentemente se ausenta da casa durante toda a noite. Seus criados não são numerosos. E dormem a certa distância dos aposentos do patrão, e como na maioria são napolitanos, embebedam-se com facilidade. Tenho chaves, como você sabe, que podem abrir qualquer quarto ou sala privada de Paris. Durante três meses não houve uma única noite cuja maior parte não passei, pessoalmente, revistando o palacete de D-- . Minha honra está em jogo, e para revelar um grande segredo, a recompensa é enorme. Então, não desisti da busca até ficar completamente convencido de que o ladrão é um homem mais astuto do que eu. Acredito ter verificado cada canto e esconderijo dos locais em que a carta poderia estar escondida.

— Mas não é possível que — eu sugeri — embora a carta possa estar em poder do ministro, como inquestionavelmente está, ele a tenha escondido em outro lugar que não sua casa?

— Isso é pouco provável — Dupin falou. — A peculiar situação atual dos assuntos da corte, e especialmente das intrigas nas quais como se sabe D-- está envolvido, fazem da eficácia imediata do documento, ou seja, da possibilidade de ele ser apresentado a qualquer momento, um ponto de importância quase igual à sua posse.

— A possibilidade de ser apresentado? — perguntei.

— Vale dizer, de ser destruído — disse Dupin.

— É verdade — observei. — A carta claramente está no palacete. Quando à possibilidade de o ministro a trazer consigo, podemos considerá-la fora de questão.

— Sem dúvida — disse o Comissário. — Ele foi duas vezes atacado por supostos assaltantes, e foi rigorosamente revistado, sob minha supervisão.

— Você poderia ter se poupado este trabalho — Dupin falou. — D--, creio eu, não é completamente um tolo, e assim deve ter previsto estes ataques como coisa previsível.

— Não é completamente um tolo — disse G., — mas é um poeta, o que considero ser não muito distante de um tolo.

— Certo — Dupin disse depois de lançar longas e pensativas baforadas de seu cachimbo —, embora eu mesmo já tenha sido culpado de uns versinhos.

— Que tal dar-nos detalhes da sua busca? — eu sugeri.

— Pois bem, o fato é que revistamos demoradamente todos os cantos. Eu tenho uma longa experiência nestes assuntos. Revistei todo o palacete, quarto por quarto, devotando todas as noites de uma semana a cada um deles. Examinamos primeiro o mobiliário de cada quarto. Abrimos todas as gavetas possíveis, e suponho que saiba que para um agente policial devidamente treinado não existe essa coisa de gaveta secreta. Qualquer

homem que permite que uma gaveta secreta escape a uma busca deste tipo é um idiota. A coisa é muito simples. Existe certo volume – certo espaço – a ser levado em conta em cada armário. Para isso temos regras claras. Nem a quinquagésima parte de um centímetro poderia escapar-nos. Depois do armário passamos às cadeiras. As almofadas foram verificadas com as agulhas finas e compridas que já me viu empregar. Retiramos os tampos das mesas.

— Por quê?

— Algumas vezes o tampo da mesa, ou de qualquer outra peça semelhante do mobiliário, é removido pela pessoa que deseja esconder alguma coisa. Depois a perna é escavada, o objeto a ser escondido é depositado nesta cavidade, e o tampo é recolocado. O fundo e os pés da cama são utilizados da mesma forma.

— Mas a cavidade não poderia ser descoberta pelo som? — eu perguntei.

— De maneira nenhuma, quando o objeto é colocado envolto por um chumaço de algodão. Além disso, no nosso caso, temos que agir sem fazer barulho.

— Mas o senhor não poderia ter removido, não poderia ter desmontado todas as peças do mobiliário em que teria sido possível esconder um objeto da maneira que mencionou. Uma carta pode ser comprimida num fino rolo de papel, muito parecida na forma e volume a uma longa agulha de tricotar, e assim ser introduzida na travessa de uma cadeira, por exemplo. O senhor não desmontou todas as cadeiras, não é verdade?

— Certamente que não, mas fizemos coisa melhor. Verificamos as travessas de cada cadeira do palacete, na verdade, cada junta de todo tipo de mobiliário, com a ajuda de um poderoso microscópio. Se houvesse algum sinal de alteração recente não deixaríamos de ter notado imediatamente. Um simples grão de poeira de verruma, por exemplo, nos seria tão visível

quanto uma maçã. Qualquer alteração na junção com cola – uma simples greta – teria bastado para nos chamar a atenção.

— Suponho que verificaram os espelhos, entre as molduras, o fundo e os vidros, e revistado as camas, as roupas de cama, e também as cortinas e os tapetes.

— Naturalmente! E depois de termos verificado cada peça do mobiliário desta forma, passamos ao palacete em si. Dividimos toda a área em compartimentos, que numeramos para que nenhum escapasse. Depois vasculhamos cada centímetro do palacete, incluindo as duas casas adjacentes, com o microscópio, da mesma forma que antes.

— As duas casas adjacentes! — eu exclamei. — Devem ter tido muito trabalho.

— Tivemos sim. Mas a recompensa oferecida é enorme.

— Incluíram os terrenos das casas?

— Todos os terrenos são pavimentados com tijolos, e nos deram, comparativamente, pouco trabalho. Examinamos o musgo entre os tijolos e vimos que não tinham sido mexidos.

— Verificaram entre os papéis de D--, naturalmente, e dentro dos livros da biblioteca?

— Sem dúvida. Abrimos cada pacote e cada embrulho, e não apenas abrimos os livros, mas viramos cada página de cada um deles. Não nos contentamos com algumas sacudidelas, como é o costume de alguns de nossos agentes. Também verificamos a espessura de todas as capas, com o maior rigor, e aplicamos a cada uma o mais escrupuloso exame do microscópio. Se alguma das encadernações tivesse tido alguma alteração recente seria completamente impossível que o fato passasse despercebido. Uns cinco ou seis volumes, acabados de chegar do encadernador, foram cuidadosamente explorados, em sentido longitudinal, com as agulhas.

— Verificaram os assoalhos debaixo dos tapetes?

— Sem dúvida alguma. Removemos cada tapete e verificamos as tábuas com o microscópio.

— E o papel de parede?

— Sim.

— Verificaram a adega?

— Verificamos.

— Então, incorreram num engano, e a carta não está no palacete, como supõe.

— Acho que tem razão — disse o Comissário. — E agora, Dupin, o que me aconselha fazer?

— Fazer uma nova e completa verificação no palacete.

— Isso é completamente inútil — retrucou G. — Não estou tão seguro de que respiro como de que a carta não está no palacete.

— Não tenho melhor conselho para lhe dar — disse Dupin. — Tem, naturalmente, uma exata descrição da carta?

— Sim, tenho! — E nessa altura o Comissário tirou do bolso uma agenda e começou a ler, em voz alta, uma descrição minuciosa do aspecto interno, e especialmente do externo, do documento desaparecido. E logo depois de terminar a leitura, saiu mais desanimado ainda do que eu jamais o vira antes.

Cerca de um mês depois ele nos faz outra visita, e nos encontrou ocupados da mesma forma que da anterior. Pegou um cachimbo e uma poltrona e iniciou uma conversa trivial. Finalmente eu disse:

— Bem, e a carta roubada? Suponho que acabou se convencendo de que não é coisa simples vencer o ministro em astúcia?

— Que o diabo o carregue, é o que digo. Sim, fiz nova busca, como Dupin sugeriu, mas foi tempo perdido, como eu sabia que seria.

— De quanto era a recompensa oferecida, você disse? — Dupin perguntou.

— Bem, era muito grande, uma recompensa muito generosa. Não quero dizer quanto, precisamente, mas uma coisa direi. Não me importaria de dar um cheque pessoal de cinquenta mil francos a qualquer um que pudesse me entregar essa carta. O fato é que o assunto está ficando mais importante a cada dia, e a recompensa foi dobrada recentemente. Mas mesmo que fosse triplicada não poderia fazer mais do que já fiz.

— Pois sim — disse Dupin, arrastando as palavras entre as baforadas de seu cachimbo. — Penso, realmente, G--, que não se esforçou ao máximo neste assunto. Você poderia fazer um pouco mais, não poderia?

— Como? Em que sentido?

— Ora (baforada), poderia (baforada) fazer uma consulta sobre este assunto, hein? (baforada). Lembra-se da história que se conta a respeito de Abernethy?

— Não. Que o diabo o carregue!

— Sim, que o diabo o carregue, e seja bem recebido. Mas uma vez certo rico avarento concebeu uma maneira de arrancar de Abernethy uma consulta médica. Com essa finalidade, estabeleceu com o médico uma conversa particular privada, e insinuou o seu caso como se fosse o de um indivíduo imaginário.

— “Suponhamos” — disse o avarento — que seus sintomas sejam tais e tais. Nesse caso, que é que o doutor lhe aconselharia tomar?"

— “Tomar! Aconselharia, claro, que tomasse um conselho.”

— Mas — o Comissário falou, um tanto desconcertado — estou perfeitamente disposto a pedir conselhos, e a pagar por eles.

— Neste caso — Dupin falou abrindo uma gaveta e pegando um talonário de cheques —, você pode muito preencher-me um cheque no valor da quantia mencionada. Quando assinar eu lhe entregarei a carta.

Fiquei perplexo. O Comissário parecia completamente fulminado por um raio. Por alguns instantes ele ficou estático e mudo, olhando incredulamente para o meu amigo com a boca aberta e olhos que pareciam saltar das órbitas. Então, parecendo se recuperar um pouco, pegou uma pena e depois de várias pausas e olhares vagos, finalmente preencheu e assinou um cheque no valor de cinquenta mil francos, e o empurrou por cima da mesa na direção de Dupin. Este examinou o cheque cuidadosamente e o colocou na carteira. Depois, abriu uma *escritoire*, tirou de lá uma carta e a entregou ao Comissário. O funcionário a apanhou num perfeito espasmo de alegria, abriu-a com mão trêmula, passou rapidamente os olhos por seu conteúdo, e então, meio trêmulo, esforçou-se para chegar até porta, apressou-se a sair da sala e da casa sem mais cerimônia, sem pronunciar uma sílaba desde que Dupin lhe pedira para preencher o cheque.

Depois que ele tinha saído meu amigo passou a algumas explicações.

— A polícia parisiense — ele disse — é extremamente competente à sua maneira. É perseverante, engenhosa, astuta e profundamente versada no conhecimento que seus deveres parecem especialmente requerer. Então, quando G-- detalhou-nos a maneira como tinha revistado os aposentos do palacete de D--, senti completa confiança de que fizera uma investigação satisfatória, até onde seus esforços chegaram.

— Até onde seus esforços chegaram?

— Sim — Dupin falou. — As medidas adotadas não apenas foram as melhores do seu gênero, mas foram executadas com absoluta perfeição. Se a carta estivesse depositada em algum lugar dentro dos limites da sua busca, os agentes a teriam sem dúvida encontrado.

Eu simplesmente ri, mas ele parecia ter dito tudo com absoluta seriedade.

— As medidas, então — ele continuou — eram boas em seu gênero, e bem executadas. Seu defeito reside no fato de serem inaplicáveis ao caso, e ao homem. Certo conjunto de recursos altamente engenhosos são, para o Comissário, uma espécie de leito de Procusto, ao qual procura adaptar à força todos os seus planos. Mas ele erra constantemente sendo muito profundo ou muito superficial no assunto em questão, e muitos estudantes raciocinam melhor do que ele. Conheci um, de uns oito anos, cujo sucesso como adivinhador num jogo de "par ou ímpar" atraiu admiração universal. O jogo é simples, e é jogado com bolinhas de vidro ou de pedra. Um jogador esconde na mão um certo número dessas bolas, e pergunta ao outro se este número é par um ímpar. Se a resposta é certa, o acertador ganha uma bola, e se está errada ele perde uma. O menino que mencionei ganhou todas as bolas na escola. Claro que ele tinha um sistema de adivinhação, que consistia na mera observação e avaliação da astúcia do seu adversário. Por exemplo, seu adversário é um perfeito simplório que, mostrando a mão fechada, pergunta "par" ou "ímpar"? Nosso colegial responde "ímpar" e perde. Mas na segunda tentativa ele ganha, pois diz para si mesmo: "O simplório tinha um número ímpar na primeira tentativa, e sua astúcia é apenas suficiente para manter o ímpar na segunda, e então vou apostar ímpar". Ele aposta ímpar e ganha. Então, contra um simplório um grau menos simplório que o anterior, ele raciocinaria assim: "Este verifica que da primeira vez eu apostei ímpar, e na segunda vai propor a si mesmo, num primeiro impulso, uma simples mudança para par, como fez o primeiro simplório. Mas pensando melhor, acha que esta alteração é muito simples, e finalmente opta por um número par como antes. Eu então vou apostar em par". E aposta e ganha. Ora, esta maneira de raciocinar do estudante, a que seus colegas chamam de "sorte", em última análise o que é?

— É simplesmente — respondi — a identificação da inteligência do nosso estudante em relação à do adversário.

— De fato — disse Dupin — e depois de perguntar ao estudante de que modo ele chegava à total identificação, recebi a seguinte resposta: “Quando quero descobrir até que ponto alguém é inteligente ou estúpido, ou bom ou mau, ou quais são seus pensamentos no momento, modelo a expressão de meu rosto da maneira mais idêntica possível com a expressão do rosto dessa pessoa, e então espero para ver quais pensamentos ou sentimentos surgirão na minha mente ou no meu coração, e que combinem ou correspondam à expressão”. Esta resposta do estudante está na base de toda a espúria profundidade que tem sido atribuída a Rochefoucault, La Bogive, Maquiavel e Campanella.

— E a identificação — disse eu — da inteligência do raciocinador em relação à do seu adversário depende, se o entendi bem, da precisão com que a inteligência do adversário é avaliada.

— Porque seu valor prático depende disso — respondeu Dupin — e o Comissário e todos os seus agentes falham tão frequentemente, primeiro pela falta dessa identificação, e segundo, por uma avaliação inexata da inteligência da pessoa contra quem estão lidando. Consideram engenhosas apenas as suas ideias, e ao procurarem alguma coisa escondida, só levam em conta as maneiras que eles usariam para escondê-las. Estão certos quanto a um ponto: a sua engenhosidade é representativa das pessoas em geral. Mas quando a astúcia do malfeitor é diferente da deles, o malfeitor naturalmente os suplanta. Isto sempre acontece quando a astúcia é superior à sua, e muito frequentemente quando é inferior. Não variam seus sistemas de avaliação. No máximo, quando são pressionados por qualquer emergência incomum – por uma recompensa extraordinária – ampliam ou exageram suas velhas práticas, sem se afastarem de seus princípios. Neste caso de D--, o que foi feito para variar o sistema de ação? O que é todo esse esburacar, furar, sondar, esses exames ao microscópio, essa divisão de todo o edifício em

quadradinhos numerados? O que é, senão o exagero da aplicação de um sistema, ou conjunto de sistemas de busca que estão baseados num único conjunto de ideias relacionadas à engenhosidade humana, ao qual o Comissário se acostumou, na longa rotina de suas funções. Não percebeu que ele considera como certo que todos os homens que queiram esconder uma carta utilizam, se não precisamente um orifício feito a verruma na perna de alguma cadeira, pelo menos uma cavidade fora do comum sugerida pela mesma linha de raciocínio que levaria um homem a esconder uma carta num buraco feito na perna de uma cadeira? E percebe também que esconderijos tão *recherchés* somente são empregados em ocasiões comuns, e por inteligências comuns. Pois todos os casos de objetos escondidos dessa maneira *recherché*, num primeiro momento são previsíveis e presumidos. Então, a descoberta depende não da perspicácia, mas do mero cuidado, paciência e determinação de quem o procura. Mas quando o caso é importante, ou quando a recompensa faz a polícia considerá-lo assim, essas habilidades em questão jamais faltaram. Você então agora compreenderá o que quis dizer ao sugerir que se a carta roubada tivesse sido escondida em qualquer lugar dentro dos limites de busca do Comissário, ou em outras palavras, se o princípio inspirador estivesse contido nos princípios do Comissário, a sua descoberta seria coisa completamente fora de dúvida. Este funcionário, contudo, foi completamente enganado, e a origem remota de seu engano reside na sua suposição de que o ministro é um tolo, porque adquiriu fama como poeta. Todos os tolos são poetas, pensa o Comissário, e sua culpa é meramente uma *non distributio medii*, ao inferir que todos os poetas são tolos.

— Mas realmente ele é poeta? — perguntei. — Sei que há dois irmãos, e ambos ganharam fama escrevendo. O ministro, parece-me, escreveu elogiados tratados sobre Cálculo Diferencial. Ele é matemático, e não poeta.

— Você se engana. Eu o conheço bem, e ele é as duas coisas. Como poeta e matemático ele raciocinaria bem. Como simples matemático não raciocinaria de forma nenhuma, e teria ficado à mercê do Comissário.

— Você me surpreende — eu disse — com essas opiniões, que a voz do povo refutou. Não quererá destruir ideias perfeitamente assimiladas durante séculos. O raciocínio matemático há muito tempo é considerado *o* raciocínio *par excellence*.

— *Il y a à parier* — retrucou Dupin, citando Chamfort — *que toute idée publique, toute convention reçue, est une sottise, car elle a convenue au plus grand nombre*. Os matemáticos, reconheço, fizeram o melhor que puderam para propagar o erro popular a que você alude, e que, tendo sido promulgado como verdade, nem por isso deixa de ser um erro. Com uma arte digna da melhor causa, eles insinuaram o termo "análise" nas aplicações algébricas. Os franceses são os culpados originários deste engano em particular, mas se as palavras derivam seu valor da sua aplicabilidade, então "análise" tem tanto a ver com "álgebra" como, em latim, "*ambitus*" subentende "ambição", "*religio*" "religião", ou "*homines honesti*" um grupo de "homens honestos".

— Vejo que tem à mão motivos para se desavir com alguns algebristas de Paris, mas prossiga.

— Eu contesto a validade, e, portanto, o valor de um raciocínio cultivado de alguma forma especial que não seja a lógica abstrata. Contesto, em particular, o raciocínio desenvolvido pelo estudo da matemática. As matemáticas são a ciência da forma e da quantidade. Raciocínio matemático é meramente a lógica aplicada à observação da forma e da quantidade. O grande erro reside em supor que mesmo as verdades do que é chamado de álgebra pura são verdades abstratas e gerais. E esse erro é tão evidente que estranho muito a universalidade com que foi recebido. Axiomas matemáticos não são axiomas de uma verdade geral. O que é verdadeiro na relação – de forma ou quantidade – é muitas vezes grosseiramente falso no que diz

respeito à moral, por exemplo. Nesta última ciência é frequentemente falso que a soma das partes seja igual ao todo. Na química, o axioma também é incorreto. Falha também na apreciação de uma força, porque duas forças, cada uma de uma magnitude, não têm necessariamente quando juntas uma força igual à soma das forças isoladas. Existem muitas outras verdades matemáticas que só são verdades quando dentro dos limites da relação. Mas o matemático argumenta, por hábito e segundo suas verdades finitas, como se tivessem uma aplicabilidade absolutamente geral, como o mundo imagina que têm. Bryant, em sua erudita obra *Mythology*, menciona uma fonte análoga de erro, quando afirma que "embora ninguém acredite nas fábulas pagãs, frequentemente nos esquecemos disso e fazemos deduções a partir delas como se fossem realidades existentes". No caso dos algebristas, também pagãos, eles acreditam nas "fábulas pagãs", e as deduções são feitas não tanto por um lapso de memória, mas por uma incompreensível confusão do cérebro. Resumindo, ainda não encontrei um matemático puro em quem pudesse confiar, ou um só que não sustentasse secretamente como artigo de fé que $x^2 + px$ é absolutamente e incondicionalmente igual a q. Diga a um desses cavalheiros, à guisa de experiência, que você acredita que pode haver casos em que $x^2 + px$ não sejam absolutamente iguais a q, e tendo conseguido que ele entenda o que quer dizer, suma da sua vista o mais rápido que puder, porque sem dúvida ele tentará agredi-lo.

— Quero dizer — Dupin continuou, enquanto eu me contentava em rir das suas últimas observações — que se o ministro não fosse mais do que um matemático, o Comissário não se sentiria na necessidade de me dar o cheque. Eu sabia, contudo, que ele era tanto matemático quanto poeta, e adaptei minhas avaliações em razão dessa habilidade, e tendo em conta as circunstâncias que o rodeavam. Sabia que era homem da corte e um intrigante ousado. Um homem assim, pensei eu, não poderia ser ignorante dos modos normais de ação da polícia. Não poderia ter deixado de prever, e os acontecimentos demonstram que previu, os assédios a que estaria

submetido. Deve ter previsto, ponderei, a busca secreta em seu palacete. Suas frequentes ausências à noite, que foram saudadas pelo Comissário como ajuda para seu sucesso, me pareceram apenas ardis para dar à polícia oportunidade para uma ampla busca e assim criar nela a convicção a que G-- finalmente chegou, de que a carta não estava no palacete. Pareceu-me, também, que toda essa sucessão de pensamentos, que há pouco tive alguma dificuldade em lhe detalhar, sobre os invariáveis princípios da investigação policial nas buscas por objetos escondidos, pareceu-me, dizia eu, que toda essa sucessão de pensamentos passaria necessariamente pela mente do ministro. Isto o levaria, imperativamente, a desprezar todos os cantos habituais para esconderijo. Ele não poderia ser tão ingênuo que não pensasse que o mais intrincado e mais remoto recesso de seu palacete seria como um armário para os olhos, as agulhas, a verruma, e os microscópios do Comissário. Percebi, afinal, que ele seria levado, muito naturalmente, à simplicidade, se não deliberadamente induzido a isso por uma questão de opção. Você se lembrará, talvez, como o Comissário riu desesperadamente quando sugeri, no nosso primeiro encontro, que era muito possível que o mistério o perturbasse tanto por ser tão evidente.

— Sim, lembro-me bem — eu disse — da sua alegria repentina. Cheguei até a pensar que ele ia ter convulsões.

— O mundo material — Dupin continuou — está cheio de analogias muito exatas com o mundo imaterial. E isso é o que dá um tom de verdade ao dogma retórico para que a metáfora, ou símile, possa reforçar um argumento, bem como embelezar uma descrição. O princípio da *vis inertiæ*, por exemplo, parece ser idêntico na física e na metafísica. Não é menos verdade que, no que se refere à primeira, um corpo volumoso seja posto em movimento com maior dificuldade do que um corpo menor, e, por consequência, o *momentum* resultante é proporcional a essa dificuldade. Quando à segunda, as inteligências de maior capacidade, embora mais impetuosas, mais constantes, e mais cheias de acontecimentos do que os de

uma categoria inferior, são as que se movem com menos facilidade, com mais transtornos e cheias de hesitação nos seus primeiros passos. Continuando, você já observou quais são as atrações oferecidas nas portas das lojas que mais atraem a atenção?

— Nunca prestei atenção — eu disse.

— Há um jogo de quebra-cabeça — ele continuou — que é jogado sobre um mapa. Um dos jogadores pede ao outro que encontre uma determinada palavra – o nome de uma cidade, rio, estado ou império – qualquer palavra, em suma, sobre a extensão variada e confusa do mapa. Um novato no jogo normalmente procura embaraçar o adversário indicando-lhes nomes impressos com as letras menores. Mas o jogador experiente escolhe palavras que se estendam, em grandes caracteres, de um lado a outro do mapa. Estes últimos, como as placas e tabuletas nas ruas, com grandes letras, escapam à observação pelo fato de serem excessivamente óbvios, e aqui o descuido físico é precisamente análogo à desatenção moral que leva uma inteligência a deixar passar despercebidas aquelas considerações que são demasiado palpáveis, demasiado patentes. Mas este é um ponto, parece, que está um pouco abaixo ou acima do entendimento do Comissário. Ele nem por uma vez pensou que fosse provável, ou possível, que o ministro tenha colocado a carta debaixo o nariz de todo mundo, como melhor forma de impedir que uma parte desse mundo a visse.

Mas quanto mais refletia eu na temerária, arrojada e brilhante engenhosidade de D--, no fato de que o documento deve ter estado sempre à mão, se ele pretendia usá-lo de acordo com seu objetivo, e na prova decisiva obtida pelo Comissário, de que não estava escondido nos limites da sua busca habitual, mais convencido fiquei de que, para esconder a carta, o ministro recorreu ao mais comum e sagaz dos expedientes, ou seja, não tentar absolutamente escondê-la.

Convencido de tais deias, muni-me de óculos verdes, e como que por acaso, numa bela manhã, passei pelo palacete do ministro. Encontrei D-- em

casa, bocejando, espreguiçando-se, e sem fazer nada, como sempre, e fingindo estar tomado pelo mais profundo *ennui*. Ele provavelmente seja o homem vivo mais dinâmico que existe, mas isso só quando ninguém o vê.

Para ficar no mesmo estado de espírito, queixei-me de minha vista fraca, e lamentei a necessidade de óculos, e sob o disfarce deles examinei cuidadosamente e minuciosamente o aposento fingindo estar interessado apenas na conversa do meu anfitrião.

Prestei especial atenção a uma ampla escrivaninha perto de onde ele estava sentado, e em cima da qual estavam, em confusão, várias cartas e outros papéis, e uns dois instrumentos musicais e uns poucos livros. Ali, depois de um longo e cuidadoso exame, não vi nada que pudesse levantar qualquer suspeita.

Finalmente meus olhos, ao percorrerem o aposento, pousaram num vistoso, mas surrado, porta-cartas de papelão filigranado, preso por uma fita azul suja a uma pequena maçaneta de latão logo abaixo do aparador da lareira. Neste porta-cartas, que tinha três ou quatro compartimentos, havia seis cartões de visita e uma solitária carta. A carta estava muito suja e amarrotada, e parcialmente rasgada ao meio, como se num primeiro impulso alguém quisesse rasgá-la completamente por não ter importância, mas depois se tivesse contido e interrompido a ação. Tinha um grande sinete preto com o monograma de D--, muito visível, e estava endereçada, numa letra feminina miúda, ao próprio D--, o ministro. Estava enfiada descuidadamente, e até com desdém, numa das divisões de cima do porta-cartas.

Assim que dei uma olhadela naquela carta concluí que era a que eu buscava. E para ser sincero, em toda aparência era radicalmente diferente da carta cuja descrição tão minuciosa o Comissário nos descrevera. Aqui o sinete era amplo e negro, com o monograma de D--. Naquela, era pequeno e vermelho, com as armas ducais da família S--. Nesta, o endereço do ministro fora escrito em letra miúda e feminina. Na outra, o sobrescrito, dirigido a uma personagem régia, tinha uma caligrafia grossa e incisiva. Somente no

tamanho tinha alguma correspondência. Mas por outro lado, o caráter radical dessas diferenças, que eram excessivas, e a sujeira e o papel rasgado, tão em oposição aos verdadeiros e metódicos hábitos de D--, e tão evidentes de um propósito de passar a um observador a ideia de que era um documento sem valor, tudo isso, e sua colocação tão à vista dos olhos de qualquer visitante, e assim ajustando-se perfeitamente às minhas conclusões anteriores, tudo isso, dizia eu, reforçavam decididamente as suspeitas de alguém que lá fora com a intenção de suspeitar.

Prolonguei minha vista o mais que pude, e enquanto mantinha com o ministro uma animada conversa sobre um tópico que sabia que lhe interessa e entusiasmava muito, mantive minha atenção fixa na carta. Neste exame, guardei na memória sua aparência externa e sua posição no porta-cartas, e acabei fazendo uma descoberta que dissipou por completo qualquer mínima dúvida que pudesse ter. Ao observar atentamente as bordas do papel, observei que estavam mais desgastadas do que o necessário. Apresentavam o aspecto amassado que ocorre quando um papel mais rígido que foi dobrado uma vez e prensado por uma máquina de dobrar, é novamente dobrado no sentido contrário, no mesmo vinco do formato anterior. A descoberta foi suficiente. Para mim ficou claro que a carta tinha sido virada do avesso, como uma luva, endereçada novamente, e lacrada com um novo sinete. Despedi-me do ministro e saí imediatamente, deixando uma caixinha de rapé, de ouro, sobre a mesa.

Na manhã seguinte voltei em busca da caixinha de rapé, ocasião em que retomamos, com entusiasmo, a conversa do dia anterior. E assim ocupados ouvimos um forte estrondo, como a detonação de uma arma, imediatamente abaixo das janelas do palacete, seguido de gritos e do vozerio aflitivo de várias pessoas. D-- correu para uma janela, abriu-a, e olhou. Ao mesmo tempo fui até o porta-cartas, retirei a carta, coloquei no bolso, e a substituí por um *fac-simile* (no que se referia ao exterior), e que tinha

preparado cuidadosamente nos meus aposentos, imitando o monograma de D-- com facilidade com um sinete feito de miolo de pão.

O alvoroço na rua tinha sido ocasionado pelo comportamento fora de si de um homem com um mosquete. Ele o tinha disparado na direção de uma aglomeração de mulheres e crianças. Verificou-se, contudo, que o mosquete não estava carregado, e o homem, tido por um lunático ou bêbado, pode seguir seu caminho. Quando tinha se afastado, D-- retirou-se da janela, para onde eu tinha ido imediatamente depois de me assegurar que tinha o que procurara. Em seguida despedi-me. O pretenso lunático era um homem que eu mesmo tinha contratado.

— Mas qual o seu propósito — eu perguntei — em substituir a carta por um *fac-simile*? Não teria sido melhor, na primeira visita, apanhar simplesmente a carta e saído?

— D-- é um homem decidido e de coragem. No seu palacete não faltam auxiliares fieis a seus interesses. Tivesse eu feito a louca tentativa que sugere, eu poderia nunca ter saído vivo da presença do ministro. A boa gente de Paris nunca mais ouviria falar de mim. Mas eu tinha um objetivo em vista, além dessas considerações. Você conhece minhas simpatias políticas. Neste assunto ajo como partidário da senhora em questão. Durante dezoito meses o ministro a manteve em seu poder. Agora é ela quem o tem em seu poder, pois ignorando que a carta já não está em sua posse, ele prosseguirá com a extorsão como se estivesse. Isso vai inevitavelmente condená-lo à destruição política. Sua queda será tão precipitada quanto constrangedora. É muito fácil falar de *facilis descensus Averni*, em todos os tipos de ascensão, como dizia Catalani em seus cantos, é muito mais fácil subir do que descer. No caso presente não tenho simpatia – pelo menos nenhuma piedade – por quem desce. Ele é aquele *monstrum horrrendum*, o homem genial sem princípios. Confesso, contudo, que gostaria muito de conhecer o preciso caráter de seus pensamentos, quando, ao ser desafiado por aquela a quem o Comissário

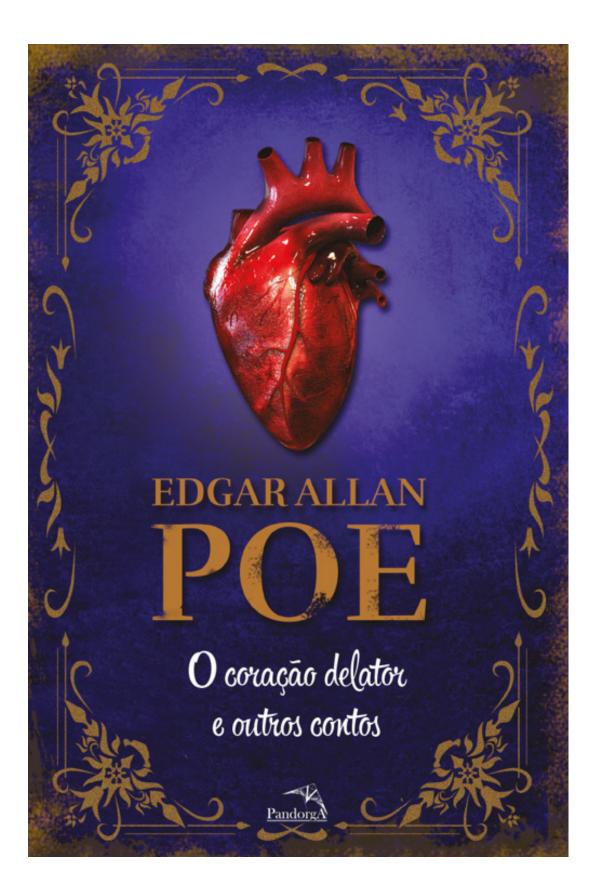
chama de “uma certa personagem”, ele decida abrir a carta que lhe deixei no porta-cartas.

— Como? Escreveu nela alguma coisa em particular?

— Ora, não me pareceu completamente correto deixar o interior em branco. Pareceria um insulto. Em Viena, certa vez, D-- me fez uma brincadeira de mau gosto, e lhe disse, bem-humorado, que me lembraria dela. Então, como sabia que ele sentiria alguma curiosidade de descobrir a identidade da pessoa que tinha sido mais experta do que ele, achei que seria uma pena não lhe dar uma pista. Ele conhece bem minha caligrafia, então apenas copiei, no meio da folha em branco, estas palavras:

un dessein si funeste,

s’il n’est digne d’Artrée, est digne de Thyest. São palavras que podem ser encontradas em Atrée, de Crébillon.

EDGAR ALLAN
POE
O coração delator
e outros contos
PandorgA

Produção Editorial
Equipe Editora Pandorga

Capa e Projeto gráfico
Lumiar Design

Revisão

Jéssica Gasparini Martins

Tradução
Fátima Pinho

Samuel Bueno

Produção do arquivo ePub
fkeditorial

"Uma história narrada por um louco que,
como todos nós, pensava ser são".

É VERDADE! – nervoso –, eu estava pavorosamente nervoso e ainda estou; mas porque você diria que estou louco? A doença tinha aguçado os meus sentidos – não os destruído –, não amortecido. Mais que todos, o sentido da audição foi intensificado. Eu ouvia tudo, do céu e da terra. Eu ouvia muitas coisas do inferno. Como, então, estou louco? Ouça com atenção! E observe a sanidade, a calma com que posso contar a você toda a história.

É impossível dizer como a ideia começou a surgir na minha cabeça, mas, uma vez concebida, ela passou a me assediar dia e noite. Motivo, não havia nenhum. Paixão, não havia nenhuma. Eu gostava do velho. Ele nunca me prejudicou. Nunca me insultou. O ouro dele não me apetecia. Acho que foi o olho dele! Sim, foi isso! Ele tinha o olho de um abutre – um olho azul embaçado, coberto por uma membrana. Quando o velho olhava para mim com aquele olho de abutre, meu sangue congelava. E então, aos poucos – bem aos poucos – eu finalmente decidi que tinha de tirar a vida do velho e assim me livrar daquele olho para sempre!

Agora essa é a questão. Você acha que estou louco. Loucos não sabem de nada. Mas você deveria ter me visto. Devia ter visto com que sensatez eu agi, com que cuidado – e que prudência – com que dissimulação fiz meu trabalho! Eu nunca tinha sido tão amável com o velho como fui durante toda a semana antes de matá-lo. E todas as noites, por volta da meia-noite, eu girava o trinco da porta dele e a abria – ah, com tanta delicadeza! E então, quando já tinha aberto a porta o suficiente para que minha cabeça passasse, eu passava por ali uma lanterna escura, toda coberta, coberta, para que nenhuma luz se projetasse, e depois eu esticava a cabeça para dentro. Ah, você acharia graça se visse a destreza com que eu passava a cabeça pela abertura! Eu a movia devagar, bem, bem devagar, para não perturbar o sono do velho. Levava uma hora para passar a cabeça toda pela abertura, até que pudesse vê-lo enquanto ele estava deitado em sua cama. Ah! – Será que um louco seria assim tão esperto? E então, quando a minha cabeça já estava toda

dentro do quarto, eu descobria a lanterna com cuidado – ah, com muito cuidado! –, com cuidado (porque as dobradiças rangiam) eu a descobria só um pouquinho, de modo que apenas um raio pequeno e fino de luz se depositasse sobre aquele olho de abutre. E fiz isso por sete longas noites, sempre à meia-noite, mas encontrava o olho sempre fechado; e então era impossível fazer o trabalho. Porque não era o velho que me perturbava, era o olho, o olho maligno que ele tinha. E a cada manhã, quando o dia nascia, eu ia corajosamente até o quarto, e falava com ele corajosamente, chamava-o pelo nome com um tom cordial e perguntava a ele como tinha passado a noite. Veja que ele teria de ser um velho muito sagaz, de fato, para suspeitar que toda noite, exatamente à meia-noite, eu o observava enquanto dormia.

Na oitava noite, fui mais cauteloso do que costumava ser ao abrir a porta. O ponteiro dos minutos de um relógio se moveria mais rápido do que minha mão. Nunca antes daquela noite eu tinha sentido o alcance dos meus próprios poderes – da minha sagacidade. Eu mal podia conter meu sentimento de triunfo. Pensar que lá estava eu, abrindo a porta, pouco a pouco, e ele sequer sonhando com minhas intenções e pensamentos secretos. Cheguei a rir discretamente da ideia, e talvez ele tenha me ouvido, porque de repente se mexeu na cama como num sobressalto. Agora você pode pensar que eu recuei – mas não. O quarto dele estava negro como o breu com a escuridão espessa (já que, temendo ladrões, o velho mantinha as persianas sempre bem fechadas, de medo dos ladrões), por isso eu sabia que ele não conseguiria ver a porta sendo aberta, e continuei empurrando-a com firmeza, mais e mais.

Eu já estava com a cabeça lá dentro, e pronto para descobrir a lanterna, quando meu dedão escorregou no fecho da lata, e o velho saltou da cama e gritou: “Quem está aí?”.

Fiquei imóvel e não disse nada. Por uma hora inteira não movi um músculo sequer, e, durante esse tempo, não o ouvi se deitar. Ele continuava

sentado na cama, escutando, assim como eu tinha feito, noite após noite, prestando atenção aos relógios da morte dentro da parede.

Naquele momento ouvi um ligeiro gemido, e eu sabia que era o gemido de um terror mortal. Não era um gemido de dor ou pesar – ah, não! – era o som baixo e contido que vem do fundo da alma quando ela está tomada pelo pavor. Eu conhecia bem aquele som. Muitas noites, bem à meia-noite, enquanto o mundo todo dormia, o som tinha vazado de meu próprio peito, aprofundando, com seu eco pavoroso, os terrores que me ocupavam. Digo que os conhecia bem. Eu sabia o que o velho sentia, e tive pena dele, embora meu coração gargalhasse. Eu sabia que ele estava acordado desde o primeiro ruído, quando se virou na cama. Os temores, desde então, vinham crescendo dentro dele. Ele vinha tentando imaginar que os temores eram infundados, mas não conseguia. Ele vinha dizendo a si mesmo: "É só o vento na chaminé: é só um camundongo andando pelo chão", ou "É apenas um grilo que cricrilou por um instante". Sim, ele vinha tentando se confortar com essas suposições, mas percebeu que era tudo em vão. Tudo em vão, porque a Morte, ao abordá-lo, o perseguiu com sua sombra negra e envolveu com ela a vítima. E foi a influência tétrica da sombra indistinguível que fez com que ele sentisse – embora nada visse ou ouvisse –, a presença de minha cabeça dentro do quarto.

Depois de ter esperado por um longo tempo, com muita paciência, sem ouvir o velho se deitar, resolvi abrir um pouco, um pouquinho, bem pouquinho a lanterna. Então a abri – você não pode imaginar a forma tão furtiva, furtiva – até que um único raio, fraco como a teia da aranha, escapou pela fenda e foi inteiro de encontro ao olho do abutre.

Ele estava aberto – bem, bem aberto –, e eu fiquei furioso quando olhei para ele. Eu o vi com perfeita clareza – aquele azul desbotado, coberto por um véu hediondo que gelou meu osso até o tutano; mas não pude ver mais nada do rosto ou da pessoa do velho: porque tinha direcionado o raio, como que por instinto, precisamente sobre o maldito olho.

E eu não lhe disse que o que você pensa ser loucura não passa de extrema sensibilidade? Agora, eu digo, chegou aos meus ouvidos um som baixo, abafado e rápido, como o de um relógio envolto em algodão. Eu conhecia bem aquele som, também. Era a batida do coração do velho. Aquilo aumentou minha fúria, como a batida de um tambor estimula o soldado a ser corajoso.

Mas ainda assim me contive e permaneci imóvel. Eu mal respirava. Eu segurava a lanterna sem me mover. Tentei, com toda a firmeza que podia, manter o raio sobre o olho. Enquanto isso, a batida infernal do coração aumentava. Foi ficando mais e mais rápida, e mais e mais alta a cada instante que passava. O terror do velho deve ter sido extremo! Ficava mais ruidosa, eu digo, mais barulhenta a cada instante! – Você me entende bem? Eu disse a você que sou nervoso: então sou mesmo. E agora, à hora morta da noite, em meio ao silêncio daquela casa velha, um barulho tão estranho quanto esse me levou a um terror incontrolável. Ainda assim, por mais alguns minutos me contive e fiquei imóvel. Mas as batidas só cresciam e cresciam! Eu pensei que o coração fosse explodir. E então uma nova inquietação tomou conta de mim – o som seria ouvido por um vizinho! A hora do velho havia chegado! Com um berro, escancarei a lanterna e pulei para dentro do quarto. Ele gritou uma vez – só uma vez. Num instante, eu o arrastei para o chão e virei sobre ele a cama pesada. Então eu sorri contente, por saber que o trabalho estava feito até ali. Mas, por vários minutos, o coração continuou a bater com um som abafado. Aquilo, contudo, não me irritou; ele não seria ouvido através da parede. Depois de algum tempo, cessou. O velho estava morto. Retirei a cama e examinei o cadáver. Sim, ele estava morto, definitivamente morto. Coloquei a mão sobre o coração dele e a mantive lá por vários minutos. Não havia pulsação. Ele estava definitivamente morto. O olho dele não mais me perturbaria.

Se você ainda acha que sou louco, não pensará assim quando eu descrever as sábias precauções que tomei para ocultar o corpo. A noite já se

aproximava do fim e eu trabalhava rapidamente, mas em silêncio. Primeiro, desmembrei o corpo. Decepei a cabeça e os braços e as pernas.

Depois retirei três tábuas do piso do quarto, e depositei tudo entre os barrotes. Então recoloquei as tábuas com tanta astúcia, com tanta destreza, que nenhum olho humano – nem mesmo o dele – poderia ter detectado algo de errado. Não havia nada para lavar – nenhuma mancha de qualquer tipo –, nenhum pingo de sangue. Eu tinha sido muito cuidadoso com aquilo. O ralo da banheiro tinha absorvido tudo – ha! ha!

Quando cheguei ao fim do trabalho, eram quatro horas da manhã – ainda escuro como à meia-noite. No instante em que o sino badalava as horas, veio uma batida na porta da rua. Desci para abrir a porta com o coração leve – pois o que tinha eu agora a temer? Entraram três homens que se apresentaram, com uma cortesia perfeita, como oficiais da polícia. Um grito tinha sido ouvido por um vizinho durante a noite; a suspeita de crime foi levantada; a informação tinha sido registrada na delegacia de polícia, e eles (os oficiais) tinham sido designados para vasculhar o local.

Eu sorri – pois o que tinha eu a temer? Convidei os cavalheiros a entrar. O grito, eu disse a eles, tinha sido meu, em um sonho. O velho, eu mencionei, estava ausente, no campo. Conduzi os visitantes pela casa toda. Convidei-os a procurar – procurar bem. Eu os guiei, depois de algum tempo, até o quarto dele. Mostrei a eles os tesouros do velho, seguros, intactos. No entusiasmo de minha confiança, trouxe cadeiras para o quarto e desejei que eles ficassem ali para descansar de suas fadigas, enquanto eu mesmo, na audácia selvagem de meu triunfo perfeito, coloquei minha cadeira sobre o exato lugar abaixo do qual repousava o cadáver da vítima.

Os oficiais estavam satisfeitos. Minhas maneiras os tinham convencido. Eu estava notoriamente à vontade. Eles se sentaram, e, enquanto eu respondia animadamente, eles conversavam sobre coisas corriqueiras. Mas, pouco depois, eu me senti empalidecendo e desejando que eles se fossem. Minha cabeça doía, e imaginei um zumbido em meus ouvidos, mas

eles continuaram sentados e conversando. O zumbido se tornou mais distinto – ele continuou e se tornou mais claro. Eu falava com mais liberdade para me livrar da sensação, mas o zumbido continuou e ganhou precisão – até que, afinal, descobri que o barulho não vinha de dentro de meus ouvidos.

Não admira que agora eu estivesse muito pálido, mas eu falava com mais fluência, e em voz mais alta. Mas o som crescia – e o que eu podia fazer? Era um som baixo, abafado e rápido, bem parecido com o som que um relógio faz quando envolto em algodão. Eu arfava em busca de ar, e mesmo assim os oficiais não ouviam. Eu falava mais rápido – com mais veemência; mas o barulho crescia continuamente. Eu me levantei e falei sobre trivialidades, em um tom alto e gesticulando com energia; mas o barulho continuava a crescer com firmeza. Por que eles não iam embora? Eu dava passos pelo chão para lá e para cá com passadas largas e pesadas, como se estimulado à fúria com as observações dos homens – mas o barulho continuava aumentando. Ah, Deus! O que podia eu fazer? Eu espumava – eu delirava – eu praguejava! Eu balançava a cadeira na qual estava sentado e a fazia ranger nas tábuas, mas o barulho estava acima de tudo e continuava a aumentar. Ele cresceu mais – e mais – e mais! E mesmo assim os homens tagarelavam animadamente, e sorriam. Seria possível que eles não o ouvissem? Deus Todo-Poderoso! – Não, não! Eles ouviam! Eles suspeitavam! Eles sabiam! Eles estavam zombando do meu horror! – foi o que pensei, e é o que penso. Mas qualquer coisa seria melhor do que essa agonia! Qualquer coisa seria mais tolerável que essa chacota! Eu não podia mais suportar aqueles sorrisos hipócritas! Sentia que precisava gritar ou morrer! – e então – de novo! Ouça! Mais alto! Mais alto! Mais alto! Mais alto!

“Canalhas!” – eu gritei, “sem mais dissimulação! Eu confesso o feito! Arranquem as tábuas! Aqui, aqui! São as batidas do maldito coração!".

Ele mesmo, por ele mesmo unicamente,
eternamente um, e só.

Platão, O banquete

Era com sentimentos de profunda e singularíssima afeição que eu estimava minha amiga Morela. Conheci-a acidentalmente há muitos anos, e minha alma, desde o nosso primeiro encontro, ardeu com um fogo que nunca antes tinha experimentado. Mas esse fogo não era o de Eros, e amarga e tormentosa para o meu espírito foi a gradual convicção de que de maneira alguma eu poderia definir seu significado incomum, ou regular sua vaga intensidade. Seja como for, nós nos conhecemos, e o Destino nos uniu diante do altar, e eu nunca falei de paixão nem de amor. Ela, contudo, fugia do convívio social, dedicando-se só a mim e me fazendo feliz. Maravilhar-se é uma felicidade, e uma felicidade é sonhar.

A erudição de Morella era profunda. Garanto que seus talentos não eram comuns, e que os poderes de sua mente eram gigantescos. Sentia isso, e em muitos assuntos tornei-me seu discípulo. Contudo, logo compreendi que, talvez por ter se educado em Presburgo, ela me apresentava um grande número de obras místicas que são consideradas, geralmente, como o simples refugo da primitiva literatura alemã. Essas obras, por razões que não consigo imaginar, eram seus estudos favoritos e constantes, e o fato de que no transcorrer do tempo tornaram-se também os meus, só posso atribuir à simples, mas eficaz, influência do hábito e do exemplo.

Em tudo isso, se não me engano, minha razão tinha pouca participação. Minhas convicções, se me conheço bem, não eram de forma alguma baseadas no ideal, nem continham qualquer tintura do misticismo das minhas leituras, a menos que esteja redondamente equivocado, ou em meus atos ou pensamentos. Persuadido disso, abandonei-me implicitamente à orientação de minha esposa, e mergulhei com firmeza nas complexidades de seus estudos. E então, quando ao debruçar-me sobre aquelas páginas proibidas sentia um espírito sinistro inflamar-se dentro de mim, Morella passava sua mão fria sobre a minha, e desenterrava das cinzas de uma filosofia morta algumas palavras graves e singulares cujo estranho sentido era gravado a fogo em minha memória. E então, hora após hora, permanecia

a seu lado, entregava-me à musica da sua voz, até que finalmente sua melodia ganhava aspectos de terror, e então caía uma sombra sobre minha alma, e eu empalidecia e estremecia interiormente diante daqueles sons sobrenaturais. E assim, a alegria subitamente se desvanecia em horror, e o que era extraordinariamente belo se convertia no mais hediondo, como Hinom se transformou em Geena.

É desnecessário revelar o exato caráter dessas pesquisas que, brotando dos volumes que já mencionei, constituíram durante muito tempo quase os únicos temas das conversas entre Morella e eu. Pelos versados no que se pode denominar de moral teológica, eles seriam rapidamente entendidos, e pelos não versados, eles seriam, em todos os casos, pouco compreendidos. O estranho panteísmo de Fichte, na modificada paligenesia dos pitagóricos, e, acima de tudo, as doutrinas da Identidade tais como apresentadas por Schelling, costumavam geralmente ser os pontos de discussão que tinham mais encantos para a imaginativa Morella. O Sr. Locke, suponho, define aquela identidade, a que chama de pessoal, com precisão, afirmando que consiste na sanidade de um ser racional. Uma vez que por pessoa entendemos uma existência inteligente, dotada de razão, e como há uma consciência que acompanha sempre o pensamento, é ela que faz todos nós sermos chamados de nós mesmos, e assim nos diferenciando de outros seres pensantes, concedendo-nos nossa identidade pessoal. Mas o *principium individuationis*, a noção dessa identidade que na morte é ou não é perdida para sempre, foi para mim o tempo todo uma consideração de extremo interesse. E não apenas pela natureza desconcertante e excitante de suas consequências, mas também pela maneira especial e agitada com que Morella as mencionava.

Mas, de fato, chegava agora o tempo em que o mistério da atitude de minha mulher passou a me oprimir como um feitiço. Eu não podia suportar por mais tempo o toque de seus dedos pálidos, nem o tom baixo de sua fala musical, nem o brilho de seus olhos melancólicos. E ela sabia disso tudo,

mas não me censurava, parecia ter consciência de minha fraqueza ou das minhas tolices, e, sorrindo, chamava-as destino. Parecia também ter consciência de alguma causa, para mim desconhecida, daquela gradual alienação da minha estima, mas não deu qualquer indício ou sinal da sua natureza. No entanto, era mulher, e definhava a cada dia. No fim, a mancha carmesim se fixou permanentemente no seu rosto, e as veias azuis da testa pálida ficaram mais salientes, e chegou o instante em que minha natureza se dissolvia em compaixão. Mas no instante seguinte, eu via de relance seus olhos expressivos, e então minha alma se sentia mal, e experimentava a vertigem de quem baixa a vista para um abismo aterrador e insondável.

Devo dizer que aguardava com um desejo fervoroso e incontrolável pela morte de Morella? Isso mesmo, mas o frágil espírito agarrou-se a seu habitáculo de barro por muitos dias, por muitas semanas, tediosos meses, até que meus torturados nervos conseguiram suplantar minha mente, e fiquei furioso com a demora, e com o coração de um demônio amaldiçoei os dias, as horas, e os amargos momentos que pareciam arrastar-se e arrastar-se à medida que sua débil vida declinava, como as sombras na agonia de um dia.

Mas numa tarde de outono, quando os ventos permaneciam quietos no céu, Morella chamou-me ao lado de seu leito. Havia uma bruma turva em toda a terra, uma luminosidade quente sobre as águas, e sobre a rica folhagem de outubro na floresta um arco-íris tinha certamente caído do firmamento.

— Este é o dia dos dias — ela disse quando me aproximei —, um dia entre todos os dias para viver ou morrer. É um belo dia para os filhos da terra e da vida, e mais belo ainda para as filhas do céu e da morte!

Beijei sua fronte e ela prosseguiu:

— Estou morrendo, contudo viverei.

— Morella!

— Não chegaram nunca os dias em que poderias ter me amado, mas aquela que na vida abominaste, na morte adorarás.

— Morella!

— Repito que estou morrendo. Mas dentro de mim há um testemunho daquele afeto – ah! tão pequeno – que sentiste por mim, por Morella. E quando meu espirito partir, a criança viverá, tua criança e minha, de Morella. Mas teus dias serão dias de tristeza, dessa tristeza que é a mais duradoura das impressões, da mesma forma que o cipreste é a mais duradoura das árvores. Porque as horas da tua felicidade terminaram, e não se colhe felicidade duas vezes na vida, como as rosas de Paestum duas vezes em um ano. Tu não mais jogarás com o tempo o jogo daquele que nasceu em Teos, mas ignorando a murta e o vinho, levarás pela terra sobre ti o teu sudário, como fazem os muçulmanos em Meca.

— Morella — exclamei. — Como sabes tu isto? — Mas ela virou o rosto sobre o travesseiro e um leve tremor percorreu seus membros, e assim morreu, e nunca mais ouvi sua voz.

Contudo, como ela havia previsto, a criança, que ao morrer ela dera à luz, que não respirou até que a mãe não respirasse mais, a criança, uma filha, viveu. E cresceu estranhamente em estatura e em inteligência, e era de semelhança perfeita com a que tinha morrido, e a amei com um amor mais intenso do que acreditava ser possível sentir por qualquer habitante da terra.

Mas antes que passasse muito tempo, o céu daquele puro afeto ficou escuro, sombrio, e o horror e a tristeza o cobriram de nuvens. Disse que a criança cresceu estranhamente em estatura e inteligência. Estranho, na verdade, foi o rápido crescimento do tamanho do seu corpo, mas terríveis – oh! terríveis – foram os tumultuosos pensamentos que se acumulavam em mim ao observar o desenvolvimento do seu intelecto. Poderia ser de outra maneira, quando eu descobria diariamente nas concepções da filha os poderes e as faculdades adultas da mulher? Quando as lições da experiência

saíam dos lábios da infância? E quando a sabedoria ou as paixões da maturidade eu via diariamente cintilando de seus olhos grandes e pensativos? Como digo, quando tudo isso pareceu evidente a meus sentidos aturdidos, foi quando já não era mais possível esconder de minha alma, nem que minhas faculdades estremecidas pudessem rechaçar aquela certeza. Como pude estranhar que umas suspeitas de natureza espantosa e emocionante, se insinuassem em meu espírito, e que meus pensamentos se voltassem, apavorados, às histórias estranhas e às impressionantes teorias da sepultada Morella? Arranquei da curiosidade do mundo um ser a quem o Destino que mandava adorar, e no severo isolamento de meu lar, observava com uma agonizante ansiedade tudo o que concernia à criatura amada.

E enquanto os anos transcorriam, e eu contemplava, dia após dia, seu rosto santo, meigo e eloquente, e examinava suas formas que amadureciam, dia após dia eu descobria na criança mais pontos de semelhança com sua mãe, a melancólica e a morta. E a cada hora aumentavam essas sombras de semelhança, e mais completas, mais definidas, e mais inquietantes, e mais atrozmente terríveis em seu aspecto. Que o seu sorriso fosse igual ao da mãe eu podia suportar, mas então eu estremecia diante da identidade tão perfeita; que seus olhos fossem iguais ao de Morella eu tolerava, mas eles também sondavam as profundezas da minha alma com a intensa e perturbadora expressão de Morella. E no contorno da fronte alta, nos anéis dos sedosos cabelos, nos pálidos dedos que nele se enterravam, e no triste som musical de sua fala, e acima de tudo – oh! acima de tudo – nas frases e expressões nos lábios da amada e viva, eu encontrava alimento para pensamentos desgastantes e horrores para um verme que não queria morrer.

Assim se passaram dois lustros de minha vida, e até então minha filha continuava a não ter nome nesta terra. “Minha filha”, e “Meu amor” eram os nomes habitualmente ditados pelo afeto paterno, e o rígido isolamento de seus dias impedia toda relação. O nome de Morella morrera com ela no dia da sua morte. Sobre a mãe nunca tinha falado com a filha, era

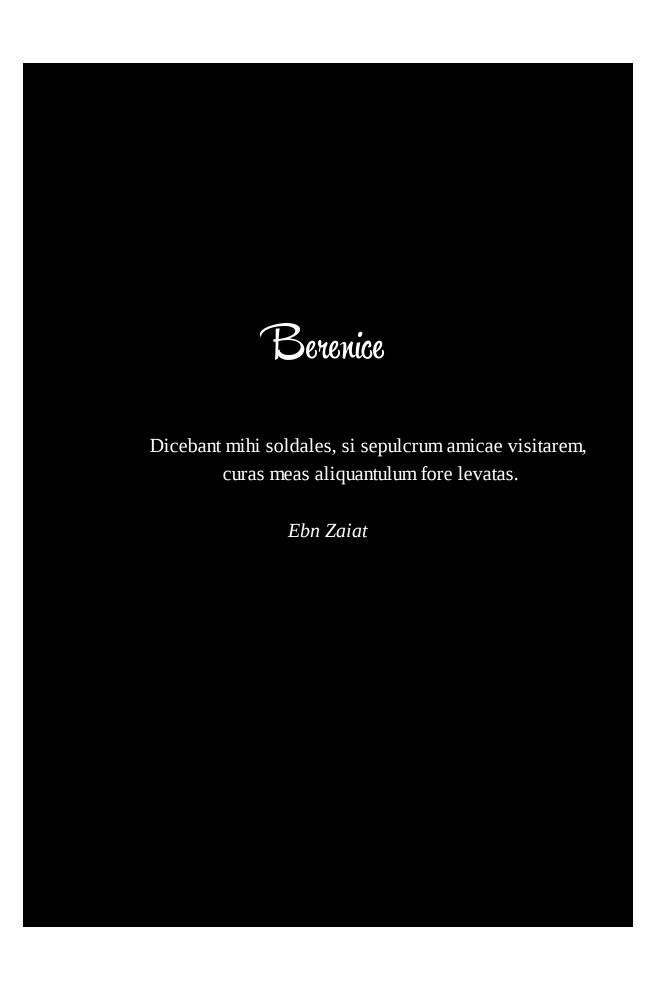
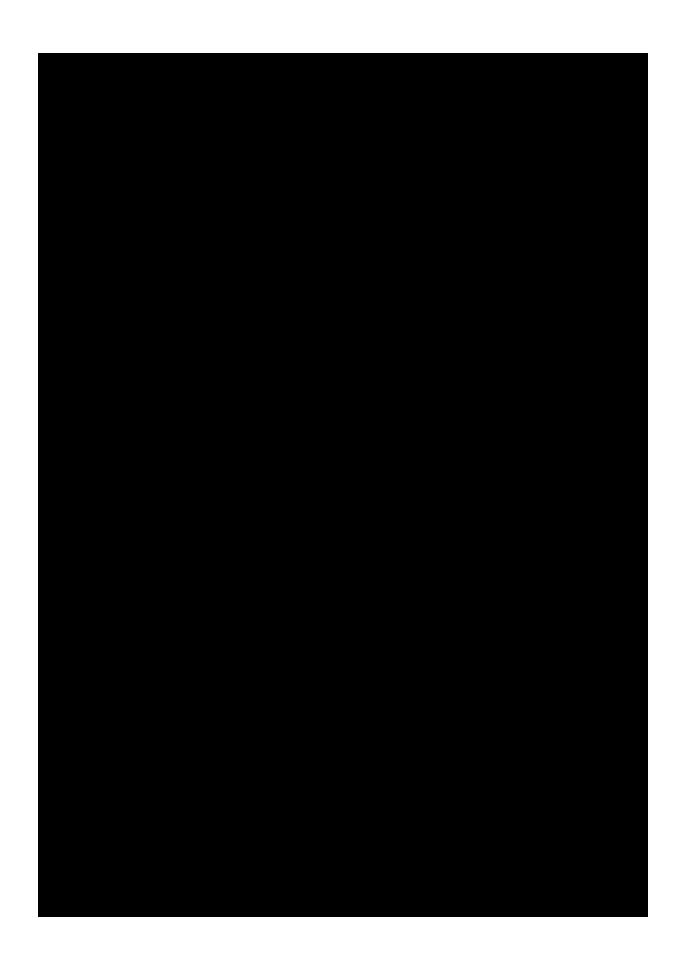
impossível falar. Na verdade, durante o breve período de sua existência, a última não tinha recebido nenhuma impressão do mundo exterior, exceto as que foram proporcionadas pelos estritos limites da sua privacidade. Mas finalmente a cerimônia de batismo apresentou-se à minha mente naquele estado de desalento e excitação como uma pronta liberação dos terrores de meu destino. E na pia batismal, hesitei por um nome. Vieram em tropel aos meus lábios muitos nomes de sabedoria e beleza, dos tempos antigos e modernos, da minha terra e de terras estranhas, assim como muitos, muitos nomes de gente nobre, feliz e bondosa. O que foi então que me impeliu a disturbar a memória de gente morta e enterrada? Que demônio me instigou a pronunciar aquele som, cuja simples lembrança costumava fazer afluir o sangue cor de púrpura em torrentes, das têmporas ao coração? Que espírito maligno falou dos recônditos da minha alma, quando, entre aquelas naves sombrias e no silêncio da noite, sussurrei ao ouvido do sacerdote as sílabas “Morella”? Quem, senão um espírito maligno convulsionou a fisionomia de minha filha e nela espalhou as cores da morte quando, sobressaltando-se ao ouvir aquele som quase inaudível, volveu os olhos vítreos da terra ao céu, e, caindo prostrada nas negras lajes da nossa cripta ancestral, respondeu: “Aqui estou”.

Estes simples sons chegaram-me fria, calma e distintamente aos ouvidos, e destes, como chumbo derretido, escorreram, sibilantes, até o cérebro. Podem passar anos e anos, mas a lembrança dessa época, nunca! Não posso dizer que ignorasse as flores e a vinha, mas a cicuta e o cipreste dominaram-me noite e dia. E deixei de ter a noção de tempo ou de lugar, e as estrelas do meu destino apagaram-se no céu, e desde então a Terra escureceu, e as suas figuras passaram por mim, sombras fugazes, e entre todas elas eu apenas via... Morella. Os ventos do firmamento sopravam apenas um som aos meus ouvidos, e as ondas do mar murmuravam incessantemente: Morella. Mas ela morreu, e com minhas próprias mãos a

confiei à sepultura; e ri um longo e amargo riso quando não encontrei sinais da primeira no sepulcro onde depus a segunda... Morella.

Berenice

Dicebant mihi soldales, si sepulcrum amicae visitarem,
curas meas aliquantulum fore levatas.

Ebn Zaiat

O sofrimento é múltiplo. A infelicidade sobre a terra, multiforme. Cobrindo o vasto horizonte como um arco-íris, seus matizes são tão variados quanto os do arco, e tão nítidos também, embora tão intimamente fundidos. Cobrindo o vasto horizonte como o arco-íris! Como foi que da beleza pude buscar um tipo de feiura? Do pacto da paz, um sorriso de dor? Mas da mesma forma que na ética o mal é uma consequência do bem, igualmente da alegria nasce a tristeza. Ou porque a recordação da felicidade passada é a angústia do dia presente, ou porque as angústias que são têm sua origem nos êxtases que podem ter existido.

Meu nome de batismo é Egeu, mas o de minha família não mencionarei. Contudo, não há torres nesta terra mais ilustres do que as do meu triste e melancólico solar hereditário. Nossa linhagem já foi chamada de raça de visionários. E em muitos detalhes notáveis, no caráter da mansão familiar, nos afrescos do salão principal, nas tapeçarias dos quartos, nos entalhados de algumas colunas da sala de armas, mas especialmente na galeria de pinturas antigas, no estilo da biblioteca, e por último, na natureza muito particular do conteúdo da biblioteca, há mais do que suficientes provas para sustentar essa crença.

As recordações de meus primeiros anos estão relacionadas a essa sala e aos seus volumes, mas deles não falarei mais nada. Ali morreu minha mãe. Ali eu nasci. Mas seria ocioso dizer que não tinha vivido antes, que a alma não tem uma existência anterior. Nega-o? Não discutamos o assunto. Se estou convencido não preciso convencer. Ali existe uma lembrança de formas aéreas, de olhos espirituais e expressivos, de sons musicais, mas tristes, uma lembrança que insiste em ficar; uma lembrança parecida com uma sombra, vaga, variável, indefinida, incerta, e também como uma sombra me vejo, diante da impossibilidade de me libertar dela enquanto existir o sol da minha razão.

Nessa sala nasci. Despertando assim, subitamente, da longa noite do que parecia ser, mas não era, a não existência, para cair nas verdadeiras

regiões de um país encantado, um palácio imaginário, nos estranhos domínios do pensamento e da erudição monásticos, não é de estranhar que olhasse em meu redor com olhos espantados e ardentes, que desperdiçasse minha infância entre os livros, e dissipasse minha juventude em sonhos. Mas o que é de estranhar, com o passar dos anos e quando no ápice de minha virilidade, é que me encontrasse ainda na casa de meus pais. O que é maravilhoso é essa estagnação que caiu sobre as fontes de minha vida, e maravilhosa essa total inversão que ocorreu no caráter de meus pensamentos mais comuns. As realidades do mundo me afetavam como visões, e só como visões, enquanto as ideias desenfreadas da terra dos sonhos se tornaram, por seu lado, não o alimento da minha existência diária, mas verdadeiramente em toda e minha única existência.

Berenice e eu éramos primos, e crescemos juntos na casa de meus pais. Contudo, crescemos de maneira diferente. Eu, com saúde debilitada, mergulhado em tristeza; ela, ágil, graciosa e transbordante de energia. Para ela, passear pelas colinas; para mim, os estudos dos claustros. Eu, vivendo dentro do meu coração, e preso de corpo e alma à mais intensa meditação; ela, vagando descuidadamente pela vida, sem pensar nas sombras do caminho, ou no voo silencioso das horas com plumagem de corvos. Berenice! — grito seu nome. Berenice! — e nas cinzentas ruínas de minha memória se agitam mil lembranças tumultuosas ao som do nome! Ah, vívida é agora sua imagem diante de mim, como nos primeiros dias de sua alegria despreocupada e luminosa! Oh, deslumbrante e quimérica beleza! Oh, sílfide entre os arbustos de Arnheim! Oh, Náiade entre suas fontes! E depois, depois tudo é mistério e horror, e uma história que não deveria ser contada. A doença, uma doença fatal, abateu-se como uma simum sobre seu corpo; e até quando a contemplava o espírito da transformação se precipitou sobre ela, penetrando seu espírito, seus hábitos, e seu caráter, e da maneira mais sutil e terrível, perturbando até a identidade da sua pessoa. Ai de mim, a destruição

chegou e foi-se. E a vítima, onde está? Não a conhecia, pelo menos não como Berenice!

Entre a numerosa sucessão de doenças acarretadas por aquela fatal e primeira que originaram uma revolução de um tipo tão horrível no ser moral e físico de minha prima, pode ser mencionada como de natureza mais aflitiva e obstinada, uma espécie de epilepsia que terminava com frequência num estado de estupor, estupor esse muito parecido com a própria morte, e do qual despertava ela, em muitos casos, num brusco e chocante sobressalto. Nesse ínterim, a minha doença – pois me disseram que de outra coisa não deveria chamá-la – a minha doença, portanto, desenvolveu-se rapidamente, e finalmente assumiu um caráter de monomania de uma forma inédita e extraordinária, ganhando vigor a cada hora e a cada momento, até finalmente obter sobre mim a mais incompreensível ascendência. Essa monomania, se posso chamá-la assim, consistia numa mórbida irritabilidade daquelas faculdades do espírito que a ciência metafísica denomina de faculdades da atenção. É mais que provável que eu não seja compreendido, mas temo, de fato, que não há maneira possível de transmitir à mente do leitor comum uma ideia adequada dessa nervosa intensidade de interesse que, no meu caso, os poderes da meditação (para não empregar termo técnico) penetravam e mergulhavam na contemplação até dos objetos mais vulgares do universo.

Meditar durante incansáveis horas, com a atenção fixa em qualquer frívolo desenho na margem ou na tipografia de um livro; permanecer absorto, na maior parte de um dia de verão, numa sombra incomum projetando-se obliquamente na tapeçaria ou no chão; esquecer de mim mesmo durante uma noite inteira contemplando a chama firme de uma lamparina, ou as brasas de um fogo; sonhar dias inteiros com o perfume de uma flor; repetir, monotonamente uma palavra vulgar, até que o som, por causa das frequentes repetições, cesse de oferecer uma ideia qualquer à mente; perder todo sentido de movimento ou existência física por meio de uma absoluta imobilidade corporal, longa e persistentemente mantida; tais eram algumas

das mais comuns e das menos nocivas fantasias promovidas pela condição de minhas faculdades mentais, que não são sem paralelo, mas que desafiam todo tipo de análise ou explicação.

Mesmo assim, não quero ser mal interpretado. A indevida, grave, e mórbida atenção provocada por objetos em sua natureza frívolos, não deve ser confundida no caráter com aquela tendência meditativa comum a toda a humanidade, e a que mais especialmente se entregam as pessoas de impetuosa imaginação. Não era sequer, como se poderia supor de início, uma condição extrema, ou um exagero desta tendência, mas originária e essencialmente diferente e distinta dela. Naquele caso o sonhador ou entusiasta, ficando interessado em um objeto normalmente não frívolo, imperceptivelmente perde de vista esse objeto numa confusão de deduções e sugestões que dele decorrem, até que ao fim de um desses sonhos diários, muitas vezes repleto de voluptuosidade, ele verifica que o incitamentum, ou causa primeira de suas meditações, desapareceu completamente e foi esquecido. No meu caso, o objeto primário era invariavelmente frívolo, embora assumindo, através do meio de minha visão perturbada, uma importância refletida e irreal. Havia poucas deduções, se é que havia alguma; e essas poucas voltavam com obstinação ao objeto original como a um centro. As meditações nunca eram prazerosas; e ao fim do sonho, a causa primeira, longe de estar fora da vista, tinha atingido aquele interesse sobrenaturalmente exagerado, que era a característica predominante da doença. Em uma palavra, os poderes da mente mais exercitados eram, no meu caso, e como já disse, a atenção, ao passo que no sonhador, a especulação.

Meus livros, naquela época, se na realidade não serviam para irritar a doença, participavam em grande parte, como se compreenderá, por sua natureza imaginativa e irrelevante, das qualidades características da própria doença. Lembro-me bem, entre outros, do tratado do nobre italiano Cœlius Secundus Curio, *“De Amplitudine Beati Regni Dei”*, da grande obra de

Santo Agostinho, *“A Cidade de Deus”*, e *“De Carne Christi”*, de Tertuliano, cuja paradoxal frase *“Mortuus est Dei filius; credibile est quia ineptum est; et sepultus resurrexit; certum est quia impossible est”*, ocupou completamente meu tempo durante muitas semanas de investigação laboriosa e infrutífera.

Assim poderá parecer que, alterada em seu equilíbrio apenas por coisas triviais, minha razão guardava semelhança com aquele rochedo oceânico de que fala Ptolomeu Hephestião, que, resistindo com firmeza aos ataques da violência humana e à fúria ainda mais feroz das águas e dos ventos, estremecia diante do simples toque da flor chamada asfódelo. E embora, para um pensador descuidado pudesse parecer fora de dúvida que a alteração produzida pela infeliz doença na condição moral de Berenice me proporcionasse muitos motivos para o exercício daquela intensa e anormal meditação cuja natureza me deu algum trabalho explicar, isso não era de forma nenhuma o caso. Nos lúcidos intervalos da minha enfermidade, a sua desgraça na verdade me causava pena, e tocava-me profundamente o coração aquela total ruína da sua bela e doce vida. Mas não deixei de ponderar, com frequência e amargura, nos prodigiosos meios pelos quais uma súbita e estranha revolução ocorrera. Estas reflexões não participavam da idiossincrasia da minha doença, e eram as mesmas que ocorreriam, em circunstâncias semelhantes, ao comum dos homens. Fiel a seu verdadeiro caráter, minha enfermidade se manifestava nas alterações menos importantes, mas mais surpreendentes, que ocorriam no estado físico de Berenice, na singular e aterradora deformação da sua identidade pessoal.

Durante os dias mais brilhantes de sua incomparável beleza, seguramente eu nunca a amara. Na estranha anomalia de minha existência, os sentimentos, comigo, nunca eram os do coração, e minha paixões vinham sempre da mente. Através da cinzenta penumbra da manhã, entre as sombras entrelaçadas da floresta ao meio dia, e no silêncio da minha biblioteca à noite, ela tinha ido e vindo diante de meus olhos, e eu a tinha visto, não como

a Berenice em carne e osso, mas como a Berenice de um sonho; não como um ser da Terra, tangível, mas como a abstração de um ser semelhante; não como uma coisa a admirar, mas para analisar; não como um objeto de amor, mas como tema de uma especulação tão abstrusa quanto incoerente. E agora, agora eu estremecia em sua presença, e empalidecia à sua aproximação; mas, mesmo lamentando amargamente seu estado de abatimento e tristeza, recordei que ela me amara durante muito tempo, e que num mal momento lhe falei de casamento.

Aproximava-se finalmente a data de nossas núpcias, quando numa tarde de inverno, um daqueles dias inexplicavelmente quentes, calmos e nublados, e que são como na época da incubação da bela Alcione, sentei-me, acreditando estar sozinho, na sala interior da biblioteca. Mas ao levantar os olhos vi Berenice de pé diante de mim.

Seria minha imaginação exacerbada, ou a influência brumosa da atmosfera, o incerto crepúsculo da sala, ou as cinzentas vestes que envolviam sua figura, que fizeram seu contorno parecer tão vacilante e vago? Não sei dizer. Ela não disse uma palavra, e quanto a mim, por nada neste mundo conseguia pronunciar uma sílaba. Um estremecimento gelado percorreu meu corpo, oprimiu-me uma sensação de insuportável ansiedade, uma curiosidade devoradora invadiu minha alma, e, afundando-me na cadeira, permaneci algum tempo sem respirar, imóvel, com os olhos fixos em sua figura. Ai de mim, sua magreza era excessiva, e nenhum vestígio do seu ser anterior era visto em nenhum traço de suas formas. Por fim, meu olhar ardente incidiu sobre seu rosto.

A testa era alta, e muito pálida, e singularmente serena, e os cabelos, em outros tempos negros como azeviche, a recobriam parcialmente, tapando as têmporas cavadas com inúmeros caracóis, agora de um dourado vivo, e que destoavam frontalmente, em seu caráter caprichoso, da predominante melancolia de seu rosto. Os olhos não tinham vida, e nem brilho, parecendo não ter pupilas, e eu desviei involuntariamente a vista do seu olhar vítreo

para contemplar seus lábios finos e franzidos. Eles se entreabriram num sorriso de um especial significado, e os dentes de uma modificada Berenice descobriram-se lentamente diante de meus olhos. Quisera Deus que nunca os tivesse contemplado, ou que, os tendo visto, caísse morto!

O ruído de uma porta que se fechava me surpreendeu, e olhando para cima, percebi que minha prima tinha saído da sala. Mas da desarrumada sala do meu cérebro, ai de mim, ela não tinha saído, nem o branco e triste espectro dos dentes. Não havia nenhuma mancha na superfície deles, nenhuma sombra sobre o esmalte, nenhum recorte nas suas arestas que, naquele breve lapso de tempo de seu sorriso, não tenham ficado gravados na minha memória. Via-os agora ainda mais inequivocamente do que os tinha visto antes. Os dentes! Os dentes! Estavam aqui, ali, em toda parte, visíveis e palpáveis diante de mim, compridos, estreitos, e excessivamente brancos, com os pálidos lábios franzindo-se ao redor deles, como no verdadeiro momento de seu primeiro e terrível desenvolvimento. Sobreveio então a fúria da minha *monomania*, e lutei em vão contra a sua estranha e irresistível influência. Dos multiplicados objetos do mundo exterior eu só tinha pensamentos para os dentes. Por eles eu sentia um desejo frenético. Todas as outras questões e todos os diferentes interesses foram absorvidos por sua única contemplação. Eles, somente eles, estavam presentes em meu olhar mental, e eles, somente na sua individualidade, tornaram-se a essência da minha vida espiritual. Via-os sob todas as luzes. Dava-lhes voltas em todos os sentidos. Examinava-lhes todas as características. Detinha-me obre todas as peculiaridades. Meditava sobre sua conformação. Refletia sobre as alterações em sua natureza. Estremecia atribuindo-lhes, na imaginação, poderes de sensação e de sensibilidade, e mesmo quando sem ajuda dos lábios, uma capacidade de expressão moral. De Mademoiselle Sallé se disse, e bem, *que tous ses pas étaiient des sentiments*, e de Berenice acreditava eu, ainda mais seriamente, que *tous ses dents étaient des idées! Des idées!* Ah, eis aqui o pensamento idiota que me fez ficar perdido. *Des*

idées! Ah, por isso eu os desejava loucamente! Pensava que só a sua posse poderia devolver-me a paz e fazer-me recobrar a razão.

Foi então que a noite caiu sobre mim, e vieram as trevas, que permaneceram um pouco e depois se foram, e amanheceu um outro dia, e as névoas de uma segunda noite se juntavam à minha volta, mas eu seguia sentado imóvel naquela sala solitária, e mergulhado em meditações, e o fantasma dos dentes mantinha sua terrível ascendência, ao flutuar em redor com a mais vívida e medonha nitidez, por entre as luzes e as sombras da sala. Finalmente, irrompeu em meus sonhos um grito de horror e angústia, e a ele se seguiu, depois de uma pausa, o som de vozes preocupadas, entremeadas com muitos gemidos surdos de tristeza e dor. Levantei-me da cadeira e abrindo completamente uma das portas da biblioteca, vi, de pé na antessala, uma criada, em prantos, que me disse que Berenice já não existia mais! Tinha morrido. Sofrera um ataque de epilepsia logo de manhã cedo, e agora, ao cair da noite, a sepultura estava pronta para a sua ocupante, e terminados todos os preparativos para o sepultamento.

Vi-me de novo sentado na biblioteca, e sozinho. Parecia que tinha acabado de acordar de um sonho confuso e agitado. Sabia que era então meia noite, e me dei perfeitamente conta de que desde o pôr do sol, Berenice estava sepultada. Mas daquele triste período entre uma coisa e outra eu não tinha uma compreensão absoluta, ou ao menos definida. Contudo a sua lembrança estava repleta de horror, horror ainda mais terrível por ser vago, e um terror ainda mais terrível por ser ambíguo. Era uma página temível no livro da minha existência, escrita toda ela com recordações obscuras, horríveis e ininteligíveis. Esforcei-me para decifrá-las, mas em vão; de quando em quando, como o espírito de um som que se fora, parecia ressoar em meus ouvidos o grito agudo e penetrante de uma voz feminina. Eu tinha feito alguma coisa... mas o quê? Fiz-me a pergunta em voz alta, e os ecos da sala me responderam: *“Qual foi ela?”*

Sobre a mesa, ao meu lado, ardia uma lamparina. E perto dela estava uma pequena caixa. Não tinha nada de especial, e já a tinha visto com frequência antes, pois pertencia ao médico da família, mas por que viera parar *ali*, sobre minha mesa, e por que meus olhos estremeciam ao fitá-la? Estas coisas eram inexplicáveis, e finalmente meus olhos caíram sobre as páginas abertas de um livro, e sobre uma frase sublinhada. As palavras, singulares, mas simples, eram do poeta Ebn Zaiat, e diziam: *Dicebant mihis sodales si sepulcrum amicœ visitarem, curas meas aliquantulum fore levatas*. Por quê, então, ao lê-las cuidadosamente os meus cabelos se eriçaram por completo e o sangue ficou enregelado dentro das veias?

Houve uma leve batida na porta da biblioteca, e pálido como ocupante de um túmulo, entrou um criado na ponta dos pés. Seu semblante estava tomado pelo terror, e me falou em voz trêmula, rouca e muito baixa. O que ele falou? Ouvi algumas palavras entrecortadas. Falou de um grito tenebroso que perturbara o silêncio da noite, de uma reunião de todos os da casa, da busca na direção de onde viera o som. Nesse momento o tom de sua voz ficou horripilantemente nítido quando me falou de um túmulo violado, de um corpo desfigurado envolto na mortalha, mas ainda respirando, ainda com o coração batendo, estava vivo!

Ele apontou para minhas roupas; estavam enlameadas e manchadas de sangue coagulado. Não disse nada, e ele me pegou gentilmente pela mão; tinha marcas de unhas humanas. Ele dirigiu minha atenção para algum objeto encostado na parede. Fitei-o durante alguns minutos. Era uma pá. Dei um grito e saltei até a mesa, e agarrei a caixa sobre ela. Mas não tive força para abri-la, e com o meu tremor ela escorregou de minhas mãos e caiu pesadamente, fazendo-se em cacos. Dela, com um tintilar, saíram alguns instrumentos de cirurgia dental, entremeados com trinta e dois pequenos objetos brancos, parecidos com marfim, que se espalharam pelo chão em todas as direções.

O encontro marcado

Esperas aí por mim. Não faltarei ao encontro de ti neste fundo vale.

(Elogio fúnebre pela morte de sua esposa, por Henry King, bispo de Chichester)

Desafortunado e misterioso homem! Deslumbrado pelo esplendor da tua própria imaginação, e desmoronado nas chamas da tua própria juventude. Mais uma vez, em minha fantasia te contemplo. Mais uma vez, tua aparição surgiu diante de mim! Não, oh! não como agora és, uma sombra no vale frio, mas como deverias ser, dissipando uma vida de meditações nessa cidade de visões turvas, a tua Veneza – esse Elísio, essa estrela adorada dos oceanos, e cujas janelas amplas em seus palácios palladianos olham para baixo, com intenção profunda e amarga, para os segredos das suas águas silenciosas. Repito, como deverias ser. Seguramente há outros mundos além deste, outros pensamentos que não os da multidão, outras especulações que não as do sofista. Quem, então, poderá questionar tua conduta em questão? Quem te culpará pelas tuas horas visionárias, sonhadoras, ou denunciará essas ocupações como uma dissipação da vida, e que não eram mais do que o transbordar de suas perenes energias?

Foi em Veneza, debaixo da arcada coberta a que chamam de *Ponte di Sospiri*, que encontrei, pela terceira ou quarta vez, a pessoa de quem falo. É com uma lembrança confusa que trago à mente as circunstâncias desse encontro. Contudo, lembro-me – ah! como poderia esquecer? – a meia noite bem escura, a Ponte dos Suspiros, a beleza da mulher, e o Gênio do Romance que passeava, para cima e para baixo, no estreito canal.

Era uma noite de escuridão incomum. O grande relógio da Piazza tinha soado a quinta hora da madrugada italiana. A praça do Campanile estava silenciosa e deserta, e as luzes no velho Palácio Ducal apagavam-se rapidamente. Eu voltava da Piazetta, navegando pelo Grande Canal. Mas quando minha gôndola chegou do outro lado da desembocadura do Canal de San Marco, uma voz feminina irrompeu repentinamente dos seus recessos rasgando a noite, num grito selvagem, histérico e prolongado. Surpreendido pelo som, pus-me de pé num salto, ao passo que o gondoleiro, deixando escorregar seu único remo, perdeu-o na escuridão de breu, sem qualquer possibilidade de recuperá-lo, e nós dois, em consequência, ficamos à mercê

da corrente, que ali corre do maior para o menor canal. Como um enorme condor de plumagem negra, deslizamos lentamente na direção da Ponte dos Suspiros, quando mil tochas, brilhando nas janelas e descendo pelas escadas do Palácio Ducal, transformaram aquela profunda escuridão num dia pálido e sobrenatural.

Uma criança, escorregando dos braços da mãe, havia caído de uma janela superior da elevada estrutura no profundo e obscuro canal. As águas serenas tinham placidamente se fechado sobre a vítima, e embora minha gôndola fosse a única à vista, muitos nadadores determinados já tinham se lançado nas águas, e procuravam em vão pela superfície o tesouro que só poderia ser achado, ai de mim! dentro do abismo. Sobre as grandes lajes de mármore negro da entrada do palácio, e poucos passos acima da água, estava uma figura que ninguém dos que a tinham visto poderia jamais esquecer. Era a Marquesa Afrodite, a adoração de toda Veneza, a mais alegre de todas as alegres, a mais encantadora onde todas eram belas, mas também a jovem esposa do velho e enigmático Mentoni, e mãe daquela linda criança, sua primeira e única, que, agora no fundo de águas escuras, pensava com amargura no coração nas suaves carícias da mãe, e que consumia sua pequena vida em esforços para chamar seu nome.

Ela estava só. Seus pés, pequenos, descalços e muito brancos, cintilavam no espelho negro do mármore debaixo dela. Seu cabelo, parcialmente solto depois que saíra do salão de baile, cacheado e em meio a uma chuva de diamantes, enrolava-se em torno da sua cabeça clássica, e formavam caracóis como os do jacinto. Uma vestimenta branca como a neve parecia ser a única coisa que cobria suas formas delicadas, mas o ar de pleno verão e da noite avançada estava quente, sombrio e quieto, e nenhum movimento da figura estática agitava as dobras daquela vestimenta, tão vaporosa, que pendia em torno dela, como o pesado mármore que cai à volta de Níobe. Contudo – coisa estranha de dizer – seus olhos grandes e brilhantes não estavam voltados para baixo, para o túmulo em que a sua mais

luminosa esperança jazia sepultada, mas fixos numa direção completamente diferente! A prisão da República Velha, penso eu, é o edifício mais imponente de toda Veneza, mas como podia aquela dama contemplá-lo tão fixamente, enquanto abaixo dela jazia sufocado seu próprio filho? Aquele negrume, sombrio nicho, também se abre precisamente na frente da janela de seu aposento – então o que poderia existir nas suas sombras, na sua arquitetura, nas suas solenes cornijas entrelaçadas de hera, que a Marquesa di Mentoni já não tenha admirado milhares de vezes? Que tolice. Quem não se lembra que em situações como essa, o olhar multiplica as imagens da sua dor, como um espelho estilhaçado, e vê em inumeráveis lugares distantes a mágoa que está bem próxima?

Vários degraus acima da Marquesa, e sob o arco da porta que dava para o canal, estava de pé, vestido cerimoniosamente, a figura do próprio Mentoni, parecendo um sátiro. Estava ocupado em arranhar um violão, e parecia mortalmente *ennuyé*, dando em intervalos ordens para o salvamento do filho. Estupefato e aterrorizado, eu mesmo não tinha forças para me mover da posição ereta que havia assumido ao ouvir o grito, e devo ter parecido aos olhos do agitado grupo uma aparição fantasmagórica e sinistra, de rosto pálido e membros rígidos, ao deslizar entre eles naquela gôndola fúnebre.

Todos os esforços foram em vão. Muitos, entre os mais destemidos na busca, estavam diminuindo seus esforços, entregando-se a um desânimo sombrio. Parecia haver pouca esperança para salvar a criança (muito menos do que para a mãe!), quando, do interior daquele escuro nicho que já foi mencionado como fazendo parte da prisão da República Velha, em frente às treliças do aposento da Marquesa, uma silhueta envolta numa capa adiantou-se para a luz e, parando um momento sobre a beirada da íngreme descida, mergulhou de cabeça no canal. Um momento depois quando reapareceu com a criança ainda viva e respirando nos braços sobre as lajes de mármore ao lado da Marquesa, sua capa, com o peso da água que a ensopava, soltou-se

caindo em dobras a seus pés, revelando aos assombrados espectadores a graciosa figura de um homem muito jovem, cujo nome ressoava então na maior parte da Europa.

O salvador não disse uma palavra. Mas a Marquesa! Vai pegar a criança, apertá-la contra o coração, pressionar seu pequeno corpo contra o seu, sufocá-la de carinhos. Mas, oh! outros braços receberam a criança do estranho, outros braços a levaram para longe, sem ninguém ver, para dentro do palácio! E a Marquesa! Seus lábios, belos lábios, tremem, lágrimas surgem em seus olhos, aqueles olhos que, como no acanto de Plínio, são “suaves e quase líquidos”. Sim! Marejam aqueles olhos, e vejam, toda a mulher estremece até a alma, e a estátua começa a recobrar vida! A palidez do rosto de mármore, o arfar do peito de mármore, a verdadeira pureza dos pés de mármore, percebemos serem de repente invadidos por uma maré de um rubor ingovernável, e um ligeiro estremecimento percorre seu corpo delicado, como a suave brisa em Nápoles agita os belos lírios prateados sobre a relva.

Por que deveria aquela dama enrubescer? Para essa pergunta não há resposta, a não ser que, tendo saído, com precipitação ansiosa e terror em seu coração de mãe da privacidade de seu *boudoir*, ela deixou de calçar seus pequenos pés com as chinelas, e esqueceu-se completamente de jogar sobre os ombros venezianos a veste que lhes é devida. Qual outra razão poderia haver para seu rubor? Para o olhar inquisitivo daqueles olhos atraentes? Para o arfar agitado de seu peito? Para a convulsiva pressão da mão trêmula? Aquela mão que deixou pousar acidentalmente na mão do estranho, quando Mentoni voltou para o palácio. Qual razão poderia haver para o tom baixo, singularmente baixo, das palavras vagas e enigmáticas que a dama pronuncia apressadamente ao dizer-lhe adeus? "Venceste!", ela disse, ou o murmúrio das águas me enganaram. “Venceste. Uma hora após o raiar do dia, nos encontraremos. Que assim seja!"

O tumulto tinha cessado, as luzes se apagaram dentro do palácio, e o estranho, a quem agora reconheci, estava em pé sobre as lajes, sozinho. Ele tremia com uma agitação inconcebível, e seus olhos procuraram ao redor por uma gôndola. O mínimo que eu podia fazer era oferecer os serviços da minha, e ele aceitou a cortesia. Depois de obter um remo no ancoradouro, prosseguimos os dois até a sua residência, enquanto ele se recompunha rapidamente, e falava de nosso rápido conhecimento anterior em termos de visível cordialidade.

Há alguns temas sobre os quais tenho o prazer de ser minucioso. A pessoa do estranho – permitam-me chamá-lo por este título quem ainda era para todo mundo um estranho – a pessoa do estranho é um desses temas. Em estatura deveria ser um pouco mais baixo do que a média, embora houvesse alguns momentos de intensa paixão em que seu corpo efetivamente se expandia e desmentia essa afirmação. A frágil, mas graciosa simetria da sua figura, prometia mais daquela ágil atividade demonstrada na Ponte dos Suspiros do que a força hercúlea que se sabia ter empregado em ocasiões de urgência mais perigosa. Tinha a boca e o queixo de um deus, e olhos estranhos, ardentes, grandes, fluidos, cujo tom variava desde o puro castanho a um intenso e brilhante azeviche. E uma profusão de cabelos negros encaracolados, no meio dos quais uma fronte de incomum amplitude cintilava a intervalos o brilho luminoso do marfim. Essas eram suas feições, de uma regularidade clássica que nunca tinha vista, exceto, talvez, as de mármore do Imperador Comodus. Contudo, seu rosto era daqueles que todos os homens viram em algum período de suas vidas, mas que nunca mais verão. Não tinha um traço especial, não tinha uma expressão predominante que ficasse fixada na memória, era uma fisionomia vista e imediatamente esquecida, mas esquecida com um vago e persistente desejo de recordá-la. Não que o espírito de cada rápida paixão deixasse, a qualquer momento, de mostrar sua imagem distinta no espelho daquele rosto, mas que o espelho,

qualquer espelho, não retinha nenhum vestígio da paixão, quando a paixão desaparecia.

Ao deixá-lo, na noite de nossa aventura, ele me pediu, de uma forma que me pareceu obstinada, que fosse a sua casa muito cedo no dia seguinte. Pouco depois do amanhecer, compareci, conforme tinha me pedido, ao seu *Palazzo*, um daquelas imensas estruturas, sombrias, mas de fantástica pompa, que se erguem acima das águas do Grande Canal nas proximidades do Rialto. Fui conduzido por uma ampla escada em caracol, com piso de mosaicos, a um aposento cujo esplendor sem igual irrompeu cintilando quando a porta foi aberta, ofuscando-me e aturdindo com seu luxo.

Sabia que meu conhecido era rico. Rumores falavam de seus bens em termos que me arriscava a chamar de exageros ridículos. Mas ao olhar em torno, não pude acreditar que a riqueza de qualquer pessoa da Europa tivesse podido suplantar aquela magnificência principesca que brilhava e luzia à minha volta.

Embora, como já disse, o sol tivesse nascido, o aposento ainda estava brilhantemente iluminado. Julguei por esta circunstância, bem como pelo aspecto de extremo cansaço no rosto do meu amigo, que ele não havia dormido durante toda a noite anterior. Na arquitetura e na ornamentação do aposento havia um desejo evidente de deslumbrar e assombrar. Muito pouca atenção fora dada à decoração do que tecnicamente se denomina de conjunto ou a quaisquer características nacionais. O olhar vagava de objeto para objeto, sem se deter em nenhum, nem nos grotescos dos pintores gregos, nem nas esculturas das melhores fases italianas, nem nas enormes gravuras de artistas egípcios de estilo primitivo. Ricas tapeçarias, em todas as partes do aposento, estremeciam diante da vibração de uma música baixa e melancólica, cuja origem não se sabia de onde vinha. Os sentidos eram oprimidos por perfumes misturados e contraditórios, que emanavam de estranhos incensórios retorcidos, unidos a inumeráveis línguas cintilantes e bruxuleantes de um fogo esmeralda e violáceo. Os raios do sol acabado de

nascer espalhavam-se sobre tudo, através das janelas, cada uma delas formada de uma única lâmina de vidro na cor carmesim. Como que olhando para aqui e ali, em mil reflexos, pelas cortinas que caíam do alto das suas cornijas, como cataratas de prata fundida, os raios de esplendor natural confundiam-se difusamente com a luz artificial e se estendia em manchas suaves sobre um tapete de um tecido soberbo parecendo líquido e da cor de ouro avermelhado como pimenta.

— Ha, ha, ha!... Ha, ha, ha! — riu o proprietário, mostrando-me uma cadeira, quando entrei na sala, e atirando-se de volta totalmente num sofá em estilo otomano. — Vejo — ele disse, percebendo que eu não conseguia pôr-me à vontade com a *bienséance* de uma acolhida tão singular — vejo que está espantado com meus aposentos, com minhas estátuas, com meus quadros, com a originalidade de minhas concepções de arquitetura e de tapeçarias, absolutamente ébrio com minha magnificência? Mas perdoe-me, caro senhor — aqui seu tom de voz recobrou um verdadeiro espírito de cordialidade — perdoe-me minha gargalhada insensível. O senhor parecia tão completamente espantado. Além disso, algumas coisas são tão absolutamente ridículas que um homem deve rir delas, ou morrer. Morrer rindo deve ser a mais gloriosa de todas as gloriosas mortes. Sir Thomas More (um admirável homem, Sir Thomas More), Sir Thomas More morreu rindo, o senhor se lembrará. Também nos *Absurdos* de Ravisius Textor há uma longa lista de personagens que tiveram o mesmo magnífico fim. O senhor sabe, contudo — continuou ele, pensativamente — que em Esparta, que agora é Palæochori, em Esparta, dizia eu, a oeste da cidadela, entre um caos de ruínas que mal se veem, há uma espécie de pedestal, sobre o qual ainda estão visíveis as letras ΔΑΞΜ. Sem dúvida alguma são parte de ΓΕΔΑΞΜΑ. Ora, em Esparta havia uns mil templos e santuários consagrados a diferentes divindades. É absolutamente estranho que o altar do Riso tenha sobrevivido a todos os outros! Mas na atual situação — ele continuou, com uma singular alteração na voz e no jeito —, não tenho o

direito de me divertir às suas custas. É natural que tenha ficado espantando. A Europa não é capaz de produzir nada tão admirável como este pequeno gabinete régio. Meus outros aposentos de forma alguma são de estilo comparável, pois são meros ultras da insipidez ditada pela moda. Isto é melhor do que a moda, não é mesmo? Contudo, basta que isto seja visto para se tornar motivo de raiva, isto é, para aqueles que pudessem custear tudo à custa de seu patrimônio inteiro. Mas me protegi contra qualquer profanação deste gênero. Com apenas uma exceção, o senhor é o único ser humano, além de eu mesmo e de meu *valet*, a sermos admitidos nos mistérios destes recintos imperais, desde que eles foram enfeitados tal como e vê!

Inclinei-me em sinal de reconhecimento, pois a impressão opressora de esplendor e perfume, e de música, aliada à inesperada excentricidade de sua linguagem e maneiras, impediu-me de expressar, em palavras, meu apreço, por aquilo que poderia ser interpretado como um cumprimento.

— Aqui — ele continuou levantando-se e apoiando-se em meu braço enquanto circulava pela sala — aqui há quadros desde os gregos até Cimabue, e desde Cimabue até hoje. Muitos foram escolhidos, como o senhor vê, com pouca consideração pela opinião dos entendidos. São todos, contudo, uma adequada tapeçaria para uma sala como esta. Aqui, também, estão algumas obras de arte de ilustres desconhecidos, e aqui também há desenhos inacabados de homens célebres em sua época, cujos nomes a perspicácia das academias entregou ao silêncio e a mim. O que o senhor acha — ele falou, ao mesmo tempo que se virou abruptamente — o que o senhor acha desta Madonna della Pietá?

— É um autêntico Guido! — exclamei, com todo o entusiasmo da minha natureza, pois já havia examinado com toda a atenção sua incomparável beleza. — É um autêntico Guido! Como pode consegui-lo? Ela é inquestionavelmente na pintura o que Vênus é na escultura.

— Ah! — ele disse, pensativamente. — A Vênus? A bela Vênus? A Vênus dos Medicis? Aquela de cabeça pequena e dos cabelos dourados?

Parte do seu braço esquerdo — nessa hora sua voz diminuiu e era difícil ouvi-la — e todo o direito estão restaurados. E a coquetaria desse braço esquerdo é, penso, a quintessência de toda afetação. Deem-me a de Canova. O Apolo também é uma cópia, não há a menor dúvida, tolo e cego que sou, que não consigo reconhecer a tão festejada inspiração do Apolo! Não consigo evitar, tenham piedade de mim, de preferir Antínoo. Não foi Sócrates quem disse que o escultor encontrou sua estátua no mármore? Então, Michelangelo não é muito original em seu dístico:

Non ha l´ottimo artista alcun concetto

Che un marmo solo in sé non circunscriva.

Já foi observado, ou deveria ser observado, que, à maneira dos verdadeiros cavalheiros, estamos sempre cônscios de uma diferença no comportamento dos homens vulgares, sem que sejamos imediatamente capazes de determinar de modo preciso no que consiste esta diferença. Supondo que esta observação pudesse ser aplicada com todo vigor ao comportamento exteriorizado pelo meu conhecido, senti, durante aquela manhã cheia de acontecimentos, que seria mais completamente aplicável a seu temperamento e caráter moral. Tampouco posso definir melhor aquela particularidade de espírito que parecia colocá-lo tão essencialmente à parte de todos os outros seres humanos, a não ser chamando-lhe como um hábito de intensa e contínua reflexão, penetrando até em suas ações mais triviais, intrometendo-se em seus momentos de galanteios, e entrelaçando-se com seus ápices de jovialidade, como as serpentes que brotam enroscadas dos olhos das máscaras sorridentes das cornijas à volta dos templos de Persépolis.

Não pude evitar, contudo, de observar repetidas vezes, através do tom combinado de leveza e solenidade com que ele rapidamente discorreu sobre assuntos de pouca importância, um certo ar de trepidação, um pouco de fervor nervoso em seus atos e em suas palavras, uma inquieta excitabilidade de modos que me pareceu às vezes inexplicável e que em

algumas ocasiões chegou a me alarmar. Com frequência, também, fazia uma pausa no meio de uma frase cujo princípio tinha aparentemente esquecido, parecendo-me estar escutando alguma coisa com a mais profunda atenção, como se a cada momento estivesse esperando um visitante, ou tivesse ouvido sons que existiam apenas em sua imaginação.

Foi durante um destes devaneios ou pausas de aparente abstração que, ao virar uma página da bela tragédia O Orfeu, do poeta e erudito Poliziano (a primeira tragédia nacional italiana), que estava junto a mim numa otomana, descobri uma passagem sublinhada a lápis. Era uma passagem do final do terceiro ato, uma passagem da mais arrebatadora excitação, uma passagem que, embora manchada de impureza, nenhum homem poderá ler sem sentir uma nova emoção, e nenhum mulher, sem um suspiro. A página inteira estava manchada de lágrimas, e numa folha introduzida na página oposta, estavam os seguintes versos ingleses, escritos numa letra tão diferente da de meu conhecido, que tive dificuldade em reconhecer ser dele mesmo.

Tu foste para mim, meu amor
Tudo quanto minha alma ansiava:
Uma ilha verde no mar, meu amor,
Uma fonte e um santuário,
Tudo ornado de frutas e flores encantadas,
E todas as flores eram minhas.
Ah, sonho ardente demais para durar!
Ah, Esperança rutilante, nascida
Só para um dia se manchar!
Uma voz vinda do Futuro grita:
“Em frente!”, mas sobre o Passado
(Triste abismo!) meu espírito flutua,
Mudo, inerte, aterrado!

Pois, ai de mim, para mim
A luz da vida está apagada.

Não mais — não mais — não mais,
(diz o mar solene para a areia da praia).
Há de dar fruto o tronco fulminado,
Ou a águia ferida planar novamente!

Agora as minhas horas são um transe,
E todos os meus sonhos noturnos
Estão no escuro olhar de seus olhos,
E onde os passos brilham
Naquelas danças etéreas
Pelos canais italianos.

Ai daquele momento maldito
Em que te carregaram sobre a onda,
Do Amor para uma velhice de sangue azul e pecado,
E para um travesseiro impuro —
De mim, e de nossos ternos climas,
Para onde chora o prateado salgueiro!

O fato de estes versos estarem escritos em inglês, língua que eu imaginava que meu conhecido desconhecia, não me surpreendeu. Eu estava bem ciente da extensão dos seus conhecimentos e do singular prazer com que os ocultava da curiosidade para surpreender quem os descobrisse, mas o local que figurava na data, devo confessar, provocou-me uma surpresa considerável. Tinha sido escrito originalmente em Londres, e depois, cuidadosamente riscado, mas não o bastante para esconder a palavra de olhos atentos e observadores. Digo que isto me provocou grande espanto, pois me lembro muito bem que, numa conversa anterior com meu amigo, perguntei-lhe particularmente se havia alguma vez encontrado a Marquesa de Mentoni em Londres (pois antes de seu casamento ela tinha residido naquela cidade), e sua resposta, se não estou enganado, me deu a entender que nunca tinha estado na metrópole da Grã-Bretanha. Devo mencionar aqui, também, que mais de uma vez ouvi dizer (sem dar crédito a uma informação

envolvendo tantas improbabilidades), que a pessoa de quem falo era, não apenas por seu nascimento, mas por sua educação, um inglês.

— Há um quadro — ele disse, sem ter notado que eu percebera a tragédia — há ainda um quadro que não viu. — E afastando uma tapeçaria, descobriu um retrato de corpo inteiro da Marquesa de Afrodite.

A arte humana não poderia ter feito mais na representação da sua beleza sobre-humana. A mesma figura etérea que surgira diante de mim na noite anterior nos degraus do Palácio Ducal, estava mais uma vez diante de mim. Mas a expressão de sua fisionomia, toda ela irradiando sorrisos, escondia ainda (incompreensível anomalia) aquela mancha de melancolia que será sempre encontrada inseparável da beleza perfeita. Seu braço direito estava dobrado sobre o peito. Com o esquerdo ela apontava para baixo para um vaso curiosamente modelado. Só um dos pés, pé de fada, era visível, mal tocando o chão, e quase imperceptível na brilhante atmosfera que parecia envolver e emoldurar sua beleza, flutuava um par das mais absolutamente delicadas asas que se podiam imaginar. Meu olhar desceu da pintura para a figura do meu amigo, e as vigorosas palavras do *Bussy D´Ambois* de Chapman fizeram instintivamente meus lábios tremer:

> “Ergue-se
> como uma estátua romana! Assim ficará
> até que a morte o transforme em mármore!”

— Venha — ele falou finalmente, virando-se na direção de uma mesa de prata maciça ricamente lavrada, sobre a qual estavam algumas taças fantasticamente matizadas, junto a dois grandes vasos etruscos, modelados nas mesmas extraordinárias formas do que aparecia em primeiro plano no retrato, e cheios do que me pareceu ser um Johannisberger. — Venha — ele falou de repente — vamos beber. É cedo, mas bebamos. É, sem dúvida, cedo — ele continuou, pensativo, enquanto um querubim com um pesado martelo de ouro fez o aposento estremecer anunciando a primeira hora depois do

nascer do sol. — É sem dúvida cedo, mas que diferença faz? Bebamos! Bebamos em oferenda a este solene sol que estas lamparinas e incensários enfeitados tentam ansiosamente subjugar! — E me fazendo brindar com ele com uma taça cheia até a borda, engoliu em rápida sucessão várias taças de vinho.

— Sonhar — ele continuou retomando o tom da sua conversa desconexa, enquanto erguia para a luz de um rico incensório um dos magníficos vasos — sonhar tem sido a razão da minha vida. E por isso modelei para mim mesmo, como vê, um abrigo de sonhos. No coração de Veneza poderia eu ter erigido um melhor? O senhor vê à sua volta, é verdade, uma mistura de ornamentos arquitetônicos. A castidade Jônia é ofendida por desenhos antediluvianos, e as esfinges do Egito estendem-se sobre tapetes de ouro. Contudo, o efeito é incongruente apenas para os tímidos. O que é próprio do local, e especialmente do tempo, são os fantasmas que aterrorizam a humanidade, afastando-a da contemplação do grandioso. Outrora eu próprio fui um decorador, mas esta sublimação do ridículo acabou por cansar minha alma. Tudo isso agora é o que mais se ajusta aos meus propósitos. Como estes incensórios cheios de arabescos, meu espírito se retorce em fogo, e o delírio desta cena está me modelando para as visões mais amplas daquela terra de sonhos reais para a qual vou partir logo. — Aqui ele pausou abruptamente, pendeu a cabeça na direção do peito, e pareceu ouvir um som que eu não conseguia discernir. Finalmente, erguendo o corpo, olhou para cima e proferiu os versos do Bispo de Chichester:

> “Esperas aí por mim. Não faltarei ao
> encontro de ti neste fundo vale.”

No instante seguinte, comprovando o poder do vinho, atirou-se de comprido numa otomana.

Passos rápidos foram então ouvidos na escada, seguidos imediatamente de uma forte pancada na porta. Apressei-me para evitar uma segunda pancada quando um pajem da casa de Mentoni irrompeu na sala, gaguejando com voz entrecortada de emoção, as incoerentes palavras "Minha ama! Minha ama! Envenenada... envenenada. Oh bela... oh bela Afrodite!"

Aturdido, corri até a otomana e me esforcei para despertar o adormecido para tomar conhecimento da notícia alarmante. Mas seus membros estavam rígidos, seus lábios estavam lívidos, e os olhos, antes brilhantes, tinham a fixidez da morte. Recuei cambaleando até a mesa, e minha mão caiu sobre uma taça quebrada e enegrecida, e a consciência da completa e terrível verdade invadiu imediatamente minha alma.

A máscara da Morte Vermelha

Enquanto a Morte Rubra dizima o povo, o Príncipe encastela-se em uma de suas propriedades, inviolável construção, onde a peste jamais poderia adentrar. Blindando sua fortaleza das emanações da terrível epidemia, promove festas, bailes e todo o tipo de diversão. E lá permaneceria enquanto o mundo não anunciasse o fim do perigo. Num desses bailes, no entanto, uma presença chama a atenção de todos aqueles que se julgam invulneráveis.

Por muito tempo, a Morte Vermelha devastara o país. Nenhuma pestilência de outrora havia sido tão fatal ou tão terrível. O sangue era seu avatar e seu selo – a vermelhidão e o horror do sangue. As dores eram agudas, as tonturas repentinas e os poros sangravam sem parar, levando, por fim, à decomposição. As manchas escarlates sobre o corpo, em particular no rosto da vítima, eram o estigma da peste, que a privava da solidariedade e da compaixão de seus semelhantes. Em meia hora, a doença tomava conta, progredia e levava sua vítima ao fim.

Mas o príncipe Próspero era feliz, destemido e sagaz. Quando seus domínios haviam perdido já metade de sua população, convocou a presença de mil amigos sãos e destemidos dentre os cavalheiros e as damas de sua corte e, com eles, isolou-se em uma das abadias fortificadas de seu castelo. A estrutura era ampla e magnificente, fruto do gosto excêntrico e augusto do próprio príncipe. Uma muralha forte e alta a cercava com seus portões de ferro. Os cortesãos, ao entrarem, trouxeram consigo fornalhas e martelos para soldar os portões. Decidiram que não haveria nenhuma forma de ingresso do desespero lá de fora, nem de escape do frenesi de lá de dentro.

A abadia havia sido amplamente abastecida. Com tantas precauções, os membros da corte desafiariam facilmente o risco de contaminação. O mundo lá fora que cuidasse de si mesmo. Naquele momento, era tolice sofrer por ele ou se angustiar. O príncipe havia providenciado tudo o que seria necessário para que a estadia lá fosse prazerosa. Havia bufões, improvisadores, bailarinas, músicos. Havia a Beleza e havia vinho. Tudo isso podia ser encontrado do lado de dentro, assim como segurança. Lá fora, só havia a Morte Vermelha.

Depois de cinco ou seis meses de reclusão, e enquanto a doença se espalhava, impiedosa, do lado de fora, o príncipe Próspero decidiu entreter os milhares de amigos com um baile de máscaras da mais incomum magnificência.

Ah! que cenas voluptuosas as daquele baile de máscaras! Mas, antes, permitam-me contar sobre os salões onde ele aconteceu. Era uma série imperial de sete salões – um palácio majestoso. Na maioria dos palácios, contudo, esses salões providenciavam uma vista ampla e direta: as portas dobráveis deslizavam para perto das paredes de qualquer lado, para que a vista daquele lugar não tivesse como ser impedida. Aqui, a história era diferente, o que já era esperado dado o amor do duque por tudo que é bizarro. Os salões estavam tão irregularmente dispostos que só era possível ver um de cada vez. Havia uma curva íngreme a cada vinte ou trinta metros e, a cada virada, uma nova perspectiva. À direita e à esquerda, no meio de cada parede, uma janela gótica alta e estreita contemplava um corredor fechado que seguia as sinuosidades do conjunto. As janelas eram guarnecidas de vitrais cuja cor variava de acordo com a cor que prevalecia na decoração do salão para o qual se abriam. O salão da extremidade leste, por exemplo, fora decorado em azul, e assim também deveriam ser os vitrais. Toda a decoração e a tapeçaria do segundo salão eram púrpura, e assim também as vidraças. O terceiro era inteiramente verde, e igualmente o eram os batentes das janelas. O quarto era mobiliado e iluminado com tons de laranja, o quinto em branco; e o sexto em violeta. O sétimo salão era envolto em cortinas de veludo preto que pendiam desde o teto e deslizavam pelas paredes, caindo em dobras pesadas sobre um tapete do mesmo material e cor. Mas apenas nesse salão as cores das janelas não correspondiam às da decoração. As vidraças lá eram vermelho escarlate, cor de sangue. Em nenhum dos sete salões havia nenhuma lamparina ou candelabro entre a profusão de ornamentos dourados espalhados por todos os lados ou que pendiam do teto. Nenhuma luz emanava das lâmpadas ou de velas em qualquer dos salões. Mas, nos corredores que os acompanhavam, havia, em frente de cada janela, um pesado tripé, sustentando um braseiro incandescente, que projetava seus raios através dos vidros coloridos, iluminando intensamente o cômodo. Assim, se formavam várias aparições

exóticas e fantásticas. Porém, no aposento oeste – ou o salão negro – o efeito do clarão sobre as cortinas negras, através das vidraças cor de sangue, era tão macabro, e dava uma aparência tão estranha às fisionomias dos que entravam, que pouquíssimos realmente tinham coragem suficiente de ultrapassar a entrada.

Havia nesse mesmo aposento, ainda, encostado na parede oeste, um gigantesco relógio de ébano. Seu pêndulo ia de um lado ao outro num tique-taque lento, produzindo um som surdo, pesado e monótono. Quando o ponteiro dos minutos já havia dado uma volta completa e a próxima hora já ia ser anunciada, vinha dos pulmões agudos do relógio um som claro, alto e profundo, extraordinariamente musical, mas vibrando um tom e ênfase tão peculiares que, a cada hora completa, os músicos da orquestra eram obrigados a fazer uma pausa momentânea em sua apresentação para ouvir aquele som. Os que dançavam eram obrigados a parar e um ar de desconcerto tomava toda a alegre companhia. Enquanto os carrilhões do relógio ainda soavam, observava-se que os mais afoitos empalideciam, enquanto os mais velhos e calmos passavam as mãos na testa como se estivessem no meio de algum devaneio ou meditação. Quando o barulho cessava completamente, um riso leve tomava conta do recinto. Os músicos se entreolhavam e riam de seu próprio nervosismo ou tolice, prometendo um ao outro, baixinho, que o próximo ecoar do relógio não lhes causaria o mesmo efeito. Mas, depois de sessenta minutos (que são três mil e seiscentos segundos do tempo que voa), o relógio tocava novamente, acompanhado do mesmo desconcerto, do mesmo tremor e da mesma meditação de antes.

Mas, apesar de tudo, a festa seguia alegre e suntuosa. Os gostos do duque eram peculiares. Ele tinha muito bom gosto para cores e efeitos. Desprezava as decorações da moda. Seus projetos eram audazes e grandiosos e seus conceitos reluziam com um bárbaro esplendor. Há quem o acharia louco, mas seus seguidores sabiam que não era. Era necessário ouvi-lo, vê-lo e tocá-lo para ter certeza de que seu juízo era perfeito.

Ele mesmo havia comandado a caprichosa decoração dos sete salões para a ocasião dessa grande festa. As fantasias tinham sido escolhidas segundo a sua orientação. Eram, sem dúvida, grotescas. Havia muito brilho, esplendor, coisas chamativas e espectrais – muito do que, desde então, pode-se ver em *Hernani*. Havia figuras humanas arabescas com membros e adornos desproporcionais. Havia delírios extravagantes como somente um louco criaria. Havia muito de belo, muito de atrevimento, muito de bizarrice, um pouco do terrível e não pouco de coisas que poderiam causar repugnância. Para lá e para cá, nas sete salas, uma multidão de sonhos se movimentava. E esses sonhos se contorciam por todos os lados, assumindo o matiz dos salões, e fazendo a música intensa da orquestra parecer um eco de seus passos. Mas, logo o relógio de ébano, que ficava no salão aveludado, badalava. Então, por um momento, tudo parava e tudo silenciava, a não ser pelo som do relógio. Os sonhos permaneciam congelados onde estavam. Mas os ecos do carrilhão desvaneciam após terem durado apenas um instante, e um riso leve, meio reprimido, ecoava depois que o som morria. E logo depois a música começava novamente, os sonhos reviviam, rodopiavam de lá para cá mais alegres do que nunca, assumindo os matizes dos vários vitrais. Mas à câmara mais a oeste de todas as sete, nenhum mascarado se aventurava: pois a noite já avançava e lá os vitrais refletiam a luz de um vermelho ainda mais sanguíneo; e a escuridão dos cortinados horrorizava; e aqueles que chegassem a pisar nos tapetes negros ouviriam o som abafado do relógio de ébano, e o ouviriam mais solenemente enfático do que qualquer som que alcançava os ouvidos daqueles que se deleitavam na alegria dos demais salões. Havia muita gente nesses outros aposentos, e neles o coração da vida batia fervorosamente. E a festa continuou, rodopiante, até o relógio soar meia-noite. Então a música parou, como já disse antes, e os que dançavam pararam também; e assim como em todas as outras vezes, uma atmosfera desconfortável imobilizou todas as coisas. Mas, dessa vez, o relógio faria doze badaladas. E por isso aconteceu talvez que

um maior número de pensamentos, e mais demorados, se inserissem nas meditações daqueles que meditavam. E assim, também, antes que o último som da última badalada se tornasse silêncio, muitos dos convivas perceberam a presença de uma figura mascarada que, até então, não havia atraído a atenção de ninguém. Os rumores sobre a presença desse indivíduo disseminou-se aos sussurros pelos salões, enfim surgiu em toda a comitiva um burburinho, ou murmúrio, expressando desaprovação e surpresa – e depois, finalmente, terror, horror e aversão.

Em uma reunião de fantasmas como esta que estou pintando, pode-se imaginar que nenhuma aparição normal teria causado tal sensação. A verdade é que quase não havia limites impostos àquele baile de máscaras, mas o novo mascarado conseguiu encontrá-los e ultrapassar o próprio Herodes – excedendo os limites quase ilimitados de decoro do príncipe. Há fibras nos corações dos mais indiferentes que não podem ser tocadas sem despertar emoção. Até mesmo nos totalmente insensíveis, para quem a vida e a morte são brinquedos similares, há coisas que não admitem brincadeira. Todos pareciam agora sentir que não havia espirituosidade nem propriedade nos trajes e na conduta daquele estranho. Era uma figura alta e esquelética, envolta da cabeça aos pés com a mortalha do túmulo. A máscara que lhe ocultava o rosto imitava com tanta perfeição a rigidez do semblante de um cadáver, que até mesmo o melhor dos exames teria tido dificuldade em perceber o engano. E, no entanto, tudo isso deveria ser suportado, se não aprovado, pelos presentes. O mascarado tinha ido longe demais ao fantasiar-se de Morte Vermelha. Suas vestes estavam encharcadas de sangue – e a testa ampla, assim como todos os traços de seu rosto, estavam borrifados com horríveis manchas escarlate.

Quando os olhos do príncipe avistaram essa figura fantasmagórica (que, como que para melhor representar sua personagem, caminhava entre os dançarinos devagar e solenemente), ele foi tomado por convulsões, a princípio estremecendo de horror e asco, mas depois enrubescendo de raiva.

— Quem se atreve? — perguntou com voz rouca aos cortesãos que o cercavam. — Quem ousa nos insultar com essa brincadeira tão agressiva? Agarrem-no e arranquem-lhe a máscara, para sabermos quem teremos de enforcar ao amanhecer!

Quando proferiu essas palavras, o príncipe Próspero estava no salão leste ou azul. Elas ecoaram pelos setes salões, em alto e bom som, porque o príncipe era um homem destemido e robusto, e a música havia parado com um aceno de sua mão.

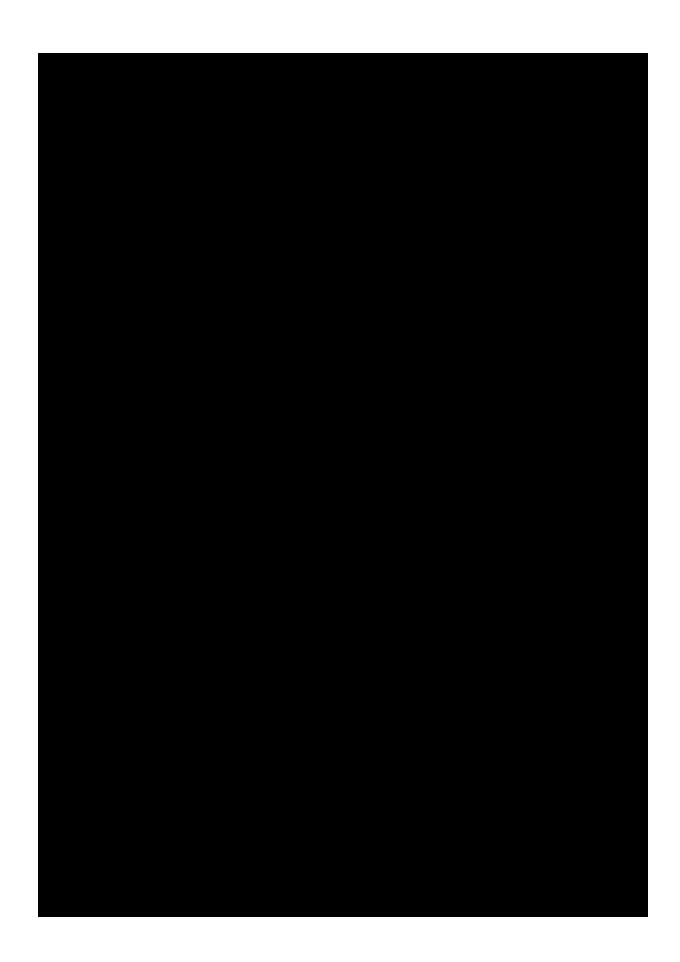
O príncipe estava no salão azul, rodeado por um grupo de cortesãos empalidecidos. Em um primeiro momento, enquanto ele falava, houve um pequeno movimento do grupo demonstrando a intenção de ir em direção ao intruso, que, naquele momento, também estava ao alcance das mãos, e agora, com passos determinados e imponentes, aproximava-se do príncipe. Mas com toda a sensação inominável que a figura mascarada havia causado no ânimo de todos, ninguém se atreveu a agarrá-lo. De modo que, desimpedido, ele passou a um metro do príncipe; enquanto os cortesãos, como que por impulso, se afastavam do centro do salão e se encolhiam contra as paredes. Ele continuou em seu caminho sem interrupção, com o mesmo passo solene e medido que havia chamado a atenção desde o início, do salão azul para o roxo – do roxo para o verde, do verde para o laranja, e daí até o branco e mesmo até o violeta, antes que qualquer movimento fosse feito para detê-lo.

Foi então que o príncipe Próspero, tomado pela raiva e com vergonha de sua covardia momentânea, correu pelos seis salões, sem que ninguém o seguisse, dado o terror que havia tomado conta de todos. Brandia no ar uma adaga desembainhada e se aproximou, em rápida impetuosidade, a três ou quatro passos da figura que se retirava, que, tendo chegado à extremidade do quarto de veludo, virou-se de súbito e confrontou o príncipe. Ouviu-se um grito agudo e a adaga caiu ao chão, brilhando no tapete preto – o mesmo sobre o qual caiu, morto, instantes depois, o príncipe Próspero.

Reunindo uma coragem súbita, dado o desespero do momento, um grupo de mascarados entrou correndo no salão negro, e, agarrando o mascarado, cuja figura alta permanecia ereta e imóvel à sombra do relógio de ébano, gritaram com um horror inexprimível ao perceberem que as vestes e a máscara cadavérica que haviam agarrado de forma tão violenta e agressiva não continham nenhuma forma humana tangível.

Só então reconheceram a presença da Morte Vermelha. Ela havia vindo como um ladrão na calada da noite. Um a um, os cortesãos tombaram nas paredes borrifadas de sangue dos salões da folia e morreram, cada um com o mesmo semblante de desespero com que haviam tombado. E o relógio de ébano parou de bater com o coração do último dos foliões. E as chamas das lamparinas se apagaram. E a Escuridão, a Ruína e a Morte Vermelha estenderam seu domínio sobre tudo.

O poço e o pêndulo

Sanguinis innocui, non satiata, aluit.
Sospite nunc patria, fracto nunc funeris antro,
Mors ubi dira fuit vita salusque patent.

Eu estava esgotado – mortalmente esgotado com aquela longa agonia; e quando, finalmente, me desamarraram e me foi permitido sentar, senti que estava perdendo os sentidos. A sentença – a temível sentença de morte – foi o último enunciado distinto que chegou aos meus ouvidos. Depois disso, o som das vozes dos inquisidores parecia fundir-se num imaginário e indeterminado zumbido. Ele transmitia à minha alma a ideia de rotação, talvez por associá-lo, em minha imaginação, ao som estrídulo de uma roda de moinho. Isso se deu apenas por um breve período, porque, em seguida, não ouvia mais nada. Ainda, por um momento, eu via; mas com que terrível exagero! Eu via os lábios dos juízes em suas togas negras. Eles pareciam brancos para mim – mais brancos do que a folha onde escrevo estas palavras – e grotescamente finos; finos por suas expressões de firmeza, de implacável determinação e de rigoroso desprezo pelo sofrimento humano. Via que os decretos daquilo que para mim era o Destino, ainda estavam sendo proferidos por aqueles lábios. Via que se torciam com um vozear letal. Via-os formar as sílabas do meu nome; e estremecia, pois, o som não as seguia. Vi também, por alguns momentos de delirante horror, as suaves e quase imperceptíveis ondulações do tecido negro que recobria as paredes da sala. Depois, dirigi o olhar para as sete longas velas que estavam sobre a mesa. Inicialmente, elas exibiam o aspecto da caridade, e lembravam anjos brancos e esbeltos que me salvariam; a seguir, subitamente, a náusea mais mortífera recaiu sobre meu espírito e senti cada fibra do corpo vibrar como se eu tivesse tocado o fio de uma bateria galvânica, enquanto os vultos dos anjos se transformavam em aparições sem sentido, com cabeças de fogo, e eu percebia que deles não viria nenhum socorro. E então, penetrou a minha imaginação, como uma rica nota musical, o pensamento de como deveria ser doce descansar em um túmulo. O pensamento chegou suave e furtivamente, e parecia que um longo tempo havia transcorrido antes que conquistasse minha completa apreciação; mas, tão logo meu espírito começou, enfim, a senti-lo e entreter-se com ele, as figuras dos juízes desapareceram, como por encanto,

da minha frente; as longas velas mergulharam no nada; suas chamas se extinguiram por completo; sobreveio o negror das trevas; todas as sensações pareciam tragadas de forma impetuosa como se a alma descesse ao Hades. Então, o universo era apenas silêncio, calmaria e noite.

Eu desmaiara, mas não vou dizer que havia perdido totalmente a consciência. O que restou dela não vou tentar definir, ou mesmo descrever; contudo, nem tudo estava perdido. No mais profundo sono – não! No delírio – não! Num desmaio – não! Na morte – não! Até no túmulo não está tudo perdido. Do contrário, não haveria imortalidade para o homem. Ao voltar do mais profundo dos sonos, rompemos a delicada teia de algum sonho. Porém, um segundo depois (por mais frágil que possa ter sido a teia), não nos recordamos de ter sonhado. No retorno à vida após o desmaio, há dois estágios: primeiro, aquele da sensação de existência mental ou espiritual; segundo, aquele da sensação de existência física. Parece provável que se, ao atingir o segundo estágio, pudéssemos evocar as impressões do primeiro, acharíamos essas impressões eloquentes em memórias do outro lado do abismo. E esse abismo, o que é? Como podemos, enfim, distinguir sua sombra daquelas do túmulo? E, as impressões do primeiro estágio, quando não deliberadamente lembradas, voltam sem serem convidadas – mesmo após um longo intervalo –, enquanto tentamos imaginar, maravilhados, de onde teriam surgido? Aquele que nunca desmaiou não é a pessoa que enxerga estranhos palácios e rostos absurdamente familiares em brasas incandescentes; não é aquele que contempla tristes imagens flutuando no ar, que muitos não podem ver; não é quem pondera sobre o perfume de alguma flor desconhecida; nem é aquele que sente o cérebro ficar cada vez mais desconcertado com o significado de uma cadência musical que nunca antes despertara sua atenção.

Em meio às frequentes e cuidadosas tentativas de recordar, entre os intensos esforços para resgatar algum indício do estado de aparente anulação no qual minha alma havia entrado, houve momentos em que sonhei com o

triunfo; houve breves períodos, muito breves, em que evoquei lembranças que a lúcida razão de uma época posterior provou serem relacionadas apenas àquela condição de aparente inconsciência. Esses vestígios de memórias falam, indistintamente, de figuras altas que se erguiam e me levavam, em silêncio, para baixo, para baixo – ainda mais para baixo – até que uma terrível vertigem me afligiu ao suscitar a ideia de que a descida poderia nunca ter fim. Falam também de um vago horror em meu coração, por causa da calmaria insólita desse mesmo coração. Depois, vem uma sensação de súbita imobilidade de todas as coisas, como se aqueles que me levavam (séquito espectral!) tivessem, em sua descida, superado os limites do ilimitado, e feito uma pausa em sua pesada tarefa. Em seguida, vem-me à mente a horizontalidade da superfície e a umidade; e, então, tudo é loucura – a loucura de uma memória que se agita entre coisas proibidas.

Subitamente, retornaram à minha alma o movimento e o som – o movimento tumultuoso do meu coração e, nos meus ouvidos, o som de suas batidas. Depois, uma pausa em que tudo se esvaziou. Em seguida, novamente o som, o movimento e o tato – uma sensação de formigamento penetrando meu corpo. Depois, a mera consciência da existência, sem pensamento – uma situação que durou muito tempo. Então, muito repentinamente, o pensamento, um estremecimento de terror, e um esforço árduo para compreender meu verdadeiro estado. Em seguida, um forte desejo de me entregar à insensibilidade. Depois, uma apressada reanimação da alma e um bem-sucedido esforço na execução de um movimento. E agora, a plena lembrança do julgamento, dos juízes, dos tecidos negros, da sentença, do mal-estar e do desmaio. Por fim, o completo esquecimento de tudo que se seguiu, de tudo que o transcorrer de um dia e o emprego de firmes esforços me permitiram recordar vagamente.

Até esse momento, eu não tinha aberto os olhos. Eu sentia que estava deitado de costas, desamarrado. Estiquei a mão e ela caiu pesadamente sobre algo úmido e duro. Deixei-a lá por muitos minutos, enquanto lutava

para imaginar onde poderia estar e o que seria de mim. Eu ansiava por servir-me dos olhos, mas não tive coragem de fazê-lo. Temia meu primeiro olhar nos objetos que me rodeavam. Não que eu sentisse medo de ver coisas horríveis, mas me apavorava o receio de que não houvesse nada para ver. Finalmente, com temível desespero no coração, abri rapidamente os olhos. Meus piores pensamentos, então, estavam confirmados. O breu da noite eterna me circundava. Lutei para respirar. A intensidade da escuridão parecia me oprimir e sufocar. A atmosfera estava intoleravelmente sufocante. Permanecia inabalavelmente deitado, e esforcei-me para exercitar a razão. Trouxe à mente os procedimentos inquisitoriais, e tentei, a partir desse ponto, deduzir qual era a minha real condição. A sentença havia sido pronunciada, e parecia-me que um longo período de tempo transcorrera desde então. Contudo, em nenhum momento supus que estivesse realmente morto. Esse tipo de suposição, apesar do que lemos na ficção, é totalmente incompatível com a existência real; mas onde e em que estado eu me encontrava? Os condenados à morte, eu sabia, normalmente pereciam nos autos de fé, e um deles fora realizado precisamente na noite do dia de meu julgamento. Teria sido eu reconduzido ao calabouço para aguardar o próximo sacrifício, que só aconteceria dali a muitos meses? Isso, eu logo percebi que não poderia ser. As vítimas haviam sido imediatamente requisitadas. Além do mais, meu calabouço, assim como todas as celas dos condenados de Toledo, tinha o chão de pedras, e não era de todo privado de luz.

Agora, uma temível ideia, subitamente, impulsionava meu sangue em torrentes para o coração e, por um breve período, recaí outra vez na insensibilidade. Ao recobrar os sentidos, imediatamente pus-me de pé, tremendo convulsivamente em cada fibra. Lancei meus braços vigorosamente para cima e ao meu redor, em todas as direções. Não senti nada; ainda assim, temia dar um passo com receio de ir de encontro às paredes de um túmulo. O suor brotava de todos os poros, e grossas gotas frias se formavam em minha

testa. A agonia do suspense tornou-se, enfim, insuportável, e eu cautelosamente me movi para frente com os braços estendidos e os olhos saindo das órbitas, na esperança de capturar alguma réstia de luz. Avancei vários passos, mas tudo era ainda escuridão e vazio. Respirei mais livremente. Parecia evidente que não era a minha, de qualquer forma, a pior das sinas.

Enquanto continuava, ainda, a avançar cautelosamente, invadiram-me a memória, em tropel, mil rumores vagos dos horrores de Toledo. Sobre aqueles calabouços, narravam-se estranhos acontecimentos – sempre os considerei fábulas, mas estranhos e assustadores demais para serem repetidos, exceto num sussurro. Teria sido eu abandonado para morrer de fome nesse subterrâneo mundo de trevas? Ou que outro destino, talvez ainda mais macabro, me aguardava? Que o resultado seria a morte, e uma morte mais cruel do que de costume, eu não duvidava, pois conhecia muito bem o caráter dos meus juízes. O método e a hora eram tudo que me ocupava ou distraía.

Minhas mãos estendidas, finalmente, encontraram um obstáculo sólido. Era uma parede, aparentemente de pedra – muito lisa, pegajosa e fria – acompanhei-a com passos cuidadosos e hesitantes, como me haviam inspirado algumas narrativas antigas. Esse processo, entretanto, não me forneceu meios de determinar as dimensões do calabouço, já que podia percorrer toda sua extensão e voltar ao ponto de partida sem me dar conta disso; tão perfeitamente uniforme parecia a parede. Assim sendo, procurei a faca que estava em meu bolso quando fora levado à sala inquisitorial; mas não estava lá; minhas roupas haviam sido substituídas por um camisolão áspero de sarja. Pensara em forçar a lâmina da faca em alguma pequena fissura da parede para demarcar meu ponto de partida. A dificuldade, contudo, era insignificante – embora, no início, a desordem da minha imaginação a fizesse parecer insuperável. Rasguei uma parte da bainha da minha veste e a estendi no chão, em ângulo reto com a parede. Tateando meu

caminho pelo recinto, não poderia deixar de encontrar o retalho no final do circuito. Ao menos, era o que eu pensava, mas eu não contara com o tamanho do calabouço ou com minha própria debilidade. O chão estava úmido e escorregadio. Cambaleando, segui adiante um pouco até me desequilibrar e cair. A fadiga excessiva induziu-me a ficar deitado, e logo fui tomado pelo sono, naquela posição.

Ao despertar e esticar um braço, encontrei ao meu lado um pão e um jarro de água. Estava fatigado demais para refletir sobre essa circunstância, mas bebi e comi com avidez. Pouco depois disso, recomecei meu percurso pela prisão e, andando com dificuldade, finalmente encontrei o fragmento de pano. Até o momento em que caí, eu havia contado cinquenta e dois passos, e, depois que retomei a caminhada, contei mais quarenta e oito antes de chegar ao retalho de pano. Havia ao todo cem passos, então, e, considerando dois passos para cada metro, deduzi que o calabouço tivesse um circuito de cinquenta metros. Deparei-me, todavia, com muitos ângulos na parede e, dessa forma, não conseguia adivinhar o formato da cripta; pois uma cripta era algo que eu não poderia deixar de supor que fosse.

Eu tinha pouco propósito e, certamente, nenhuma esperança nessas investigações, mas uma vaga curiosidade me impeliu a prosseguir com elas. Deixando de lado a parede, resolvi atravessar a área do recinto. No início, procedia com extremo cuidado, pois o chão, apesar de parecer de material bem sólido, era traiçoeiramente recoberto de limo. Afinal, tomei coragem e não hesitei em pisar com firmeza, tentando atravessá-lo o mais retamente possível. Já havia avançado uns dez ou doze passos assim, quando o retalho da bainha da minha veste se enroscou em minhas pernas. Tropecei nele e caí violentamente de bruços.

Na confusão que se seguiu à minha queda, não percebi de imediato uma circunstância um tanto alarmante, que, em poucos segundos, enquanto ainda jazia de bruços, chamou minha atenção. Era a seguinte: meu queixo estava apoiado no chão da prisão, mas meus lábios e a porção superior de

minha cabeça, embora, aparentemente, menos elevados do que o queixo, não tocavam em nada. Ao mesmo tempo, minha testa parecia banhada por um vapor pegajoso, e um odor peculiar de fungos em decomposição penetrou minhas narinas. Estendi meu braço e estremeci ao perceber que havia caído bem na beirada de um poço circular, cuja profundidade não tinha meios de determinar naquele momento. Tateando a parede logo abaixo da borda, consegui remover um pequeno fragmento e soltá-lo no abismo. Por muitos segundos, acompanhei com meus ouvidos as reverberações de seus encontros com as paredes ao longo da queda; por fim, houve um sombrio mergulho na água, sucedido por ruidosos ecos. Nesse exato momento, ouvi um som que parecia a rápida abertura e o pronto fechamento de uma porta, enquanto um pequeno lampejo de luz que rompera a escuridão desaparecia da mesma forma que surgira.

Vi claramente o destino que havia sido preparado para mim e me regozijei com o oportuno acidente do qual escapara. Outro passo antes da minha queda, e o mundo não me veria mais. E a morte, há pouco evitada, tinha exatamente o caráter daquelas que eu considerava fantasiosas e frívolas nas histórias a respeito da Inquisição. Às vítimas de sua tirania, havia a opção da morte com suas medonhas agonias físicas, ou a morte com os mais perversos horrores morais. A mim, coube a última. O longo sofrimento debilitou meus nervos a ponto de eu tremer com o som da minha própria voz, e tornar-me, em todos os aspectos, a vítima certa para os tipos de tortura que me aguardavam.

Tremendo em cada membro, apalpei meu caminho de volta até a parede, decidindo morrer ali, em vez de arriscar-me nos terrores dos poços que minha imaginação agora espalhava por vários lugares do calabouço. Em outro estado de espírito, eu poderia ter tido a coragem de dar fim à minha miséria mergulhando de uma vez em um desses abismos, mas, nesse momento, eu era o mais completo covarde. Tampouco podia esquecer o que

lera sobre esses poços – que a súbita extinção da vida não fazia parte de seus planos mais horripilantes.

A agitação do espírito manteve-me acordado por muitas longas horas, mas, enfim, caí no sono. Ao acordar, encontrei ao meu lado, como antes, um pão e um jarro de água. Uma sede desesperadora me consumia e, num só trago, esvaziei o recipiente. Devia conter alguma droga, pois, pouco depois de tê-la consumido, fiquei incontrolavelmente sonolento. Um sono profundo se abateu sobre mim – como o sono da morte. Quanto tempo durou, é claro, eu não sei, mas, novamente, quando abri os olhos, os objetos ao meu redor estavam visíveis. Graças a um extraordinário brilho sulfuroso, cuja origem não consegui determinar, pude enxergar a dimensão e o aspecto da prisão.

Estava muito enganado em relação a seu tamanho. O perímetro total de suas paredes não excedia vinte e cinco metros. Por alguns minutos, esse fato me causara um mundo de vãs preocupações – vãs, de fato! O que poderia ter menos importância, sob aquelas terríveis circunstâncias que me circundavam, do que as meras dimensões do meu calabouço? Mas minha alma concentrou, e muito, seu foco em coisas insignificantes, e eu me ocupei na tentativa de esclarecer o erro que havia cometido em minhas medições. A verdade, enfim, veio à luz. Na minha primeira tentativa de exploração, havia contado cinquenta e dois passos até o momento em que caí, eu devia estar a um ou dois passos do retalho de sarja, na verdade, eu havia quase terminado o circuito da cripta. Então, adormeci, e, ao acordar, devo ter refeito os mesmos passos de antes – o que me levou a acreditar que o circuito tinha o dobro de seu real tamanho. Minha confusão mental impediu-me de observar que havia iniciado o percurso tendo a parede do lado esquerdo, e terminado com a parede do lado direito.

Estava enganado também quanto ao formato do recinto. Ao tatear meu caminho, havia encontrado vários ângulos, e, por isso, inferido a ideia de grande irregularidade – tão poderoso é o efeito da treva sobre aquele que

está despertando da letargia ou do sono! Os ângulos não eram nada além dos cantos de umas poucas depressões ou nichos, a intervalos variados. O formato geral da prisão era quadrado. O que eu tomara por alvenaria parecia agora ser ferro, ou algum outro metal, em enormes placas, cujas suturas ou junções ocasionavam as depressões. A superfície inteira desse recinto de metal estava toscamente pintada com todas essas imagens medonhas e repulsivas, às quais as superstições sepulcrais dos monges tinham dado origem. Figuras demoníacas em poses ameaçadoras, com formas de esqueleto, e outras imagens temíveis se espalhavam e desfiguravam as paredes. Observei que os contornos dessas monstruosidades eram suficientemente distintos, mas suas cores eram desbotadas e borradas, como que pelo efeito da atmosfera úmida. Agora notava também o chão, que era de pedra. Ao centro, escancarava-se a abertura circular do poço, de cujas mandíbulas eu havia escapado; porém, esse era o único que havia no calabouço.

Tudo isso, eu enxerguei indistintamente e com muito esforço – pois minha condição pessoal havia mudado muito durante o sono. Estava agora deitado de costas, com todo meu corpo estendido, sobre uma espécie de estrado baixo de madeira. Estava firmemente preso a ele por uma longa correia semelhante a uma sobrecilha. Ela dava muitas voltas sobre meus membros e corpo, deixando livres apenas minha cabeça e meu braço esquerdo, de modo que eu pudesse, empregando muita força, servir-me da comida de um prato de cerâmica colocado ao meu lado, no chão. Vi, para meu horror, que o jarro havia sido removido. Digo para meu horror, pois era consumido por uma sede insuportável. Essa sede parecia ser intencionalmente estimulada por meus perseguidores, pois a comida do prato era carne excessivamente temperada.

Olhando para cima, explorei o teto da minha prisão. Tinha uns dez ou doze metros de altura, e era construído de modo semelhante ao das paredes laterais. Em um de seus painéis, uma figura muito singular captou minha total

atenção. Era uma pintura do Tempo como normalmente é representada, a não ser pelo fato de, no lugar de uma foice, segurar algo que, num primeiro olhar, supunha ser a imagem de um enorme pêndulo, como aqueles que vemos em relógios antigos. Havia algo, entretanto, na aparência daquele mecanismo, que me levou a olhá-lo mais atentamente. Enquanto o fitava diretamente lá no alto (pois estava posicionado exatamente acima de mim), imaginei tê-lo visto mover-se. Um instante depois, minha imaginação se confirmava. Seu balanço era curto e, obviamente, lento. Observei-o por alguns minutos com certo receio e alguma surpresa. Cansado, enfim, de observar seu monótono movimento, voltei os olhos para os outros objetos da cela.

Um leve ruído atraiu minha atenção e, olhando para o chão, vi ratos enormes atravessando-o. Tinham emergido do poço, que estava à minha vista, do lado direito. Mesmo enquanto os observava, eles subiam em bandos, apressadamente, com olhos esfomeados, atraídos pelo cheiro da carne. A partir desse momento, muito esforço e atenção da minha parte foram necessários para espantá-los.

Deve ter passado meia hora ou talvez uma (pois não podia ter uma noção precisa do tempo) antes que eu voltasse novamente os olhos para cima. O que vi me deixou confuso e perplexo. A amplitude do movimento do pêndulo havia aumentado em aproximadamente um metro. Como consequência natural disso, sua velocidade também era bem maior. Porém, o que mais me perturbava era a ideia de que ele havia perceptivelmente descido. Observava agora – é desnecessário dizer com que horror –, que sua porção inferior era formada por uma meia-lua de aço reluzente de cerca de trinta centímetros de comprimento de ponta a ponta; as extremidades apontavam para cima e o gume da parte inferior era tão afiado quanto o de uma navalha. Assim como uma navalha, o pêndulo parecia maciço e pesado, e ia afunilando-se em direção a uma estrutura sólida e ampla, acima. Estava preso a uma haste pesada de bronze, e o conjunto sibilava a cada oscilação pelo ar.

Não podia mais duvidar do destino preparado para mim pela inventividade dos monges no que diz respeito à tortura. Minha descoberta do poço havia chegado ao conhecimento dos agentes da inquisição – o poço, cujos horrores haviam sido destinados a um impertinente recusador como eu – um poço típico do inferno, considerado a última Thule de todas as suas punições. O mergulho nesse poço, eu tinha evitado pelo mais mero acidente, e sabia que a surpresa – ou cilada da tortura – era um elemento importante para esse cenário grotesco de mortes no calabouço. Tendo-me esquivado da queda, não era parte do plano demoníaco arremessar-me no poço; sendo assim (na ausência de outra alternativa), outra forma mais branda de destruição me esperava. Mais branda! Quase sorri em minha agonia ao pensar em tal uso desse termo.

De que adianta discorrer sobre as longas e longas horas de horror mais que mortal, durante as quais contava os apressados balanços do aço? Centímetro por centímetro, linha por linha, com a aproximação percebida apenas em intervalos que pareciam séculos, descia a lâmina! Dias se passaram – podem ter sido muitos – antes que ela balançasse tão perto, a ponto de me abanar com seu forte bafo. O odor do aço afiado invadia-me as narinas. Eu rezei. Fatiguei os céus com minha prece para que ela descesse mais rapidamente. Estava freneticamente enlouquecido, e lutava para fazer-me atingir pelo movimento da cimitarra. Então, subitamente, senti-me calmo. Imóvel, apenas sorria para a resplandecente morte, como sorri uma criança para um incomum penduricalho.

Seguiu-se mais um intervalo de absoluta insensibilidade – foi breve – quando estava novamente reanimado, não havia mais descidas perceptíveis do pêndulo. Mas pode ter sido longo, pois eu sabia que havia demônios que observavam meu desfalecimento e que podiam, com prazer, ter suspendido sua oscilação. Depois de recobrar os sentidos, sentia-me também – oh, tão doente e fraco que mal posso expressar –, como se tivesse passado por um longo período de inanição. Mesmo em meio às agonias do momento, a

natureza humana suplicava por comida. Com um doloroso esforço, estiquei meu braço o mais distante que minhas correias permitiam e apossei-me dos restos que os ratos haviam deixado. Tão logo introduzi uma porção da comida entre meus lábios, um sentimento semipleno de alegria – de esperança – se formou em meu espírito. Afinal, o que poderia eu querer com a esperança? Era, como disse, um sentimento semipleno – os homens têm tantos desses que nunca se tornam plenos. Senti que era de alegria, de esperança, mas sentia também que tinha perecido durante sua formação. Em vão, tentei aperfeiçoá-lo, reconquistá-lo. O longo sofrimento tinha aniquilado todas as minhas faculdades comuns de pensamento. Era um imbecil, um idiota.

A oscilação do pêndulo se dava em ângulo reto em relação ao comprimento do meu corpo. Dado o meu posicionamento, percebia que a meia-lua deveria propositalmente atravessar a região do coração. Ela desgastaria a sarja de meu robe, recuaria e repetiria essa operação outra vez, e outra vez, e de novo. Não obstante a oscilação terrivelmente ampla (algo em torno de nove ou dez metros) e o assovio do vigor de sua descida, suficiente para cindir as próprias paredes de ferro da cripta, um estrago em meu robe seria tudo que ela faria durante vários minutos. E, com esse pensamento, permaneci. Não queria refletir sobre algo além desse ponto. Demorei-me nele com uma tenaz atenção, como se, ao fazer isso, pudesse cessar a descida da lâmina. Forcei-me a ponderar sobre o som que a meia-lua faria ao passar pela minha veste, sobre a arrepiante sensação peculiar que a fricção do tecido causa aos nervos. Ponderei sobre todas essas frivolidades até me rangerem os dentes.

Para baixo, ela se movia decididamente para baixo. Sentia uma desvairada alegria em comparar seu movimento descendente com sua velocidade lateral. Para a direita, para a esquerda, mais longe e mais perto, com o guincho de um espírito amaldiçoado; em direção ao meu coração com

o passo furtivo de um tigre! Eu ria ou gritava alternadamente, de acordo com a ideia que predominava.

Para baixo, segura e implacavelmente para baixo! Ela oscilava a menos de dez centímetros do meu peito! Eu lutava energicamente, furiosamente para libertar o meu braço. Ele estava livre apenas do cotovelo até a mão. Eu podia alcançar o que estava no prato ao meu lado e levar até a boca, mas nada mais do que isso. Rompendo as amarras acima do cotovelo, eu poderia tentar agarrar o pêndulo e cessar seu movimento. Seria o mesmo que tentar deter uma avalanche.

Para baixo, ainda incessantemente, ainda inexoravelmente para baixo! Eu arfava e me debatia a cada oscilação. Eu me encolhia convulsivamente a cada balançar. Meus olhos seguiam os movimentos de ida e de volta com a impaciência do insensato desespero; eles se fechavam espasmodicamente com sua descida, embora a morte soasse como um alívio – Oh! quão indescritível! Ainda tremia em cada nervo ao pensar em quão insignificante bastava ser o movimento descendente do mecanismo para precipitar aquele afiado machado sobre o meu peito. Era a esperança que fazia tremer meus nervos e encolher o corpo. Era a esperança – a esperança que triunfa sobre o suplício – que murmurava nos ouvidos dos sentenciados à morte, mesmo nas masmorras da Inquisição.

Vi que mais dez ou doze vaivéns poriam o metal em contato com meu robe, e com essa observação, repentinamente, meu espírito foi tomado de uma penetrante serenidade ante o desespero completo. Pela primeira vez em muitas horas – ou talvez dias – eu refleti. Ocorreu-me que a correia ou sobrecilha que me mantinha preso não tinha emendas, era uma peça única. O primeiro golpe transversal da lâmina sobre a amarra faria com que ela se rompesse e eu poderia soltá-la usando minha mão esquerda. Contudo, quão temível seria, nesse caso, a proximidade da lâmina! Quão mortal seria o resultado do mais sutil movimento! Seria verossímil que os subalternos do torturador não tivessem previsto essa possibilidade e se precavido contra

ela? Qual seria a possibilidade de que a correia cruzasse meu coração bem no trajeto do pêndulo? Temendo perder minha leve e, aparentemente, última esperança, elevei a cabeça para ter uma visão nítida de meu peito. A sobrecilha cobria várias partes do meu corpo em todas as direções, exceto no caminho de destruição da lâmina. Mal havia devolvido minha cabeça novamente à sua posição original, quando lampejou em minha mente algo que não posso descrever melhor senão como a metade incompleta daquela ideia de libertação à qual me referira anteriormente e que vagava inconclusa e sem rumo por meu cérebro enquanto levava comida a meus lábios ressecados. A ideia, agora, estava presente em minha mente – fraca, pouco sensata, imprecisa –, mas ainda assim, inteira. Imediatamente, com a vigorosa energia do desespero, procedi à tentativa de pô-la execução.

Fazia já algumas horas que as proximidades do estrado, sobre o qual estava deitado, estavam infestadas de ratos. Eles eram agressivos, ousados e vorazes; seus olhos vermelhos voltavam-se para mim, como se esperassem minha imobilidade para transformar-me em presa. "A que espécie de comida", pensei eu "eles teriam se acostumado, aqui no poço?"

Eles tinham devorado tudo, apesar de todos os meus esforços em evitá-lo, que o prato continha, exceto algumas sobras, que lá permaneciam. Eu havia adquirido o hábito de, continuamente, agitar a mão para lá e para cá ao redor do prato, mas a regularidade dos movimentos tornara inócua a ação. Em sua voracidade, os abjetos animais, constantemente, cravavam suas pontiagudas presas em meus dedos. Recolhi algumas poucas sobras da carne gordurosa e muito temperada que havia no prato, e as esfreguei energicamente por todas as partes da correia que eu podia alcançar; depois, retirando minha mão do chão, permaneci imóvel, praticamente sem respirar.

Inicialmente, os vorazes animais ficaram espantados e arredios por causa da mudança – da cessação do movimento. Eles recuavam, e muitos entravam no poço. Mas isso se deu por um curto tempo. Não fora em vão que eu tinha contado com a voracidade deles. Ao perceberem que eu continuava

imóvel, um ou dois dos mais ousados pularam sobre o estrado e cheiraram a sobrecilha. Esse pareceu o sinal para a correria geral. Saindo do poço, vinham novos bandos. Eles se agarravam à madeira, corriam por ela e pulavam às centenas sobre meu corpo. O movimento cadenciado do pêndulo não os perturbava em nada. Desviando de seus golpes, eles se ocupavam da correia besuntada. Eles se espremiam e se amontoavam cada vez mais sobre mim. Eles se debatiam sobre o meu pescoço; sentia seus lábios frios tocando os meus; estava quase sufocando com a pressão dessa aglomeração; um asco, para o qual o mundo ainda não criara um nome estufava meu peito e enregelava meu coração com sua espessa viscosidade. Apenas mais um minuto, e eu sentia que a batalha chegaria ao fim. Percebi claramente o afrouxamento da correia. Sabia que, em mais de um ponto, ela já deveria estar rompida. Com uma obstinação sobre-humana, permaneci imóvel.

Não tinha nem errado meus cálculos, nem lutado em vão. Senti, enfim, que estava livre. A sobrecilha pendia do meu corpo em tiras. Mas o golpe do pêndulo resvalava no meu peito. Ele havia partido a sarja do meu robe e já havia atingido a camisa de linho logo abaixo. Mais duas vezes ele balançou e uma sensação aguda de dor se espalhou por cada nervo. Mas o momento de escapar havia chegado. Com um abano da minha mão, meus libertadores fugiram em tropel. Com um movimento seguro – cuidadoso, lateral, retraído e lento – eu me esquivei do abraço da correia e do alcance da cimitarra. Naquele momento, ao menos, estava livre.

Livre! – e nas garras da Inquisição. Eu nem bem havia deixado a horrenda cama de madeira para pôr-me de pé no chão de pedra da prisão, quando o movimento da diabólica máquina cessou e eu a vi ser recolhida, por alguma força invisível, para além do teto. Essa é uma lição que eu levei desesperadamente a sério. Cada movimento meu era, indubitavelmente, vigiado. Livre! Eu escapara da morte sob uma forma de agonia, para ser entregue a outra pior do que a morte. Com esse pensamento, girei meus olhos nervosamente pelas barreiras de ferro que me cercavam. Algo incomum,

alguma mudança que eu não notara, inicialmente, de maneira clara, era óbvio, tinha ocorrido no ambiente. Durante vários minutos, absorto em um trêmulo devaneio, ocupei-me, em vão, de conjecturas desconexas. Nesse período, dei-me conta, pela primeira vez, da origem do brilho sulfuroso que iluminava a cela. Ele provinha de uma fissura de cerca de um centímetro e meio, que se estendia pelo perímetro da prisão na base das paredes, que pareciam, e estavam, completamente destacadas do chão. Eu tentei é claro, em vão, espiar através da abertura.

Quando me reerguia da tentativa, o mistério da alteração na câmara tornou-se imediatamente evidente. Eu observara que, apesar de os contornos das figuras nas paredes serem nítidos, as cores pareciam borradas e indefinidas. Essas cores haviam assumido, agora, e continuavam momentaneamente assumindo, um brilho mais assustador e intenso, que dava às imagens espectrais e diabólicas um aspecto capaz de fazer estremecer nervos mais firmes do que os meus próprios. Olhos de demônio, de uma vivacidade selvagem e perversa, me encaravam de todos os lados, onde nunca avistara nada, e cintilavam com o brilho lúgubre do fogo, o qual não podia considerar algo irreal.

Irreal! Quando eu respirava, chegava-me às narinas um cheiro do vapor de ferro aquecido! Um odor sufocante impregnava a prisão. Uma incandescência cada vez mais profunda se fixava nos olhos daqueles que fitavam minhas agonias! Um matiz mais forte de carmim difundia-se sobre os horrores de sangue ali representados nas pinturas. Eu ofegava! Arfava em busca de ar! Não pairava dúvida quanto às intenções de meus atormentadores – oh! mais impiedosos! oh! mais demoníacos dos homens! Recuei do metal incandescente em direção ao centro da cela. Em meio ao pensamento da ameaça de destruição pelo fogo, a ideia de frescor evocada pelo poço servia como um bálsamo para a minha alma. Aproximei-me apressadamente de sua mortal beirada. Olhei para o fundo com apreensão. O brilho do teto em chamas revelava todos os recantos. Outra vez meu espírito,

por um instante, se recusava a entender o sentido do que via. E finalmente irrompeu – forçou seu caminho até minha alma – gravou com fogo minha mente trêmula. Oh! se eu pudesse falar! – oh! horror! – oh! qualquer horror, menos esse! Com um grito, me afastei da margem e enterrei o rosto nas mãos, chorando amargamente.

O calor aumentou rapidamente, e novamente olhei para cima tremendo como num pico de febre. Houve uma segunda mudança na cela – dessa vez, a mudança era na forma. Como antes, foi em vão que tentei entender ou apreciar o que havia acontecido. Mas a dúvida não persistiu por muito tempo. A vingança dos inquisidores fora precipitada pelas minhas duas tentativas de fuga e não haveria mais gracejos com o Rei dos Terrores. A câmara, antes, era quadrada. Agora notava que dois de seus ângulos de ferro eram agudos – os outros dois, consequentemente, obtusos. A temível diferença logo aumentou, acompanhada por um ruído surdo ou um rangido. Em um instante o recinto tomou a forma de um losango. Mas a mudança não parava aí – e eu tampouco esperava ou desejava que parasse. Eu poderia ter arrastado as paredes até meu peito para usá-las como vestes da paz eterna. "Morte," eu disse, "qualquer morte, menos a do poço"! Tolo! Não deveria eu saber que dentro do poço estava o motivo pelo qual era impelido pelas paredes incandescentes de ferro? Poderia eu resistir a seu fulgor? Ou, então, poderia eu suportar sua pressão? E agora, cada vez mais achatado se tornava o losango, com uma rapidez que me impedia de continuar contemplando o fato. Seu centro, e, claro, sua porção mais larga posicionava-se sobre a abertura escancarada. Eu recuei, mas a pressão das paredes me empurrava para frente sem que eu pudesse resistir. Finalmente, de meu corpo queimado e contorcido, separavam-me apenas alguns centímetros de apoio para os pés no chão firme da prisão. Não combatia mais, mas a agonia da minha alma desafogou-se num derradeiro grito de desespero longo e alto. Senti que me desequilibrava sobre a borda. Desviei os olhos.

Houve um ruído discordante de vozes humanas. Depois, o soprar alto de muitas trombetas! E um forte estampido como de mil trovões. As paredes incandescentes recuaram. Um braço estendido agarrou-me enquanto eu tombava, quase desfalecido, para dentro do abismo. Era o general Lasalle. O exército francês entrara em Toledo. A Inquisição caíra nas mãos de seus inimigos.

A pequena conversa com a múmia

O simpósio da noite anterior tinha sido um pouco demais para os meus nervos. Eu tinha uma dor de cabeça miserável e estava caindo de sono. Por isso, em vez de passar a noite fora de casa, como havia me proposto, achei que a coisa mais sensata que poderia fazer era comer alguma coisa e depois enfiar-me na cama.

Uma ceia, leve, é claro. Gosto demais de welsh rabbit com cerveja. Mais de uma libra de uma vez, porém, pode nem sempre ser aconselhável. Por outro lado, não pode haver objeção material a duas. E, realmente, entre duas e três, há apenas uma unidade de diferença. Arrisquei-me, talvez, a quatro. Minha mulher dirá que foram cinco, mas, claramente, ela confundiu duas coisas muito diferentes. O número abstrato, cinco, estou disposto a admitir, mas, no caso concreto, ele se refere a garrafas de cerveja preta, sem as quais, na forma de condimento, esse prato deve ser evitado.

Tendo assim concluído essa refeição frugal e vestido minha touca de dormir, com a serena esperança de desfrutá-la até o meio-dia seguinte, coloquei a cabeça no travesseiro e, graças a uma consciência tranquila, mergulhei sem demora em um sono profundo.

Mas quando foi que a humanidade teve suas esperanças realizadas? Não completara ainda meu terceiro ronco quando a campainha começou a tocar furiosamente. Depois vieram as pancadas impacientes na porta, que me despertaram no mesmo instante. Um minuto depois, enquanto eu ainda esfregava os olhos, minha mulher colocou diante do meu nariz um bilhete de meu velho amigo, o doutor Ponnonner. Dizia o seguinte:

Meu caro e bom amigo, largue tudo e venha ao meu encontro tão logo receba este bilhete. Venha comemorar conosco. Finalmente, depois de longa e perseverante diplomacia, obtive o consentimento dos diretores do museu da cidade para examinar a Múmia - você sabe de qual estou falando. Tenho permissão de desenfaixá-la e abri-la, se desejar. Estarão presentes apenas alguns amigos - você é um deles, é claro. A Múmia está

agora em minha casa e começaremos a desenrolá-la às onze horas da noite.

Sempre seu,
Ponnonner

Quando cheguei à assinatura, senti que já estava tão desperto quanto um homem precisa estar. Saltei da cama extasiado, derrubando tudo o que estava em meu caminho; vesti-me com uma rapidez espantosa, e saí, apressado, rumo à casa do doutor.

Ali encontrei reunido um grupo cheio de ansiedade. Aguardavam minha chegada com muita impaciência. A Múmia estava estendida sobre a mesa de jantar; e no instante em que entrei, o exame começou.

Era uma das duas múmias trazidas, há vários anos, pelo Capitão Arthur Sabretash, primo de Ponnonner, de uma tumba perto de Eleithias, nas montanhas da Líbia, que ficava a uma distância considerável de Tebas, às margens do Nilo. As tumbas nesse lugar, embora menos magníficas que os sepulcros de Tebas, despertam mais interesse, pelo fato de oferecerem maior número de ilustrações sobre a vida privada dos egípcios. A câmara de onde foi retirado o nosso exemplar era, dizia-se, muito rica em tais ilustrações; as paredes eram inteiramente cobertas de afrescos e baixos-relevos, enquanto que as estátuas, os vasos e os mosaicos de desenhos exuberantes indicavam a vasta riqueza do morto.

O tesouro tinha sido depositado no museu precisamente nas mesmas condições em que o Capitão Sabretash o tinha encontrado – ou seja, o caixão estava intacto. Por oito anos ele permaneceu intocado, exposto à curiosidade pública apenas externamente. E agora, pois, tínhamos a múmia inteiramente à nossa disposição; e para aqueles que sabem como é raro que antiguidades cheguem intactas às nossas praias, ficará evidente, no mesmo momento, que tínhamos um grande motivo para nos felicitarmos por nossa boa sorte.

Aproximando-me da mesa, vi em cima dela uma grande caixa, ou estojo, de aproximadamente dois metros de comprimento e um de largura por uns oitenta centímetros de profundidade. A caixa era retangular – não no formato de esquife. Inicialmente, pensou-se que ela fosse feita de madeira de sicômoro (plátano), mas, após cortá-la, percebemos que era papelão, ou, melhor dizendo, *papier mâché*, feito de papiros. Ela era ricamente decorada com pinturas representando cenas de funerais e outros motivos pesarosos – entre eles, em todas as posições possíveis, havia algumas sequências de hieróglifos que representavam, sem dúvida, o nome do falecido. Por sorte, o senhor Gliddon encontrava-se no nosso grupo e não teve dificuldade em traduzir as letras, que eram simplesmente fonéticas e representavam a palavra Allamistakeo.

Tivemos alguma dificuldade em conseguir abrir o estojo sem danificá-lo, mas, quando finalmente conseguimos completar a tarefa, chegamos a um segundo estojo, esse em formato de esquife e bem menor do que o externo, mas que se parecia com ele em todos os outros aspectos. O espaço entre os dois era preenchido com resina, o que havia, em algum grau, desbotado as cores da caixa interna.

Ao abrirmos essa última (o que conseguimos fazer com facilidade), chegamos a uma terceira caixa, também no formato de esquife e não muito diferente da segunda nos detalhes, exceto pelo material: era feita de cedro e ainda exalava o odor bastante aromático e peculiar da madeira. Entre o segundo e o terceiro estojo não havia nenhum espaço – um se encaixava perfeitamente no outro.

Removendo a terceira caixa, finalmente avistamos e retiramos o corpo. Esperávamos encontrá-lo, como acontece normalmente, enrolado em faixas ou ataduras de linho, mas, no lugar dessas, encontramos um tipo de revestimento feito de papiro e recoberto com uma camada de gesso dourado e pintado. As pinturas representavam assuntos relacionados aos supostos deveres da alma e sua apresentação a diferentes divindades, com numerosas

figuras humanas idênticas, provavelmente com a intenção de representar a pessoa embalsamada. Estendendo-se da cabeça aos pés, havia uma inscrição colunar, ou perpendicular, em hieróglifos fonéticos, apontando novamente seu nome e seus títulos, assim como os nomes de seus parentes.

Ao redor do pescoço, havia um colar de contas de vidro cilíndricas de diversas cores, organizadas para formar a imagem de divindades, dos escaravelhos, etc., com o globo alado. Em volta de sua cintura, havia um colar ou um cinto parecido.

Ao retirar o papiro, encontramos o corpo em ótimo estado de preservação, sem nenhum odor perceptível. A cor era avermelhada. A pele estava íntegra, macia e brilhante. Os dentes e os cabelos estavam em boas condições. Os olhos (assim nos pareceu) foram removidos e substituídos por olhos de vidro, que eram muito bonitos e maravilhosamente reais, com a exceção de que o olhar era demasiadamente fixo. Os dedos e as unhas foram dourados e brilhavam.

O senhor Gliddon era da opinião, dada a vermelhidão da epiderme, de que o embalsamento tinha sido feito por meio de asfalto, mas ao rasparmos a superfície com um instrumento de aço e jogarmos no fogo o pó obtido, o aroma de cânfora e de outras gomas aromáticas se tornaram perceptíveis.

Examinamos o cadáver com muito cuidado em busca das aberturas por onde as entranhas geralmente são retiradas, mas para nossa surpresa, não encontramos nenhuma incisão. Naquela época, nenhum membro do grupo sabia que múmias inteiras ou que nunca tivessem sido abertas não eram raras. Era comum retirarem o cérebro pelo nariz e as vísceras por uma incisão lateral. O corpo era então depilado, lavado e salgado; depois era posto para descansar por várias semanas, quando a operação de embalsamento, de fato, teria início.

Como não encontramos nenhum indício de que o corpo tivesse sido aberto, o doutor Ponnonner já estava preparando os instrumentos para a dissecação, quando observei que já passava das duas horas da manhã. Diante disso, concordamos em adiar o exame interno até a noite seguinte; e, quando já estávamos quase nos despedindo, alguém surgiu com a ideia de um experimento ou dois com a pilha de Volta.

Aplicar eletricidade em uma múmia de três ou quatro mil anos, pelo menos, era uma ideia, se não muito sagaz, ainda assim suficientemente original, e todos aceitamos sem pestanejar. Com um décimo de seriedade e nove décimos de zombaria, preparamos uma bateria no gabinete do doutor e para lá levamos o egípcio.

Só depois de muito trabalho foi que conseguimos pôr a nu algumas partes do músculo temporal, que não se demonstrou tão rígido quanto outras partes do corpo, mas que, como havíamos previsto, é claro, não dava indícios de suscetibilidade galvânica quando colocado em contato com o fio. Essa nossa primeira tentativa, na verdade, parecia ter sido decisiva, e gargalhando de nossa insensatez, já estávamos nos desejando uma boa noite quando meus olhos, pousando por acaso sobre os da múmia, arregalaram-se de incredulidade. Meu breve olhar, na verdade, foi suficiente para ter certeza de que as órbitas, que tínhamos suposto serem de vidro, e que atraíram nossa atenção inicialmente pelo olhar fixo, estavam agora cobertas pelas pálpebras, de modo que apenas uma parte da Túnica Albugínea permanecia visível.

Com um grito de espanto, chamei a atenção de todos para o fato, e ele se tornou evidente para todos.

Não posso dizer que fiquei assustado com o que havia acontecido, porque, no meu caso, “assustado” não é exatamente a palavra. Contudo, é possível, não fosse pelas cervejas pretas, eu tivesse ficado um pouco nervoso. Quanto ao resto do grupo, eles sequer tentaram esconder o terror alarmante que deles tomou conta. O doutor Ponnonner chegava a causar dó.

O senhor Glidson, por algum processo especial, tornara-se invisível. O senhor Silk Buckingham, imagino, dificilmente terá coragem de negar que tenha se arrastado, de quatro, para debaixo da mesa.

Depois do choque inicial de espanto, contudo, decidimos, como era natural, prosseguir imediatamente com um novo experimento. Nossos procedimentos foram então direcionados contra o dedão do pé direito. Fizemos uma incisão sobre o exterior do osso *sesamoideum pollicis pedix* e chegamos, assim, à raiz do músculo abdutor. Reajustamos a bateria, e então aplicamos o fluido nos nervos dissecados. Foi quando, com um movimento extremamente realístico, a múmia, primeiro, levantou o joelho direito, trazendo-o para perto do abdome e, depois, esticando o membro com uma força inconcebível, desferiu um pontapé no doutor Ponnonner, que teve por efeito lançar pela janela e rua abaixo aquele cavalheiro, como fosse um dardo de catapulta.

Disparamos *en masse* para a rua, a fim de recolher os restos mutilados da pobre vítima, mas tivemos a felicidade de encontrá-lo já nas escadas, voltando com uma pressa indescritível, transbordando da mais ardente filosofia e, mais do que nunca, convicto da necessidade de dar continuidade ao nosso experimento com energia e empenho.

Foi por conselho dele, portanto, que fizemos, no mesmo instante, uma profunda incisão na ponta do nariz do sujeito, enquanto o doutor, deitando-lhe as mãos com violência, puxou-o com força na direção do fio.

Moral e fisicamente – figurativa e literalmente – o efeito foi elétrico. Primeiro, o cadáver abriu os olhos e começou a piscar rapidamente por vários minutos, assim como o senhor Barnes na pantomima. Depois, espirrou. Em seguida, sentou-se. Então, chacoalhou os punhos diante o rosto do doutor Ponnonner. E por fim, voltando-se para os senhores Gliddon e Buckingham, dirigiu-lhes, no mais perfeito egípcio, o seguinte discurso:

— Devo dizer, cavalheiros, que estou tão surpreso quanto mortificado com seu comportamento. Da parte do doutor Ponnonner, nada melhor era de se esperar. É um pobre tolo que não sabe nada de nada. Tenho dó dele e o perdoo. Mas você, senhor Gliddon – e você, Silk, que já viajaram e moraram no Egito, a ponto de ser possível acreditar que tivessem nascido lá –, vocês, que já estiveram tanto entre nós, e que falam egípcio com a mesma fluência, acredito, com que escrevem em sua língua materna –, vocês, que sempre considerei grandes amigos das múmias, ah! eu *realmente* esperava um comportamento mais cordial da parte de vocês. Que devo pensar de sua atitude passiva, parados aí calmamente, vendo-me ser abusado? Que devo supor de vocês, consentindo que dois ou três Fulanos me arranquem de meus esquifes e me tirem as roupas, nesse maldito clima frio? Sob que aspecto (para acabar logo com isto), devo considerar o fato de vocês terem incitado e ajudado esse velhaco miserável do doutor Ponnonner a puxar-me pelo nariz?

Há de se presumir, não duvido, que, ao ouvirmos esse discurso, dadas as circunstâncias, todos nós corremos para a porta, ou ficamos histéricos ou caímos todos desmaiados. Era de se esperar uma dessas três coisas. Sem dúvida, cada uma e todas essas linhas de conduta poderiam ter sido plausíveis. E, palavra de honra, não sei explicar como ou por que foi que não seguimos nem uma nem a outra. Mas, talvez, a verdadeira razão deva ser buscada no espírito de nosso tempo, que funciona pela regra dos contrários, e é agora aceita como solução de todos os paradoxos e impossibilidades. Ou, talvez, no final das contas, tenha sido a maneira natural e espontânea da múmia o que tirou de suas palavras todo o aspecto aterrador. Seja como for, fato é que nenhum dos membros de nosso grupo demonstrou qualquer medo nem pareceu considerar que estivesse acontecendo ali qualquer coisa anormal.

De minha parte, estava convencido de que tudo aquilo era muito natural, e não fiz mais do que dar um passo para o lado e me colocar fora do

alcance da mão do egípcio. O doutor Ponnonner meteu as mãos nos bolsos das calças, olhou feio para a múmia e ficou vermelho como um pimentão. O senhor Glidden passou a mão nos bigodes e ajeitou o colarinho. O senhor Buckingham baixou a cabeça e colocou o polegar direito no canto esquerdo da boca.

O egípcio o encarou com um semblante severo por alguns minutos e, por fim, disse em tom de zombaria:

— Você não vai dizer nada, senhor Buckingham? Você ouviu o que lhe perguntei, ou não? Tire esse dedão de dentro da boca!

Diante dessas palavras, o senhor Buckingham estremeceu, tirou o dedão direito do canto esquerdo da boca e, a título de compensação, colocou o dedão esquerdo no canto direito da abertura já mencionada.

Incapaz de obter uma resposta do senhor B., a figura voltou-se mal-humorada para o senhor Gliddon e, em tom peremptório, perguntou, em termos gerais, o que queríamos dela.

O senhor Gliddon, depois de um bom tempo, respondeu foneticamente; e, não fosse pela deficiência de caracteres hieroglíficos das tipografias americanas, eu teria um imenso prazer em registrar aqui, no original e na íntegra, aquele discurso espetacular.

Aproveito a ocasião para destacar que toda a conversa subsequente, da qual a múmia tomou parte, foi travada em egípcio primitivo, por intermédio (já que lá estávamos eu e outros membros não muito viajados do grupo) – por intermédio, eu dizia, dos senhores Gliddon e Buckingham. Esses cavalheiros falavam a língua materna da múmia com uma fluência e uma graça inigualáveis, mas eu não poderia deixar de observar que (sem dúvida, devido à introdução de imagens totalmente modernas e, claro, inteiramente novas para o estrangeiro), os dois viajantes viam-se, às vezes, obrigados a recorrer aos sentidos para o propósito de fazer com que a múmia compreendesse algum significado especial. O senhor Gliddon, uma

vez, por exemplo, não conseguiu fazer o egípcio entender o termo “política” até rabiscar na parede, com um pedaço de carvão, um homenzinho com o nariz cheio de verrugas, cotovelos de fora, em cima de um pedestal, com a perna esquerda esticada para trás, o braço direito atirado para frente com o punho fechado, os olhos arregalados para o céu e a boca escancarada em um ângulo de noventa graus. Da mesma forma, o senhor Buckingham teria fracassado em transmitir a ideia absolutamente moderna de “peruca”, não fosse pela sugestão do doutor Ponnonner. O senhor Buckingham empalideceu, mas por fim consentiu em tirar a sua.

Vocês compreenderão rapidamente que o discurso do senhor Gliddon versou principalmente sobre os enormes benefícios que a ciência pode obter com o desenrolamento e a evisceração das múmias. Ele também aproveitou o momento para desculpar-se por qualquer incômodo que pudéssemos ter causado a ela em especial, à múmia Allamistakeo; e concluiu com a simples insinuação (porque não poderia ser considerada mais do que isso) de que, visto que esses pequenos detalhes estavam agora esclarecidos, podíamos muito bem dar continuidade à investigação pretendida. Neste ponto, o doutor Ponnonner preparou os instrumentos.

Mas sobre esta última sugestão do orador, parece que Allamistakeo tinha os seus escrúpulos de consciência, cuja natureza não entendi muito bem. Quanto ao resto, mostrou-se muito satisfeito com as nossas desculpas, e, descendo da mesa, veio dar um aperto de mão a cada um.

Ao fim dessa cerimônia, tratamos imediatamente de reparar os danos produzidos pelo bisturi na pele de Allamistakeo. Suturamos a ferida das têmporas, enfaixamos o pé e aplicamos um quadradinho de emplastro na ponta do nariz.

Observamos que o conde (esse era o título, ao que parecia, de Allamistakeo) tremia um pouco, sem dúvida de frio, o doutor correu até o seu guarda-roupa e logo voltou com uma casaca preta, no melhor figurino de Jennings, um par de calças xadrez azul-celeste, uma camisa xadrezinha cor

de rosa, um colete de brocado com abas, um sobretudo branco, uma bengala de passeio, um chapéu sem aba, um par de botas de verniz, um par de luvas de pelica cor de palha, um monóculo, um par de suíças e uma gravata cascata. Devido à disparidade de tamanho entre o conde e o doutor (na proporção de dois para um), houve alguma dificuldade em ajustar os trajes à pessoa do egípcio; mas por fim, quando terminamos de arrumá-lo, pode-se dizer que estava bem vestido. O senhor Gliddon, então, deu a ele o braço e o conduziu a uma poltrona confortável junto à lareira, enquanto o doutor tocava a campainha e mandava vir um suprimento de charutos e de vinho.

A conversa logo ficou animada. Primeiro houve uma grande curiosidade com relação ao fato notável de Allamistakeo estar vivo.

— Pensei — observou o senhor Buckingham — que o senhor tinha morrido há muito tempo.

— Como assim? — replicou o conde, muito admirado. — Tenho pouco mais de setecentos anos! Meu pai viveu mil e não estava senil, de modo algum.

Seguiu-se uma série de perguntas e de cálculos pelos quais se tornou evidente que a antiguidade da múmia tinha sido muito mal avaliada. Haviam passado cinco mil e cinquenta anos e alguns meses desde que ela tinha sido despachada para as catacumbas de Eleithias.

— Mas meu comentário — continuou o senhor Buckingham — não se referia à sua idade na época do enterro (quero admitir, de fato, que você é ainda um rapaz), eu me referia à imensidade do tempo durante o qual, segundo o seu próprio testemunho, você deve ter ficado conservado em asfalto.

— Em quê? — diz o conde.

— Em asfalto — insistiu o senhor B.

— Ah! sim, tenho uma leve noção do que você quer dizer, sem dúvida, isso poderia talvez dar resultado, mas no meu tempo não se

empregava outra coisa a não ser o bicloreto de mercúrio.

— O que nos custa a acreditar — disse o doutor Ponnonner — é como é possível que, tendo morrido e sido enterrado há cinco mil anos, no Egito, esteja aqui, hoje, perfeitamente vivo e com um ar extremamente saudável.

— Se tivesse morrido nessa época, como você diz — respondeu o conde —, é mais do que provável que morto ainda estivesse, pois vejo que você está ainda na infância do galvanismo, e não pode realizar com ele uma coisa que nos tempos antigos era absolutamente vulgar. Mas o fato é que eu entrei em catalepsia e que os meus amigos, julgando que eu estava morto, ou que devia estar, mandaram-me embalsamar imediatamente. Suponho que conheçam o princípio fundamental do processo de embalsamamento...?

— Bem, não totalmente.

— Ah! Entendo, uma deplorável condição a da ignorância! Bem, não posso agora entrar em detalhes, mas é indispensável explicar que embalsamar (falando com propriedade), no Egito, era suspender indefinidamente todas as funções animais sujeitas a esse processo. Utilizo o termo "animal" em seu sentido mais amplo, compreendendo não só o ser físico como também o moral e o vital. Repito que o princípio fundamental do embalsamamento consistia, entre nós, na paralisação imediata e na suspensão perpétua de todas as funções animais sujeitas ao processo. Em resumo, qualquer que fosse o estado em que o indivíduo se encontrasse na ocasião do embalsamamento, este seria o estado em que permaneceria para sempre. Agora, como gozo do privilégio de ter nas veias sangue do Escaravelho, fui embalsamado vivo, tal como me veem nesse momento.

— Sangue do Escaravelho! — exclamou o doutor Ponnonner.

— Sim. O Escaravelho era o brasão, as "armas" de uma família muito nobre e muito distinta. Ter nas veias "sangue de Escaravelho" é

simplesmente pertencer à família que tem por emblema o Escaravelho. Falo de modo figurado.

— Mas que relação tem isso com o fato de estar vivo?

— Ora. É costume geral, no Egito, retirar o cérebro e as vísceras do cadáver antes de embalsamá-lo; só o clã dos Escaravelhos não seguia essa regra. Por conseguinte, se eu não fosse um Escaravelho, estaria sem cérebro e sem as vísceras; e sem estas duas não é conveniente viver.

— Compreendo — disse o senhor Buckingham. — E presumo que todas as múmias que chegam inteiras às nossas mãos são, provavelmente, da raça dos Escaravelhos?

— Sem dúvida nenhuma.

— Eu achava — disse o senhor Gliddon, meio tímido — que o Escaravelho fosse um dos deuses egípcios.

— Um dos o quê? — exclamou a múmia, levantando-se de um pulo.

— Um dos deuses — repetiu o viajante.

— Senhor Gliddon, estou realmente atônito por ouvi-lo falar assim — disse o conde, voltando a sentar-se. — Nunca nenhuma nação do mundo reconheceu mais de um deus. O Escaravelho, a Íbis, etc., eram para nós (assim como outras criaturas foram para outras nações) símbolos, isto é, intermediários, através dos quais adorávamos a um Criador, demasiado augusto para que nos comunicássemos diretamente com ele.

Aqui houve uma pausa. Por fim, o senhor Ponnonner retomou a conversação.

— Não é, então, improvável, segundo suas explicações — disse ele — que entre as catacumbas próximas ao Nilo possam existir outras múmias do clã do Escaravelho, nas mesmas condições de vitalidade?

— Sem a menor sombra de dúvida — respondeu o conde. — Todos os Escaravelhos que foram embalsamados por acidente enquanto ainda

viviam, estão vivos ainda. Até mesmo alguns dos que foram embalsamados de propósito podem ter sido esquecidos pelos seus executores e ainda continuar encerrados em suas tumbas.

— Você teria a bondade de nos explicar — disse-lhe eu — o que quer dizer com "embalsamados de propósito"?

— Com o maior prazer — respondeu a múmia, depois de ter olhado para mim atentamente, através do monóculo, porque era a primeira vez que me atrevia a dirigir-lhe a palavra — com o maior prazer. A duração normal da vida humana, no meu tempo, era de cerca de oitocentos anos. A não ser por algum acidente extraordinário, poucos homens morriam antes dos seiscentos anos, e muito poucos viviam mais de dez séculos; mas oito séculos era considerado um período normal. Depois da descoberta do princípio do embalsamamento, tal como o descrevi a vocês, ocorreu aos nossos filósofos que se poderia satisfazer uma curiosidade louvável e, ao mesmo tempo, fazer avançar consideravelmente os interesses da ciência, se a duração da vida natural pudesse ser dividida e vivida em parcelas. No caso da História, de fato, a experiência demonstrou que algo dessa natureza era indispensável. Um historiador, por exemplo, tendo alcançado a idade de quinhentos anos, escrevia um livro com muito zelo e depois embalsamava-se cuidadosamente, deixando instruções aos seus executores *pro tempore* para que o devolvessem à vida depois de decorrido um certo período – digamos, quinhentos ou seiscentos anos. Quando retomava a vida, depois de decorrido aquele prazo, encontraria, invariavelmente, sua grande obra convertida em uma espécie de caderno de notas reunidas ao acaso – quer dizer, numa espécie de arena literária de todas as conjecturas antagônicas, enigmas e disputas pessoais de rebanhos inteiros de analistas exacerbados. Essas conjecturas, etc., que recebiam o nome de anotações ou correções, embrulhavam, distorciam e esmagavam o texto tão completamente, que o autor precisava fazer uso de uma lanterna para descobrir o seu próprio livro no meio de toda aquela confusão. E quando o descobria, o pobre livro nunca

valia o trabalho que o autor tivera para encontrá-lo. Depois de reescrevê-lo do princípio ao fim, o historiador considerava seu o dever de corrigir, imediatamente, segundo seu conhecimento e experiência pessoais, as tradições do dia com respeito à época em que tinha vivido originalmente. Ora, este processo continuado de reescrever e de retificar, perseguido por vários sábios de tempos a tempos tinha como resultado impedir que nossa história se degenerasse em pura fábula.

— Perdão — disse o doutor Ponnonner nesse momento, pousando ligeiramente a mão no braço do Egípcio —, perdão, meu senhor, mas permite que o interrompa por um momento?

— Certamente, senhor — respondeu o conde, afastando-se um pouco.

— Só queria lhe fazer uma pergunta — disse o doutor — Você mencionou a correção pessoal do historiador sobre tradições relativas à sua própria época. Diga-me, senhor, em média, qual a proporção de verdade misturada a essa Cabala?

— A Cabala, como você muito bem definiu, senhor, tinha a fama de estar precisamente a par dos fatos relatados nas próprias histórias não reescritas, ou seja, jamais se viu, em circunstância alguma, um simples jota em qualquer um deles, que não estivesse total e radicalmente errado.

— Mas já que está bem claro — continuou o doutor — que pelo menos cinco mil anos se passaram desde seu sepultamento, presumo que suas histórias naquele período, se é que não também as tradições, deviam ser suficientemente explícitas acerca de um assunto de interesse universal, a Criação, que teve lugar, como presumo que tenha conhecimento, só dez séculos antes.

— Desculpe? — perguntou Allamistakeo.

O doutor repetiu sua observação, mas só depois de muitas explicações adicionais é que o estrangeiro conseguiu compreendê-las. Por fim, o conde, hesitando, disse:

— Confesso que as ideias que sugeriu são totalmente novas para mim. No meu tempo, nunca conheci ninguém que considerasse tão singular fantasia como a de que o universo (ou esse mundo, como quiser) pudesse ter tido um começo. Lembro-me de uma vez, e apenas uma vez, escutar algo vagamente relacionado, por um homem de muito saber, acerca da origem da espécie humana; e esse homem empregava também essa mesma palavra, Adão (ou Terra Vermelha), da qual o senhor fez uso. Mas ele a usava em um sentido genérico, referindo-se à germinação espontânea do lodo (da mesma maneira como são geradas milhares de criaturas dos gêneros inferiores) – quero dizer, a geração espontânea de cinco vastas hordas de homens, brotando simultaneamente nas cinco partes distintas do globo.

Nesse momento, em geral, o grupo encolheu os ombros e um ou dois de nós tocaram suas testas com um ar muito significante. O senhor Silk Buckingham, olhando ligeiramente para o occipício e depois para o sincipício de Allamistakeo, disse:

— A longa duração da vida humana na sua época, juntamente com esse sistema de vivê-la, como nos explicou, em parcelas, deve ter tido, de fato, uma forte influência no desenvolvimento geral e na acumulação dos conhecimentos. Dessa forma, presumo que podemos atribuir a notável inferioridade dos velhos egípcios em todos os aspectos da ciência, quando os comparamos com os egípcios mais modernos, e mais especificamente com os ianques, à espessura mais considerável dos seus crânios.

— Confesso outra vez — respondeu o conde, com uma perfeita urbanidade — que não estou entendendo bem. Poderia me dizer a que aspectos da ciência vocês se referem?

E então, todos nós, unindo nossas vozes, detalhamos as hipóteses da frenologia e as maravilhas do magnetismo animal.

Tendo-nos ouvido até ao fim, o conde começou a contar algumas anedotas, que tornaram evidente que os protótipos de Gall e de Spurzheim

tinham florescido e desaparecido no Egito há tanto tempo que já tinham sido quase esquecido, e que as manobras de Nesmer, na verdade, eram truques desprezíveis quando comparadas aos milagres operados pelos sábios de Tebas, os quais chegavam a criar piolhos e tantas outras coisas maravilhosas.

Então perguntei ao conde se os seus compatriotas sabiam calcular os eclipses. O conde sorriu com ar de desdém e respondeu-me que sim.

Fiquei um pouco atrapalhado, mas comecei a fazer outras perguntas acerca de seus conhecimentos astronômicos, quando um de nossos colegas, que não tinha aberto a boca até então, sussurrou em meu ouvido que a respeito desse assunto, seria melhor se eu consultasse Ptolomeu (seja lá quem for Ptolomeu), ou um tal Plutarco *de facie lunae*.

Perguntei depois à múmia sobre lentes convexas e de outras espécies, e, em geral, sobre a fabricação de vidro, mas não havia nem terminado minhas perguntas quando o membro silencioso do grupo me acotovelou de leve e implorou-me, pelo amor de Deus, que eu desse uma olhada em Diodoro Sículo. Quanto ao conde, em vez de responder, simplesmente me perguntou se nós, pessoas modernas, possuíamos algum tipo de microscópio que nos permitisse cortar ônix com a perfeição dos Egípcios.

Enquanto eu procurava uma resposta para essa pergunta, o doutor Ponnonner embrenhou-se em um caminho verdadeiramente extraordinário:

— Veja nossa arquitetura! — exclamou, para grande indignação dos dois viajantes, que o beliscavam com força, sem conseguir que ele se calasse.

— Olhe — gritava ele, no auge do entusiasmo — para a Fonte Bowling-Green, de Nova York! Ou, se esse espetáculo é imponente demais, contemple por um instante o Capitólio, em Washington, D. C.! — e o bom doutorzinho chegou até a detalhar minuciosamente as proporções do edifício a que se referia. Explicou que o pórtico, em si, era adornado com não menos

que vinte e quatro colunas, cada uma com um metro e meio de diâmetro e colocadas a três metros de distância umas das outras.

O Conde respondeu que lamentava não se lembrar, naquele momento, das dimensões precisas de nenhum dos edifícios principais da cidade de Aznac, cuja fundação se perdia na noite dos séculos, mas cujas ruínas permaneciam ainda de pé, na época do seu enterro, numa vasta planície de areia a oeste de Tebas. Ele se lembrava, contudo (a propósito dos pórticos), de ter visto um palácio secundário em um tipo de subúrbio chamado Carnac, que tinha cento e quarenta e quatro colunas, com onze metros de circunferência e sete metros de distância entre cada uma delas. O acesso a esse pórtico, vindo do Nilo, era feito através de uma avenida de três quilômetros, composta por esfinges, estátuas e obeliscos de seis, dezoito e trinta metros de altura. O palácio em si (até onde ele se lembrava) tinha, só em uma das direções, três quilômetros de comprimento e deveria ter, ao todo, uns onze de circuito. As paredes eram ricamente decoradas, por dentro e por fora, com pinturas hieroglíficas. Ele não pretendia afirmar que até cinquenta ou sessenta dos Capitólios do doutor poderiam ter sido construídos dentro dessas paredes, mas que tinha absoluta certeza de que duas ou três centenas deles se espremeriam ali com alguma dificuldade.

Aquele palácio em Carnac era só uma construçãozinha insignificante, enfim. O conde, entretanto, não poderia, em sã consciência, se negar a admitir a engenhosidade, a magnificência e a superioridade da Fonte no Bowling-Green, tal como descrita pelo doutor. Ele era obrigado a confessar que nunca tinha visto nada como aquilo no Egito ou em qualquer outro lugar.

Perguntei então ao conde o que ele achava de nossas ferrovias.

— Nada de especial — respondeu. Elas eram muito finas, muito mal planejadas e montadas de uma forma desajeitada. Não podiam ser comparadas, de forma alguma, com as estradas amplas, planas e retas e sulcadas com ferro, sobre as quais os egípcios transportavam templos inteiros e obeliscos maciços de quinze metros de altura.

Mencionei nossas gigantescas forças mecânicas. Ele concordou que não éramos de todo leigos no assunto, mas perguntou-me como teríamos nos arranjado para colocar as cornijas sobre os dintéis, como no pequeno palácio de Carnac.

Resolvi não dar ouvidos a essa pergunta e perguntei se ele fazia ideia do que eram poços artesianos, mas ele simplesmente levantou as sobrancelhas enquanto o senhor Gliddon piscava para mim claramente e dizia em voz baixa que os engenheiros contratados para levar água ao Grande Oásis tinham descoberto um recentemente.

Mencionei nosso aço; mas o estrangeiro empertigou o nariz e perguntou-me se com o nosso aço poderíamos ter executado os trabalhos sofisticados de entalhe vistos nos obeliscos, os quais tinham sido totalmente realizados com instrumentos cortantes de cobre.

A pergunta nos embaraçou de uma tal forma, que achamos melhor mudar o tema para os estudos da metafísica. Mandamos buscar um exemplar da revista *Dial* e lemos um capítulo ou dois, a respeito de um assunto bastante obscuro, mas que o povo de Boston chama de *O Grande Movimento do Progresso*.

O conde se limitou a dizer que os grandes movimentos eram acidentes totalmente comuns em sua época, e quanto ao progresso, este havia sido uma vez um transtorno, mas que, felizmente, nunca chegara a progredir.

Falamos então da grande beleza e da importância da Democracia, mas tivemos grande dificuldade em impressionar o conde com as vantagens que tínhamos por viver em um país onde havia sufrágio *ad libitum* e não havia rei.

Ele nos ouviu com nítido interesse e, na verdade, pareceu um pouco impressionado. Quando terminamos, ele disse que, há muito tempo, havia ocorrido algo de natureza muito semelhante. Treze províncias egípcias resolveram, de repente, que seriam livres e que seriam um grande exemplo,

um exemplo magnificente, para o resto da humanidade. Reuniram seus sábios e prepararam a mais engenhosa constituição que se pode imaginar. Por algum tempo, as coisas correram muito bem; só que seu costume de ufanar-se era prodigioso. A coisa terminou, por fim, na consolidação dos treze estados, com uns quinze ou vinte outros, no mais odioso e insuportável despotismo de que já se ouvira falar na face da Terra. Perguntei qual era o nome do tirano usurpador. Respondeu-me o egípcio que, se não lhe falhava a memória, era Plebe.

Sem saber o que dizer depois disso, levantei a voz e deplorei a ignorância dos egípcios com relação ao vapor. O conde me encarou com muita surpresa, mas não disse palavra. O cavalheiro silencioso, entretanto, me deu uma cotovelada violenta nas costelas, disse-me que eu já havia me exposto o suficiente e perguntou se eu era realmente tão tolo a ponto de não saber que a máquina de vapor moderna descendia da invenção de Hero, sem falar de Salomão de Caus.

Estávamos agora em iminente perigo de sermos derrotados, mas, por sorte, o doutor Ponnonner, tendo recobrado as forças, retornou em nosso socorro e perguntou se as pessoas no Egito realmente pretendiam rivalizar com as pessoas modernas, na importantíssima questão do vestuário.

O conde então olhou para os suspensórios de suas calças e, segurando a ponta de seu fraque, segurou-os perto dos olhos por alguns minutos. Deixando-os cair finalmente, sua boca escancarou-se gradualmente de uma orelha à outra, mas não me lembro se respondeu alguma coisa.

Nesse momento, recuperamos nossos espíritos, e o doutor, aproximando-se da múmia com grande dignidade, pediu que ela dissesse com sinceridade, em nome de sua honra de cavalheiro, se os egípcios haviam compreendido, em algum momento, a fabricação, quer das pastilhas de Ponnonner, quer das pílulas de Bandreth.

Esperamos, com muita ansiedade, por uma resposta, mas a espera foi em vão. A resposta não veio! O egípcio corou e baixou a cabeça. Nunca houve um triunfo tão completo; nunca a derrota foi assumida com tanto despeito. De fato, não consegui suportar o espetáculo da mortificação da múmia. Peguei meu chapéu, fiz um cumprimento a ele e parti.

Ao chegar em casa, notei que já passava das quatro da manhã e fui me deitar imediatamente. Agora são dez da manhã. Estou acordado desde as sete escrevendo essas lembranças para o benefício da minha família e da humanidade. Quanto à primeira, não mais a verei. Minha mulher é uma bruxa. A verdade é que tenho nojo desta vida e do século dezenove em geral. Estou convencido de que tudo está indo para o lado errado. Além disso, estou ansioso para saber quem será o Presidente em 2045. Por isso, assim que me barbear e engolir uma xícara de café, vou procurar o Ponnonner e pedir para ser embalsamado por alguns séculos.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

facebook.com/editorapandorga

twitter.com/editorapandorga

instagram.com/pandorgaeditora

EDITORAPANDORGA.COM.BR